

HISTÓRIA DE GUARÁ

Alexandre Nogueira Souza

HISTÓRIA DE GUARÁ

Copyright © Alexandre Nogueira Souza

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Alexandre Nogueira Souza

História de Guará. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 241p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-85-7993-919-8 [Impresso]

1. História. 2. Guará-SP. 3. Desenvolvimento. 4. Homenagem. I. Título.

CDD – 900

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

Desejo registrar meus agradecimentos a todos que me apoiaram nessa jornada, especialmente meus pais. Também sou grato aos munícipes que acreditaram nesse projeto e às autoridades que confiaram na minha pessoa para escrever um livro sobre a história de Guará. Não posso deixar de fazer menção ao Dr. Romeu Franco Ribeiro, honrado cidadão guaraense que disponibilizou todo seu arquivo historiográfico sobre nossa cidade, do qual retirei vários textos, informações e fotografias.

Agradeço imensamente os esforços prestados pela Secretaria da Educação de Guará. A contribuição dos professores, gestores públicos e amigos José Paulo Servino Silvério (Secretário Municipal de Educação) e Luiz Carlos dos Santos Júnior (Assessor Técnico Pedagógico) foi essencial para que o livro se tornasse uma realidade. Não posso deixar de mencionar os meus amigos Daniel de Almeida Daniel (Dan Dan), Diretor do Departamento de Comunicação, por ter feito a capa do livro e Rogério Fischer, jornalista da prefeitura, pela revisão gramatical da obra.

Também sou grato aos nobres vereadores e funcionários da Câmara Municipal de Guará por terem permitido o acesso às atas e materiais referentes à história política da nossa cidade.

Parabenizo o Prefeito Vinicius Magno Filgueira e a Vice-Prefeita Maura Moreira por valorizarem a cultura e proporcionarem essa obra literária a fim de resgatar a bela história de Guará, fazendo com que os feitos dos nossos antepassados sejam transmitidos aos nossos sucessores a partir de uma perspectiva cidadã.

Dedico esse livro ao povo de Guará!

SUMÁRIO

Prefácio	11
Introdução	13
Capítulo 1: Aspectos Gerais de Guará	17
Capítulo 2: Origens da Nossa Cidade	33
Capítulo 3: A Formação do Município	59
Capítulo 4: Os Imigrantes	73
Capítulo 5: Fatos Entrelaçados	103
Capítulo 6: Disputas e Dilemas Políticos	131
Capítulo 7: A Alma Guaraense	151
Capítulo 8: Guará em suas Múltiplas Vozes	189
Conversa com o Prefeito Vinicius Magno Filgueira	231
Mensagem aos Guaraenses	235
Referências	239
Sobre o Autor	241

Quando um ser humano desperta para um grande
sonho e sobre ele lança toda a força de sua alma,
todo o universo conspira a seu favor.
J.W. von Goethe.

PREFÁCIO

Na minha época de moleque, acompanhava meu avô durante as colheitas de amendoim no Barro Preto, região onde Paulo Fischer tocava o sítio de sete alqueires com o qual – como arrimo de família desde os 12 anos de idade – ajudou a mãe a criar cinco irmãos e com o qual criou três filhos.

Na mesma tenra infância, ia com frequência ao sítio de 44 alqueires do meu outro avô, principalmente nos fins de semana em que Bernardo Cerut comandava o ritual do descarte de um porco gordo e a vó Hermínia se ocupava do preparo de pães e roscas assados no forno a lenha.

Na Grotta, em inícios de ano, subíamos a pequena serra onde havia uma capela e, lá de cima, para onde quer que olhássemos, contemplávamos, em 360 graus, um mar branco, muito branco, salpicado por manchas verdes e amarelas.

Eram, estas, as pequenas áreas de cana e de milho já maduro que davam cor à imensa cultura do algodão.

Recorro a essa passagem de cunho pessoal para realçar a relevância do livro cuja leitura você está prestes a iniciar.

Na minha infância, Guará era a Capital Nacional do Algodão.

Havia uma soja aqui, um sorgo ali e, sobretudo, o milho com o qual os sitiantes tratavam o porco e o frango – caipiras, evidentemente – que fazem parte da alma guaraense.

A faixa de terras majoritária, contudo, era ocupada pelo algodão, entregue, ao final de cada safra, às algodoeiras Nakano e Matarazzo.

Era uma brancura de doer os olhos – ou melhor, de encher os olhos.

Quando comecei a me dar por gente, era a década de 1970 – nascido que sou em dezembro de 65. E essa era a realidade em Guará.

Por essas e outras é que sempre tive dificuldade em entender o cenário que meu pai descrevia quando relatava que, ao vir à cidade com o pai dele, de carroça, na década de 1940, para as compras estritamente necessárias, o núcleo urbano de Guará começava onde hoje é a Vila Maria.

– Até chegar à cidade, era tudo café – conta ainda hoje meu pai, aos 81 anos.

Esta obra de Alexandre Nogueira Souza chega para colocar os pontos nos is. Chega para descrever a muitas gerações de guaraenses qual foi a nossa origem, como se deu o nosso desenvolvimento.

Como bom historiador, porquanto formado em Relações Internacionais, o autor tem o mérito inescapável de resgatar o contexto em que Guará surgiu, se consolidou e cresceu.

Se hoje temos a predominante cana-de-açúcar, em um tempo nem tão remoto tivemos o algodão, mas nossa gênese é mesmo o ouro verde, que trouxe a ferrovia, que nos interligou ao mundo.

Sim, ao mundo, porque daqui e de toda a região era embarcada quantidade significativa do café que ia para o porto de Santos e, de lá, para os Estados Unidos e toda a Europa, para a Ásia, para a África.

Sim, ao mundo, porque os ciclos de desenvolvimento e as crises econômicas globais nos tempos do café impactaram Guará fortemente, para o bem e para o mal.

Este livro serpenteia a história de Guará para nos fazer entender de que barro viemos. Traz luz à nossa alma.

Mesmo ainda tão jovem, Alexandre Nogueira Souza cumpre com louvor o ensinamento do autor de “Guerra e Paz”, Leon Tolstói, um dos gigantes da literatura russa:

– Se queres ser universal, cante sua aldeia.

Rogério Fischer, 2022.

INTRODUÇÃO

É uma imensa honra escrever um livro sobre a história de Guará, querida cidade onde nasci, cresci e resido. Meu objetivo é demonstrar à população a riqueza da nossa história, incluindo as múltiplas vozes de Guará! Percebo que nossa cidade é extremamente acolhedora e marcante, sendo repleta de idiosincrasias. No decorrer do tempo, pessoas das mais variadas regiões do Brasil e do mundo se estabeleceram aqui, conseguindo sucesso em diversos aspectos da vida humana. A cidade abraça todos os seus habitantes, sejam estes nativos ou imigrantes.

Carregamos a alma guaraense; mesmo quando estamos morando em outro lugar, mantemos nosso coração aqui. Memórias, família, amigos, histórias e estórias... Indubitavelmente, tudo aquilo que aqui construímos, fica enraizado em nossa mente em forma de lembrança. Essas recordações edificam nossa pessoa, dando sentido à vida humana. Guará, em suas múltiplas vozes, sempre está em nosso interior.

A rigidez do tecido social depende das relações de afeto e lealdade. A preservação da memória, seja ela material ou imaterial, é algo essencial para a manutenção do vínculo entre passado e presente. A memória é uma base para a identidade, um encontro marcado com as gerações que já não estão mais entre nós, conectando corpos presentes e passados. Tudo aquilo que já vivemos, ou que nos foi transmitido por nossos ancestrais, cristaliza a alma da nossa cidade, sendo essa formada organicamente por meio de vínculos fraternos.

A sociedade, como dizia o filósofo irlandês Edmund Burke, é uma *“comunidade de almas que reúne os vivos, os mortos e os que ainda não nasceram”*. E o princípio que vincula os cidadãos é algo parecido com o amor e a solidariedade. Ambos são traços marcantes da sociedade guaraense. Os cidadãos que aqui residem, gostam da cidade, estabelecem boas relações sociais e ainda ajudam uns aos outros. Com essa disposição coletiva virtuosa, estamos na posição de herdeiros dos benefícios que retransmitiremos.

A memória permite o florescimento do passado! A partir do conhecimento sobre nossos ancestrais, redescobriremos nossas raízes enquanto povo, fazendo da história algo vivo. Saber acerca do passado

nos traz enormes benefícios, como o amor por nossa terra e a valorização dos nossos conterrâneos. A história local e as estórias populares são legados preciosos que nós, enquanto cidadãos, devemos conservar e os lapidar para que as novas gerações os recebam na forma de herança cultural.

O filósofo inglês Sir Roger Scruton já dizia que *“os seres humanos, enraizados, são animados pelo oikos que, do grego, significa não somente o lar, mas as pessoas nele contidas, e as comunidades que povoam o entorno que dotam esse lar de contornos permanentes e sorrisos duradouros. O oikos é o lugar que não é só meu e seu, mas nosso. É o palco montado para a primeira pessoa do plural, o lugar exato, real e imaginário, onde tudo acontece”*.

Transpondo esse pensamento para nossa realidade, vejo que, na nossa querida cidade, virtudes como altruísmo, fé, perseverança e frugalidade formam nossa condição enquanto povo e nosso imaginário coletivo. Todos esses valores, transmitidos de geração em geração, formaram a alma da nossa cidade. Desse modo, ficamos sentimentalmente conectados a Guará. Esse vínculo afetivo nos concede força para lutar por aquilo que amamos, visando à preservação do legado material e imaterial, das tradições e da cultura, da história e das estórias.

Como escritor, tenho o dever moral e a responsabilidade cívica de transformar os vestígios que sobreviveram ao tempo em uma obra literária, utilizando fontes escritas, orais e visuais, além de relatos e testemunhos. Um livro sobre nossa história proporciona aos cidadãos a compreensão do passado a partir do presente, e do presente a partir do passado, podendo os guaraenses legarem conhecimento histórico às gerações vindouras.

Escrever sobre a história de Guará é uma espécie de espelho da realidade, um trabalho de *“ressurreição dos mortos”*. Os tempos históricos se interpenetram, e os eventos devem ser tratados como testemunhos de suas próprias épocas. Ao abordar questões políticas, sociais, econômicas e culturais referentes à história da cidade, é imprescindível tomar o máximo de cuidado para que anacronismos sejam evitados.

Um grande historiador brasileiro, João Camilo de Oliveira Torres, mostrou em seus trabalhos que devemos reconhecer, durante nossa vida, a importância do tempo. O passado não tem nada de trevosos nem

de caótico, pode ser uma grande fonte de sabedoria e aprendizado. O futuro poderá nos trazer realizações se formos prudentes. E o presente é a ponte que nos conecta, concomitantemente, aos nossos antecessores e herdeiros, mantendo viva a alma de nossa cidade.

Caro leitor, você está convidado para essa viagem entre os tempos!

Capítulo 1

Aspectos gerais de Guará

Antes de adentrarmos à história e às estórias da nossa cidade, é importante citar algumas informações referentes à cidade. O município de Guará está localizado na Região Nordeste do Estado de São Paulo, encontra-se em um ponto geográfico bastante privilegiado, às margens da Rodovia Anhanguera (SP 330), facilitando a entrada e a saída de pessoas, bem como o escoamento da produção agrícola e industrial.

Guará é um município brasileiro interiorano, localizado na Região Sudeste do Brasil. O município é composto por 21.394 habitantes, conforme a última estimativa do IBGE (2021). A área municipal conta com a cidade de Guará e com o distrito de Pioneiros, que fica a 10 km de distância do centro urbano de Guará, tendo acesso pela Rodovia Anhanguera (km 390).

Localização de Guará no Estado de São Paulo:



O ponto em vermelho no mapa é Guará

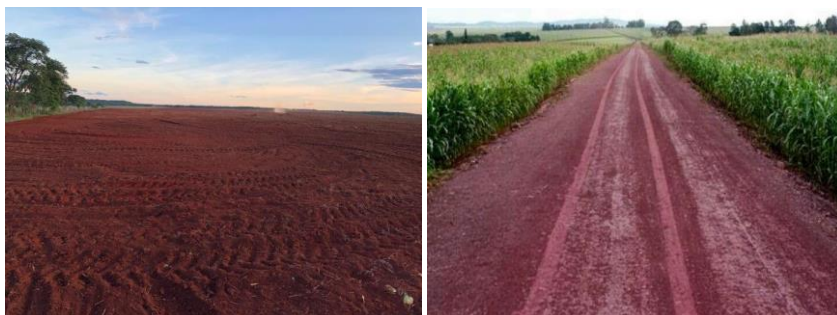
Guará fica a 400 quilômetros de São Paulo, capital do Estado homônimo. Embora pareça um pouco distante do centro político e econômico, o acesso é viabilizado graças à excelente Rodovia Anhanguera, que permite um tráfego seguro por suas vias duplicadas e bem sinalizadas. Esse fator facilita bastante a interação de Guará e das demais cidades interioranas com São Paulo.

Ainda sobre a localização de Guará, vale ressaltar que o Estado de São Paulo é dividido em regiões administrativas. Nossa cidade pertence à Região Administrativa de Franca, estando próximo de cidades economicamente importantes, como Franca, Ribeirão Preto e Barretos. Ademais, os municípios limítrofes de Guará, a exemplo de Ituverava, São Joaquim da Barra, Ipuã, São José da Bela Vista e Nuporanga, geram benefícios para nosso desenvolvimento em termos econômicos, culturais e de entretenimento.

Um ponto curioso é que Guará também está perto da divisa com o Estado de Minas Gerais. A proximidade com a região do Triângulo Mineiro é interessante para o desenvolvimento de Guará, que pode angariar novas parcerias em Uberaba, Uberlândia, Araguari e outras cidades daquela região.

Historicamente, Guará possui profundas relações com a região onde está situada. A cidade foi constituída por paulistas e migrantes mineiros. Posteriormente, imigrantes europeus, libaneses e japoneses chegaram aqui em busca de melhores condições de vida. O livro terá um capítulo detalhando sobre a questão dos imigrantes, a partir de relatos dos estrangeiros e de seus descendentes.

A migração para nossa região se deveu a fatores como o solo. A terra roxa, por ser um solo de ótima qualidade agrícola, favoreceu o cultivo de alimentos e o desenvolvimento do agronegócio. O nome do solo tem relação direta com a questão da imigração. Quando os imigrantes italianos chegaram na nossa região para trabalhar nas fazendas de café, ficaram espantados com a coloração e a textura do nosso solo, denominando-o como “terra rossa”, que significa, em italiano, “terra vermelha”. Diante das diferenças linguísticas, os habitantes da nossa região, falantes do português, entenderam “rossa” como “roxa”. A partir disso, o termo “terra roxa” popularizou na sociedade, sendo conhecido nacionalmente por esse nome e por sua fertilidade.



Terra Roxa, o fértil solo de nossa cidade

Esse solo resulta de milhões de anos de decomposição de rochas basálticas, muito ricas em nutrientes, como o ferro, responsável pela coloração avermelhada. A maioria das culturas se adaptam à terra roxa. Na nossa região administrativa, predomina o plantio de café, soja, milho e cana-de-açúcar. Por ser extremamente fértil, a terra roxa é bem valorizada. Esses fatores favoreceram o desenvolvimento do agronegócio na região que, desde vários anos, é o motor da nossa economia.

Além do solo, fatores climáticos a exemplo de estações bem definidas (verão quente e úmido e inverno ameno e seco), temperaturas moderadas, alta pluviosidade, clima tropical e altitude média de 569 metros acima do nível do mar foram cruciais para a formação da nossa dinâmica econômica e laboral. Essas condições naturais privilegiaram o agronegócio. Os elevados índices pluviométricos estão concentrados entre os meses de outubro e março, mas durante o outono e o inverno predomina a seca. Essa alternância entre períodos anuais definidos confere um ritmo próprio à atividade agrícola da região.

Aspectos físicos também são importantes no que diz respeito ao entendimento da nossa economia voltada ao agro. A topografia plana, o cerrado enquanto vegetação predominante e a localização no globo em termos de latitude influenciam demasiadamente no progresso da atividade rural.

Ainda na parte física, vale ressaltar a presença do Aquífero Guarani, o maior manancial de água doce subterrânea fronteira do mundo. O Aquífero ocupa uma área de 1,2 milhão de km², abrangendo Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. É uma importante reserva estratégica não apenas para o abastecimento hídrico da população,

mas também para o desenvolvimento das atividades econômicas. Aproximadamente 2/3 desse reservatório de água está em território brasileiro, estendendo pelo subsolo de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A nossa região possui um riquíssimo potencial hídrico devido ao Aquífero Guarani e aos rios, córregos e ribeirões. O principal é o famoso Rio Sapucaí, que todos nós conhecemos. O Sapucaí é essencial na geração de energia, abastecendo a produção industrial e a irrigação no campo. A geração de energia a partir da água desse rio nos proporciona água potável, produtos industrializados, alimentos e qualidade de vida.

O Rio Sapucaí também é fundamental no quesito estético. Embeleza nossa paisagem, realçando a natureza como um local ao mesmo tempo bucólico e moderno. Representa a interação entre passado e presente. Por ser anterior a todos que aqui habitam ou habitaram, nos remete uma grandiosidade sublime, o verdadeiro elo entre ser humano e natureza. Essa é a concepção idílica que permeia a alma humana em relação à grandeza natural.

Por outro lado, os habitantes da nossa região necessitam do viés moderno desse rio. Além deste ser responsável pela geração de energia e de empregos indiretos, seu entorno é composto por ranchos e lugares próprios para pescaria, favorecendo o lazer e o entretenimento. O Sapucaí acaba sendo um ponto de encontro entre familiares e amigos que se unem para celebrar a vida.

No aspecto hidrográfico, o Rio Sapucaí pertence à bacia do Rio da Prata. Ele é afluente do Rio Grande, demarcação da fronteira entre São Paulo e Minas Gerais na região do Triângulo Mineiro. Uma curiosidade é que a cidade de Guará está ligada a São Joaquim da Barra por diversas pontes. Antes da existência delas, os viajantes atravessavam o Rio Sapucaí em pequenas balsas e embarcações.



Rio Sapucaí

Guará, devido aos seus aspectos geográficos, a exemplo de clima, vegetação, relevo, solo, altitude, latitude e topografia, desenvolveu-se bastante desde a sua fundação, em 1902, principalmente a partir de meados da década de 1990. A cidade tornou-se um polo bastante atrativo devido às usinas, indústrias e ao promissor setor de serviços. A taxa de crescimento populacional do município ultrapassou a do Estado, crescendo em média 2,1% ao ano, enquanto a da unidade federativa era de 1,6% ao ano.

No que diz respeito à mobilidade urbana, Guará sempre se destacou pelo uso das bicicletas. Pelo fato da nossa topografia ser plana, esse meio de transporte sempre foi uma alternativa para o cidadão se locomover. Vale dizer que o uso da bicicleta é uma ótima forma de se exercitar e uma prática extremamente importante para a preservação do meio ambiente.

Após ter demonstrado algumas características de Guará, deixarei um índice com os dados gerais sobre nossa cidade, facilitando a leitura e a pesquisa do leitor. No decorrer do livro, você entenderá a importância desses aspectos, que não possuem nada de abstrato, são

frutos das contingências e das condições regionais e nacionais. Tudo isso está lastreado na história.

ÍNDICE DOS ASPECTOS GERAIS DE GUARÁ

População estimada: 21.394 habitantes (IBGE, 2021)

Área Territorial: 362,183km² (IBGE, 2020)

Densidade Demográfica: 54,78hab/km² (IBGE, 2010)

Escolarização (6 a 14 anos de idade): 98% (IBGE, 2010)

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal: 0,718 (2018)

PIB per capita: R\$ 20.804,61 (2018)

Localização: Nordeste Paulista

Região Administrativa: Franca

Região de Governo: Franca

Limites: Ituverava, São Joaquim da Barra, Nuporanga, Ipuã e São José da Bela Vista
Altitude: 569,24 metros

Latitude: 20° 48 '3" Sul

Longitude: 47° 48" Oeste

Clima: tropical

Vegetação: cerrado

Topografia: plana

Densidade Demográfica: 56,55 habitantes por km²

Distrito: Pioneiros

CEP: 14580-000

DDD: 16

Prefeito: Vinicius Magno Figueira (PSDB)

Presidente da Câmara: Flávio Roberto Chaudé (MDB)

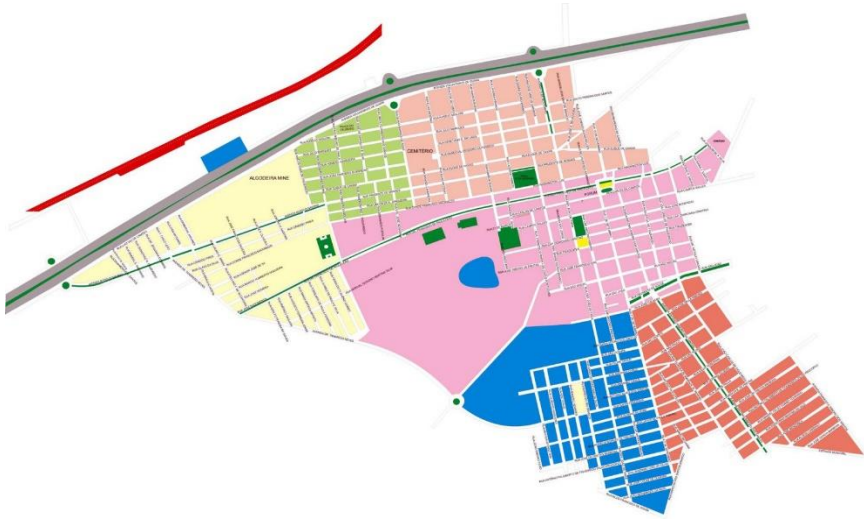
Eleitores: 13.777

Padroeiros: São Sebastião e Santo Antônio

Aniversário da cidade: 15 de setembro

Data de Fundação: 1902

Data de Emancipação: 19 de dezembro de 1925



Mapa de Guará

POLÍTICA

A política está inteiramente ligada com a noção de administração, organização e direção de entes públicos, nesse caso, do município. Há instituições responsáveis pelo exercício do poder, sendo este separado com a finalidade de manter a harmonia, evitando abusos. Além disso, um poder fiscaliza o outro, de modo que nenhuma autoridade concentre funções ou cometa excessos. Os três poderes — Executivo, Legislativo e Judiciário — possuem uma relação de interdependência.

Poder Executivo

A Prefeitura é a sede desse poder. Em âmbito municipal, é representado pelo Prefeito e por seus secretários. A atual equipe de governo é composta por Vinícius Magno Filgueira (Prefeito), Maura Luiza Barbosa Faria Moreira (Vce-Prefeita), Túlio Chaud Colferai (Secretário Municipal de Governo e Planejamento), César Antônio Moreira Filho (Secretário Municipal de Administração), Daiane Marcelino Teles (Secretária Municipal de Assistência Social), Cssio Rangel Andrade de Carvalho (Secretário Municipal de Desenvolvimento Socioeconmico e Meio Ambiente), José Paulo

Servino Silvério (Secretário Municipal de Educação), Roberto Afonso de Souza (Secretário Municipal de Finanças), Marcelo Lupoli Sotero (Secretário Municipal dos Negócios Jurídicos), Malcolm Augusto Mortari (Secretário Municipal de Obras e Serviços) e Rosebel de Alencar Custodio Lupoli (Secretária Municipal de Saúde).

O Prefeito e o Vice-Prefeito são eleitos, a cada quatro anos (com direito à reeleição), pelo voto popular. Já os secretários são nomeados. A função daqueles que ocupam o Poder Executivo é a de administrar os interesses públicos, respeitando a Constituição Federal, a Constituição Estadual e a Lei Orgânica do Município. Diante disso, possibilita-se a criação de metas e planos para que investimentos em saúde, educação fundamental, infraestrutura urbana e saneamento básico sejam realizados na cidade, melhorando o bem-estar social.

PREFEITOS NO DECORRER DA HISTÓRIA

Prefeito	Ano
Bráulio Vilar Horta	1926 a 1927
José de Carvalho e Silva	1927 a 1929
Antônio Alves dos Santos	1929 a 1930
Agostinho Martins do Valle	1930
José Mendonça	1931
José Franco da Silveira	1932
Deodato Nunes Muniz	1932
José Junqueira Meirelles	1933 a 1937
Izalto dos Santos Pereira	1938 a 1942
Lincoln de Andrade Junqueira	1942
Algesu Cardoso	1943 a 1945
José Maria Morgado de Miranda	1945
José de Freitas Barbosa	1945
Manoel Henares	1945 a 1947
Dr. Nassim Salomão	1947
José Landim	1948 a 1951
Felício Costa	1952 a 1955
Dr. Urbano de Andrade Junqueira	1956 a 1959

Antônio dos Santos Caldas	Era o vice de Dr. Urbano, assumiu interinamente durante 7 meses.
Olavo Borges de Assis	1960 a 1963
Américo Migliori	1963
Alcides Furtado	1964 a 1968
Sebastião Goulart	1969 a 1972
Alcides Furtado	1973 a 1976
Marco Aurélio Migliori	1977 a 1982
Ataliba Nakano	Vice de Marco Aurélio (1977-1982), tendo assumido apenas interinamente
Alcides Furtado	1983 a 1988
Francisco Vicente Iozzi	1989 a 1992
Alcides Furtado	1993 a 1996
César Antônio Moreira	1997 a 2000
Alcides Furtado	2001 a 2004
Marco Aurélio Migliori	2005 a 2008
Marco Aurélio Migliori	2009 a 2012
José Abboud	2013 a 2016
Marco Aurélio Migliori	2017
Vinicius Magno Filgueira	Outubro de 2017 a 2020 (Era vice de Marco Aurélio e assumiu o mandato)
Regina Coelho	2020 (Era Presidente da Câmara e assumiu a Prefeitura provisoriamente, no mês de março)
Vinicius Magno Filgueira	2021-2024 (Atual Prefeito)

Poder Legislativo

É exercido pelos vereadores e tem a Câmara Municipal de Guará como sede. O objetivo dos membros do Legislativo, que também são escolhidos pelo povo a cada quatro anos com direito à reeleição, é produzir e averiguar o cumprimento das leis que irão guiar os rumos

da sociedade. Ademais, devem fiscalizar as ações do Executivo, estabelecendo o equilíbrio de poder.

A Câmara Municipal de Guará é composta por 11 vereadores. Atualmente, ocupam o posto: Flávio Roberto Chaudé “Fru” (MDB), Arsênio “Arroizão” (Podemos), Eduardo Matos (Republicanos), Ronan Taffarel (Republicanos), Rafael Moreira (PSDB), Dr. Túlio Figueiredo (PSDB), Sergio de Paula (PSDB), Ocimar de Paula “Chocolate” (PSDB), Marcelo Barião (Republicanos), Valdeir Ponciano (Republicanos), Roberto Dias (MDB).

PRESIDENTES DA CÂMARA NO DECORRER DA HISTÓRIA

Nome	Ano
Antônio Ribeiro dos Santos	1926
Antônio Alves dos Santos	1927 a 1928
José Calazans Ribeiro dos Santos	1929 a 1930
Deodato Nunes Muniz	1936 a 1938
Américo Migliori	1948 a 1951
Antônio Bechara	
Olavo Borges de Assis	1956 a 1959
Jahyr de Paula Ribeiro	1965 a 1967 e 1969 a 1970
Roberto José dos Santos Pereira	1971 a 1972
Náufal Antônio Mourani	1973 a 1976
Hassan Jorge Mourani	1976
Sother Antunes	1977 a 1978
Joaquim Belido	1979 a 1980
Manoel Abraão Chaud	1981 a 1982
Deusdete de Souza	1983 a 1984
Paulo Roberto Trevisan	1985 a 1986 e 1995 a 1996
Lauro Augusto Nunes Ferreira	1987 a 1988
Dib Chaud	1989 a 1990
Arnaldo Ponciano da Silva	1991 a 1992
Maria Amélia Furtado de Paula Silva	1993 a 1994
Ayrthon Alvaro dos Santos	1997 a 1998
Maurício Nascimento	1999 a 2000
Devair Francisco de Sousa	2001 a 2002

Albert Tannous	2003 a 2004
Fernando Coelho	2005 a 2006
Márcio Sandoval dos Santos	2007 a 2008
Márcio Sandoval dos Santos	2009 a 2010
Aparecido José da Silva	2011 a 2012
Fabiana Junqueira Seribeli	2013 a 2014
Ana Maria Figueiredo Cruz	2015 a 2016
Fabiana Junqueira Seribeli	2017 a 2018
Regina Rodrigues Coelho	2019 a 2020
Tulio de Mattos Figueiredo	2021 (de janeiro a julho)
Flavio Roberto Chaude	2021 (a partir de agosto)

Poder Judiciário

A função do Poder Judiciário é garantir os direitos individuais, coletivos e sociais, além de resolver conflitos entre cidadãos, entidades e Estado. Sendo assim, a competência pelo zelo da Constituição é algo indispensável. Um fato curioso é que os municípios não possuem um Poder Judiciário próprio, este poder não divide sua atuação em municípios, mas em comarcas, que são extensões territoriais de atuação jurisdicional que podem ser constituídas por uma ou mais cidades.

A atuação do Judiciário, portanto, é federal quando o assunto é de interesse da União. E, quando o interesse é local ou regional, a atuação é estadual. Mesmo que exista um fórum instalado em Guará, vale ressaltar que a instituição está vinculada ao Estado de São Paulo, e não ao município. Os funcionários que operam as funções jurídicas, a exemplo de Juiz, Promotor, Escrevente e Oficial de Justiça, são servidores estaduais, ou seja, suas carreiras, promoções, aposentadorias e funções não estão atreladas à administração municipal.

SÍMBOLOS MUNICIPAIS

Brasão de Armas



Idealizado pelo Dr. Lauro Ribeiro Escobar, do Conselho Estadual de Honrarias e Mérito, significa: Escudo ibérico, de ouro, com um lobo de goles e bordadura carregada de três estrelas de cinco pontas, além de três folhas de figueiras perfiladas de ouro. O Escudo é composto por uma Coroa de prata, de oito torres, suas portas abertas têm como suportes um ramo de algodoeiro e

um de cafeeiro, ambos folhados. A frase contida no Brasão de Armas é *Quo Non Ascendam? Do latim, "Até onde não Subirei?"*

Fonte: Prefeitura Municipal de Guará, 2021.

Bandeira Municipal de Guará



Modificada pela Lei nº 580, de 9 de junho de 1980. A bandeira é estampada nas cores vermelha e amarela, carregando o Brasão de Armas no triângulo amarelo.

Fonte: Prefeitura Municipal de Guará, 2021.

Hino de Guará

Letra e Música: Joaquim Aparecido Martins

Arranjo musical e harmônico: Maestro Arthur Affonso Bini

Canção para Guará

Quero cantar uma canção tão amorosa,
tão carinhosa, como não há.
Quero cantar com uma voz doce e plangente,
suave e quente,
como a gente de Guará.

Terna cantiga do coração
de um povo irmão como não há.
Quero cantar como os pardais de madrugada
a terra amada desta gente de Guará.

Quero encantar o coração da juventude
com a virtude que temos cá.
Que é ter no peito um coração como lareira
da hospitaleira gente amada de Guará.

Cidade amiga, fértil torrão
nesta região, igual não há.
Quero cantar com emoção nossa riqueza,
nossa beleza, gente amada de Guará.
Fonte: Prefeitura Municipal de Guará, 2021.

LAZER E ENTRETENIMENTO

Complexo Esportivo Américo Migliori

Local onde os guaraenses praticam esportes como futebol, futsal, vôlei, basquete e tênis. Também podem fazer caminhadas ao ar livre, praticar corrida, pescar e levar as crianças para brincar no parquinho. O Ginásio de Esportes é uma belíssima opção para manter o contato com a natureza e relaxar.

Fonte: Prefeitura Municipal de Guará, 2021.



O objetivo desse primeiro capítulo foi, de fato, demonstrar os aspectos gerais da nossa cidade, preparando o leitor para as páginas vindouras. É imprescindível que tenhamos em mente certos conceitos, nomes, datas, índices e dados para utilizarmos de instrumento de consulta enquanto lemos. Essa breve apresentação sobre Guará auxilia no entendimento dos eventos históricos, estando estes interligados com os acontecimentos da região e do país.

Vários aspectos políticos, econômicos e culturais de Guará, no decorrer da história, foram formados de modo conjunto com a história do Brasil. A história de um município nunca é separada dos acontecimentos do país. Veremos nos próximos capítulos essas interações existentes entre a história guaraense, paulista e brasileira, pois o processo histórico é algo conjunto, gerando uma relação de interdependências entre os entes públicos, privados, coletivos e individuais.

Vimos que nossa cidade possui trunfos logísticos, riquezas culturais e bastante prosperidade em termos econômicos. A partir do próximo capítulo, o leitor entenderá a maneira com que Guará se desenvolveu, o porquê dos índices apresentados, quem foram os prefeitos e qual a importância histórica de suas gestões, a consolidação das instituições políticas, o surgimento de grupos da sociedade civil, os eventos municipais, as tradições locais, os costumes do povo, entre outros fenômenos.

Sendo assim, demonstro ao leitor como começou a cidade de Guará, o povoamento, a emancipação, a questão da imigração, alguns dilemas políticos, a inserção da cidade na economia nacional e mundial, as especificidades da cidade, as estórias populares e, principalmente, fatos históricos que definiram o destino do município. Além disso, há entrevistas com pessoas conhecidas e relatos de historiadores guaraenses, ou seja, nossos conterrâneos participam ativamente dessa obra.

Após essa breve exposição acerca dos aspectos gerais da cidade, mergulharemos na história e nas estórias de Guará, compreendendo seus desdobramentos e peculiaridades.

Capítulo 2

Origens da nossa cidade

O que significa a palavra Guará? Como a cidade surgiu? Qual o contexto histórico? Quais as motivações políticas e econômicas existentes aqui? Nesse capítulo, responderei essas questões, intercalando os eventos mundiais e nacionais com os regionais, pois nosso desenvolvimento, assim como o de todas as demais regiões e cidades, possui lastro na história. Vários daqueles nomes que estudamos nas aulas de História, a exemplo de Dom Pedro II, Barão de Mauá e Marechal Deodoro da Fonseca, têm mais relações conosco do que podemos imaginar. Minha missão é demonstrar ao leitor como os acontecimentos nacionais de grande magnitude impactaram na formação da região que habitamos e, principalmente, na origem da nossa cidade e na alma do nosso povo.

O Porquê do Nome “Guará”

Alguns falam que é por conta da ave, enquanto outros falam que o nome se deve ao lobo. Ave Guará ou Lobo-Guará? Eis a questão.

Se até Roma, cidade que deu origem a uma das mais esplendorosas civilizações já vistas na humanidade, possui duas versões relacionadas à sua fundação (lendária e histórica), o destino de nossa cidade não poderia fugir de certos dilemas.

Rômulo e Remo sobreviveram, segundo a lenda romana, graças aos cuidados de uma loba, que os amamentou e, posteriormente, entregou os garotos a uma família de camponeses. Ao atingirem a idade adulta, eles partiram em direção ao Reino de Alba Longa, então governado pelo usurpador Amúlio, a fim de reconquistar o trono que era deles. Destituíram Amúlio e fundaram a cidade de Roma, no exato local onde foram abandonados. Após alguns conflitos, Rômulo matou seu irmão, tonando-se o primeiro monarca de Roma.

Ao demonstrar a versão lendária da fundação de Roma, pautada nos mitos populares e no belíssimo poema épico de Virgílio, vimos que os mitos e as lendas possuem um lugar de bastante destaque na história, até

mesmo nas mais magníficas sociedades. As interpretações lendárias ajudam na formação do imaginário popular e na alma do local.



Rômulo e Remo amamentados pela Loba

Entretanto, a origem da atual capital da Itália também contém uma explicação histórica, formulada e aceita pelos profissionais da área com base em evidências arqueológicas e nos escritos de Tito Lívio, renomado historiador romano. Nessa outra versão, entende-se que Roma emergiu a partir de um forte militar criado pelos povos latinos e sabinos, que se uniram contra os ataques promovidos pelos etruscos que, posteriormente, dominaram a região. A partir do estabelecimento desses povos na região, compreende-se historicamente o início da civilização romana.

O leitor deve estar se perguntando qual a ligação entre a origem de Roma e a de Guará. O ponto a ser destacado é justamente a existência de dilemas, opiniões e contradições, que são frutos da experiência humana. Ademais, deixo claro que uma história nem sempre refuta a outra, muito menos retira a grandeza da interpretação distinta.

A origem do nome Guará segue essa direção. Segundo relatos que foram passados de geração em geração na forma de história oral, consta que o Dr. Achilles Widulich, engenheiro da Cia. Mogiana, em uma conversa com o tenente Francisco de Paula Leão, avistou um bando de guarás, aves formosas que embelezavam a natureza. Elas foram vistas perto de uma lagoa apelidada de Campo das Éguas, próxima ao atual Ginásio de Esportes. O engenheiro sugeriu ao tenente que a estação de trem poderia ter esse nome. O tenente

gostou da ideia e a estação Guará foi inaugurada em 3 de agosto de 1903, estando vinculada à administração da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro e Navegação.



Bando de Guarás

Todavia, estudos biológicos e ambientais acerca da fauna local afirmam que a ave guará não é um animal típico da nossa região, estando concentrada nas áreas litorâneas do Atlântico. Por ser um animal extremamente belo e chamativo, os viajantes que andavam pelo Brasil sempre faziam menções à ave quando avistavam-na. Contudo, ela jamais foi relatada por D'Alincourt e Saint-Hilaire, aventureiros que atravessaram nossa região pelo caminho do bandeirante Anhanguera. E esses dois homens relatavam uma diversidade de aspectos regionais. Com exceção de Widulich, ninguém mais avistou a ave por aqui.

Talvez o engenheiro possa ter confundido o nome da espécie. Provavelmente ele tenha notado a presença de seriemas, aves comuns em nossa região que possui relativa semelhança com a guará. A rica diversidade na fauna brasileira e a falta de conhecimento sobre os biomas acabaram gerando essa confusão.

A outra explicação para o nome se deve à presença do lobo-guará na nossa região, que é uma das espécies mais encontradas no cerrado brasileiro. O lobo habita lugares com bastante vegetação natural, matas e campos abertos. Também pode viver em ambientes com baixa quantidade de arbustos e vegetação pouco densa. É um animal típico

do cerrado, bioma onde ele se adapta e vive em suas plenas capacidades.

Infelizmente, o lobo-guará está ameaçado de extinção devido ao desmatamento de seu habitat natural e por conta da caça predatória. Mas por ser um animal nativo da região de Guará, ele ainda pode ser raramente visto perambulando pelas matas e campos. Ao interpretar estudos biológicos e geográficos, faz mais sentido adotar o lobo como símbolo de Guará, mas a ideia surgiu por conta da ave homônima que, provavelmente, foi confundida com uma espécie semelhante.



Lobo Guará

Esse dilema acompanha a história guaraense. Em 16 de dezembro de 1963, a Lei nº 122 instituiu a figura da ave no brasão de armas da cidade. Mas por volta de 1982, o Brasil estava fazendo parceria com alguns países e precisava ajustar as heráldicas. Diante disso, o então Prefeito Marco Aurélio Migliori reuniu-se com um representante do Itamaraty e, em Guará, enviou um Projeto de Lei que foi aprovado pela Câmara Municipal, substituindo o pássaro pelo lobo, caracterizado como um símbolo de força, altivez e coragem.

Atualmente, há na principal entrada da cidade um monumento escultural com o desenho de um lobo-guará. Com o passar dos anos, o lobo se tornou a versão mais aceita no que diz respeito à origem do nome Guará. Isso se deve não apenas a fatores geográficos, ambientais e históricos, mas também à cultura e ao imaginário popular. A imagem de um lobo representa mais poder, além de um ímpeto heróico e destemido, algo essencial para a sociedade.

A Gênese da Região

As primeiras pessoas a habitarem o vasto espaço onde hoje se encontra Guará, Ribeirão Preto, Franca, São Simão e Batatais foram os tradicionais índios Caiapós, que viviam da caça, da pesca e da agricultura. Historiadores descobriram a presença desses nativos devido ao fato de terem encontrado resquícios da tribo, a exemplo de armas, objetos feitos de cerâmica e demais utensílios.

Posteriormente, os bandeirantes passaram pela região com a finalidade de desbravá-la, abrindo novos espaços para o desenvolvimento do território. Eles também buscavam por riquezas naturais, como metais preciosos. Os bandeirantes, contudo, empreenderam campanhas de saques e apresamento de índios.



Bartolomeu Bueno da Silva (Anhanguera)

Os primeiros relatos históricos da região onde hoje está Guará são referentes ao início do século XVIII, quando o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva penetrou pelo interior do país. Ele foi apelidado pelos índios como Anhanguera, que significa “Diabo Velho”, na língua tupi. A descoberta de ouro em Goiás pela bandeira de Anhanguera provocou um enorme fluxo de pessoas para a aquela região. A busca pelo enriquecimento fez com que várias vilas e aldeias fossem

estabelecidas naquele longínquo sertão no interior brasileiro. A partir de meados do século XVIII, intensificou-se o trânsito pelo caminho de Anhanguera, aumentando a população sertaneja.

Trilhas foram abertas, terras desbravadas e a busca pelo ouro trazia uma nova esperança para a sociedade. Territórios outrora desconhecidos foram povoados, era o nascimento de uma nova dinâmica social. Paralelamente à atividade mineradora, a criação de gado tornou-se algo importante nesses locais recém-desbravados. Ao longo do percurso, criadores de gado foram se estabelecendo conforme os bandeirantes abriam caminho. Com o passar dos anos, a pecuária tornou-se essencial para a dinâmica econômica regional, e até hoje proporciona a geração de emprego e renda nessas regiões que estão ao longo do antigo Caminho de Goiás, formado no decorrer das incursões, tornando-se, posteriormente, uma Estrada Real.



Caminho de Goiás

Nossa região foi formada por paulistas e mineiros. Os primeiros se estabeleceram aqui após a descoberta de ouro em Goiás, enquanto os segundos ergueram freguesias e arraiais. Ambos corroboraram para o povoamento do local e, principalmente, para a formação de um povo repleto de tradições, costumes e hábitos próprios.

Na primeira metade do século XVIII, o comércio entre os povoados de Santa Rita e de Nossa Senhora da Conceição já era promissor. Futuramente, essas duas localidades ficaram conhecidas, respectivamente, como Barretos e Franca. Os intercâmbios eram

realizados através de burros, carroças, carros de bois e cavalos. Ainda não havia pontes, a travessia era complicada e exigia bastante empenho. Um dos principais pontos de passagem era nas cachoeiras do Rio Sapucaí, que passou a ser utilizado com frequência, tornando-se até mesmo um ponto comercial e um lugar de pouso para os viajantes que cruzavam o longo caminho entre os dois povoados.

Já a primeira freguesia foi criada no ano de 1775, onde hoje é a cidade de Caconde. Estabelecida ao norte de Mogi Mirim, deveu sua origem à descoberta de ouro nas proximidades do Rio Pardo.

Em decorrência desse movimento, surgiram pousos e povoados que abrigavam os viajantes e, com o tempo, formaram sociedades mais complexas. Um exemplo desse fenômeno histórico é a atual cidade de Franca, que foi elevada à categoria de Vila. Em 1824, foi instalada a Vila Franca do Imperador, que havia sido criada em 1821 com o nome de Vila Franca d'El Rey. Nela, a atividade pastoril voltada à criação de gado obteve grande destaque. Segundo o escritor José Geraldo Evangelista, na obra *Crônica de Ituverava*, Franca contava, entre 1825 e 1836, com 711 criadores de gado que, somados, tinham 37.768 bovinos, o que dava em média 50 cabeças de gado por pecuarista.

Era uma pecuária intensiva, o leite e o couro eram aproveitados. Também havia a criação de suínos. Os fazendeiros comercializavam charque (carne seca), queijo e toucinho, comidas que até hoje fazem parte da nossa alimentação. Mesmo que os tempos sejam outros, vários costumes foram conservados.

Uma curiosidade é que, ao olhar em listas populacionais referentes ao início do século XIX, fazendas pertencentes à Franca naquela época, possivelmente, faziam parte do território atual da cidade de Guará, por conta dos pousos estabelecidos no famoso Caminho de Goiás e, principalmente, pelo sobrenome das famílias que habitavam o local. Mas é complicado afirmar que as famílias daquela época, mesmo repetindo os sobrenomes nos dias de hoje, possuam uma relação direta com os indivíduos hodiernos. Os nomes repetiam, isso era bastante comum, mas não implicava necessariamente em uma relação de parentesco.

Franca estava, no século XIX, em uma posição geograficamente favorável ao progresso. Era relativamente próxima da região cafeeira do Vale do Paraíba e do Quadrilátero do Açúcar. Entretanto, a criação de gado, a quantidade abundante de terras e o baixo número de

escravos colaboraram para um maior nivelamento da sociedade. Na região da pecuária francana, a quantidade de casarões e sedes suntuosas de fazendas era pequena quando comparada ao período do café. As charqueadas e os curtumes eram construções simples, impossíveis de serem comparadas às maravilhosas fazendas daqueles que controlaram o “ouro verde” alguns anos depois.

Após as décadas em que a pecuária foi predominante na região, o café tomou conta da atividade agrária, tornando-se a principal fonte de renda, a ponto de “carregar” a economia brasileira durante um longo período de tempo. Mesmo assim, a criação de gado permaneceu em uma posição de respeito dentro do país, mantendo vacas leiteiras e comercializando produtos derivados deste animal. O período de predomínio da atividade pastoril foi essencial para a formação da alma da nossa região.

O desbravamento dos territórios interioranos e a atividade pastoril foram de suma importância para o povoamento regional, fixando o homem no campo. Essa dinâmica integrou nossa região na economia nacional, desenvolvendo o comércio, erguendo capelas, formando vilas e preparando terreno para a civilização moderna. Além disso, esses eventos, que são frutos da contingência histórica, auxiliaram na formação do povo que habita nossa região, que interiorizou valores como a solidariedade, a hospitalidade e a generosidade, sem perder o espírito de coragem que sempre busca pelo progresso. Esses princípios edificaram nosso *oikos* e consolidaram a alma da nossa civilização.

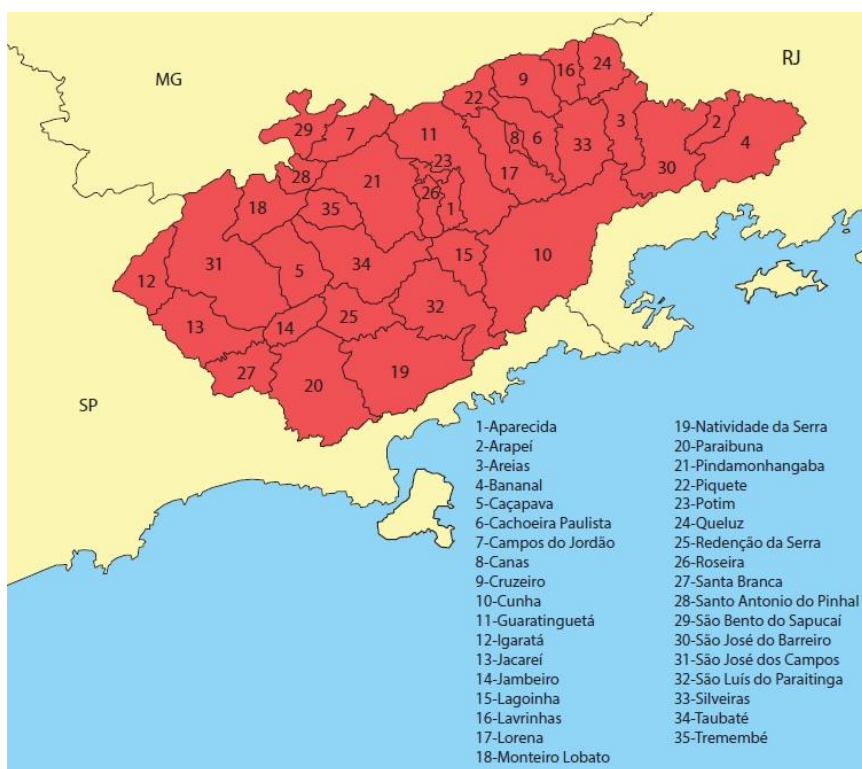
Guará: Dádiva do Café e das Ferrovias

Provavelmente, nossa querida cidade não existiria se não tivesse havido o café. A região onde Guará está localizada nos dias atuais teve grande destaque devido à economia cafeeira. A estrutura desse sistema produtivo implicava na necessidade de conexão entre os vários pontos do Brasil, o café deveria ser escoado para as demais regiões, não apenas para satisfazer o consumo interno, mas principalmente para ser destinado à exportação.

Antes de demonstrar as especificidades da nossa região no que concebe à origem de Guará, vamos fazer uma viagem histórica com a finalidade de entender o ciclo do café, compreendendo como o “ouro

verde” tornou-se um produto fundamental para o Brasil e o importante papel desempenhado pelas ferrovias nesse processo.

Em 1727, Francisco de Melo Palheta trouxe as primeiras sementes de café para o Pará, tendo chegado à então capital Rio de Janeiro apenas em 1760. Foi na Região do Vale do Paraíba, que atravessa territórios fluminenses, paulistas e mineiros, onde reuniram condições para a plantação de café voltada ao comércio em larga escala. A produção foi realizada no sistema de *plantation*, ou seja, em latifúndios monocultores que utilizavam da mão de obra escrava e destinavam grande parte do café para o mercado externo.



Vale do Paraíba

Sobre a origem dos “barões do café”, o historiador Stanley Stein observa que vários deles são provenientes de famílias compostas por comerciantes, pequenos proprietários e militares de alta patente. Muitas das famílias tradicionais, proprietárias de sesmarias, voltaram

sua produção para o ramo cafeeiro no século XIX por conta da alta rentabilidade.

Implementar uma fazenda cafeeira não era uma tarefa fácil. O proprietário precisava investir uma significativa quantidade de dinheiro, comprar escravos, preparar a terra e prover condições para o plantio, armazenamento, estocagem e escoamento do produto, além de negociar contratos comerciais.

No século XIX, a terra tinha uma dinâmica própria. Por um lado, já havia certa concentração de terra advinda das capitânicas hereditárias e do sistema de sesmarias. Por outro, o direito de propriedade e os limites da mesma ainda eram extremamente indefinidos em termos jurídicos, podendo ser contestados. Havia muitas terras não exploradas no vasto território brasileiro, o que criava oportunidades para as pessoas ligadas ao ramo agropecuário.

Na interpretação do historiador Boris Fausto, “em um quadro desse tipo, prevaleceu a lei do mais forte. O mais forte era quem reunia condições para manter-se na terra, desalojar posseiros destituídos de recursos, contratar bons advogados, influenciar juízes e legalizar assim a posse de terras”.



Fazenda de Café - Vale do Paraíba. Rio de Janeiro, século XIX

De início, as técnicas para a produção de café eram rudimentares, bem como o transporte após o ensacamento. O arado só foi adotado nas fazendas por volta de 1870, concentrando-se em algumas zonas de São Paulo. No que diz respeito ao transporte, vale ressaltar que, antes das ferrovias serem construídas, as sacas de café eram transportadas por tropas de burros, utilizando escravos para que o serviço fosse cumprido.

A escravidão pode ser considerada o grande pecado da história nacional, foi uma instituição pérfida e imoral. Agora vamos entender o processo em que a escravidão começou a declinar no Brasil. Esse fenômeno possui relações que implicaram na dinâmica da economia cafeeira, na imigração e nas relações do Brasil com alguns países do globo.

Os ingleses já pressionavam o Brasil desde 1826 sobre a questão do tráfico de escravos. Neste ano, a Inglaterra forçou o Brasil a um tratado relacionado a essa matéria e, em 1831, tentou aplicar penas aos traficantes e declarar livres os cativos que eram transportados à força para o Brasil. Mas a Lei Feijó, de 1831, não foi cumprida pelos brasileiros, ficando conhecida como uma lei “para inglês ver”. Essa expressão, hoje em dia, é bastante popular no nosso país.

Para reverter essa situação, o Parlamento Britânico aprovou o *Aberdeen Act*, em 1845. O ato concedeu poder à marinha britânica para prender navios negreiros, que passaram a ser considerados navios de piratas, e os responsáveis pelo tráfico seriam julgados pela jurisdição inglesa. O Brasil, em contrapartida, aflorou o âmago nacionalista, criticando a lei inglesa. Diante disso, a marinha britânica adentrou em águas brasileiras e ameaçou bloquear os portos. Houve troca de tiros entre as esquadras.

Diante desse contexto conturbado, o Brasil foi obrigado a satisfazer o anseio dos ingleses. Além de depender economicamente da Inglaterra, principal potência mundial no período, havia algumas disputas geopolíticas com a Argentina, e o Brasil precisava do apoio britânico, pois nossa indústria naval ainda era embrionária.

Em 1850, após todas essas tensões relatadas, a Lei Eusébio de Queiroz foi instituída, proibindo o tráfico negreiro. Com isso, os ingleses, donos dos maiores bancos e empresas da época, facilitaram a liberação de créditos para o Brasil, fornecendo capitais para serem investidos na cafeicultura e na infraestrutura.

Com o fim do tráfico negreiro, a escravidão começou a perder força e legitimidade. A fim de contornar essa situação, a Lei de Terras foi aprovada, determinou que as terras públicas fossem vendidas por um valor elevado e estabeleceu normas para a posse e registro de propriedade rural. Para substituir a mão de obra escrava, os fazendeiros e a Coroa objetivaram trazer imigrantes para trabalharem nas lavouras, especialmente no café. A Lei de Terras garantia o direito de propriedade aos fazendeiros, dificultando o acesso de terras aos imigrantes, visto que a maioria esmagadora deles não possuía dinheiro suficiente para serem proprietários rurais. Mas vale ressaltar que nossa atividade econômica sempre dependeu do latifúndio e, caso o Império mudasse completamente essa estrutura, provavelmente perderia suas bases de apoio e declinaria.

Embora o café tenha caído na graça dos brasileiros, o mercado interno não tinha capacidade de absorver toda a produção de café. O Brasil dependia imensamente do mercado externo, principal *locus* de consumo. Estados Unidos, Alemanha e Países Baixos tornaram-se grandes consumidores do nosso café. O hábito de bebê-lo crescia cada vez mais nesses países.

No início da segunda metade do século XIX, com o fim do tráfico negreiro, o Brasil contraiu empréstimos da Inglaterra, intensificando o ambiente de negócios no país. Surgiram algumas empresas ligadas ao setor de navegação a vapor e, em seguida, as importantes ferrovias. Nesse contexto, as rendas da Coroa aumentaram, proporcionando uma maior capacidade de empreendimento.

Em 1852, um decreto real, nas palavras de Boris Fausto, “concedeu privilégio de zona e garantia de juros às empresas ou pessoas que se dispusessem a ligar a Corte, por estrada de ferro, aos pontos mais convenientes das províncias de Minas Gerais e São Paulo. Pela garantia de juros, o governo imperial assegurava o lucro dos empreendedores, em caso de resultados adversos”.

A situação estava bastante favorável ao desenvolvimento econômico brasileiro, a ponto dos liberais e conservadores — os dois principais partidos políticos no Segundo Reinado (1840-1889) — chegarem a um acordo nacional, formando o Ministério da Conciliação (1853-1856), que foi encabeçado pelo Marquês de Paraná. A ideia de

Dom Pedro II, dos luzias¹, dos saquaremas², dos latifundiários e dos empresários era promover mudanças na economia, visando à modernização do Brasil.

Entende-se que, para o desenvolvimento do país, é necessário haver estabilidade política para que o governo estabeleça diretrizes eficazes voltadas ao progresso e, havendo dinheiro nas mãos de latifundiários, empresários e demais investidores, o projeto de nação é alicerçado. O elo entre o poder político e o poder econômico, em uma relação interdependente, foi um fator essencial para a expansão do café e das ferrovias. Para que os negócios frutificassem, a iniciativa privada dependia de acordos com a administração pública e vice-versa.

Foi nesse momento que apareceu uma das figuras mais ilustres do século XIX, Irineu Evangelista de Sousa, o Barão de Mauá. A título de curiosidade, esse célebre personagem da história nacional possuía laços consanguíneos com o professor José Geraldo Evangelista, que residiu em Ituverava e lecionou Geografia em Guará durante anos e anos de sua vida.

O Barão de Mauá é de origem humilde, nasceu sem prestígio social e sem títulos nobiliárquicos. Órfão de pai, mudou-se do Rio Grande do Sul para o Rio de Janeiro ainda jovem, por intermédio de seu tio. Começou a trabalhar em uma empresa inglesa voltada a importações, da qual tornou-se sócio. Mas seu destaque foi quando montou uma fundição de ferro, aplicando suas reservas na construção de navios, ferrovias e no serviço de gás do Império, além de ser um poderoso banqueiro — tudo isso lhe rendeu o título nobiliárquico de barão.

Empresário de sucesso, não mediu esforços para desenvolver o país. Tomou empréstimos na Inglaterra a fim de investir o capital no ramo da infraestrutura, setor estratégico para a mobilidade nacional, principalmente no que dizia respeito à interconexão entre as zonas cafeeiras e os portos. Ele objetivava integrar o território nacional através de ferrovias e de transporte naval. Foi responsável pela fundação da primeira ferrovia do país, a Rio-Petrópolis (1854), sem benefício governamental. Posteriormente, construiu a ferrovia Santos-Jundiaí (1867), sem utilizar da mão de obra escrava, essa ferrovia estava localizada em um centro estratégico, era um verdadeiro trunfo logístico para o escoamento do café, que partia do

¹ Apelido do Partido Liberal.

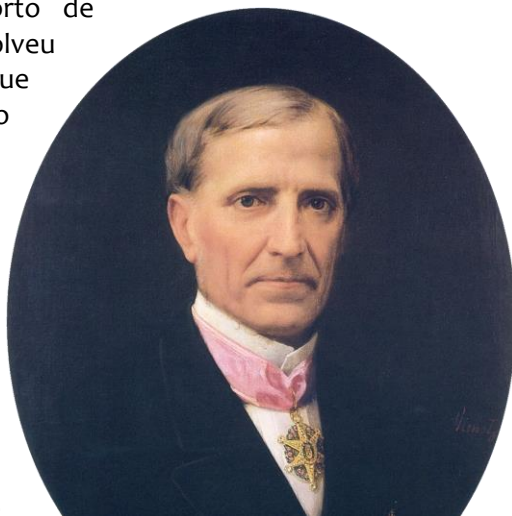
² Apelido do Partido Conservador.

Oeste Paulista para o Porto de Santos. Além disso, desenvolveu a indústria naval no Brasil, que foi de suma importância no conflito contra a Argentina na Bacia do Prata e na ocupação da Bacia Amazônica.

O Barão de Mauá foi um visionário! Entretanto, investimentos arriscados, a perda de privilégios outrora cedidos pela Coroa e as crises financeiras acabaram levando Irineu Evangelista de Sousa à falência em 1875.

Embora tenha declinado, o legado desse homem é importantíssimo e, por ter desenvolvido linhas férreas para escoar o café, acabou impactando, mesmo que de forma indireta, no afloramento de cidades interioranas, a exemplo de Guará.

As ferrovias tinham o objetivo de melhorar as condições de transporte e escoamento dos produtos. A conexão entre as fazendas e os portos era essencial para a economia brasileira, que já estava operando em função da exportação. No Vale do Paraíba, a Estrada de Ferro Dom Pedro II, que ficou conhecida pelo nome Central do Brasil, conseguiu solucionar grande parte do transporte agrícola no Vale do Paraíba.



Barão de Mauá

A EXPANSÃO DA CULTURA CAFEIEIRA EM DIREÇÃO AO OESTE PAULISTA



Além do Vale do Paraíba, outra localidade se destacou na cafeicultura. No final da década de 1860, houve a expansão cafeeira no Oeste Paulista, região que envolve uma vasta área que abrange de Campinas a Rio Claro, São Carlos, Araraquara e Catanduva, na linha férrea da Companhia Paulista; e de Campinas para Pirassununga, Casa Branca e Ribeirão Preto, na nossa conhecida Estrada de Ferro Mogiana. Além dessas ferrovias, já havia a Santos-Jundiaí, idealizada pelo Barão de Mauá.

O *boom* do café animou os fazendeiros a investirem no desenvolvimento da nossa região, construindo ferrovias e empresas para administrarem essas linhas férreas. Os materiais e equipamentos utilizados na construção eram importados da Inglaterra, e a estética das ferrovias brasileiras era similar às inglesas.

As estradas de ferro foram de suma importância para o crescimento e consolidação da economia paulista a partir da segunda metade do século XIX. Proporcionou a expansão do cultivo de café, corroborando para o crescimento econômico.

Outro fator relevante é que essa conjuntura originou uma elite latifundiária agroexportadora e, justamente por conta das riquezas acumuladas por esses barões do café, possibilitou-se, no século XX, o início do processo de industrialização, do qual São Paulo foi pioneiro. Com o advento do café e das ferrovias, São Paulo se transformava na locomotiva do Brasil. O café propiciou uma indústria nascente no

estado; máquinas foram fabricadas a fim de dinamizar o processamento dos grãos de café.

No quesito de povoamento, é válido mencionar que, no interior paulista, ao longo das ferrovias, nasceram armazéns, entrepostos comerciais, vendas e povoados, vilas e cidades. A dinâmica do café, que iniciava nas fazendas do Vale do Paraíba e do Oeste Paulista e terminava com o consumidor estrangeiro, proporcionou a remodelação da sociedade brasileira, tanto em termos socioeconômicos quanto em aspectos culturais.

O café modificou bastante a estrutura social brasileira. No Oeste Paulista, local de bastante interesse para os guaraenses, formou-se um corpo social repleto de especificidades, a exemplo da existência de imigrantes de diversos locais do mundo e de uma proto-burguesia que desempenhou um papel fundamental na industrialização brasileira. Toda essa conjuntura é consequência do café e das ferrovias.

Os cafezais foram estabelecidos para substituir, em parte, a cana-de-açúcar nas fazendas paulistas. São Paulo nunca foi um exímio produtor de açúcar, esteve inserido nessa lógica durante o ciclo em que esse produto foi o primordial na economia brasileira. A queda do açúcar e a ascensão do “ouro verde” fizeram com que São Paulo aderisse ao café.

Outro fator importante para o cultivo de café no Oeste Paulista é o solo. Já comentamos no primeiro capítulo sobre a fertilidade da terra roxa, amplamente presente em nossa região. Esse solo, somado às condições climáticas locais, reúnem características fundamentais para a lavoura do café.

O ano que marca o início do caminho glorioso é 1868. Com intermédio do Barão de Mauá, uma companhia inglesa financiou a construção da *São Paulo Railway Company* (Companhia Paulista de Estradas de Ferro), uma estrada de ferro que ligava Jundiaí a Santos. Vale lembrar que o Porto de Santos era essencial para enviar os produtos ao exterior. Essa ferrovia proporcionou uma enorme integração de São Paulo não apenas com o território nacional, mas também com o mundo.

A Companhia Paulista de Estradas de Ferro, ligada diretamente à logística do café, foi um trunfo para os barões do café. O valor gerado por esse produto e a necessidade de transportá-lo, implicaram na criação de uma digna malha ferroviária. Tendo o café como um

verdadeiro negócio econômico, o país conseguiu divisas (moedas estrangeiras), aumentando a riqueza nacional.

Diante desse sucesso, houve mais investimentos em ferrovias. O interior do Estado começou a ser preenchido por linhas férreas, conectando São Paulo a vários lugares do Brasil. Os autores do livro “Guará: Terra do Sol” deixaram isso claro no seguinte excerto:

“Em 1872, foi fundada, em Campinas, por um proprietário de terras em Mogi Mirim chamado Antônio de Queirós Teles, a Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, com o objetivo de construir uma estrada em direção ao Oeste Paulista e Minas Gerais, passando pelas cidades de Casa Branca e Franca. Em 1875, foram inaugurados os trechos de Mogi Mirim e Amparo. Em 1878, o trecho de Casa Branca; em 1883, o de Ribeirão e, em 1887, o de Franca.”



Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, em 1889

No livro História do Brasil, de Boris Fausto, é possível visualizar que “a expansão do café gerou uma rede de núcleos urbanos: Jaú (1858); Ribeirão Preto (1870); Barretos (1874); São José do Rio Preto (1879) e Bauru (1880), que se tornaram centros de pequena produção industrial e de consumo”.

Durante o apogeu do café no Oeste Paulista, a economia cafeeira do Vale do Paraíba já estava declinando, algo que vinha desde as

últimas décadas de existência do Império, um período conturbado por crises e inseguranças na região. São Paulo, nesse contexto, tornou-se um grande protagonista no cenário brasileiro devido a essa nova lógica socioeconômica.

A burguesia do café e os imigrantes corroboraram para a edificação de uma nova era, sendo esta distinta da ordem nobiliárquica e escravista. A vinda em massa de estrangeiros a partir da década de 1880 e a Proclamação da República em 1889 foram fatores relevantes para as mudanças em termos políticos, econômicos e sociais.



Fazenda de Café

O café gerou um elevado volume de riqueza ao Brasil, possibilitando a acumulação de capitais, os quais foram investidos em ferrovias, bancos e no comércio. O “ouro verde” deu uma nova dinâmica para a sociedade brasileira, era o primórdio de uma economia verdadeiramente capitalista.

É nesse cenário de profundas transformações que nossa região começa a ter grande destaque em termos nacionais. Guará é fruto desse período marcado por mudanças! Como disse anteriormente, a origem de uma cidade só pode ser entendida a partir de uma perspectiva ampla, pela qual vamos compreendendo os porquês de cada questão, o desenrolar dos fatos e os acontecimentos que nos trouxeram até aqui.

A vida presente, as estruturas políticas e os sistemas econômicos possuem lastro no passado histórico, estão longe de serem meras abstrações. Estamos vendo que nossa civilização é formada aos poucos, a partir das contingências. Para chegar em Guará, uma cidade de 1902, precisamos captar vários aspectos, pois sem eles, nada faria sentido lógico. Como entender Guará sem saber da importância do café e das ferrovias? Impossível.

A Aurora dos Novos Tempos

A história da nossa cidade está interligada com o ciclo do café. O complexo cafeeiro, que inclui as fazendas, uma nova disposição social e, claro, as ferrovias, contribuiu diretamente para o nascimento de Guará. Vale a pena aprofundar em cada um desses elementos que alicerçaram o complexo cafeeiro.

Primeiramente, as fazendas desempenhavam um papel fulcral enquanto espaço físico. A área, o solo e o clima propício foram essenciais para a implementação de uma estrutura agroexportadora, gerando riquezas ao país. As fazendas de café são verdadeiros patrimônios históricos; elas auxiliaram na construção do Estado de São Paulo, trazendo bastante progresso e colocando nossa região nos trilhos.



Escravos na Fazenda Ibicaba - Oeste Paulista

Durante o longo período em que o café foi o principal produto da economia brasileira, a infraestrutura das fazendas cafeeiras progrediu conforme as inovações e transformações tecnológicas, socioeconômicas e culturais correspondentes à sociedade de cada época específica. Com o passar do tempo, as fazendas evoluíram para verdadeiras empresas agroindustriais.

Com o fim da escravidão, a casa-grande e a senzala foram substituídas por sedes rodeadas de jardins, onde moravam os proprietários; e casas de colônia, que abrigavam os imigrantes e demais trabalhadores rurais. Diante do progresso, os equipamentos rudimentares foram substituídos, aos poucos, por máquinas industriais que, em um momento inicial, eram movidas por água e, depois, por vapor ou eletricidade. Além disso, ampliaram a logística para embarque da produção.

Do ponto de vista estético, as fazendas são magníficas. Contribuem para o embelezamento do ambiente, constituindo uma arquitetura bastante original e típica. Plantações, jardins, hortas, pomares, criações de animais e construções harmônicas preenchem o espaço rural, formando a alma do local em conjunto com o sentimento das pessoas que ali habitavam.



Vale do Café - Interior de São Paulo

Cristalizado no molde arquitetônico, conseguimos vislumbrar o *oikos* dessa sociedade. Embora seja repleta de magnificência, não podemos descartar o fato de que, no início do ciclo cafeeiro, ainda havia a triste presença de senzalas, um local profundamente maculado e ignóbil, onde os negros viviam na imoral condição de escravos, desprovidos de liberdade e de dignidade.

Entretanto, em 1888, com a Lei Áurea, a situação mudou. A escravidão foi proibida e as fazendas do Oeste Paulista contaram com ainda mais imigrantes na produção. Era o início de um novo tempo, marcado pela memória recente da escravidão e pela onda de imigração, além da mudança da forma de governo.

Essas modificações no tecido social e no sistema econômico auxiliaram na reconfiguração da sociedade brasileira, que se manifestou principalmente em São Paulo. Surgia, assim, uma nova disposição social como consequência de profundas transformações devido às crises do Império.

A proibição do tráfico negreiro e as contestações sobre a escravidão abalaram o Império. Com a aprovação da Lei do Ventre Livre, em 1871 e da Lei dos Sexagenários, em 1885, somadas à pressão inglesa e ao movimento abolicionista que ganhava força em jornais, associações civis e até mesmo no Parlamento, o sistema escravocrata foi colocado em cheque, sendo abolido pela Princesa Isabel, herdeira do trono, em 1888. Ela possuía planos para inserir os ex-escravos na sociedade. Uma de suas propostas era indenizá-los para que pudessem se tornar agricultores. A outra foi um decreto³ assinado antes mesmo da abolição, que previa a construção de habitações para as camadas menos favorecidas, incluindo, obviamente, os ex-escravos.

Durante as conturbações nas décadas de 1870 e 1880, a promissora elite cafeeira paulista, percebendo que o sistema escravista deteriorava a cada dia, apressava os planos de imigração. Diante disso, implementaram planos para que os escravos fossem substituídos por imigrantes, fator que deixou os negros às margens da sociedade. Mas as condições que o Novo Mundo apresentava aos imigrantes também não eram das melhores, a situação era árdua. Vários italianos que aqui chegaram, retornaram para sua terra natal, inconformados com a precariedade da vida.

³ Decreto nº 9.859, referente ao dia 3 de fevereiro de 1888.

Segundo Boris Fausto, “uma lei provincial de março de 1871 autorizou o governo paulista a tomar dinheiro junto ao público, através de contratos firmados, para emprestá-lo aos fazendeiros, com o fim de introduzir trabalhadores agrícolas nas fazendas. No sentido de atrair imigrantes, previu-se auxílio para as despesas de viagem”. No decorrer dos anos, os cafeicultores ofereceram pouso e serviço aos estrangeiros.

Foi a partir da década de 1880 que, de fato, começou a imigração em massa. Os cafeicultores paulistas organizaram o sistema. Em 1886, os irmãos Martinho Prado Júnior e Antônio da Silva Prado fundaram a Sociedade Promotora da Imigração, no intuito de providenciar a vinda dos estrangeiros. A instituição fazia propaganda do Brasil, buscando atrair italianos, alemães e portugueses para as lavouras de café. Martinho Prado Júnior viajou para a Itália e instalou um escritório de sua instituição na cidade de Gênova. Era um modo de conquistar mais imigrantes, principalmente pelo fato do cenário italiano estar conturbado por causa das guerras que unificaram o país e suas decorrências.



Imigrantes na lavoura de café - Oeste Paulista

Em 1888, São Paulo recebeu 91.826 imigrantes, dos quais 90% eram italianos. Já no início do século XX, vários imigrantes vieram para

a região de Guará. Especialmente italianos, portugueses e espanhóis chegaram aqui para trabalhar nas lavouras de café. Conseguiram se desenvolver através do trabalho, constituíram família e auxiliaram na construção da nossa cidade, fato que veremos detalhadamente mais adiante (ver capítulo 4).

Além da abolição da escravatura e da imigração, é importante mencionar o impacto da Proclamação da República na constituição desse corpo social moderno. A nova conjuntura surgiu devido a uma série de fatores, entre eles os atritos na relação do Império com importantes instituições da sociedade brasileira: a Igreja Católica, o Exército e os latifundiários. Além disso, o problema da escravidão causou desgastes nessas relações de poder, enquanto a imigração aparecia na forma de um espectro renovador. Nesse cenário, o movimento republicano ganhou ainda mais força.

Os fatores apresentados acima levaram à queda da Monarquia. As diretrizes do Vaticano corroboraram para o acirramento na relação entre Estado e Igreja. As “liberdades modernas” e o secularismo se chocavam com os dogmas estipulados pelo Papa Pio IX, desencadeando em problemas institucionais entre Dom Pedro II e o bispo de Olinda, Dom Vital. Com isso, o Império perdeu apoio da Igreja Católica, que era um de seus sustentáculos, em uma época que o catolicismo era a religião oficial do Império.

Dom Pedro II também perdeu o apoio do Exército. Após o sucesso brasileiro na Guerra do Paraguai, os integrantes do Exército intensificaram suas reivindicações por melhores salários e por mais prestígio. Era um momento no mundo em que os exércitos desempenhavam, na maioria dos países, um papel fundamental na manutenção das estruturas de poder. Ademais, começava a tomar corpo, dentro do Exército, as ideias positivistas, do francês Auguste Comte. Influenciados por Benjamin Constant, um dos fundadores da República, os militares aderiram a uma doutrina inconciliável com a ordem monárquica, pois prezavam por uma “ditadura republicana” de viés popular e salvacionista. Nesse sentido, o Exército, na figura de um líder austero, representaria os interesses populares, salvando a pátria em nome da República, em uma perspectiva de “ordem e progresso”.

Por fim, vale mencionar o atrito com os latifundiários do Vale do Paraíba e do Oeste Paulista. Após a Abolição da Escravidão, os fazendeiros queriam uma indenização, mas não a receberam. Eles

esperavam que o Império agisse em prol da defesa dos interesses do café, o que não ocorreu. Sendo assim, Dom Pedro II perdeu sua grande base econômica e social de apoio.

No dia 15 de novembro de 1889, devido a esses fatores estruturais e conjunturais, foi proclamada a República, pelo Marechal Deodoro da Fonseca. Mas não houve participação popular. Segundo Aristides Lobo, “o povo assistiu aquilo bestializado, pensando que se tratava de um desfile militar”. O golpe militar derrubou a Monarquia, obrigando Pedro II e sua família ao exílio. A partir disso, foi instaurado um regime revolucionário no Brasil, unindo republicanos, positivistas, militares e liberais federalistas. Na República, criou-se uma cultura atrelada a práticas políticas autoritárias que acreditavam que de tempos em tempos seria necessário promover um golpe, um ataque à Constituição e às instituições, para restabelecer a “ordem do regime”, colocando este nos trilhos do progresso. Nesse regime, os militares atuam como “paladinos” da política e do corpo social. Nossa experiência política, histórica e social foi golpeada duramente, modificando as estruturas do país.

O fim do Império foi um fator essencial para a nova disposição social do Brasil. O Exército e os latifundiários aproveitaram da crise e se firmaram como os poderosos, estando vinculados aos dogmas e instituições do regime republicano. Uma nova era surgia...

Com o advento da República, o novo regime, que, além de ter o Exército como instituição fundante, possuía grande apoio dos latifundiários. No decorrer da história republicana, o Estado de São Paulo teve ainda mais prestígio na figura dos cafeicultores. Os cafezais, as ferrovias e os povoados se desenvolveram no interior do nosso estado — é nesse momento que Guará começa a aparecer.

Nossa querida cidade de Guará é fruto do poderio latifundiário atrelado à expansão ferroviária! O advento das ferrovias exigiu a construção de pequenas plataformas próximas aos armazéns e às colônias da fazenda. As trilhas de ferro deixaram um imenso legado, proporcionaram o povoamento de vários locais, geraram riqueza através do café, melhoraram as condições de vida do povo devido às atividades ligadas indiretamente ao café e, posteriormente, serviram como base infraestrutural para a industrialização.



Proclamação da República - Benedito Calixto, 1893

As ferrovias integraram São Paulo ao Brasil, e o crescimento do interior do Estado foi uma consequência dos investimentos nas malhas ferroviárias. O interior foi habitado, costumes e hábitos surgiram em um povo totalmente ligado, de início, à atividade rural. As ferrovias aceleraram o desenvolvimento socioeconômico das regiões interioranas, um grande exemplo é o caso de Guará.

Esse novo arquétipo civilizacional foi consequência de drásticas transformações, seja na economia, na sociedade ou na política. Está interligado com o curso dos acontecimentos referentes à segunda metade do século XIX, quando ocorreram importantes eventos da história brasileira, a exemplo da expansão ferroviária iniciada ainda no regime monárquico, da Lei Áurea, em 1888 e da Proclamação da República, no ano seguinte. Essas mudanças abriram espaço para novos protagonistas na história, a exemplo do Exército e dos latifundiários.

A aurora dos novos tempos foi marcada por uma lógica cafeicultora, republicana e ferroviária. Guará emergiu nesse período, estando envolvida pelos fatores que compõem o complexo cafeeiro. No próximo capítulo veremos de forma mais direta o surgimento de Guará.

Capítulo 3

A formação do município

Pretendo deixar claro ao leitor o período em que Guará começou a ser formado, que se estende do ano de 1902 ao de 1926, datas correspondentes à escritura da ferrovia e à municipalização, respectivamente. Além do relevante papel desempenhado pela expansão cafeeira em nossa região, veremos a importância da ferrovia, o início do povoamento, o modo de vida e a edificação da capela, fatores que contribuíram para a formação do nosso *oikos*. Também realizo um paralelo com a história do Brasil, demonstrando os vínculos existentes entre o país, a região e a cidade.

Antes de comentar sobre os fenômenos descritos acima, deixo a vocês um índice referente às formas regionais de organização política. Nesse capítulo, o leitor terá bastante contato com palavras como capela, freguesia, vila, termo, cidade e município, ou seja, o caminho percorrido para a formação de um município. Sendo assim, consta abaixo uma breve explicação sobre cada um desses conceitos:

Capela	Pequeno templo fundado pelos nobres ou senhores nas terras de sua propriedade, geralmente ao lado de sua casa.
Freguesia	Sede de uma igreja paroquial que servia para a administração civil.
Vila	Unidade político-administrativa autônoma, trazida de Portugal para o Brasil no início do período colonial. Toda vila deve conter Câmara, cadeia e pelourinho.
Termo	Território da vila, cujos limites são imprecisos. Tinha sua sede nas vilas ou nas cidades. Era dividido em freguesias, limite ou marco divisório.
Cidade	Para ser considerada uma cidade, é preciso ter um número mínimo de habitantes e uma infraestrutura que atenda às necessidades da população. A cidade é a zona urbana do município.

Município	Divisão política levada pelos romanos à Península Ibérica, sendo trazida pelos portugueses ao Brasil. Por município, entende-se o espaço territorial político dentro de um estado ou unidade federativa, é o espaço administrado por uma prefeitura. O município possui a sua zona rural e a zona urbana. Um mesmo município pode ter distritos, um ótimo exemplo é Pioneiros, distrito de Guará.
-----------	---

As terras que hoje fazem parte de Guará pertenciam à vila de Franca. Em 1847, quando Ituverava foi elevada à categoria de freguesia, essas mesmas terras foram incorporadas por Ituverava, começando a relação com nossa vizinha, que já buscava se desenvolver de maneira mais autônoma, em um momento em que a dinâmica econômica começava a dar sinais de mudanças.

Segundo José Geraldo Evangelista, “os limites de Ituverava iam da barra do Ribeirão do Carmo, no Rio Grande, e por aquele acima até o ribeirão denominado Hipólito, seguindo por este até a Forquilha, compreendendo a fazenda do finado José Machado Diniz e desta, pelo Córrego do Indaiá, até a estrada ou espigão mestre e por este abaixo até entrar no Rio Grande”. Evangelista afirma que, nessa época, os limites da freguesia não eram definidos com exatidão, visto que a região ainda era pouco povoada e as fazendas longe uma das outras.

No espaço descrito, atualmente, localiza-se também as cidades de Guará, Ipuã e São Joaquim da Barra. O povoamento desses locais, após o ciclo da pecuária que teve ênfase em Franca, deveu-se especialmente ao café, a grande novidade da economia brasileira referente aos primórdios do século XIX. Guará é fruto do café e da ferrovia!

O Nascimento de Guará

Na obra “Guará: Terra do Sol”, é possível visualizar que, “no início do século XX, quando a Companhia de Estrada de Ferro e Navegação procurava estender seus trilhos até as barrancas do Rio Grande, buscando o Estado de Minas Gerais, procurando atingir o planalto goiano, os senhores Cristino Ribeiro de Paula, José Pedro Figueiredo (Zeca Nogueira) e Lindolfo Ribeiro dos Santos efetivaram doações de terras, lavrando escritura particular, em 15 de setembro de 1902. Em tais terras foi construída a estação ferroviária, inaugurada em 1º de agosto de 1903. A

escritura acima referida foi registrada sob o nº 880, folha 119, do livro 3 de Transcrição do Registro de Imóveis da Comarca”.

Em 1905, devido ao funcionamento da ferrovia e ao povoamento, Guar4 passou a ser administrada pela prefeitura de Ituverava, através de fiscais remunerados. Posteriormente, houve a nomeação de um subprefeito para Guar4, o Sr. Jos4 Ribeiro Calazans dos Santos assumiu tal cargo.



Estação Ferroviária, Guar4-SP, 1910

A cultura do caf4 e a expans4o ferroviária impulsionaram o desenvolvimento de Guar4 que, por ser estaç4o da Cia. Mogiana, cresceu bastante desde sua fundaç4o. Guar4 recebeu alguns benef4cios de Ituverava, a exemplo de serviç4os urbanos que visavam ampliar a qualidade de vida no que dizia respeito à limpeza p4blica e à garantia do bem-estar da populaç4o.

No ano de 1908, Guar4 demonstrou interesse em erguer uma capela em louvor a Santo Ant4nio. Era o prel4dio do nosso munic4pio, o primeiro ato para começ4r o desenvolvimento de forma mais aut4noma. Consta nos arquivos da Diocese de Franca, no livro do Tombo nº 1, p4gina 11, o pedido de Guar4. Construir uma capela era algo

marcante e de suma importância, uma vez que esse pequeno templo marcaria o início do núcleo urbano, alicerçando as chances de progresso da nossa querida Guará.

A maioria dos povoados brasileiros se desenvolvem a partir de uma pequena Igreja e/ou forte militar, essa é uma herança portuguesa que carregamos desde a colonização. Com a presença da singela igreja, as pessoas aglutinavam ao seu redor, o que permitiu o nascimento de praças, ruas, comércios e moradias. Guará caminhava rumo a um desenvolvimento gradual e espontâneo.

A capela constituía nosso *oikos*, era uma peça fundamental para a alma de Guará, assim como da maioria das localidades brasileiras. Nos arredores da igreja, as pessoas estabeleciam vínculos sociais, desenvolvendo afinidades locais através do compartilhamento de costumes e tradições similares. A formação desses pequenos pelotões, ou seja, um conjunto populacional marcado por hábitos e objetivos semelhantes, foi um fator essencial não apenas ao desenvolvimento de Guará, mas também para a edificação da alma do nosso povoado.

No interior da igreja, os laços entre as pessoas são aprofundados. Isso ocorre pela materialização das tradições, ou seja, por meio de festas religiosas, missas, batizados e casamentos. Esses eventos, que nos foram legados há centenas de anos, mantêm viva a chama que produz o brilho da comunidade.

Em 1909, o sonho da capela foi realizado, ela foi erguida onde hoje é a fonte da praça. Contudo, há uma peculiaridade bastante interessante nesse processo. Os guaraenses pediram uma capela de Santo Antônio, mas foram agraciados com uma capela em louvor a São Sebastião, que está localizada na Praça Nove de Julho, conhecida na época como Praça Sete de Setembro, um dos principais pontos referenciais de Guará. O terreno para a construção da capela foi doado pelo casal Jerônimo de Paula Silveira e Umbelina dos Santos⁴. O casal, em louvor a São Sebastião, realizou a doação de meio alqueire de terra, visando à edificação da capela em nome do santo, um mártir cristão que milagrosamente nos protege contra a guerra, a peste e a fome. Foi apenas em 1954, que a Igreja Matriz, ponto bastante conhecido na cidade, teve sua inauguração.

⁴ Maria Umbelina dos Santos: quarta filha do Capitão Antônio Ribeiro dos Santos — um dos fundadores de Guará — com sua esposa, Hipólita Maria dos Anjos.

De forma conjunta à capela, a praça se desenvolvia. Segundo o ilustre cidadão guaraense Romeu Franco Ribeiro, “a praça sempre foi um território livre, marcado por encontros e confraternizações. Nela começaram muitos namoros, casamentos foram firmados na Igreja. Além disso, festas populares, cívicas e religiosas sempre marcaram esse espaço, a exemplo das apresentações musicais e das tradicionais quermesses. A Praça Nove de Julho sobreviveu ao tempo, sendo o principal ponto de identificação do povo de Guará”.

Já na primeira década do século XX, percebe-se que a alma de Guará já estava sendo constituída. A ferrovia, o embrionário e promissor povoado e a capela forneciam as bases para o nosso progresso. Alguns anos depois, pelo fato de existir a capela, iniciava-se a integração de Guará no âmbito político. As relações com Ituverava, diante disso, foram estreitadas.

Em 1914, houve o primeiro grande ato político na nossa terra, Guará revigorou pela elevação à posição de Distrito de Paz. As autoridades ituveravenses reconheceram o pleito e, no final daquele mesmo ano, Guará deixou de ser um bairro e tornou-se distrito de Ituverava, ampliando as oportunidades de crescimento e a nossa projeção.



Estação e Pátio de Guará-SP

Outro fator relevante foi que, a partir de 1916, o café tomou uma proporção ainda mais sensacional na nossa região, tornando-se o mais importante produto agrícola durante décadas e décadas. Esse impulso na cultura cafeeira corroborou para o crescimento populacional de Guará, vários migrantes e imigrantes chegaram aqui em busca de

melhores condições de vida. Com isso, fazendas cada vez mais prósperas e produtivas eram formadas; o povoado se desenvolvia de maneira conjunta ao agronegócio.

Com a ascensão das fazendas, além da atividade agropecuária promissora, vale ressaltar que, devido à presença de famílias, era providencial um comércio local para suplantiar as necessidades básicas. Desse modo, os armazéns, conhecidos na época pelo nome “venda”, foram ampliados, bem como outros setores da sociedade.

Em 1917, cerca de 500 pessoas habitavam Guará, mas a vida aqui já era ativa. Havia um cinema chamado “Odeon”, espaço onde também eram realizados bailes e festividades, como a comemoração do dia 7 de setembro (Independência do Brasil). Além disso, com ajuda da prefeitura de Ituverava e de algumas autoridades da época, os moradores de Guará construíram um cemitério, duas escolas estaduais, duas municipais e um jornal denominado “O Guará”.

As primeiras autoridades de Guará, segundo Evangelista, foram “o fiscal e zelador do cemitério, Camilo de Mendonça, os juízes de paz Cap. Vicente Martins Franco, Alexandre Florêncio de Figueiredo e Francisco de Paula Silveira e o escrivão Primo Barbosa Sandoval”.

Além dessas autoridades, gostaria de mencionar o capitão Chico Júlio, português que estabeleceu moradia em Franca, mas que também ajudou no progresso de Guará. A história do capitão está ligada com a história do café em nossa região. Ele foi um dos pioneiros no que diz respeito ao plantio na região de Franca, sendo o primeiro da região a beneficiar café por meio de uma máquina movida a vapor. Os demais fazendeiros, segundo histórias guaraenses, levavam seu café para ser beneficiado na máquina de Chico Júlio.

Ele era um verdadeiro homem de negócios, empreendedor nato que, ao acumular capital por meio de seus investimentos, comprou terras em Franca e Ituverava, para onde ele encaminhava seus filhos a fim de que estes cuidassem dos negócios da família. Um dos bens mais valiosos e distintos era a máquina de beneficiar café, instalada onde hoje é Guará.

Nossa história local atribui ao capitão Chico Júlio a façanha de ser o proprietário da primeira casa construída em Guará, feita no intuito de abrigar sua máquina de beneficiar café. Ao redor dessa máquina, Guará se desenvolvia juntamente com seu agronegócio e demais atividades.



Máquina de Beneficiar Café

Um outro fato importante ocorrido em Guará, pouquíssimo tempo antes da municipalização: houve um caso envolvendo o Capitão José Honório da Silveira, considerado o “patrono da emancipação”, e o Professor Jordão Ildefonso Pereira Martins, um influente cidadão guaraense detentor de extrema cultura e conhecimento. Segundo nossa história oral, por questões políticas da época, o capitão mandou assassinar o professor, que acabou falecendo no dia 26 de novembro de 1925, aos 38 anos de idade.

As lutas pela emancipação se acirraram nesse período, marcado pela efervescência política e social. Todos esses fatos em conjunto, desde o progresso no ramo agrícola, a estratégica ferroviária e até mesmo os embates políticos e os conflitos de visões contribuíram para a ascensão de Guará.

Segundo José Geraldo Evangelista, “essa ascensão demonstrava a pujança do vilarejo e de sua gente. Era grande a circulação de produtos, provindos dos pequenos núcleos rurais circunvizinhos, fazendo da vila um polo. Eram inumeráveis os carros de bois que circulavam por todos os caminhos. O número de vagões da estrada de ferro não comportava a demanda, provocando sérias reclamações e revolta por parte dos negociantes, desesperados pela demora”. Outro fator relevante na época foi a criação do Grupo Escolar de Guará, em

11 de novembro de 1925, após a doação dos terrenos realizada por José Pedro de Figueiredo e Maria Vitória dos Santos, sua esposa.

O rápido progresso de Guará despertou os ânimos para a emancipação política. A projeção após a inauguração da ferrovia, além da presença da capela e da riqueza gerada pelo café, foram fatores cruciais para o surgimento de um movimento favorável à criação do município.

Diante desse contexto, o Partido Republicano Paulista (PRP), uma das principais forças políticas do Brasil, juntamente com o honroso deputado João de Faria, conseguiram a tão sonhada municipalização de Guará. O então Distrito de Paz de Guará, após a promulgação da Lei Estadual nº 2.088, referente ao dia 19 de dezembro do ano de 1925, adquiriu a emancipação política. Estava formado, juridicamente, o município de Guará. Segue abaixo a Lei Estadual nº 2.088:

"O Dr. Carlos de Campos, Presidente do Estado de São Paulo, faço saber que o Congresso Legislativo decretou e eu promulgo a seguinte lei: Art. 1º - Fica criado, na comarca de Ituverava, o município de Guará. Art. 2º - As suas divisas são as seguintes, começando no córrego do Honório, continuando por este até a barra do córrego da Baixada; sobem por este córrego até a sua cabeceira principal e continuam pelo divisor que deixa, à direita, as águas do rio Sapucaí, e, à esquerda, as do rio do Carmo, até à cabeceira principal do córrego Santa Rita; descem este córrego, até a sua barra no rio Sapucaí, continuam por este rio abaixo até ao ponto em que tiveram começo. Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário. O Secretário dos Negócios do Interior assim o faça executar."

Fonte: Palácio do Governo do Estado de São Paulo, 19 de dezembro de 1925 - Carlos de Campos, José Manoel Lobo. Publicado na Secretaria de Estado de Negócios do Interior em 26 de dezembro de 1925.

Para que Guará conseguiu sua emancipa, tornando-se um município, o apoio do Partido Republicano Paulista (PRP) foi essencial. Destacam-se as figuras do Deputado Estadual João de Faria, do Deputado Federal Dr. Altino Arantes, do Senador Antônio de Lacerda Franco e, claramente, do Presidente do Estado, Dr. Carlos de Campos. Além deles, vale mencionar alguns políticos locais que trabalharam duramente para a municipalizao guaraense, a exemplo de Antônio Ribeiro dos Santos (Inhozinho), Capitão José Honório dia Silveira, José de Carvalho e Silva, José Calazans Ribeiro dos Santos, Rogério Ribeiro de Mendonça, Horácio Borges de Freitas, Deodato Nunes Muniz, Astherio Christino de Figueiredo, Dr. José Theodoro de Figueiredo e Canuto Borges de Freitas.



Carlos de Campos,
Pintura Oficial

O primeiro pleito eleitoral foi realizado em 28 de fevereiro de 1926, contando com a presença do Juiz da Comarca de Ituverava, Dr. Phdias de Barros. A Câmara Municipal, instalada em 6 de março do mesmo ano, foi composta pelos seguintes vereadores: Antônio Ribeiro dos Santos (Presidente), Antônio Alves dos Santos (Vice-Presidente), José de Carvalho e Silva, Bráulio Villar Horta, Deodato Nunes Muniz e Vicente Martins Franco. Após  composio da Mesa Diretora da Câmara, prosseguiu a escolha do Prefeito. Esse cargo de imenso prestígio e responsabilidade recaiu na pessoa de Bráulio Villar Horta que, então, tornou-se o primeiro prefeito da história de Guará, exercendo seu mandato nos anos de 1926 e 1927. Começava a nova unidade política do Estado de São Paulo, o querido município de Guará.

O deputado João de Faria teve uma participao fundamental no processo de municipalizao, a ponto da nossa conhecida “rua principal” ter sido batizada com o nome desse importantíssimo político da história paulista e guaraense. Hoje em dia, a Rua Deputado João de Faria  repleta de lojas, lanchonetes, barbearias e demais

estabelecimentos comerciais. A atividade empreendedora é o motor dessa rua, local onde inúmeras famílias ganham a vida por meio do comércio. A rua também é de uma grande importância geográfica, pois liga vários bairros ao centro da cidade, facilitando o cumprimento das atividades diárias, os negócios e o encontro entre as pessoas.

Por que Guará surgiu nesse período histórico?

Voltando à história do Brasil, é importante mencionar ao leitor o período da história nacional em que Guará foi constituído e municipalizado, demonstrando o poder exercido pelos latifundiários paulistas nesse processo político. Veremos que era uma conjuntura extremamente favorável a Guará, tanto em âmbito regional, estadual e nacional, uma vez que o café e os fazendeiros paulistas estavam ligados diretamente ao poder.

A influência do deputado João de Faria e o prestígio do PRP foram fundamentais para o desenvolvimento político de Guará. Além de ser um polo cafeeiro e hospedar uma linha férrea da Cia. Mogiana, é importante mencionar o poder dos latifundiários paulistas em nível nacional. Os fazendeiros paulistas foram um dos fundadores da República, ou seja, no desenrolar do período republicano, o poderio da oligarquia paulista se manifestava.

Mesmo que os militares tenham sido os primeiros a comandarem o Poder Executivo no período republicano, nos governos de Marechal Deodoro da Fonseca e de seu sucessor Marechal Floriano Peixoto, a República da Espada (1889-1894), período em que eles exerceram o poder político diretamente, teve curta vigência. Nesse contexto, os latifundiários paulistas já revigoravam por seus direitos constitucionais, objetivando o desenvolvimento do Estado de São Paulo que, conseqüentemente, acarretaria no progresso da nossa região.

Diante disso, na Constituição da República (1891), estabelecida pelo Marechal Deodoro da Fonseca, os paulistas conseguiram aprovar um artigo que conferia maior autonomia aos Estados, rompendo com a lógica centralizadora que prevaleceu durante o Império e que ainda era sustentada pelos militares positivistas. São Paulo, nessa nova disposição legal, poderia contrair empréstimos no exterior, organizar a justiça e as forças militares próprias. Essa maior liberdade de atuação, inspirada na constituição americana, concebia ao Brasil um caráter

republicano próximo aos valores federalistas e liberais, algo que os paulistas já pleiteavam desde meados do Segundo Reinado.

A Constituição de 1891 garantiu maior liberdade de atuação aos Estados. Com isso, São Paulo pôde contrair empréstimos em bancos estrangeiros, algo essencial para que o governo paulista pusesse em prática os planos econômicos de valorização do café, algo que poderia beneficiar todo o Estado, gerando riquezas à população e aos cofres públicos.

Entretanto, esse cenário não se consolidou de uma hora para outra. Houve alguns atritos entre os militares e os fazendeiros por conta de interesses distintos. Floriano Peixoto objetivava a construção de um Brasil estável, ordeiro, nacionalista e centralizado, tendo o Exército como principal instituição no âmbito militar, educacional, cívico e moral. Essa visão era oposta ao que os fazendeiros paulistas, representados pelo PRP, propunham. Eles ansiavam por uma república liberal, federalista e descentralizada, que garantiria maior autonomia aos Estados.

Nesse contexto marcado pelo conflito de visões, o Presidente e o PRP fizeram um acordo. Floriano e os militares sabiam que os latifundiários eram a base econômica do país, tendo o PRP como a base política. Enquanto isso, a elite cafeeira paulista enxergava em Floriano, dentro das possibilidades momentâneas, um líder capaz de manter o funcionamento da República. Mas esse acordo não perdurou por muito tempo.

Dispondo de uma discreta e ineficaz base de apoio, Floriano não conseguiu manter os militares na liderança do Poder Executivo. Ao ser sucedido pelo paulista Prudente de Moraes (1894-1898), nota-se uma grande mudança no cenário político brasileiro. Os cafeicultores paulistas, a partir de março de 1894, estavam devidamente representados na figura do Presidente da República, que prezava por um país de bases liberais, ou seja, federalista e descentralizado.

O modelo político advogado pelos paulistas, extremamente importante para o desenvolvimento de Guará, foi consolidado após o término do mandato de Prudente de Moraes. Seu conterrâneo Campos Sales, que leva o nome de uma importantíssima rua de Guará, realizou a chamada “política dos governadores”, que visava a um acordo entre as oligarquias locais e o governo federal, de modo que ambos fossem favorecidos. Desse modo, o poder federal uniu-se às oligarquias

estaduais, sendo estas formadas pelos próprios latifundiários, especialmente os paulistas.

O governo, nesse sentido, conferia liberdade política e maior autonomia aos estados, além de inúmeros benefícios econômicos aos latifundiários. Em contrapartida, as oligarquias locais, comandadas pelos coronéis, satisfaziam os interesses da federação, obrigando o povo a votar em seus candidatos. As elites locais dominavam o cenário político de estados e municípios, de modo que seus interesses fossem contemplados. Todavia, não podemos esquecer que a política dos governadores e a ascensão dos paulistas



Carlos de Campos

ao poder foram essenciais para o desenvolvimento da nossa região, visto que esta era extremamente dependente do agronegócio, em especial, do café.

Os políticos paulistas estavam diretamente ligados à economia cafeeira. Era mais um momento histórico que mostrava a interdependência entre política e economia. Para que o poderio da oligarquia fosse mantido no interior do Estado, os chefes locais, denominados coronéis, que na maioria das vezes eram proprietários rurais, concentravam poder a fim de manter a ordem. Segundo o historiador Boris Fausto, “o coronel controlava os votantes em sua área de influência. Trocava votos em candidatos por ele indicados por favores tão variados como um par de sapatos, uma vaga no hospital ou emprego”. Essa prática se enraizou no interior paulista, sendo comum durante todo o século XX.

Os coronéis forneciam votos aos políticos, pois dependiam deles para proporcionar benefícios e melhorias aos eleitores, bem como para assegurar sua posição de poder. A política operava em uma lógica de troca de favores, era uma via de mão dupla entre estado e federação e entre interior e capital. Mas foi nesse contexto que Guará e demais cidades paulistas e de outros estados brasileiros se desenvolveram.

A economia de São Paulo era poderosa, e os acordos com o governo federal, instituição liderada por paulistas em diversas ocasiões desse período histórico, favoreciam o progresso das mais variadas regiões do nosso Estado. Isso foi possível pelo fato dos governantes (vários eram latifundiários paulistas) agirem favoravelmente aos interesses da atividade cafeeira, o que trouxe bastante oportunidade para onde hoje está Guará.

Essa política voltada à atividade cafeeira permitiu a expansão guaruaense. Foi por conta da ascensão do café no interior paulista que a Cia. Mogiana instalou uma linha férrea na nossa cidade que, a partir disso, aumentou sua população, rumando à constituição de um município repleto de prosperidade.

O governo paulista, para manter a alta do café, formulou vários planos de intervenção governamental. Embora ocorressem alguns desvios e pequenas crises, o governo conseguiu manter o mercado cafeeiro em plena capacidade de operação por meio dessa política econômica. O preço do café subiu no mercado internacional e, até 1912, ficou em alta, favorecendo imensamente a economia brasileira, paulista e guaruaense.

São Paulo não estava sozinho nesse processo. Vale lembrar que, desde 1884, com apoio dos latifundiários de Minas Gerais, pavimentou-se o caminho para os governos civis, materializado na política do “café com leite”. A ideia desse acordo era implementar um revezamento entre governantes paulistas e mineiros na Presidência da República, de modo que as políticas fossem voltadas ao café.

Guará, por ter sido formado inicialmente por paulistas e mineiros, acabou tendo, no decorrer das décadas, benefícios logísticos e econômicos, a exemplo da ferrovia e das fazendas de café, respectivamente. Pelo fato dos latifundiários paulistas terem chegado ao poder e ainda disporem de um elevado capital econômico, o Estado de São Paulo se desenvolveu bastante durante a chamada “República Oligárquica” (1894-1930), período em que os latifundiários dominaram a cena política, tendo os cafeicultores paulistas um papel fundamental.

Ao longo da “República Velha” (1894-1930)⁵, o café se manteve isolado no primeiro lugar na pauta das exportações. A economia brasileira, a cada dia, dependia ainda mais do café. No final desse período histórico, a comercialização desse produto com o exterior representava em média 72,5% das exportações do Brasil. A geração de emprego e renda dependia, essencialmente, das atividades ligadas à produção cafeeira, fosse de forma direta ou indireta. Além disso, o país contava com as divisas geradas pelo café para o pagamento da dívida externa, que havia sido renegociada por Campos Sales juntamente aos banqueiros britânicos, através de um acordo denominado *funding loan*.

O governo fez de tudo para sustentar o lucro gerado pelo café. O café era o “ouro verde” da República, principal produto brasileiro durante a primeira metade do século XX. E foi nessa lógica cafeeira e ferroviária, na qual o Brasil voltava suas atenções aos “barões do café”, que nasceu Guará, uma cidade ligada ao agronegócio e um verdadeiro centro logístico que, em plena época da política do “café com leite”, tinha o trunfo de estar, ao mesmo tempo, localizada no Estado de São Paulo e próxima à fronteira com Minas Gerais.

Guará cresceu em uma lógica orgânica, ligando pontos cruciais para a vida humana e social. A ferrovia, a atividade cafeeira, as fazendas, a capela, os armazéns, os migrantes e os imigrantes formaram a alma guaraense. Em convergência com esses fatores, o povoado foi se desenvolvendo gradualmente e, mesmo com as diversas mudanças de ordem política, econômica e social ocorridas no decorrer do século XX, Guará conseguiu manter suas raízes e singularidades.

⁵ A República Velha, que vigorou a partir de 1889, com a Proclamação da República, sendo interrompida em 1930, com a ascensão de Vargas, divide-se em duas partes, segundo a historiografia: República da Espada (1889-1894) e República Oligárquica (1894-1930).

Capítulo 4

Os imigrantes

De início, quando saíam de seu país de origem, os imigrantes vinham para a “América”, podendo chegar aos portos de Santos, em Buenos Aires ou até mesmo Nova York. Mas o que nos interessa é saber a respeito dos estrangeiros que chegaram no Brasil e, de forma mais específica, na cidade de Guará.

Desde as últimas décadas do século XIX, milhões de imigrantes europeus e asiáticos começaram a chegar no Brasil em busca de melhores condições de vida. Vários foram os motivos para a saída deles de seus países de origem: guerras, perseguições religiosas, impasses políticos e pobreza são consideradas as principais razões para a imigração em massa. Aproximadamente 3,8 milhões de estrangeiros vieram residir no Brasil entre os anos de 1887 e 1930. O fluxo teve uma pequena pausa durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Após esse evento, porém, a imigração teve um novo pico.

O Brasil, durante esse período, vivia o auge da atividade cafeeira. Com a Abolição da Escravidão, os latifundiários precisavam de mão de obra para a lavoura de café, e o preconceito racial em relação aos negros era imenso. Em um primeiro momento, italianos, portugueses, espanhóis e alguns alemães chegaram ao Brasil, eles tentaram crescer na vida em uma terra que oferecia condições para a prosperidade. No início do século XX, os japoneses também chegaram, viajando meses no navio Kasato Maru até adentrarem em nosso vasto território no ano de 1908. Outros grupos de extremo destaque que vieram ao Brasil e auxiliaram na construção da nossa civilização foram os libaneses e os judeus.

Tabela 4. Imigração Líquida: Brasil, 1881-1930 (em milhares)

	Chegadas	Portugueses	Italianos	Espanhóis	Alemães	Japoneses
1881-1885	133,4	32	47	8	8	—
1886-1890	391,6	19	59	8	3	—
1891-1895	659,7	20	57	14	1	—
1896-1900	470,3	15	64	13	1	—
1901-1905	279,7	26	48	16	1	—
1906-1910	391,6	37	21	22	4	1
1911-1915	611,4	40	17	21	3	2
1916-1920	186,4	42	15	22	3	7
1921-1925	386,6	32	16	12	13	5
1926-1930	453,6	36	9	7	6	13
	3 964,3	29	36	14	5	3

Fonte: Leslie Bethell (ed.), *The Cambridge History of Latin America*, vol. IV, p. 131.

Imigração, 1881 - 1930

Pelo fato do foco da produção cafeeira ser no Estado de São Paulo, grande parte dos imigrantes se estabeleceram em terras paulistas, estando Guará incutida nesse processo. Os italianos, principalmente, instalaram-se nas fazendas do Oeste Paulista, mas as condições iniciais de trabalho não eram boas, e muitos retornaram ao seu país de origem, enquanto outros foram para a cidade de São Paulo e desenvolveram atividades tipicamente urbanas — comércio e indústria.

O governo de São Paulo fomentava a vinda dos estrangeiros por meio da política de imigração, concedendo passagens gratuitas e habitação inicial. Contudo, o percurso era marcado por péssimas condições sanitárias, doenças proliferavam nos navios de forma rápida. Os primeiros percursos da Europa ao Brasil duravam, em média, 60 dias. Devido à precariedade, muitos morriam no trajeto. Segundo relatos históricos, também era comum ocorrer nascimentos e casamentos em plena viagem.

No final do século XIX, com o surgimento dos navios movidos a vapor, o tempo das viagens foi encurtado. Do continente europeu, demorava cerca de um mês, enquanto do Japão e do Líbano chegavam à marca de 50 a 60 dias. A primeira leva de imigrantes foi de europeus, principalmente os italianos que vieram para o Oeste Paulista.

Chegando ao Brasil, os imigrantes desembarcavam no porto de Santos e eram levados para a cidade de São Paulo, onde podiam permanecer durante oito dias, com serviços custeados pelo Estado. Alimentação, acomodação, médicos e contato com empregadores

eram oferecidos aos estrangeiros. A ideia era ambientá-los para que, rapidamente, pudessem conseguir um contrato em alguma fazenda de café.

Mesmo diante desse cenário repleto de incertezas, os imigrantes italianos auxiliaram demasiadamente na produção de café, assim como os portugueses e espanhóis. Eles cruzaram o Atlântico e constituíram família, contribuindo para o povoamento do país, especialmente da nossa região. Com o poderio do Estado de São Paulo e por conta da ferrovia construída em Guará, vários imigrantes se estabeleceram na nossa cidade, residindo em colônias dentro das fazendas de café, uma realidade que perdurou durante décadas. Nessas colônias rurais, a vida era ativa, havia missas, festividades religiosas e procissões, fazendo do catolicismo uma religião presente na vida dos colonos e dos brasileiros que já habitavam a região.

Nesse contexto, Guará teve um grande progresso. A ferrovia alavancou nosso desenvolvimento, e o povoado que se formava ao seu redor contribuiu imensamente para a formação da alma da cidade, caracterizada, ao mesmo tempo, por idiosincrasias e diversidade. Graças ao café e à ferrovia, formou-se Guará, uma terra onde houve, desde seus primórdios, a convivência entre brasileiros (principalmente paulistas, mineiros e ex-escravos), imigrantes e seus descendentes provenientes de diversas localidades do globo. Essa convivência entre etnias e civilizações distintas formou a alma da cidade.

Imigrantes em Guará

Os fatores estruturais e conjunturais expostos no início desse capítulo são fundamentais para nosso entendimento acerca da presença de imigrantes em nossa cidade. Os estrangeiros não apenas vieram para Guará, mas também foram fundamentais para a constituição do nosso *oikos*. Nos dias de hoje, temos bastante contato com os descendentes de portugueses, italianos, espanhóis, alemães, libaneses e japoneses.

Pessoas fantásticas e bem conhecidas em Guará vieram de outros países ou são filhos daqueles que outrora imigraram. Eles conservaram muito de suas tradições e hábitos, como o modo de vida, a língua, a culinária e demais costumes em geral. Também absorveram muitos valores brasileiros, mas sem abrirem mão dos de sua terra natal. Além

disso, nos legaram vários traços de sua cultura. Quem nunca comeu uma esfiha ou um quibe? E a tradicional macarronada no almoço de domingo? Aquela feijoada no inverno? E as festas religiosas?

Podemos ver que várias de nossas tradições, mesmo que hoje em dia pareçam comuns e corriqueiras, possuem lastro na história do nosso povo. E como nosso povo, incluo, obviamente, imigrantes e escravos. Essa multiplicidade cultural enriquece nossa cidade, mostrando que Guará é, realmente, um lugar de todos e para todos.

Sendo assim, deixarei ao leitor relatos sobre as entrevistas com imigrantes e descendentes que, ao longo do tempo, estabeleceram-se em Guará. Veremos os motivos que acarretaram na vinda para nossa cidade, o porquê de escolherem Guará e os relatos sobre a vida deles.

Libaneses



As famílias guaraenses com os sobrenomes: Bechara, Abboud, Moussa, Mtanios, Chaud, Tannous, Elias, Khouri, Antônio, Mourani, Tohme, Salomão, Gebrim, Assed, Akrouche, Jorge e Seba descendem de libaneses.

No ano de 1880, o primeiro navio saiu de Beirute — capital do Líbano — em direção ao Brasil, tendo apoio do Imperador Dom Pedro II. As causas da imigração foram, predominantemente, políticas e religiosas. O Líbano vivia sob domínio do Império Turco Otomano, que perseguia os libaneses cristãos (católicos maronitas). Devido ao domínio do Império Turco Otomano, a entrada de libaneses ocorreu, inicialmente, com passaportes vinculados ao Império Otomano. Por isso, até hoje, é comum se referir aos libaneses e seus descendentes como “turcos”, mesmo estando completamente equivocado em termos étnicos.

Os libaneses, principalmente os católicos maronitas, foram perseguidos pelos muçulmanos do Império Turco Otomano durante 400 anos. Muitos descendentes desses libaneses vieram para o Brasil, buscando a sobrevivência, inclusive a maioria dos que chegaram em

Guará. Chegando em nosso país, diferentemente dos demais imigrantes, eles procuraram se estabelecer nas cidades, realizando atividades comerciais, sendo estas parte de sua tradição milenar herdada desde o tempo dos fenícios.

A chegada dos libaneses ao Brasil coincidiu não apenas com os anos dourados do café, mas também com o prelúdio do processo de urbanização e industrialização do país, o que favoreceu imensamente o comércio já praticado por esse povo durante sua rica história. Após essa breve contextualização histórica acerca da vinda dos libaneses para o Brasil, veremos alguns relatos sobre os imigrantes e descendentes que moram em Guará:

Chafic Mtanios Chahoud e Chadia Tohme Moussa

Chafic e Chadia, proprietários da loja de roupas “Casa Cedro”, localizada na Avenida Francisco de Paula Leão, saíram de seu país de origem em decorrência da Guerra Civil Libanesa, conflito decorrente das tensões geopolíticas presentes no Oriente Médio. Esse conflito envolveu cristãos e muçulmanos, deixando milhares de mortos entre os anos de 1975 a 1990. A grande maioria dos imigrantes que vieram do Líbano foi por conta de guerras e conflitos de ordem política e religiosa que assolaram o país. Segundo Chadia, “cristãos que estavam em regiões muçulmanas eram mortos e vice-versa”.

Chafic é graduado e professor de literatura árabe, mas a guerra interrompeu sua carreira, pois o Estado não conseguia honrar o salário para os professores, não tinha controle de quem estava vivo e de quem estava morto, deixando a categoria profissional dois anos sem receber. Com a guerra, a embaixada brasileira no Líbano foi transferida para a Jordânia. Chafic foi até este país, passando pela Síria, a fim de conseguir visto para residir no Brasil. Em um cenário belicoso, ele conseguiu o visto e veio para Brasília através do aeroporto de Alepo, na Síria.

No ano de 1976, aos seus 28 anos de idade, chegou ao Brasil. Por meio da lista telefônica, encontraram a irmã de Chafic em Guará, e a família acolheu ele aqui. Quando ele chegou, algumas famílias como Bechara, Gebrin, Khouri, Mourani e Tannous já estavam em Guará. Através dos parentes, todos eles foram estabelecendo residência e se adaptando à vida guaraense. No final da imigração libanesa, já havia 15 famílias aqui em Guará.

Em 1979, foi a vez de Chadia chegar ao Brasil, ela entrou pelo Paraguai, pois não conseguiu visto para o Brasil. Em seu país de origem, um pouco antes de estourar a Guerra Civil Libanesa (1975), ela havia ingressado em uma universidade que aceitava mulheres cristãs para cursar História e Ciência Política. Mas a guerra interrompeu os estudos de todos, deixando o Líbano em um cenário repleto de incerteza e pânico. Pelo fato de já ter parentes em Guará, ela resolveu vir para a nossa cidade. A presença de imigrantes libaneses e, principalmente, de familiares, facilitou sua estadia e desenvolvimento na cidade.

Foi aqui em Guará onde Chadia e Chafic contraíram matrimônio, primeiro na Igreja Católica e após alguns anos no civil. Eles já se conheciam desde o Líbano, moravam em uma aldeia próxima à cidade de Trípoli, no norte do país. No Brasil, o casal teve dois filhos e ganhou a vida por meio do comércio, uma atividade bastante tradicional ao povo libanês. Em casa, eles conversam em árabe, algo que marca bastante suas raízes.

Eles relataram que, quando chegava um libanês em Guará, a colônia libanesa ajudava o compatriota a fim de inseri-lo na sociedade. Doavam uma quantidade de dinheiro ao recém-chegado, cada um contribuía com a quantia que lhe era possível, o dinheiro era colocado dentro de uma caixinha e entregue ao imigrante. O dinheiro era doado em nome da colônia. Dessa maneira, a colônia ajudava todos os que aqui chegavam, e eles tinham que honrar a colônia.

Em Guará, os libaneses sempre foram unidos e preservaram seus hábitos. Na época em que Chafic e Chadia chegaram em Guará, eles foram auxiliados por seus parentes que já estavam aqui. O Sr. Jamil, segundo Chafic e Chadia, foi quem os ajudou imensamente, ensinando como funcionava a sociedade e, principalmente, o comércio, atividade pela qual os libaneses prosperaram.

Chadia disse que “o Sr. Jamil era um homem simples, analfabeto, mas muito avançado para o tempo dele. Além de ter desenvolvido no âmbito comercial durante sua vida, pagava para os jovens assistirem o filme com ele. Esses jovens ficavam na frente do cinema esperando ele chegar. Ele também gostava bastante de futebol, sempre assistia os jogos do time de Guará no campo da associação”.

O casal comentou que o Sr. Jamil chegou em Guará no ano de 1932, em plena Revolução Constitucionalista, evento histórico que será explicado mais adiante. Ele já tinha 30 anos e era casado com Jamila,

irmã do avô de Chadia. No Brasil, tiveram seu único filho, Hassan Jorge Mourani, que foi médico e Presidente da Câmara. Quando chegaram, juntamente a outros imigrantes libaneses, por conta da revolução, precisavam de um lugar seguro.

Diante disso, “seguiram trajeto para a fazenda do Sr. Mahfoud. A polícia não deixava eles passarem, justamente por causa dos perigos que a revolução poderia desencadear. Os policiais fizeram várias perguntas a eles. Os imigrantes, sem saberem falar português, só respondiam ‘sim senhor’. Eles apontaram a direção, a polícia deixou eles passarem. Os libaneses que chegaram nesse período foram, de início, para a fazenda do Sr. Mahfoud, buscando abrigo e segurança. Porém, a primeira habitação foi nas antigas senzalas”, conta Chadia.

Nessa fazenda, formaram uma colônia libanesa, falavam em árabe entre eles. Mesmo longe do país de origem, eles encontraram um lugar para chamarem de “casa”, justamente por conta da formação desse ponto de lealdade durável, onde a convergência em termos de cultura era nítida e necessária para a adaptação. Essa convivência harmônica entre os libaneses, assim como as dificuldades enfrentadas por eles durante o processo de adaptação, preparou o terreno para a vinda dos seus demais conterrâneos nas décadas seguintes.

Durante o processo de estabelecimento dos libaneses em Guará, muitos mascateavam na roça e ficavam o dia todo com apenas uma banana como refeição. Viajavam de Guará até Ribeirão Corrente para vender seus produtos e, quando chegavam ao destino, o dono da casa oferecia pouso e alimento. Era uma vida bastante sofrida e desafiadora, esforços físicos, dificuldades na comunicação e adequação a um novo mundo.

Podemos ver que o modo de vida comunitário e a língua uniram o povo libanês que se encontrava em solo brasileiro. No período em que Chafic e Chadia vieram, a colônia libanesa era bem ampla, o que proporcionou maiores oportunidades de desenvolvimento a eles. Em relação à língua portuguesa, eles não tiveram dificuldades em aprendê-la. Pelo fato do Líbano ter ficado sob domínio da França de 1923 a 1944, eles aprenderam, quando jovens, não apenas o árabe, mas também o francês, que é uma língua neolatina repleta de semelhanças com o português. Esse fator facilitou o aprendizado da nossa língua.

Na visão deles, os brasileiros são bem acolhedores. O que eles mais gostam em Guará é a “hospitalidade e o acolhimento do povo,

não olham raça, origem, cor. O povo daqui dá ânimo para continuar no meio deles. As amizades, o sossego e o clima de cidade pequena favoreceram sua permanência”.

Contudo, sentem falta de algumas coisas do Líbano. Eles sentem saudade da vida social do Líbano, tinham os parentes, vizinhos e amigos. A vida social é mais rica. “Lá é normal tomar café na casa do amigo, do vizinho. Eles gostam de conviver, conversar, comer juntos. Tem que comer o que oferecem, caso contrário, é desrespeito. Os libaneses insistem para a pessoa comer e beber. O café deve ser feito na hora, jamais esquentado.”

O casal também diz que “tentam trazer as coisas da sua cultura para o Brasil, misturando com as daqui”. Para eles, o progresso é feito dessa maneira. Mesmo que Chafic e Chadia tenham saído de seu país por conta de guerras, conseguiram encontrar a felicidade e o progresso em Guará.

Youssef Georges Moussa, “Zezinho”

Filho de Georges Youssef Moussa com Badiha Mtanios, Youssef Georges Moussa, o popular Zezinho, chegou ao Brasil ainda bebê, com quase 4 meses de idade. Em dezembro de 1954, chegou no colo de sua mãe ao Porto de Santos, em um navio de origem italiana chamado Sarta, que fora utilizado na 2ª Guerra Mundial e, posteriormente, adaptado para viagens. O traslado demorou 30 dias. Vale destacar a audácia deles em cruzarem o mundo, saindo do Oriente Médio com destino ao Brasil.

Zezinho conta que vieram ao Brasil em busca de melhores condições de vida. Ele relata que eram pobres, não tinham expectativas no Líbano. Plantavam para comer e sobreviver, aravam terra em um pequeno terreno. Um dia almoçavam, outro jantavam. A vida não se desenvolvia. Um dia, seu pai estava nervoso e seu avô perguntou o motivo da raiva de seu pai, e este disse que era por conta da vida que não progredia. Diante disso, seu avô falou para ele ir ao Brasil, assim como vários outros libaneses já haviam feito.

O pai de Zezinho, Sr. Georges, mandou uma carta aos parentes que aqui estavam e acabou vindo morar no Brasil também. Chegaram em uma época de prosperidade, o agronegócio já era desenvolvido, a

industrialização pulsava nos grandes centros e o comércio era uma atividade rentável.

Inicialmente, o jovem Zezinho e sua família ficaram na casa do tio do pai dele, chamado Felipe Moisés. Seu pai, Georges, trabalhou durante um ano na empresa Cartonagem Saturno, que era propriedade do tio que os acolheu em sua casa. Na época, trabalhavam na fabricação de caixas e embalagens de papelão. Mas a cidade grande não era para eles, então Felipe Moisés os levou para o interior do Estado de São Paulo.

Quando chegaram em Guará, ficaram na casa do senhor Zac Tannous, que era primo de Georges. Na primeira noite da família aqui na cidade, foram convidados para uma reunião na casa dos Bechara — uma família antiga e tradicional de Guará — onde conversaram e jogaram baralho. Georges era analfabeto e de origem humilde, mas tinha uma imensa vontade de crescer na vida.

Por já possuírem parentes em Guará e pelo fato da cidade ter uma vasta colônia libanesa, Felipe abriu um armazém para Georges em Guará. Mas Georges era analfabeto e precisava ter noções básicas de escrita e matemática para administrar o negócio, bem como necessitava de saber conversar em português. Diante disso, Felipe colocou um professor para alfabetizar Georges, chamado Munir, um jovem garoto de ensino médio. Munir ensinou a Georges as operações básicas e algumas noções de escrita e comunicação.

No começo, Georges foi tapeado algumas vezes em seu armazém, pois não sabia se comunicar em português e possuía dificuldades nas negociações. Mas com o tempo, ele foi se aperfeiçoando. Em casa, conservaram vários costumes, a família conversava em árabe, degustava comidas típicas e preservou traços referentes ao modo de vida libanês.

Após terem ganhado um dinheiro com o armazém com venda de roupas, alimentos e objetos, resolveram voltar ao Líbano no ano de 1967. A ideia de Georges era de permanecer no seu país de origem, juntamente com sua família. Diante disso, Georges, sua esposa Badiha Mtanios e seus filhos Youssef (Zezinho), Nagib e Badi retornaram ao Líbano.

Zezinho relatou alguns percalços antes da volta ao Líbano. “A viagem já estava marcada, mas, um mês antes de partimos, ocorreu a Guerra dos Sete Dias. Tivemos que remarcar, conseguimos voo só três meses depois. Fizemos escala em Frankfurt (Alemanha) e descemos

no aeroporto de Beirute, capital do Líbano. Depois meu pai alugou um taxi e fomos para a aldeia em Safinete, local de origem da família. Ficamos um mês na casa do meu tio e, posteriormente, construímos uma casa em um terreno nosso.”

“Mesmo assim, a vida no Líbano continuava sem progredir, meu pai comprou um carro e trabalhou como taxista, mas o empreendimento não deu certo. Pensou em montar um granja, mas desistiu. Pensou em comprar um armazém em Trípoli, o homem que estava vendendo o armazém era amigo dele e colocou o bem à venda justamente para voltar ao Brasil. Ele disse ao pai de Zezinho: Georges, as coisas não estão funcionando, vou voltar para o Brasil, volta também”. Diante disso, a família desistiu da vida no Líbano e voltou ao Brasil após uma estadia de quase dois anos no país de origem.

Em Guará, dentro dos limites da realidade, a vida prosperava. Georges reabriu o armazém e seus filhos o ajudavam com as entregas. O fornecedor passava com os produtos e, segundo Zezinho, “vários contratos eram verbais, vendiam fiado e renegociavam a dívida. Tudo funcionava na base da confiança”.

“Na época, a economia de Guará girava em torno do algodão. A vida era simples. O tio Felipe Moisés, que instalou o armazém aqui, sempre vinha de São Paulo para fazer negócios comerciais e nos visitar. Era um homem rico, trazia mercadoria para fornecer na região e, de vez em quando, mandava roupas e alimentos para meu pai dar aos fregueses. Quando vinha aqui, também fazia campanha para o político Adhemar de Barros. Era ‘adhemarista’ roxo.

Foi nesse contexto guaranaense em que Zezinho se desenvolveu. Ele estudou, fez supletivo e faculdade de química industrial. Coursou química industrial por conta de alguns conselhos de seu amigo Abboud. Formou-se em julho de 1984. Viajava todos os dias para Ribeirão Preto, ajudava seu pai no armazém e, em janeiro de 1984, entrou no estágio da Elekeiroz, indústria de fertilizantes agrícolas.

Após o término de sua graduação, foi contratado pela Elekeiroz, onde trabalhou por dez anos e oito meses. Depois trabalhou oito meses em uma empresa de fertilizantes em Batatais, mais oito meses na Usina Alta Mogiana e teve duas passagens na empresa Águas de Guará, trabalhando com tratamento de água e esgoto.

Em relação à adaptação da família de Zezinho no Brasil, vale ressaltar que eles não tiveram tantas dificuldades, com exceção da

língua. Sobre a religião, é importante dizer que eles, no Líbano, professavam a fé Católica Maronita, e aqui se adaptaram ao Catolicismo Apostólico Romano que, segundo Zezinho e sua família, são bem semelhantes.

Ademais, reuniam-se na casa dos libaneses para jogar *tarnib* (um jogo de baralho), faziam café árabe e conversavam. Em relação à alimentação, várias das comidas com as quais eles eram acostumados a comer no Líbano também tinham aqui, como coalhada, trigo e leite, só a lentilha que era mais difícil de achar, mas, quando Georges viajava para São Paulo, trazia para a família. Eles continuaram fazendo, em casa, pratos tipicamente libaneses, a exemplo de quibe, esfiha e tabule.

Mas eles também se acostumaram com a cultura brasileira. Adaptaram-se ao arroz e feijão, gostam do acolhimento do povo brasileiro, que é “muito humano e acolhedor”, na visão de Zezinho. Ele gosta do jeito do brasileiro, de música sertaneja, festa do peão, circo, cinema e futebol. Inclusive comentou que “os libaneses de Guará eram bons de bola”.

Em relação ao Líbano, ele gostava do clima, das estações bem definidas, das montanhas e das comidas. E disse que seu pai sente falta dos amigos, dos costumes e do modo de vida. Mesmo assim, são apaixonados pelo Brasil. Para Georges, pai de Zezinho, “não existe um país igual ao Brasil”, isso mostra o quanto nossa terra é especial e acolhedora.

Zezinho tem o mesmo pensamento de seu pai, ama Guará. Ele casou com Vera e tiveram dois filhos, Kássio e Guilherme. Kássio comenta que “a primeira geração de libaneses que chagaram em Guará não era tão chegada na cultura brasileira, eram mais focados nos próprios costumes. A segunda geração começou a participar. Já a terceira, que corresponde a dele e a de seu irmão, integraram-se completamente à sociedade.

Por fim, Zezinho destacou que os libaneses contribuíram para a formação de Guará, tendo sucesso nas atividades comerciais, educacionais, políticas e esportivas. Também considera importante o fato dos brasileiros terem legado ótimos hábitos e costumes a eles, como futebol, festas típicas e, principalmente, a hospitalidade.

Espanhóis



A imigração espanhola foi imensamente importante para a formação do Brasil, tornando-se o terceiro maior contingente de imigrantes, atrás apenas dos portugueses e italianos. Os espanhóis vieram para o Brasil em diferentes momentos históricos, mas foi principalmente no final do

século XIX e início do XX o auge migratório. Eles vieram, especialmente, para o Estado de São Paulo. Vale ressaltar que, com alguns eventos ocorridos durante o século XX, a exemplo da Guerra Civil Espanhola, vários espanhóis saíram de seu país buscando a sobrevivência. E o Brasil foi um destino bastante procurado.

Os espanhóis realizaram o traslado para trabalhar nas fazendas de café e, posteriormente, auxiliaram no processo de metropolização de São Paulo. No entendimento de Cánovas, “os espanhóis vieram como trabalhadores para desenvolver a nascente economia capitalista brasileira, mas a maioria deles não fez fortuna. Poucos foram os que conseguiram acumular capital, sendo que, nos casos em que isso se fez possível, os espanhóis habitavam a cidade, e não o campo”. Formaram colônias nas fazendas e compuseram bairros operários nos grandes centros, contribuindo com o desenvolvimento do campo e da cidade.

Vimos que os espanhóis exerceram um papel de imenso destaque, sendo fundamentais para a formação do Brasil contemporâneo. No caso de Guará, as famílias Fernandes, Galdiano, Henares, Gonçalves, Gimenez e Cruz são descendentes de espanhóis. Veremos, a partir de relatos extraídos de uma entrevista, o caso dos espanhóis que habitaram nossa querida cidade de Guará:

Eliane Fernandes

Eliane relata sobre os feitos de seus antepassados que vieram da Espanha para Guará. Eles chegaram aqui na primeira década do século passado, não se sabe a data exata, mas as contribuições dos espanhóis

para a nossa cidade foram importantíssimas, principalmente no ramo da construção civil.

A estrutura física do espaço citadino se deve, em grande parte, aos imigrantes espanhóis. O bisavô de Eliane, Afonso Fernandez, contribuiu imensamente para a construção civil de Guará. Afonso trabalhou em várias obras como empreiteiro e construtor: ampliou o prédio da Santa Casa, construiu a Casa da Lavoura e ergueu diversas residências e pontos comerciais que sobreviveram ao tempo.

Afonso Fernandez veio da cidade de Pontevedra, localizada em uma região espanhola denominada Galícia. Nasceu no final do século XIX e chegou em Guará jovem, assim como a cidade, que ainda estava se formando e pertencia a Ituverava. Fernandez saiu da Espanha de navio junto com seus primos. Ao atracarem no Porto de Santos, seguiram caminho para o interior paulista, seus primos ficaram em Ribeirão e ele veio para Guará.

Aqui, destacou-se na função de construtor civil, sempre habitou a zona urbana. Suas obras edificaram não apenas nosso espaço urbano, mas também sua própria vida. Fernandez casou com Nonila, que também era espanhola. Desse casamento, nasceu Eloy, avô de Eliane. Eloy ajudou bastante o pai com as construções, herdando o ofício.

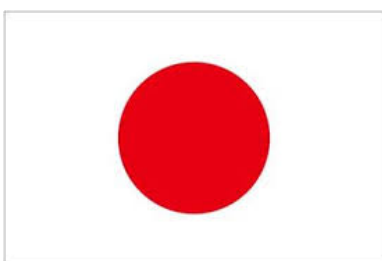
Eloy casou-se com Isabel Zaragoza, descendente de espanhóis. Tiveram três filhos: Eloy (pai de Eliane), José Afonso (construtor civil) e Toninho. Isabel, avó de Eliane, nasceu em 1923 no município de Caçapava-SP e depois veio para Guará. Ela era conhecida na nossa cidade como Dona Espanhola. Era a primogênita de dez irmãos, ajudou na criação de todos eles. Com isso, Isabel contraiu matrimônio apenas aos 28 anos, idade avançada para os padrões da época.

Eliane comentou que o sobrenome original de sua avó Isabel é desconhecido. Quando a família veio da Espanha, o sobrenome adotado no Brasil foi Zaragoza, nome da cidade que habitavam na Espanha. Isso era bastante comum na época. Em relação ao sobrenome “Fernandez”, é interessante mencionar que a grafia espanhola, com “z” no final, foi alterada para “Fernandes”, concebendo uma versão mais “brasileira” ao nome em questão.

Em Guará, a família de Isabel residiu em uma colônia espanhola na zona rural, chamada Santa Terezinha. Conheceu Eloy em Guará, onde constituíram família e desenvolveram suas vidas, levando em consideração os contrastes entre o campo e a cidade.

Com os relatos de Eliane, percebemos que os espanhóis foram extremamente relevantes para a nossa cidade. Além de trabalharem no setor rural, auxiliaram no desenvolvimento do espaço urbano, especialmente na área da construção civil, que continua sendo um ramo bastante próspero. Os espanhóis, assim como os portugueses e italianos, tiveram mais facilidade de adaptação no Brasil, justamente pelo fato de já compartilharem de valores ocidentais semelhantes aos nossos.

Japoneses



A colônia japonesa em Guará é bastante numerosa. As famílias Okubo, Nakano, Takahashi, Yamaguti, Okano, Miura, Eto, Okamoto, Sakurai, Ogawa, Fukushima, Mishima, Suguihara, Hashimoto, Takano, Mine, Tagawa, Takaoca, Rokutan, Shiratuti, Naghia, Onodera, Hirose e Hirasawa são

descendentes de japoneses.

O Japão, a partir de 1968, com a Revolução Meiji, promoveu várias mudanças em sua estrutura política, organizacional e administrativa, iniciando um processo de abertura em relação ao mundo. Nesse contexto histórico, os japoneses que outrora habitavam a zona rural de seu país, foram impulsionados a migrarem para os centros urbanos ou a imigrarem em busca de melhores condições.

O governo brasileiro também exerceu um papel importantíssimo na vinda dos japoneses para o nosso país. Em 1892, ainda nos primeiros anos da República, foi aprovada a Lei nº 97, permitindo a imigração de japoneses. Essa lei ainda previa a abertura de embaixadas e a possibilidade de celebração de tratados comerciais entre ambos os países.

A diplomacia japonesa foi favorável à vinda dos japoneses ao Brasil. O serviço de imigração foi cedido à iniciativa privada, e essas companhias trabalhavam intensamente na publicidade, vendendo a ideia de que o pé de café era a "árvore de ouro, colhê-lo era uma tarefa fácil e o imigrante rapidamente enriqueceria e voltaria ao Japão". E, em 1908, os primeiros japoneses pisaram no Brasil.

Mas a realidade não era bem essa. Eles enfrentaram diversos desafios, não dominavam o idioma e tiveram que lidar com uma cultura extremamente distinta. Durante a Segunda Guerra Mundial, os japoneses — assim como os alemães e os italianos — sofreram alguns prejuízos sociais no Brasil, visto que o Japão apoiava o Eixo, integrado também por Alemanha e Itália, enquanto o Brasil estava do lado dos Aliados, compostos por Reino Unido, França, EUA e URSS. Uma série de leis prejudicou a comunidade nipônica: houve o fechamento de escolas, associações civis e clubes esportivos fundados por japoneses. Perderam a liberdade de associação e tiveram alguns bens e propriedades confiscados durante a guerra.

Apesar desses percalços, os japoneses impactaram o Brasil em inúmeros aspectos. São considerados os “deuses da agricultura”. O principal legado da colônia japonesa é a modernização agrícola. Eles vieram de um lugar onde produziam muito em um espaço minúsculo para um vasto e fértil território. No Brasil, vasto e de território fértil, desenvolveram a agricultura de forma irretocável, inclusive em Guará, o que veremos de forma específica nos próximos capítulos.

Os japoneses, além de serem verdadeiros prodígios na agricultura, são eficazes no setor de serviços, na saúde e na educação. A disciplina é um traço marcante do povo nipônico. Dito isso, vamos relatar as histórias dos japoneses que residem em Guará:

Setuko Mishima “Dona Silmara”

Dona Silmara, aos seus 80 anos de idade, comenta sobre várias passagens de sua vida enquanto filha de imigrantes japoneses. Ela relata que seu pai, Tadashi Mishima, veio do Japão como filho do seu próprio irmão (tio de Silmara), pois os japoneses, por conta da legislação brasileira, só podiam vir casados e, no caso dos menores de idade, com os pais. A mãe de Silmara, Yoshiko Mishima, chegou aqui aos dezesseis anos e estabeleceu residência no Paraná.

Tanto Tadashi quanto Yoshiko chegaram ao Brasil na mesma época, por volta do ano de 1935. Ambos vieram em busca de melhorias, e a imagem do Brasil era de um país repleto de oportunidades. Os pais de Silmara eram de origem humilde, mas aqui conseguiram viver dignamente. Tadashi trabalhava na máquina de

arroz do Fukushima e Yoshiko era dona de casa, cuidava dos afazeres domésticos e dos oito filhos.

Alguns filhos do casal Mishima tinham nomes japoneses e portugueses a fim de manter a tradição e facilitar o convívio na sociedade brasileira ao mesmo tempo: Tadashiro (Alfredo), Tadatoshi (Mário), Tadanori (Gilberto), Tadaioki (Valter), Eushitaka (Paulo), Setuko (Silmara), Sílvia e Eliana.

Sobre a vida de Silmara, é importante mencionar que ela nasceu em Guará e, ainda criança, foi com sua família para Ribeirão Preto, onde morou em uma fazenda até os oito anos de idade. Durante essa época, ela cursou a primeira e a segunda série do ensino fundamental, período escolar conhecido naquele tempo como “grupo”.

Quando voltaram para Guará, moraram em uma casa com quintal grande. “Meu pai trazia lenha e os filhos a organizava no quintal. Tinha duas hortas. De manhã, a gente aguava a horta, os canteiros e lavava o galinheiro. Era nossa obrigação pegar as folhas do pé de caju que caíam dentro da horta. Tudo isso tinha que ser feito antes de ir para a escola”, lembra Silmara.

“Quando chegava da escola, onde hoje é o Helena Telles, trocava de roupa e almoça junto com a família. Depois tínhamos que fazer a lição passada pela escola, aguar a horta de novo e catar as sujeiras. Ainda tínhamos que arrumar lenha para esquentar a água para tomar banho. A gente jantava cedo e era depois da janta que todo mundo tomava banho. Os mais velhos ficavam para lavar a louça da janta e ensaboavam as roupinhas dos mais novos. Era tudo muito regrado e organizado, cada um com sua função.”

A disciplina era algo fundamental para a casa, tinham que deixar o chinelo e os demais objetos nos seus devidos lugares, sem bagunça. Não havia muita conversa na casa, a mãe passava as ordens e eles cumpriam. A família não tinha o costume de conversar muito, era uma vida voltada aos afazeres diários com doses de perfeição.

Após o falecimento do pai, Silmara morou dos dezesseis aos dezoito anos em Ribeirão Preto, na casa do tio. Dois de seus irmãos também foram com ela para Ribeirão Preto. Mário ficou na mesma casa que Silmara, foi ser relojoeiro na loja da prima. Já Alfredo mudou-se para a casa de um fotógrafo chamado Myasaka, o objetivo era aprender o ofício. Com a morte do pai, precisaram desenvolver uma profissão e ganhar o necessário para a sobrevivência.

Os demais irmãos ficaram em Guará com a mãe, Gilberto e Valter trabalhavam na algodoeira dos Nakano. Aos dezoito anos, Silmara também voltou para sua cidade natal. Casou-se com Agenor e, após seu matrimônio, sua mãe mudou-se para Ribeirão Preto de forma definitiva.

No final da entrevista, Dona Silmara comentou que sua família se adequou facilmente aos costumes brasileiros. Sua mãe quase não fazia comida japonesa, ela criou os filhos como brasileiros, não aprenderam muito a língua japonesa nem os costumes. Ela preparou os filhos para viverem no Brasil, conversava em português com as crianças, raramente falava algo em japonês.

Entretanto, mantiveram vários dos costumes e hábitos japoneses. Podemos destacar o cuidado com as plantas e o cultivo de hortas, ou seja, a harmonia com a natureza. Esse é um traço milenar da cultura japonesa. Ela disse que esse contato direto com a natureza foi passado de geração em geração, sendo algo que faz parte do modo de vida dos japoneses.

A vida em Guará trouxe prosperidade à família Mishima. A combinação entre oriente e ocidente equilibrou na balança os pesos da tradição e do progresso, trazendo várias alegrias a Silmara, uma costureira aposentada que atualmente aproveita o sossego e a paz oferecida por Guará, lugar onde se desenvolveu juntamente aos seus familiares.

Assaka Sakurai

Dona Assaka, cidadã conhecida em todo o município por conta das suas contribuições no ramo da educação, comenta sobre a vinda de seus pais ao Brasil, os motivos da mudança e o contexto histórico japonês na época da imigração. Também fala sobre sua vida enquanto filha de imigrantes sua e carreira como professora de Geografia e diretora de escola.

Os pais de Assaka saíram do Japão em 1938, enquanto a Segunda Guerra Sino-Japonesa estava em curso. Massami e Yoshi Sakurai, logo após se casarem, vieram para o Brasil, aos seus vinte e dezoito anos de idade, respectivamente. Guerras e péssimas condições econômicas motivaram a vinda do casal, que buscava por oportunidades.

“A viagem durou 52 dias, cruzaram o Índico e o Atlântico de navio. Passaram pelo subcontinente indiano e cruzaram o sul da África até

chegarem ao Brasil. Muitos morreram no navio. Naquela época, os doentes eram embrulhados e arremessados no mar. As condições no navio eram precárias, havia pouca comida e ainda eram alimentos que não tinham costume de comer, dormiam em lugares ruins e faltava higiene.”

Pelo fato de só ter vindo sua família nuclear, Dona Assaka nunca soube o que é ter avó, avô, tia, tio e primos. Acabou perdendo o contato com aqueles que ficaram no Japão. No Brasil, fortaleceram ainda mais a união da família, tendo um ao outro para se apoiar.

Seus pais vieram para o Brasil justamente por conta das propagandas feitas sobre nosso país, que era apresentado como um mar de oportunidades. Além disso, as leis nacionais que favoreciam a entrada dos japoneses foi um fator crucial. Desse modo, chegaram em Santos em 1938, trinta anos após o início da imigração japonesa.

Dona Assaka diz que seus pais “ao chegarem no Porto de Santos foram para a hospedagem em São Paulo, onde hoje é o Museu da Imigração. Pegaram o trem e foram para a fazenda Santa Cruz colher café, localizada nas proximidades de Igarapava. Trabalhavam nos cafezais e na plantação, às vezes nasciam mamão e beldroega, que eles aproveitavam e comiam”.



Japoneses na rizicultura guaranaense

O filho mais velho de Massami e Yoshi, Massahiro, nasceu nessa fazenda. Depois o casal mudou-se para o distrito de Pioneiros (na época chamado de Bacury), compraram um pequeno sítio e plantaram café. Assaka e Eduardo nasceram em Pioneiros. Ela contou que, naquela época, seu irmão mais velho a levava juntamente com Eduardo ao Rio Sapucaí, onde avistavam uma bela paisagem e se divertiam.

Tudo parecia organizado para a permanência da família no sítio, mas houve um contratempo. Uma geada dizimou a plantação de café de Massami. Diante dessa situação, a família resolveu morar na cidade de Guará, onde o pai de Assaka montou um armazém. Os filhos ainda eram bem jovens e, em Guará, a família se desenvolveu ainda mais e estreitou os laços com a colônia japonesa.

Dona Assaka comentou que na cidade a colônia japonesa era bem ativa. “Havia uma festa típica chamada *Undokai*. A colônia se reunia, fazia jogos, competições e confraternizava. Tinha jogo das crianças, das mulheres e brincadeiras dos homens. Isso era feito em uma fazenda, pois precisava de espaço para a realização das atividades. Em 1960, a comunidade japonesa inaugurou o Kaikan, clube nipo-brasileiro onde reuníamos com os demais japoneses que moravam em Guará. A colônia também chegou a montar times de futebol e de beisebol. Guará teve um time de beisebol formado apenas por imigrantes e descendentes de japoneses.”

Dentro de casa, seus pais conversavam em japonês entre eles e com os filhos. Quando Assaka foi para a escola, estava respondendo as tarefas apenas em japonês, devido ao fato do idioma ser ensinado em casa. Vários dos costumes foram conservados, a exemplo de hábitos, língua, culinária e modo de vida.

Seu pai sabia escrever nos três alfabetos japoneses. Além de lavrador, era poeta. Em 1987, Massami Sakurai, após ter concorrido com quase 30 mil japoneses no concurso de poesia Kakai Hajime, importantíssimo evento promovido pelo Palácio Imperial, foi premiado pelo Imperador Hirohito. Sua poesia denominada “Árvore” fazia parte de uma seleção, Massami conseguiu resumir todo o seu sentimento e vida em apenas 31 sílabas, misturando os três alfabetos japoneses. Esse estilo de poema, chamado *tanka*, possui regras pré-estabelecidas e é escrito em um papel próprio. Ele ficou cerca de

quatro meses para elaborar essa poesia, não pôde ir receber o prêmio das mãos do Imperador devido à doença de sua esposa.

Massami sempre gostou de ler e escrever. Assinava um jornal japonês (São Paulo Shimbun) e a Folha de S. Paulo. Ele aprendeu português na prática, por conta própria. Após criar seus filhos, vendeu seu armazém para se dedicar aos cuidados de sua esposa, que estava acamada e mal de saúde devido a um problema de coluna. Massami cuidava carinhosamente dela, assim como do jardim repleto de flores, árvores e frutas e, claro, fazia poesias.

Massami foi um homem diferenciado. Recebeu prêmio do Imperador Hirohito, foi entrevistado pela revista Globo Rural e era lavrador, comerciante e poeta. Um grande exemplo para a comunidade japonesa da nossa cidade e para todos os cidadãos guaraenses.

Dona Assaka diz que seus pais sentiam falta do modo de vida japonês, das tradições, dos familiares e das idiossincrasias de sua terra natal, principalmente sua mãe. A adaptação de seu pai foi melhor, ele se naturalizou brasileiro, trabalhou bastante e agarrou as oportunidades oferecidas por nossa cidade.

Um fato curioso a ser destacado é que Massami e Yoshi eram budistas e mantiveram-se fiéis à sua religião até o fim da vida. Mas, morando no Brasil, preferiram batizar os filhos na Igreja Católica, alegando que a doutrina cristã faria com que as crianças se integrassem de uma forma mais natural na sociedade brasileira. E, realmente, isso foi comprovado na prática. Dona Assaka sempre foi ativa na Igreja Católica, participando de missas, celebrações e ajudando em quermesses. Seus pais enxergavam a religião como um fator capaz de integrar as pessoas na comunidade.

Dona Assaka foi educada tanto na cultura japonesa quanto na brasileira. Esse equilíbrio entre a ordem do oriente e a liberdade do ocidente fez com que ela se desenvolvesse imensamente como pessoa e profissional, tornando-se uma respeitada cidadã.

Como japonesa, sempre valorizou a educação, mostrando na prática que esta é capaz de transformar vidas. Antes de se tornar professora, ela estudou em Guará da primeira até a oitava série, cursou o ensino médio em Ituverava e graduou-se em Geografia pela UNESP, no campus de Rio Claro. De início, pensava em ser enfermeira, mas um professor, o ilustre José Geraldo Evangelista, despertou sua paixão

pela Geografia, influenciando positivamente a jovem Assaka na escolha da profissão.

Após a formatura, começou a dar aula em Brotas e depois voltou para Guará. Morando aqui, viajou a região para lecionar Geografia, trabalhando em escolas localizadas em Orlândia, Guaíra, Miguelópolis e São Joaquim da Barra. Depois de adquirir bastante experiência na sala de aula, prestou concurso para diretora de escola, inclusive exerceu esse cargo durante vários anos no “Helena Telles”.

A história de Dona Assaka e de sua família é fonte de inspiração para nós. Seus familiares cruzaram dois oceanos, enfrentaram várias novidades e tiveram que se adaptar a uma civilização completamente distinta. Mesmo com essas dificuldades, conseguiram construir uma vida pautada na dignidade, combinando ordem e liberdade, tradição e progresso. Organicamente, ajudaram na construção da cidade que temos hoje, nos legando diversos valores positivos.

Imagens cedidas por Dona Assaka:



Casamento de Yoshi e Massami Sakurai. Japão, 1937



Japoneses na Colheita de Arroz. Guará, 1939



Escola Rural para filhos de japoneses. Guará, 1935

Portugueses



A imigração portuguesa começou com a chegada de Pedro Álvares Cabral, em 1500. Com exceção dos índios, que já estavam aqui, os portugueses foram os primeiros estrangeiros a adentrarem no território brasileiro. Inicialmente, os portugueses que vinham para o Brasil eram

membros de uma elite que estava interessada em realizar investimentos no setor açucareiro a fim de obter lucros. Além disso, Portugal decretou, por meio de leis, uma espécie de migração forçada. O intuito era de povoar o território colonial e, com isso, cristãos-novos chegaram ao nosso país fugindo de perseguições religiosas.

Os cristãos-novos eram judeus que haviam sido expulsos de Portugal e Espanha devido à primazia do caráter religioso dos Estados Nacionais Ibéricos, os quais tinham o catolicismo como um alicerce fundante. No Brasil, os cristãos-novos — termo designado aos judeus que se converteram ao cristianismo — utilizaram nomes de animais, árvores, profissões e demais aspectos da natureza como sobrenome, a exemplo de Oliveira, Nogueira, Pereira, Leão, Coelho, Cordeiro, Figueiredo, Ferreira, Rocha e etc. Eles precisavam obter uma nova identidade e buscar oportunidades onde hoje é o Brasil.

No século XVIII, além da elite portuguesa ter continuado seus investimentos no Brasil, portugueses das camadas menos abastadas vieram em busca de trabalho. Já no século seguinte, principalmente com a chegada da Corte Portuguesa em 1808, mais portugueses vieram residir no Brasil, país que, contando com a presença da Família Real Portuguesa, teve outra projeção.

Mas o período que a imigração realmente nos interessa é a partir de meados do século XIX, momento em que houve a ascensão da economia cafeeira. Nesse período, também ocorreram algumas mudanças em Portugal, pode-se destacar o crescimento da população portuguesa, o excedente de mão de obra no campo e a mecanização agrícola, fatores que levaram pequenos proprietários rurais e

camponeses ao empobrecimento. Nessa época, os portugueses que vieram para o Brasil eram, em sua grande maioria, de origem humilde e estavam buscando uma vida digna nos cafezais e nas cidades.

Em Guará, os descendentes de portugueses são as famílias Cravo, Cerveira, Corrêa, Lopes, Gabarra, Silva, Santos e Souza, além de todos os cristão-novos. Veremos, agora, os relatos de uma descendente de portugueses:

Hilda Branco Alves

Dona Hilda, aos seus 83 anos, relata sobre sua vida e, principalmente, a respeito da imigração de seus pais. No ano de 1922, o casal Manoel e Isaura, junto com o filho Fernando, deixaram a pequena vila de Febres, pertencente ao município de Cantanhede, e vieram ao Brasil em busca de oportunidades. A ideia inicial de Manoel era passar um tempo aqui, a convite do amigo Chico Português, para ver se se adaptava, mas gostou tanto que nunca mais foi embora.

Quando saíram de Portugal, o país estava um verdadeiro caos. Guerra civil, incertezas políticas e inflação marcavam o conturbado momento lusitano. Desse modo, resolveram tentar a sorte no outro lado do Atlântico. Ficaram um mês e quinze dias dentro do barco, uma viagem difícil, complicada e cansativa. Faltam palavras para descrever as condições do navio.

Chegando ao Porto de Santos, vieram para a zona rural de Guará. Manoel “matava um leão por dia”, a vida era demasiadamente difícil. Trabalhava de lavrador nas fazendas e também fazia serviços com madeira. Manoel já tinha 34 anos, era casado e pai de família, precisava sustentar todos os seus filhos. A família crescia ano após ano, algo costumeiro na época.

O casal teve dez filhos: Luiz, Fernando, Tonico, Nego, Paulo, Messias, José, Hilda, Zica e Lourdes. Com exceção de Luiz que ficou em Portugal e de Fernando que veio ainda criança, os demais nasceram em Guará. Eles ajudavam o pai na labuta diária, trabalhavam apanhando café e algodão e faziam outras atividades campesinas.

Dona Hilda diz que “moraram sempre nas fazendas localizadas em Guará. Ficavam entre oito e nove meses em cada uma e, após a colheita, iam para outra”. Contudo, principalmente com o alargamento da família, Manoel deixava Isaura cuidando dos filhos e

movia-se em direção às fazendas de Guará buscando serviço para sustentar a família. Devido a essa necessidade, não acompanhou de perto o crescimento dos filhos, estava sempre trabalhando.

Nessa falta de tempo, acabava registrando seus filhos bem após o nascimento. Dona Hilda conta que todos os seus irmãos possuem o dia do nascimento e o dia do registro no cartório. A data do aniversário não bate com a do registro. Isso era bastante comum na época, devido à precariedade em termos logísticos e administrativos.

Apesar das dificuldades, a família portuguesa era bastante unida. Eram espíritas e reuniam-se todos as noites em volta da mesa para rezar. A culinária também era um fator que reunia a família, eles tinham o costume de comer bacalhau com batatas e de tomar vinho, alimentos tradicionais em Portugal. No âmbito educacional, Manoel, por ser um homem letrado, alfabetizou todos os filhos.

Dona Hilda comenta que, no final da vida de seu pai, ele infelizmente viciou em álcool, mas sempre ensinou o correto aos filhos. “Era um homem bravo e enérgico, de poucas palavras e muita ação. Um homem de palavra, muito honesto e que cumpria seus compromissos. Ele era tão certo que uma vez achou um dinheiro na linha do trem e guardou a carteira até aparecer o dono. Comunicou o juiz e as autoridades locais. Ficou um ano guardada. O dono da carteira não apareceu e, após um ano, prescreveu. O juiz autorizou e meu pai usou o dinheiro para comprar roupas para os filhos.”

Por fim, ela relatou que seu pai “amou o Brasil de corpo e alma, foi muito acolhido aqui, os fazendeiros faziam muita conta dele”. E foi aqui na nossa querida cidade de Guará que a família Branco prosperou, os descendentes de Manoel trabalharam, constituíram família e se desenvolveram enquanto pessoas. Os maiores legados deixados por Manoel, segundo Dona Hilda, foram a honestidade e a fé em Deus.

A história desses imigrantes portugueses é uma lição de perseverança. Com trabalho árduo e fé conseguiram superar os momentos difíceis, encontrando, em Guará, a felicidade e a beleza da vida.

Alemães



A imigração alemã teve seu início no século XIX. Seguindo a mesma tendência dos demais imigrantes que vieram ao Brasil, estavam em busca de melhores condições de vida no campo e na cidade. Mas o caso alemão possui uma peculiaridade: quando eles vieram para o Brasil,

ainda não existia a Alemanha enquanto um país unificado, o processo de unificação estava em curso, e o cenário da região era, claramente, belicoso.

Chegando ao Brasil, observa-se que uma parcela de alemães foi direcionada ao Estado de São Paulo para atuar nas lavouras cafeeiras do Oeste Paulista e em algumas embrionárias unidades fabris que surgiam nos grandes centros paulistas. No espaço citadino, os alemães desempenharam serviços tipicamente urbanos, auxiliaram no desenvolvimento do comércio, na produção de manufaturados e se tornaram profissionais liberais.

Todavia, os imigrantes alemães não tiveram o Estado de São Paulo como foco de habitação. O Império do Brasil, em seus planos de ocupação do território brasileiro, deslocou os alemães para o Sul do país, visando consolidar a ocupação brasileira na região fronteiriça da Bacia do Prata, uma vez que havia tensões geopolíticas naquele local.

Os colonos alemães, independentemente se estavam no Sudeste ou no Sul, buscaram ampliar suas terras e conservar a cultura germânica. O resultado dessa disposição foi a edificação de colônias tipicamente alemãs, caracterizadas pela manutenção de tradições, costumes e hábitos germânicos. Outro fator importante era a elevada taxa de natalidade nessas colônias, o que gerou vários descendentes de alemães no Brasil ao longo dos séculos XIX e XX.

Em Guará, segundo o cronista Romeu Franco Ribeiro, “as famílias Holler e Fischer representam a colônia alemã. A primeira com o trabalho de panificação e agricultura, a segunda com a tradição do plantio de café e amendoim, sem esquecer o artesanato de vassouras caipiras”.

Rogério Fischer

João Fischer, bisavô de Rogério, veio da Alemanha para o Brasil. Estima-se que ele tenha nascido no final do século XIX e chegado em Guará com aproximadamente 20 anos de idade. Aqui, casou-se com Amábilis Populim e comprou um sítio de 10 alqueires, sendo sete agricultáveis. Contudo, não se sabe como ele chegou em Guará, não há muitas informações a respeito de sua imigração, pois além dos alemães serem mais fechados e quietos, João faleceu precocemente, aos 32 anos, vítima de tétano. Com isso, não temos tantas informações.

João deixou seis filhos e a esposa. Seu filho mais velho, Paulo, com apenas 12 anos de idade, tornou-se arrimo de família, ajudando sua mãe a criar os irmãos no sítio localizado no Barro Preto. Foi uma verdadeira batalha, não foi nada fácil, mas os Fischer conseguiram vencer.

Paulo, substituindo a figura do pai ainda muito jovem, teve uma árdua tarefa. Mas essas dificuldades fizeram com que ele vencesse na vida. Após essa fase bastante desafiadora, Paulo casou com Elzira Ilza Tizziotti e teve três filhos, José, Ciló e João Luís. Com seus alqueires, conseguiu produzir bens agrícolas e criar os filhos, sendo um verdadeiro exemplo de pessoa para eles. Quando seus filhos casaram, ele deu uma casa para cada um. Posteriormente, com a morte de Paulo e de sua esposa, dona Zizinha, o sítio foi vendido, mas as memórias continuam vivas na mente de seus descendentes.

Neto mais velho de Seo Paulo, Rogério Fischer formou-se em Jornalismo em Londrina, onde ficou por 34 anos. Começou a carreira na Folha de Londrina, até hoje considerado o melhor jornal do Paraná, no qual atuou como repórter, redator e editor. Foi editor-chefe de O Diário do Norte do Paraná, em Maringá, e atuou como *free lancer* de O Estado de S. Paulo. O irmão dele, Luís Henrique, profissionalizou-se como jogador de futebol e posteriormente formou-se em Agronomia e atualmente toca o escritório de representação de adubos e sementes com o pai. Casada com João Batista Ribeiro, Maria Aparecida (Ciló) teve o filho Emerson, gerente geral da CEF em Sertãozinho. E do casamento de João Luís com a ituveravense Vera nasceu Mônica, que trabalha na Caixa em Guará.



Paulo e Elzira

Italianos



Nos capítulos anteriores, destacamos bastante os motivos da imigração italiana, principalmente no que diz respeito ao *boom* da imigração no Brasil devido a fatores estruturais, a exemplo do enfraquecimento e posterior término da escravidão e a expansão cafeeira no Oeste Paulista.

Os governantes do Império consideravam os imigrantes da Europa capazes de construir uma nação civilizada e moderna, visto que o velho continente é o berço do ocidente.

Foi nesse contexto que os italianos entraram no Brasil. Grande parte dos imigrantes que chegaram em nosso país são italianos. No início do período republicano, elevou-se ainda mais a vinda de italianos para o Brasil por conta da expansão cafeeira e da política de imigração que favorecia a entrada de famílias europeias, principalmente italianas.

Embora tenham trabalhado bastante nos cafezais, é importante mencionar que os italianos participaram ativamente do processo de industrialização do país, que teve origem em São Paulo. No ano de 1901, 90% dos trabalhadores empregados nas indústrias paulistas eram italianos. Eles ajudaram, de fato, a construir nossa civilização.

Nota-se, até mesmo hoje em dia, uma grande quantidade de descendentes de italianos espalhados no Estado de São Paulo, inclusive em Guará. As famílias guaraenses que levam os sobrenomes Colichio, Migliori, Popolim, Tizziotti, Cherutti, Aceti, Iozzi, Berto, Sicca, Bini, Carbonaro, Bonfante, Fioco, Love, Trevizan, Martorano, Altobeli, Capeletti, Cavalari, Nicolella, Napoleão, Criaezi e Dornelas descendem de italianos.

Júlio Bini

Os bisavós do Dr. Júlio, Pasquale Bini e Vittoria Bini, vieram da Itália para o Brasil no crepúsculo do século XIX, época em que vários imigrantes de origem italiana chegaram para somar em nossas terras. Aqui, foram chamados pelos nomes “Paschoal” e “Vitoria”. O casal desembarcou no porto de Santos, no dia 14 de outubro de 1899 e, após a tradicional estadia na hospedaria do Brás, chegaram a São José da Bela Vista, onde trabalharam em uma fazenda de café. Naquela cidade, nasceu Antônio Bini, avô do nosso entrevistado.

Após dois ou três anos de estadia em São José da Bela Vista, a família resolveu retornar para a Itália, pois a realidade brasileira não estava correspondendo às expectativas. Sendo assim retornaram para o local de origem, a cidade de Petra Bona, na região da Toscana. Por lá, viveram quase quinze anos.

Com o passar dos anos, uma grave situação ocorreu, devastando a Itália. eclodiu a Primeira Guerra Mundial, evento que assolou as nações europeias entre os anos de 1914 e 1918. Nesse ínterim, a família Bini retornou ao Brasil. No dia 9 de março de 1916, desembarcaram novamente no porto de Santos e, desta vez, estabeleceram-se em Guará. Outro motivo que pressionou o retorno da família foi a questão do alistamento militar no exército brasileiro, uma vez que alguns filhos de Paschoal e Vitoria haviam nascido em terras brasileiras.

Antônio, em 1921, fez o alistamento militar e tinha um endereço de residência na Fazenda Rio Verde Maria, localizada em Guará. Na nossa cidade, a família Bini se desenvolveu nos mais variados aspectos da vida humana. Tiveram descendentes, empreenderam e auxiliaram na construção de Guará.

Paschoal e Vitoria tiveram sete filhos: Aristides, Raul, Rafael, Élide, Adelina, Antônio e o conhecido maestro Arthur Bini, sendo este um

dos principais responsáveis pelo desenvolvimento da música na cidade de Guará. Antônio, cuja descendência nos interessa bastante no momento, casou-se com Clorinda Migliori. Um dos filhos desse casal, Rolando Bini, que casou com Maria de Lourdes Sandoval, é o pai de Júlio. Dessa união, também originou Vanda, Rosângela, Silvana, Aparecida Maria, Rolando Júnior, José Antônio e Adalgisa.

O Dr. Júlio Bini é médico em nossa cidade e casado com Rosângela Schorck, descendente de alemães e proprietária da Escola Infantil Arco-Íris. Na nossa conversa, eles também comentaram que os italianos desempenharam um importantíssimo papel no desenvolvimento guaraense. Além do maestro Arthur Bini ter sido o “fundador” da música em Guará, a família Bini teve padaria, torrefação e olaria, ou seja, auxiliaram no comércio, no processo cafeeiro e na construção civil.

A olaria merece bastante destaque aqui nessa análise. A maioria das casas antigas foram construídas com os tijolos e telhas da olaria Bini. Desse modo, é válido dizer que os italianos ajudaram na construção de vários aspectos e instituições de Guará. Hoje em dia, há descendentes de italianos atuando nos mais variados setores da sociedade guaraense, a exemplo do Dr. Júlio, que exerce a medicina em Guará. Assim como os demais imigrantes, os italianos contribuíram demasiadamente para a evolução de Guará.

Capítulo 5

Fatos entrelaçados

Após vermos a respeito dos imigrantes que fizeram morada em Guará, voltaremos nossas atenções ao desenvolvimento da nossa cidade, abordando fatos referentes às primeiras décadas do município. Nesse capítulo, entenderemos a importância da família dos fundadores, o panorama político da cidade e a maneira com que os eventos históricos de grande relevância, a exemplo da derrocada da República do Café com Leite, da Revolução Constitucionalista de 1932, da Era Vargas e da Segunda Guerra Mundial, impactaram a vida dos cidadãos. Além disso, vale destacar o modo em que os guaraenses viviam nesse momento bastante turbulento, a interação da população e as contradições entre o rural e o urbano.

Todos esses fatos entrelaçados possuem sentido histórico. Embora possam parecer, em um primeiro momento, distante da realidade guaraense, o leitor verá no decorrer das próximas páginas que há profunda conexão desses eventos com a realidade guaraense.

O Papel dos Fundadores

Com o declínio do ciclo do ouro e da exploração desse minério, várias famílias saíram de Minas Gerais e migraram para São Paulo em busca de terras férteis para o plantio de café, algodão e demais produtos agrícolas. A ascensão da economia cafeeira durante o Segundo Reinado impulsionou a vinda para o Oeste Paulista, inclusive das famílias fundadoras de Guará que, posteriormente, chegaram à nossa região.

Como nos ensina novamente o cronista Romeu Franco Ribeiro, “Mata das Alagoas era o nome da antiga fazenda em cujas terras floresceram a nossa cidade - berço dos Ribeiro, Santos, Paula, Calazans e Figueiredo”.

Durante o Império do Brasil, Antônio Ribeiro dos Santos, por ser um homem bastante influente, recebeu das autoridades uma sesmaria. Diante disso, a área que hoje se estende de Guará a

Igarapava passou a ser controlada por ele, que recebeu o título de Capitão nesse ínterim. O processo foi totalmente legalizado, as terras onde Guará está localizada não foram apossadas com base na violência nem na ilicitude, deram-se com base na lei. Isso é um orgulho para nós!

Graças aos esforços do Capitão e de seus descendentes, o caminho de Guará começou a ser pavimentado. Ele foi casado duas vezes e teve dezoito filhos. Seu filho Lindolfo Ribeiro dos Santos e seus genros Cristino de Paula e José Pedro de Figueiredo (Zeca Nogueira), casados respectivamente com suas filhas Ana e Maria Vitória (Totóia), que eram primas dos rapazes, são considerados os “pais fundadores” de Guará, mas devem bastante aos feitos do Capitão.

Nesse período histórico, era bastante comum haver casamentos consanguíneos a fim de manter as posses e bens nas mãos das mesmas famílias. Com isso, os descendentes dos primeiros Ribeiro, Santos, Calazans, Paula e Figueiredo acabaram tornando-se parentes. O casamento, muitas vezes, funcionava na espécie de um acordo político, e dessas uniões entre marido e mulher nasciam dezenas de filhos. O Capitão Antônio Ribeiro dos Santos, por exemplo, casou-se duas vezes e teve dezoito filhos.

Em entrevista com a cidadã guaraense Guta Ribeiro, bisneta do Capitão Antônio Ribeiro dos Santos, ela afirma que “na época era comum ter várias crianças na vida matrimonial, e que todos os descendentes — filhos, netos, bisnetos e sobrinhos — deram estrutura para Guará, possibilitando o desenvolvimento da cidade nas mais variadas áreas possíveis”.

Um grande exemplo foi o Dr. Jahyr de Paula Ribeiro (1922-1977), pai de Guta. Ele estudou medicina em Curitiba na década de 1940 e, enquanto estudante e Presidente do Diretório Acadêmico, ajudou no processo de federalização da atual Universidade Federal do Paraná (UFPR), tendo seu nome marcado na história dessa importantíssima instituição de ensino. Após a conclusão da graduação, exerceu sua profissão em cidades paranaenses e em Ribeirão Preto. Foi um guaraense que, mesmo tendo levantado voo, retornou à sua cidade de origem, pois a amava. Aqui, continuou exercendo a medicina e contribuiu para causas políticas e sociais.

Dr. Jahyr teve um papel fundamental para o progresso de Guará. Fundou o Rotary Club na cidade, que começou a funcionar em 1969, proporcionando ganhos culturais e sociais para Guará. Ele também

criou a função de guarda noturno e cuidava do Centro de Saúde, teve consultório médico e atendia as pessoas nas casas e nas fazendas. No ramo educacional, vale mencionar que ele foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) de Ituverava, onde hoje vários guaraenses fazem cursos de graduação.

Na política, ele também teve destaque. Em 1968, foi o vereador mais votado e assumiu o cargo de Presidente da Câmara Municipal de Guará. Sua ascensão na política e influência na sociedade fizeram com que concorresse no pleito de 1972, no posto de vice-prefeito do Dr. Urbano de Andrade Junqueira. Mas a chapa acabou sendo derrotada (ver capítulo 6).

Dr. Jahyr, assim como vários outros descendentes dos fundadores, contribuiu em demasia para a nossa cidade. Aos 55 anos, foi vítima de um câncer que o levou ao óbito precocemente. Todavia, o legado deixado por ele permanece, assim como de seus padrinhos.

Voltando aos fundadores, é importante destacar os feitos de José Pedro de Figueiredo, o popular Zeca Nogueira e sua esposa, Totóia, que era madrinha do Dr. Jahyr. Segundo Guta Ribeiro, provavelmente Nogueira era o sobrenome de algum antepassado de Zeca, por isso era conhecido assim, mesmo que não o tinha em seu registro. Na época, era complicado registrar em cartório, e a Igreja batizava apenas com o nome, deixando o sobrenome à deriva.

Zeca Nogueira foi um célebre personagem da história guaraense. Nasceu em 1860 no Carmo da Franca (antigo nome de Ituverava e Guará) e faleceu em nossa cidade no dia 21 de dezembro de 1942. Ele era muito bom para fazer negócios e, durante sua vida, conseguiu ampliar as terras, inclusive doou uma área para a fundação de Guará.

Casado com Maria Vitória dos Santos (Totóia), filha do Capitão Antônio Ribeiro dos Santos com Hipólita Figueiredo, herdou parte das fazendas da família, denominadas Laje e Mata das Alagoas, onde se praticava pecuária e outros negócios do gênero. Zeca e Totóia não tiveram filhos, então doaram vários de seus bens, inclusive uma das porções de terra onde Guará foi formada.

Totóia era uma mulher bastante generosa e caridosa. Atuou diretamente nas causas sociais de Guará. Foi a fundadora do Roupeiro de Santa Rita, pois fazia questão de doar enxoval para crianças de famílias carentes. Doou terrenos ao município, em 1931, para a futura construção dos conhecidos bairros Vila Maria e Vila Vitória, sendo estes

denominados dessa maneira em homenagem a ela. Totóia também deu parte de sua herança para a igreja, o que ajudou a sustentar a Paróquia São Sebastião e Santo Antônio durante muito tempo.

Outros descendentes do Capitão Antônio Ribeiro dos Santos, a exemplo do casal Adolfo e Esther, doaram, em 1968, o terreno para a construção da Casa da Criança, instituição que funciona até os dias de hoje, servindo de creche para várias crianças guaraenses.

Algo curioso é que vários dos bisnetos do Capitão se destacaram na política e na sociedade guaraense. Marco Aurélio Migliori e Chiquinho Iozzi foram prefeitos de Guará, o Dr. Arthur Antônio teve bastante destaque no processo da Comarca e o Dr. Romeu Franco Ribeiro contribuiu imensamente para a cultura de Guará, coletando dados históricos e escrevendo para jornais a respeito de eventos e pessoas da cidade.

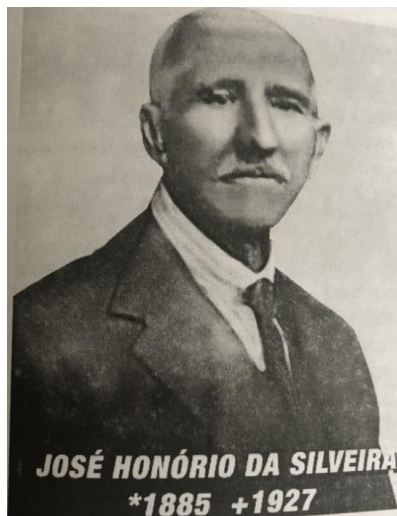
A família dos fundadores desempenhou um papel crucial na construção de Guará, o que pode ser vislumbrado no passado e atualmente. Sempre estiveram dispostos a auxiliar no desenvolvimento da cidade, mesclando tradição e inovação. Essa participação se estendeu para todas as áreas da sociedade civil.

O Início da Política no Município

Nosso progresso político de maneira autônoma e independente foi possível graças à emancipação, em 1925. Guará deixou de ser distrito de Ituverava por conta de ações de cidadãos que não mediram esforços para a municipalização de Guará. Nesse processo, é importante lembrar dos feitos do Capitão José Honório da Silveira, considerado o “patrono da emancipação”.

Nas palavras de Dr. Romeu Ribeiro “grande era o respaldo político de José Honório da Silveira na capital, sobretudo com o Deputado Federal Dr. Altino Arantes, com o Deputado João de Faria, com Senador Antônio Lacerda Franco e com o Presidente do Estado de São Paulo, Carlos de Campos”.

“Nascido em Franca em 1885 e falecido em Guará, no dia 22 de janeiro de 1927, seu grande momento na política foi quando, pouco antes de morrer, deixou nossa cidade e disse: vou  capital e s retornarei com Guará emancipada. Ele fez tudo por amor  causa, jamais precisando dos cofres públicos para se promover ou administrar sua riqueza. Ele tinha um patrimônio considerável, sendo proprietário da Fazenda Cachoeirinha.”



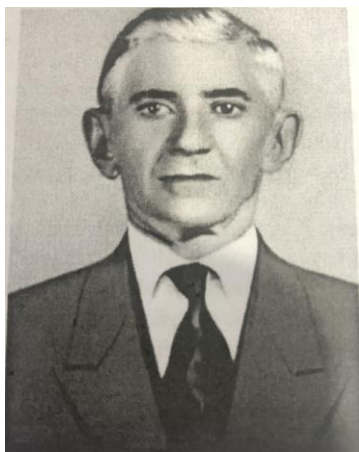
Para a emancipação, nosso patrono contou com o apoio de grandes guaraenses da época, os quais tornaram-se políticos e desempenharam influentes papéis na sociedade. José Honório da Silveira contrariou as vontades de Ituverava e, embora seja uma figura controversa, concedeu independência e autonomia a Guará.

Guará, na categoria de município, começou a ter eleições para Prefeito e Vereadores. Contudo, no início da nossa formação política, várias eleições foram indiretas e, em alguns casos, os representantes até eram nomeados por políticos que ocupavam um cargo maior na hierarquia da Federação. Isso se deveu às constantes conturbações que perturbaram o final da década de 1920 e todos os anos de 1930.

Em 1926, tivemos nosso primeiro prefeito, Bráulio Villar Horta. Logo após os foguetes, as comemorações que marcaram nossa emancipação política, ele assumiu a Prefeitura de Guará em uma época na qual havia um misto entre coronelismo e democracia, sendo esta uma característica marcante da República do Café com Leite.

Sobre a vida de Bráulio, é importante dizer que a família dele é originária de Sergipe e passou por Minas Gerais até chegar a São Paulo. Vieram morar em Ituverava no início do século passado. Em Ituverava, o jovem Bráulio era auxiliar de farmácia de um de seus tios, Miguel Villar, mas logo abandonou esse serviço por conta de alguns desentendimentos com o tio.

“Tempos depois”, escreveu Romeu Franco Ribeiro, “casou-se com Maria de Lima, filha do Capitão João de Lima, logo tiveram o primeiro filho, Mozart de Lima Horta, em 1917. Por influências políticas, foi residir na cidade de Ibirá para exercer as funções de Tabelião de Registros Cíveis. Nesta época, nasceram mais dois filhos, Othos e Cleso. Ibirá era uma cidade pequena, palco de rivalidade política onde questões se resolviam a tiros. Bráulio renunciou a seu cargo diante da pressão política. Afinal de contas, se ele ficasse de um lado, poderia morrer; se ficasse do outro, o mesmo poderia ocorrer.”



Bráulio Villar Horta

Foi aí que Bráulio veio parar em Guará, então distrito de Ituverava, onde comprou a Farmácia São Pedro, tornando-se inquilino de Inhozinho, que era filho do Capitão Antônio Ribeiro dos Santos. Em Guará nasceram suas duas filhas, Vilma e Maria.

Nessa época, Guará tinha apenas dois mil habitantes e estava em processo de emancipação. Mas a emancipação precisava ser votada pela Câmara Municipal de Ituverava e sancionada pelo Prefeito da cidade. O sogro de Bráulio, João de Lima, influente cidadão ituveravense político, tabelião e Capitão da Guarda Nacional, disse que aceitaria a emancipação de Guará, desde que seu genro fosse nomeado ao cargo de Prefeito do novo município. Bráulio tornou-se o primeiro Prefeito da história de Guará devido à influência de João de Lima, que pressionou os nobres vereadores da nossa cidade a elegerem seu genro ao prestigioso cargo, tendo Inhozinho ocupado o cargo de Presidente da Câmara.

“Na situação de Prefeito, Bráulio ficou apenas um ano. Uma mera ofensa mexeu com os brios daquele cidadão”, prossegue Dr. Romeu. “O Capitão José Honório da Silveira, pessoa influente na política regional, era um tradicional sonegador de impostos. Quando chegou a época do pagamento do imposto do carro de boi, manteve seu costume. Tendo em vista seus interesses políticos, Bráulio pagou de

seu próprio bolso a dívida do Capitão. Para surpresa, o Capitão se irritou, dizendo que não pagaria e que não tinha mandado ninguém pagar. Com isso, Bráulio renunciou.”

Após o curto governo de Bráulio, a instabilidade política marcou Guará durante alguns anos. Além de ser um município embrionário, onde a aura política e social ainda estava em formação, vários foram os eventos que contribuíram para a instabilidade da nossa cidade, a exemplo de revolução, golpe, ditadura e guerras. Para vocês terem uma ideia, na primeira década do município, Guará manteve uma média de quase um Prefeito por ano, algo extremamente prejudicial para o andamento estável e ordeiro da política.

Mesmo diante desses entraves, no ano de 1929, devido ao esforço dos guaraenses Zeca Nogueira, Fidelis Martorano, Vicente Nicolella e Dario Simões, Guará teve uma grande conquista, a Casa dos Idosos. Essa instituição existe até os dias de hoje e abriga dezenas de idosos que não possuem condições financeiras ou de saúde para manter uma residência própria. Nesse local, a dignidade humana é proporcionada aos idosos.

Nesse mesmo ano, contudo, um evento de proporção mundial causou danos à economia brasileira. A Crise de 1929, que teve origem com a quebra da bolsa de valores americana, desencadeou efeitos terríveis para o Brasil. Pelo fato de vários países terem “quebrado”, diminuíram as importações de café, levando à queda do valor do “ouro verde”. A economia brasileira, por sua vez, dependia da venda do café para o exterior, e com menor demanda e preços baixos, nosso sistema econômico entrou em colapso. E como já foi dito, a dinâmica econômica de Guará estava fortemente ligada ao café.

Além dos prejuízos financeiros causados pela Crise de 1929 ao nosso sistema econômico, esse evento foi fundamental para uma grande alteração nas instituições de poder do Brasil, acabando com um acordo político que já durava mais de 30 anos, a conhecida oligarquia do “café com leite”, pacto pelo qual paulistas e mineiros se alternavam na Presidência da República a fim de salvaguardarem a produção cafeeira voltada à exportação.

A crise e os desentendimentos políticos nas eleições nacionais colocaram fim no projeto de poder da oligarquia cafeeira, que já sofria pressões e contestações de alguns grupos urbanos e das oligarquias

de outros Estados, que almejavam o controle político do Brasil, a exemplo da sul-rio-grandense, de onde veio Getúlio Vargas.

Com a Revolução de 1930, as demais oligarquias regionais brasileiras interromperam as décadas de domínio paulista e mineiro. Segundo Boris Fausto, “a Revolução de 1930 tratava de criar as condições para a rápida expansão do capitalismo no Brasil, o qual vinha sendo travado pelo completo domínio do Estado exercido pela oligarquia cafeicultora, voltada ao agronegócio, ao latifúndio e às exportações”.

Todavia, quando Vargas assumiu o poder em 1930, golpeando a oligarquia do café com leite, ele não rompeu com o setor cafeeiro. Mesmo propondo a industrialização do Brasil, ele sabia que o capital industrial dependia do capital cafeeiro. Além disso, São Paulo já possuía uma indústria nascente, a exemplo do complexo empresarial e fabril de uma poderosa família de origem italiana, os Matarazzo.

Vargas, em seu “Estado de Compromisso”, buscava atender os interesses de vários grupos e setores econômicos sem se subordinar a nenhum deles. Ao mesmo tempo que incentivou a industrialização, realizou a Política de Defesa do Café, atendendo aos interesses dos cafeicultores paulistas. Todavia, centralizou essas medidas políticas, deixando a oligarquia paulista sem poder decisório em relação ao café.

Nessa perspectiva intervencionista do governo federal, aliada a uma ideia de realocação das oligarquias regionais no jogo de poder, Vargas retirou o prestígio político dos cafeicultores paulistas no cenário nacional, o que trouxe, de início, várias desvantagens para os municípios paulistas.

A instabilidade política de Guará nos primeiros anos da municipalização, comentada anteriormente, deveu-se, em parte, à drástica mudança ocorrida no cenário e nas instituições políticas do Brasil. Com Vargas no governo, o poder de decisão saiu das mãos dos latifundiários paulistas. Já os mineiros, com o tempo, viraram de lado.

Vargas, embora tenha focado na industrialização e modernização econômica do país, protegido os trabalhadores urbanos e inserido outras regiões brasileiras no escopo político, ele fez isso de maneira autoritária, anulando a Constituição de 1891. Ele ditava as próprias regras, nenhuma lei limitava o poder em seu Governo Provisório.

“Em 11 de janeiro de 1931, com a presença do Promotor de Justiça da Comarca de Ituverava, Dr. Cláudio Manoel Romeiro, foi empossado

o 5º Prefeito Municipal de Guará. A nomeação foi por ato do Interventor Federal do Estado de São Paulo, que optou pelo cidadão José Mendonça para suceder Agostinho Martins do Valle. Este, não podendo comparecer ao ato de transmissão do cargo, foi representado pelo Sr. Manoel Alves Júnior, seu amigo particular. Tivemos, então, na pessoa do Sr. José Mendonça o último prefeito da República Velha”, lembra Dr. Romeu.

Os paulistas, que nunca toleraram opressão política, ficaram horrorizados com o autoritarismo de Getúlio. O Brasil estava sem Constituição e entregue ao arbítrio! Mas os paulistas, inconformados com essa situação, tentaram restaurar a democracia e a letra da lei.

Revolução Constitucionalista de 1932

Sim, a Revolução Constitucionalista de 1932, um dos maiores eventos da história brasileira, chegou até Guará. Tenho certeza que você vai querer saber mais sobre isso!

Antes de falar da “fase guaraense”, pretendo esclarecer ao leitor no que consiste esse acontecimento. Na época, São Paulo tinha dois partidos políticos majoritários, o PRP (Partido Republicano Paulista), representado pelos construtores da República do Café com Leite, e o PD (Partido Democrático), que havia apoiado a Aliança Liberal, grupo formado por Vargas que aplicou o golpe de 1930. Mas nesse momento, o Estado de São Paulo estava sob chefia do tenente João Alberto Lins de Barros, indicado por Vargas. Seu sucessor, após várias negociações, foi o também tenente e militar Manuel Rabelo.

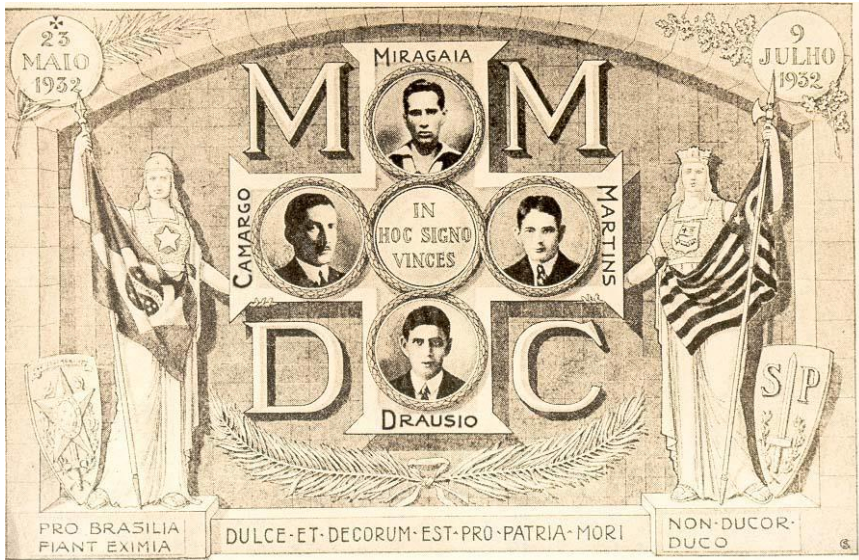
A divergência entre os projetos políticos dos paulistas e dos tenentes era clara. Nossos antepassados lutaram por uma Constituição, que devolveria o caráter democrático ao país, enquanto a aliança de Vargas queria a ordem por meio do arbítrio, da violência e da ditadura. Diante disso, em 1932, o PD, outrora apoiador de Vargas, rompeu com ele. Aproximou-se dos antigos rivais e, com o PRP, formou a Frente Única Paulista (FUP), instituição que se tornou porta-voz das reivindicações de constitucionalização para o Brasil e de autonomia a São Paulo. Além disso, a FUP começou a organizar um movimento armado contra o Governo Provisório de Vargas.



Paulistas pegam em armas, 1932

Os ânimos dos paulistas estavam exaltados! No dia 23 de maio de 1932, ocorreu na cidade de São Paulo uma manifestação contra o governo de Vargas, quatro jovens foram mortos em um confronto com as forças governamentais. A morte de Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo foi o ingrediente que faltava para a revolução estourar, o surgimento de mártires. Utilizando a inicial do nome de cada um, formou-se o MMDC, grupo interessado na derrubada de Vargas.

O MMDC despertou o espírito democrático dos paulistas. No lendário dia 9 de julho de 1932, estourou a Revolução Constitucionalista, liderada pelo General Isidoro Dias Lopes. São Paulo se posicionou contra o autoritarismo do governo federal, e a revolução contou com amplo apoio de diversos segmentos da sociedade paulista, uniu as camadas médias, os industriais e os cafeicultores.



MMDC

Os paulistas viveram um esforço de guerra durante os poucos meses de duração do conflito. Muitas famílias ricas, na chamada campanha “Ouro para o bem de São Paulo”, doaram joias e bens para sustentar a revolução. O parque industrial paulista também se mobilizou, voltando a produção para as necessidades do confronto, como equipamentos e armas.

Em Guará, José Franco da Silveira exercia o cargo de Prefeito em meio a transição da República Velha para a Era Vargas. Na Revolução, as tropas federais vieram por Minas Gerais, e a divisa entre os estados era demarcada pela ponte metálica da linha férrea sobre o Rio Grande. As tropas vieram tomando as cidades da divisa até chegar em Guará. Quando o exército de Vargas chegou nas proximidades de nosso município, José Franco da Silveira pegou os livros do orçamento público para entregá-los ao oficial encarregado pelas tropas de ocupação. A intenção era a de entregar o cargo de Prefeito. Mas o oficial não quis que ele entregasse, mesmo o prefeito sendo favorável aos revolucionários paulistas. Desse modo, José permaneceu no cargo até arrumar uma pessoa para colocar em seu lugar. Posteriormente, quem assumiu a Prefeitura foi Deodato Nunes Muniz, que também era guaraense e a favor de São Paulo.

São Paulo lutou sozinho contra o governo federal, claramente as possibilidades de vitória eram pequenas, mas os paulistas lutaram por uma causa nobre. “Em 1º de outubro de 1932 foi assinada a rendição que pôs fim à Revolução Constitucionalista. Enquanto os principais líderes tiveram seus direitos políticos cassados e foram deportados para Portugal, o general Valdomiro Lima – gaúcho e tio de Darcy Vargas, mulher de Getúlio – era nomeado interventor militar em São Paulo, cargo em que permaneceria até 1933” (FGV, 2021).

“Se, do ponto de vista militar, os paulistas saíram derrotados do movimento de 1932”, anota a mesma fonte, “o mesmo não se pode dizer em relação à política e à economia. São Paulo continuava a ser o principal fornecedor de divisas do país, num quadro de crise econômica mundial e de queda do preço do café no mercado internacional. Assim pressionado, o Governo Provisório manteve a política de valorização do café, comprando e retendo estoques, além de permitir o escalonamento das dívidas dos cafeicultores, entre outras medidas” (FGV, 2021).

A Revolução Constitucionalista teve um olhar voltado para o passado e outro para o futuro. A bandeira da constitucionalização, segundo Boris Fausto, “abrigou tanto os que esperavam retroceder às formas oligárquicas de poder quanto os que pretendiam estabelecer uma democracia liberal”. Embora São Paulo tenha saído derrotado da guerra, a disposição paulista demonstrou que o governo federal jamais poderia ignorar a voz do nosso povo.

A luta pela constitucionalização não foi em vão! As consequências desse evento fizeram com que Vargas, em seu Governo Provisório, convocasse uma Assembleia Nacional Constituinte alguns meses após o término da Revolução Constitucionalista. Em 1934, a Constituição foi promulgada, restaurando o Estado de Direito no Brasil, ou seja, a democracia, a liberdade e o império da lei. Direitos civis, sociais e individuais estavam salvaguardados.

Vários guaraenses auxiliaram na revolução. Em nossa praça central, denominada Praça Nove de Julho justamente por conta desse fato histórico, está fixado um monumento homenageando os guaraenses que deixaram seus lares em busca de um Brasil melhor. Felizmente, todos voltaram vivos do conflito. Os nossos conterrâneos Arthur Afonso Bini, Atílio Gomes de Mello, Américo Migliori, Haley Henares, João Nogueira “Zico”, Joaquim Dias dos Santos, José

Nogueira Reis, Manoel Rodrigues, Mário de Paula, Mathusalem Carvalho Silva, Nilo Conceição, Olímpio de Souza, Renato Amaral Muniz, Valentim Alves da Silva e Vitelbo Nogueira lutaram duramente nessa guerra e hoje honram nossa memória.



Revolução Constitucionalista de 1932

A Revolução Constitucionalista de 1932 nos mostra que uma civilização é construída a partir de persistência, sacrifício, tentativas, erros e acertos, ações as quais edificam a alma de uma cidade no decorrer da história. Mesmo com Vargas no poder, o Estado de São Paulo continuou sendo a locomotiva que move o Brasil. No café, na indústria e agora na constituição.

Guará na Era Vargas

Após a Revolução Constitucionalista de 1932 e seus efeitos, Guará teve um pouco mais de estabilidade política dentro dos limites da realidade factual. Em 1933, a Câmara Municipal de Guará deveria escolher o novo Prefeito da cidade, que sairia de dentro do Legislativo. Na época, sete vereadores compunham a instituição, e estes homens foram os responsáveis pelos votos em uma eleição indireta, visto que o Brasil se encontrava sem uma Constituição.

Uma corrente política queria lançar José Junqueira Meirelles ao cargo, enquanto a outra gostaria de ver outro indivíduo no Executivo. A turma de José Meirelles se reunia em uma farmácia apelidada de “senadinho”, um local que, além de vender remédios, recebia conversas sobre política. No “senadinho”, disseram a José Meirelles que ele deveria votar em si mesmo e, desse modo, seria eleito com maioria simples — nesse caso, quatro votos. Mas ele relutou, disse que seria uma desonra ter que fazer isso para ocupar o cargo de Prefeito.

Ele próprio era a única objeção para sua eleição, por mais contraditório que isso possa parecer. Um candidato do lado apostado de José Meirelles prometeu que votaria nele, mas era apenas uma jogada política. Na hora da eleição, o partido de José Meirelles o convenceu ele sobre a importância de votar em si mesmo. Dito e feito, José Meirelles foi eleito por maioria simples, ou seja, um único voto de diferença, exercendo o cargo entre 1933 e 1937. Ele foi o primeiro Prefeito da história de Guará a cumprir um mandato completo. No cargo, promoveu o início da urbanização de Guará e arrumou os jardins da cidade.

O ano em que terminou o mandato dele coincidiu com o novo golpe de Getúlio Vargas em âmbito nacional. Em 1937, o Presidente do Brasil, que havia sido eleito de forma indireta após a promulgação da Constituição, aplicou o golpe do Estado Novo. Mais uma vez, desrespeitou o conjunto de leis e instituições vigentes no país. A Constituição de 1934, portanto, teve vida curta.

De 1937 até 1945, Getúlio Vargas implementou uma ditadura no Brasil. Ao centralizar o poder de maneira autoritária e populista, retirou toda a autonomia das unidades federativas, gerando malefícios para São Paulo e, conseqüentemente, a Guará. Ele nomeava interventores em todas as regiões do país, o que dificultava o processo político autônomo e independente de estados e municípios.

O poder precisava ser exercido em todo o território nacional, então Vargas escolhia políticos que o apoiavam para governar nas demais esferas do poder. No caso guaraense, as eleições continuaram indiretas, o povo não participava do processo político. Além disso, a equipe de Vargas, por controlar o Estado de São Paulo e todos os demais entes federados, podia colocar e retirar os representantes das instâncias de poder.

De 1938 a 1942, Izalto dos Santos Pereira cumpriu todo seu mandato como Prefeito de Guará. Todavia, após o término da gestão de Izalto, a instabilidade política ressurgiu em nosso município. Isso pode ser comprovado pela recorrente alternância de Prefeitos na época. De 1942 até 1945, os senhores Lincoln de Andrade Junqueira, Algesu Cardoso, Manoel Henares e José de Freitas Barbosa ocuparam o posto de Prefeito sob os auspícios de Vargas.

Guará na Segunda Guerra Mundial

É com imenso prazer que contarei essa história ao leitor! Nossos antepassados, ao participarem da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), reviveram o espírito heróico que habita entre nós. Alguns guaraenses se juntaram às tropas brasileiras e foram à Europa combater o nazi-fascismo.

Antes do Brasil declarar apoio aos Aliados, agrupamento formado por EUA, URSS, Reino Unido e França, diziam que “era mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar na Guerra”, ou seja, manteve-se neutro em relao ao conflito. Mas a história nos mostra que a “cobra fumou” e, em 1942, o governo brasileiro uniu-se aos Aliados, objetivando derrotar o Eixo, composto por: Itália Fascista, III Reich (Alemanha Nazista) e Japão. Essa decisão decorreu do torpedeamento de navios brasileiros por submarinos alemães e por conta da pressão exercida pelos EUA, visto que os americanos são nossos parceiros históricos.

Mais de 25 mil homens compuseram a Força Expedicionária Brasileira (FEB), inclusive alguns guaraenses. As “pracinhas”, termo utilizado para designar os combatentes brasileiros que lutaram na Segunda Guerra Mundial, desembarcaram na Itália a fim de desbancar os ditadores Adolf Hitler e Benito Mussolini, que lideravam, respectivamente, Alemanha e Itália.



Soldado Brasileiro da FEB na Itália, 1944

A cobra fumou! Na convocação, doze guaraenses foram sorteados: Antônio dos Santos Caldas, Paulo Magalhães, Sebastião Barbosa Figueiredo, Gerson Pereira de Souza, Geraldo de Paula Rodrigues, Geraldo Francisco Gomes, Antônio Pereira Lima, Laurindo Ferrato, Valdomiro Gonçalves da Silva, Miguel Salomão, Sebastião de Paula e Silva e Júlio Conceição. Entretanto, apenas nove seguiram viagem.

A Segunda Guerra Mundial foi um dos eventos mais sangrentos da história. O pracinha Sebastião de Paula e Silva morreu a caminho e Antônio dos Santos Caldas sofreu baixa no conflito após lutar bravamente. Mesmo tendo sido hospitalizado e socorrido rapidamente, ele não suportou os graves ferimentos. Foi derrubado em uma batalha para ter seu nome cravado na história da nossa cidade.

Com a vitória dos Aliados e a consequente queda das ditaduras que compunham o Eixo, os pracinhas voltaram ao Brasil e foram recebidos como verdadeiros heróis de guerra. Eles cumpriram uma nobre missão, lutaram contra o totalitarismo a fim de salvaguardar os valores que estruturam nossa civilização. Ao auxiliarem diretamente na vitória dos Aliados, foram cobertos pela glória eterna.

Guará no Estado Novo

Durante o Estado Novo (1937-1945), ou seja, na época da ditadura de Vargas, nossos prefeitos foram todos nomeados e tiveram governos curtos, interrompidos antes da hora pelo Interventor do Estado. No dia 24 de junho de 1938, o cidadão Izalto dos Santos Pereira tomou posse e recebeu o cargo do então Prefeito José Junqueira Meirelles. Izalto foi nomeado por Dr. Adhemar de Barros, Interventor Federal do Estado de São Paulo.

“No dia 22 de fevereiro de 1942, na presença do Dr. Henrique Augusto Machado, Meritíssimo Juiz de Direito da Comarca de Ituverava, foi empossado o Sr. Lincoln de Andrade Junqueira no cargo de Prefeito de Guará. Muitos amigos e políticos participaram da solene posse. De toda região vieram representantes políticos e familiares, sobretudo da importante e numerosa família Junqueira. Teve um mandato difícil, coincidindo com a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.”

Lincoln foi substituído por Algesu Cardoso. De origem baiana, Algesu foi Prefeito quando o “caldeirão do mundo fervilhava”. Vivíamos o clima esfumaçado da Segunda Guerra Mundial e da Ditadura Vargas, sendo esta responsável por obliterar a autonomia e a independência do Poder Executivo Municipal. “Foi um real período de transição para o comando de uma pequena cidade, posto a provas, foi o momento em que Algesu mostrou sua fibra e personalidade.”

Na época de Algesu, “faltava combustível e as opções eram veículos à gasogênio. Também faltavam farinha, açúcar, sal e outros gêneros de igual nível, era o caos”. O Prefeito atuante era o denominador comum a acudir a população, principalmente os mais carentes. Algesu teve Joaquim Telles Netto como seu imediato auxiliar, eles auxiliavam as famílias guaraenses durante a guerra com as conhecidas “quotas específicas de abastecimento”, provendo bens de necessidade básica a todos.

Após Algesu entregar o cargo, o Dr. José Maria Morgade Miranda foi nomeado Prefeito de Guará no crepúsculo da guerra e nos resquícios da ditadura. Ele administrou a cidade em um dos piores momentos da história brasileira. Devido à Segunda Guerra Mundial, os alimentos e produtos essenciais eram escassos. Faltavam açúcar, farinha de trigo, pão e outros alimentos e insumos. Ele deu

continuidade à ação de Algesu, tendo a árdua missão de garantir alimentos a todos os cidadãos através das “quotas”, um modo utilizado para não deixar nenhuma família desamparada.

Um mês após a posse de Dr. Miranda, por motivos desconhecidos, o Sr. José de Freitas Barbosa (Jucão Barbosa) foi nomeado, no dia 24 de novembro 1945, Prefeito de Guarά nos termos do Decreto-lei Federal 8187 e demais preceitos legais vigentes. Vale lembrar que, nesse ínterim, a Constituição ainda não havia sido promulgada, o que abria espaço para esse tipo de acontecimento. Conforme registrado na página 177 do Livro 02 de Atas da Câmara Municipal de Guarά, era para José de Freitas Barbosa exercer o mandato até o dia 3 de dezembro de 1946.

Mas no dia 11 de dezembro de 1945, com menos de um mês de governo, José de Freitas Barbosa, sob determinações do Juiz Humberto de Andrade Junqueira, foi substituído por Manoel Henares, que prometeu ao povo, em seu discurso, “um governo justo e voltado ao bem comum”. Uma de suas ações, nesse mandato tampão, foi a festiva inauguração da iluminação da Praça Nove de Julho, resultado de um projeto iniciado pelo ex-prefeito Algesu Cardoso.

Em maio de 1947, o Prefeito Interino Manoel Henares transmitiu o cargo ao Dr. Nassim Salomão, advogado de origem libanesa. Nassim foi nomeado por Adhemar de Barros a assumir tal cargo a fim de assegurar a ordem política de Guarά para que as eleições pudessem ocorrer normalmente no final daquele mesmo ano. Era uma maneira de Adhemar de Barros projetar seus interesses em Guarά, conquistando aliados e parceiros para a era democrática que surgia após a queda de Vargas.

Transições

Pelo fato do Brasil ter apoiado os Aliados na Segunda Guerra Mundial, tornou-se insustentável a defesa da ditadura varguista no país. Qual seria a lógica de lutar mundialmente contra o autoritarismo e sustentá-lo em seu próprio país? Com isso, a Era Vargas chegou ao fim.

Em 1946, foi promulgada uma nova Constituição Federal, tendo como base a Constituição de 1934, ou seja, com os preceitos que os paulistas advogavam desde a Revolução Constitucionalista. Desse modo, devolveu-se ao Brasil uma Carta Magna que assegurava o

Estado de Direito. Os esforços dos nossos antepassados foram extremamente válidos. Os constitucionalistas e os pracinhas desempenharam papéis fundamentais na edificação da alma da nossa sociedade, estando Guará envolvida diretamente nesse processo. Eles nos legaram a civilização, evitando a barbárie!

A democracia brasileira fez com que a guaraense se desenvolvesse. No final do ano de 1947, os cidadãos guaraenses foram às urnas e, a partir dessa data, começaram a escolher seus representantes políticos. Floresciam a liberdade política, o pluripartidarismo, a imprensa livre e as eleições periódicas. Nesse momento, a cidadania e a dignidade humana davam suas caras por aqui.

A expectativa pelas eleições afluía os ânimos dos cidadãos em um cenário pós-guerra e pós-ditadura. O voto era uma conquista para a população e, inevitavelmente, houve turbulências e divergências durante o período eleitoral. Mas isso pode ser considerado algo benéfico para o florescimento e progresso da democracia.

O momento era de tensão entre situação e oposição. Para o mandato que se iniciava, José Landim foi eleito ao cargo de Prefeito. Para a Câmara, foram eleitos: Leonides Figueiredo Alves (primeira mulher guaraense a se tornar vereadora), Antônio Moisés Filho, Antônio Ribeiro de Paula, Dermeval Antunes de Freitas, Olavo Borges de Assis, Salvador Berto, Theodolino Alves de Oliveira, José Gomes, Antônio Bechara, João P. Carvalho, Felício Costa e Américo Migliori. Desses vereadores, três vieram a ser Prefeitos nos anos seguintes: Felício, Olavo e Américo.



Primeira Câmara Municipal eleita pelo povo após a Ditadura de Vargas

Naquele período, as rivalidades políticas se acirraram. Era uma Guará democrática, plural e próspera, além de repleta de idiossincrasias. Nossa cidade sempre teve vários diferenciais e, em termos políticos, é importante lembrar o leitor que a partir dessa época surge a histórica rivalidade entre dois grupos políticos contrários: “macaúbas” e “pés-rachados”, que será um dos temas do próximo capítulo.

Além da transição política, vale ressaltar um outro tipo de transição. Devido aos investimentos na industrialização do Brasil durante as décadas de 1930 e 1940, a dinâmica econômica da nossa cidade, mesmo estando atrelada ao agronegócio, começou a ser diversificada devido a dois fatores indissociáveis, a industrialização e a urbanização.

Em meados do século XX, o município apresentava um comércio dinâmico e se preparava para a industrialização. Esse processo de mecanização foi importantíssimo para a modernização da agricultura, gerando novos produtos, empregos e renda aos guaraenses. A instalação das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo e da Algodoeira Nakano, sendo a primeira de imigrantes italianos residentes na capital paulista e a segunda de imigrantes japoneses que moravam em Guará, foram essenciais para a ampliação da dinâmica econômica e comercial da cidade.

“Essas duas indústrias atuavam no ramo de compra, venda e beneficiamento de algodão. Também operavam na indústria madeireira, que utilizava a matéria-prima proveniente do desmatamento provocado pela expansão do plantio de algodão.” Guará começou a ter uma perspectiva bastante singular, onde o rural e o urbano se encontravam.

“O crescimento do comércio, vinculado ao processo de industrialização e ao cultivo de algodão, proporcionou o início do desenvolvimento social, econômico e cultural do local. A infraestrutura urbana começou a sua expansão com a construção de uma estação de tratamento de água, redes de água e esgoto, pavimentação urbana, iluminação pública e outras obras de saneamento básico, além de escolas e postos de saúde.”

Foi nesse momento que surgiu a Vila Nossa Senhora das Graças, localizada na lateral da rodovia que nos levava a São Joaquim da Barra. O bairro foi se desenvolvendo e hoje em dia apresenta uma grande importância socioeconômica para a cidade, hospedando comércios e abrigando um grande número de guaraenses.

Com a ascensão do algodão na nossa cidade, o setor urbano foi sendo ampliado gradativamente. Em 1954, com a construção e funcionamento das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo no intuito de beneficiar algodão, casas e comércios foram surgindo em torno dessa unidade empresarial, dando origem ao bairro Vila Matarazzo.

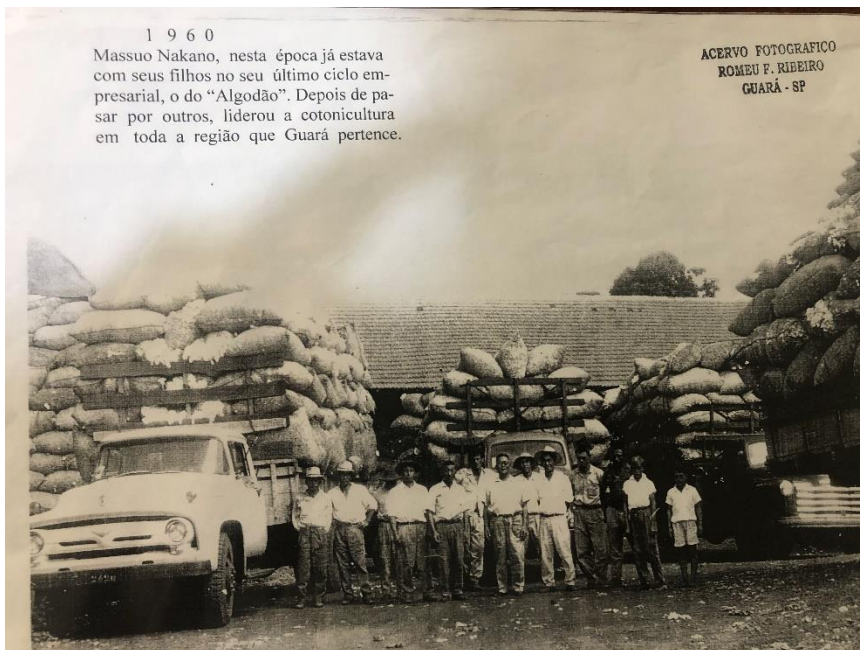
Mas o espaço rural claramente continuou exercendo grande importância, a qual se estende até os dias de hoje. Nas décadas de 1950 e 1960, o milho e o feijão começaram a ganhar relevância na produção agrícola, somando ao algodão, ao café e à pecuária. O desenvolvimento do ambiente rural nesse momento foi possível devido ao progresso tecnológico, a exemplo das inovações no que diz respeito à adubação do solo, à irrigação e à mecanização da agricultura.



Mecanização da Agricultura Realizada pela Colônia Japonesa -
Guará, 1950

Com o boom da cotonicultura (cultivo de algodão), o ex-prefeito Algesu Cardoso foi solicitado para contribuir com seu capital político e moral, a fim de somar ao capital econômico do imigrante japonês Massuo Nakano, de Inhozinho Ribeiro e do Capitão Júlio Marques. “Nessa sociedade anônima, por muitos anos, enquanto foi bom para a cotonicultura, Algesu foi dos diretores mais atuantes, dando de si o melhor dos seus atributos.”

Na época, Massuo Nakano desenvolveu sua algodoeira, gerando serviços na cidade e colocando Guará nos trilhos do progresso. Isso mostra como a persistência e a dedicação dos imigrantes japoneses auxiliaram na construção da nossa comunidade. A interação entre guaraenses, migrantes e imigrantes formou nossa identidade enquanto comunidade.



Algodoeira Nakano - Guará, 1960

O filho de Massuo, Mário Nakano, também foi um dos grandes ícones do agronegócio guaraense e regional. Assim como seu pai, gerou vários empregos na algodoeira, nas empresas e fazendas que possuía. Ao lado do pai, assumiu a responsabilidade dos trabalhos em família nos ramos da agricultura e comércio. Nos anos de 1950 e 1960, viveu seu auge em termos empresariais, assumiu a liderança do agronegócio guaraense.

A família Nakano colocou o setor algodoeiro de Guará no centro do Estado de São Paulo. Nossa querida cidade atingiu uma importância a nível estadual e, posteriormente, a Algodoeira Nakano chegou a realizar até mesmo operações de comércio exterior.

O algodão veio para somar. Nesse período, os guaraenses já produziam café, milho, feijão e desenvolviam a pecuária, mas a presença da algodoeira foi um fenômeno essencial para a urbanização e industrialização da cidade em um momento marcado por transições econômicas e políticas. O município se expandiu bastante nesses anos. A atividade comercial cresceu, bem como a indústria e o agronegócio.

Nesse momento, com a urbanização em curso, os colonos começaram a desaparecer, surgindo, gradualmente, os trabalhadores “boias-frias”. De início, eram pessoas da própria região e, posteriormente, houve fluxos migratórios provenientes da região nordeste. O agronegócio era essencial para Guará.

“Na melhor fase da Algodoeira Nakano, infelizmente valeu na prática aquela famosa máxima: não há bem que dure para sempre, nem mal que nunca termine. No dia 6 de agosto de 1965, um incêndio colocou abaixo todo o complexo industrial gerador de trabalho e bons resultados para centenas de famílias guaraenses. Guará chorou. Mas Mário e seus familiares não cruzaram os braços, foram à luta e refizeram uma nova e moderna indústria de maior produtividade.”

“Como não há bem que dure para sempre, poucos anos depois, a família Nakano, liderada por Mário, foi vítima de uma crise econômica de amplitude nacional. Nesse ‘tsunami econômico’, muitos foram os empresários que precisaram deixar suas atividades para a salvação das partes: fornecedores e industriais.” Com a queda dos Nakano, Guará perdeu muito em termos econômicos, pois vários empregos eram gerados pelo algodão e no entorno dessa atividade. Posteriormente, esse “vácuo” econômico foi preenchido pela empresa Busa, mas em uma lógica e período um pouco distinto do auge da Algodoeira Nakano.

É indispensável, nesse momento marcado por transformações, demonstrar o modo em que as pessoas viviam. Mesmo que o Brasil estivesse se industrializando, vários lugares permaneceram dependentes do agronegócio e diversas pessoas mesclaram em suas vidas os benefícios provenientes do meio rural com os do espaço citadino. Guará é um belo exemplo da interação entre o bucólico e o industrial, uma vez que o *oikos* foi se formando pela intersecção entre os valores vinculados à ruralidade e os princípios da modernidade.

O Distrito de Pioneiros

Por volta de 1890 começaram a surgir as primeiras casas no local já conhecido como Bacury. Nome herdado de uma grande fazenda de terras férteis, envolvendo toda a região que limitava o atual perímetro distrital. Com o passar do tempo, chegaram os trilhos do novo ramal ferroviário da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro e Navegação,

saindo de “Entroncamento”, próximo a Jardinópolis-SP com destino à Uberaba-MG. Era conhecido por Ramal de Amoroso Costa.

A Estação foi inaugurada em 1902 e deu serviços a várias pessoas e famílias que para lá migraram. Era o início de uma vila ao redor da Estação, da Fazenda Bacury. Tal projeto gerou empregos, possibilitando o surgimento de pequenos estabelecimentos comerciais e, conseqüentemente, um aumento populacional.

No final da década de 1940, o lugar foi elevado à categoria de Distrito e o nome foi mudado para Pioneiros. Com apenas uma capelinha e casas de pau a pique, a maioria os moradores sonhava com ruas asfaltadas e água encanada de abastecimento coletivo. Também havia um pequeno posto policial e uma escola classificada como “Escola Rural” onde os alunos cursavam até a terceira série. Para completar os estudos (receber o diploma primário), viajavam de trem até Guará. A opção única, após o ano de 1936, era o Grupo Escolar de Guará – atual Escola Helena Telles.

Na gestão do Prefeito Dr. Urbano de Andrade Junqueira (1956-1959) e também devido aos esforços do vereador Sabino Ferreira Borges, o nosso Distrito de Pioneiros passou a desfrutar de benefícios públicos municipais, como energia elétrica. Isso se deu através do uso de um potente gerador movido a óleo diesel. Dr. Urbano, com apoio do Secretário da Educação e do Governador de São Paulo, conseguiu a construção de um excelente prédio para ser o Grupo Escolar, o qual continua firme até os dias de hoje.

Anos depois, em 23 de junho de 1983, de maneira justa e pelos serviços prestados, este estabelecimento de ensino passou a ser chamado de Grupo Escolar Diamantino Ribeiro Pereira.

Atualmente, Pioneiros conta com serviços de saúde à criança e ao adulto, além de possuir um comércio que oferece atendimentos às primeiras necessidades. No momento, o grande trunfo da população pioneirense é a construção de barragens de hidrelétricas às margens do Rio Sapucaí, bem próximo aos limites do Distrito. Certamente elas trarão “sangue novo” à população do distrito, movimentando o local, ativando o dia-a-dia e a economia do simpático Distrito de Pioneiros.

A Vida em Guará nesse Período de Transição

A maioria dos cidadãos que nasceram e cresceram nesse período vivenciaram as transformações de perto. Viveram na fazenda, na cidade e desempenharam serviços referentes aos dois ambientes. Um exemplo disso é a minha avó, Maria Vitória Dias Nogueira, que nasceu no espaço rural, mas vive há bastante tempo na cidade. Os relatos sobre as vivências dela podem deixar esses fatos mais evidentes ao leitor.

Maria Vitória nasceu em um pequeno sítio cujo proprietário era Joaquim Antônio Batista, seu avô. Embora tenha vivido lá apenas até os cinco anos de idade, possui várias lembranças do local. Ela disse que “no sítio o pessoal trabalhava na produção de melaço, farinha de mandioca, criavam gado leiteiro, faziam farinha, polvilho e já plantavam um pouco de cana-de-açúcar”.

As atividades giravam em torno da produção agropecuária. No engenho, faziam açúcar e rapadura para consumo e comércio. Além disso, Joaquim vendia leite na cidade. Era uma vida totalmente voltada ao campo, desde as atividades econômicas até os princípios.

Aos cinco anos, foi juntamente com seu pai, mãe e irmão morar em uma fazenda de café, onde seu pai conseguiu o cargo de fiscal. A fazenda pertencia a um rico cafeicultor de Ribeirão Preto, mas eram os guaraenses que ali fizeram morada e trabalharam duramente para o desenvolvimento do local. Nessa fazenda havia brasileiros e imigrantes, ou seja, a alma da comunidade guaraense estava sendo formada a partir dessas interações.

Todos os colonos participavam da produção cafeeira de forma ativa. Trabalhavam, interagiam e conviviam, formando laços de afeto e pertencimento social. Nas palavras de Maria Vitória: “Na fazenda, o café era plantado, colhido, lavado, secado e beneficiado. Depois era levado para ser vendido. A fazenda fazia todo o processo do café”.

“Na fazenda, a vida era bem pacata, dormíamos e acordávamos cedo. Foi um tempo bom, tenho boas recordações. Brincava no “terreirão” e nos montes de palha de café. A fazenda tinha luz elétrica gerada pela água e também tinha máquina de beneficiar café. As crianças caminhavam juntas para a escola andando em uma estradinha de chão batido. Entrei na escola sabendo escrever o nome, uma amiga mais velha me ensinou a escrever o nome com tijolo no chão.”

Na fazenda, ela cursou os três primeiros anos da escola juntamente com os demais colonos, desenvolveu amizades e tem ótimas lembranças. Na fazenda ao lado, havia uma Igreja, onde ela fez a primeira comunhão. A vida no campo era repleta de significado, havia afeto e ligação entre os membros da colônia, formando verdadeiros pontos de lealdade.

Todavia, em 1954, mudou com sua família para a cidade de Guará aos seus nove anos de idade. Sua mãe havia conseguido um emprego de servente no colégio onde hoje é a Escola Marechal Rondon e seu pai foi trabalhar no ofício de marceneiro. Na cidade, ela também foi muito feliz. Teve oportunidade de continuar os estudos, fazer magistério e faculdade, ingressando na carreira de professora.

Assim como ela, várias pessoas saíram do campo em busca de melhores condições, uma vez que já havia escolas, empregos públicos e um setor privado emergente. Mas as atividades agrícolas continuaram fortes e desempenhando um papel fundamental para a nossa economia e disposição social.

Naquele tempo, a vida dos guaraenses era marcada, ao mesmo tempo, por fenômenos aparentemente opostos: rural e urbano, bucólico e industrial, tradicional e moderno, guerra e paz. Todavia, esses fatores se encontraram em diversas ocasiões, sendo indispensáveis para as transições e mudanças ocorridas no decorrer do tempo histórico.

No curso dessas transformações, diversos valores e arquétipos foram preservados. O início da industrialização não significou o fim da agricultura, a urbanização não colocou fim na ruralidade e os interregnos entre guerra e paz despertaram o civismo e o senso de dever do nosso povo. As primeiras décadas de existência do município foram, concomitantemente, turbulentas e decisivas para o futuro guaraense.

Os guaraenses participaram de eventos de grande magnitude. Lutaram na Revolução Constitucionalista de 1932 e na Segunda Guerra Mundial, além de terem vivido o despotismo de Getúlio Vargas. Ademais, exerceram o direito ao voto, acolheram imigrantes de várias regiões do globo, instalaram indústrias, ampliaram o comércio, desenvolveram ainda mais o setor agropecuário, urbanizaram o município, construíram escolas e postos de saúde.

O trunfo dos guaraenses foi saber modernizar a cidade sem perder a essência. Em Guará, o rural e o urbano convivem harmonicamente, pois os cidadãos conseguiram preservar as excêntricas do nosso modo de vida ao mesmo tempo que prezavam pelo progresso. Nessa dinâmica, nosso *oikos* foi formado de maneira orgânica, gradual e espontânea, onde compartilhamos, desde essa época, valores comuns e desenvolvemos relações de afeição e lealdade a partir do convívio. Foi justamente em espaços públicos, escolas, igrejas, clubes e associações que os guaraenses aprenderam a interagir livremente e viver em comunhão.

Essa interação entre tradição e modernidade, estando ancorada no respeito pelos feitos daqueles que já partiram, no desejo dos vivos e na preocupação com aqueles que um dia herdarão nosso legado, é algo fundamental para a constituição de uma comunidade próspera. Os guaraenses, após cometerem erros e acertos no curso da história, conseguiram, já nas primeiras décadas do município, edificar a alma da nossa comunidade, revestindo-a com certos valores e virtudes que nos acompanham desde então.

Capítulo 6

Disputas e dilemas políticos

A partir de meados do século passado, é possível notar uma cidade que rumava em direção ao progresso, mesclando tradição e inovação. Nesse capítulo, vamos percorrer os principais acontecimentos referentes às décadas de 1950, 1960, 1970, 1980, 1990 e início dos anos 2000, ressaltando questões como a disputa política entre “macaúbas” e “pés-rachados”, além do dilema político existente no período da Ditadura Militar (1964-1985) e sobre os efeitos políticos da redemocratização para Guará.

Macaúbas e Pés-Rachados

Venha testemunhar um dos períodos mais conhecidos da história de Guará!

Com o fim da Era Vargas, abriu-se espaço à democracia, ao constitucionalismo e ao pluripartidarismo. Desse modo, grupos políticos foram se formando e eleições eram disputadas periodicamente, as quais contavam com a participação ativa da sociedade civil. Após a queda do Estado Novo, vivemos a época da República Populista, havia partidos, rotatividade no poder e diferentes projetos de nação. Cada governante queria agradar a população ao seu próprio modo.

Na República Populista, os valores e instituições políticas do Brasil se aproximaram, em partes, aos dos países ocidentais, uma vez que o sistema democrático era garantido por lei e assegurado por bases liberais. Nesse período, o Brasil foi presidido por nomes como Eurico Gaspar Dutra, Juscelino Kubistchek, Jânio Quadros, João Goulart e até mesmo Getúlio Vargas, que retornou ao poder eleito pelo povo nas eleições de 1950, entre outros Presidentes.

Devido à liberdade de expressão e associação garantida por lei, havia distintos projetos de Brasil, partidos políticos se opunham e rivalidades eram estabelecidas. Essa realidade não se ateve apenas ao

âmbito federal, estados e municípios também foram incutidos nessa lógica. A disputa pelo poder era visível!

Seguindo de maneira orgânica e espontânea o curso desses acontecimentos, a política guaraense foi inserida nesse cenário. Na nossa charmosa cidade, grupos políticos foram cristalizados e algumas lideranças se tornaram verdadeiros ícones da cidade. Em Guará, os principais espectros políticos dessa época foram os macaúbas e os pés-rachados, grupos antagônicos que se alternaram no poder durante décadas e décadas.

Nesse momento, a democracia florescia e, juntamente com ela, as disputas políticas. A existência de partidos politicamente opostos confere sustento ao regime democrático, e a nossa cidade já aderiu a essa perspectiva desde cedo. Durante a República Populista, a democracia guaraense realmente se concretizou e nunca mais foi perdida.

Se pararmos para analisar os países que ancoram nossa civilização ocidental, a exemplo de Estados Unidos e Inglaterra, percebemos que a tradição democrática é um traço marcante dessas nações. Embora a democracia não seja um sistema perfeito, pois obviamente possui lacunas, falhas e até mesmo vícios, continua sendo o regime político mais condizente com a realidade histórica e factual da nossa civilização.

Guardando as devidas proporções relacionadas à magnitude dos fatos e atores, assim como nos Estados Unidos há a rivalidade política entre democratas e republicanos e na Inglaterra existe a incessante disputa entre conservadores e trabalhistas, Guará, durante algumas décadas, foi alvo do antagonismo que envolvia macaúbas e pés-rachados.

Fruto da democracia, a rivalidade entre macaúbas e pés-rachados se acirrava a cada eleição. Como parte do desenvolvimento do ocidente, as disputas pelo poder dentro do regime democrático não podiam faltar, e o espírito democrático dos guaraenses mostrou-se pulsante desde cedo. As eleições na época em que esses dois grupos disputavam o poder foram marcadas por embates, tensões e até mesmo conflitos em algumas ocasiões.

O caso da rixa envolvendo macaúbas e pés-rachados talvez seja uma das maiores idiosincrasias de Guará! É algo tão marcante na nossa história que se tornou reportagem e matéria jornalística, sendo ambas produzidas pela EPTV no ano de 2016. Segue abaixo a reportagem:

“Rixa entre macaúbas e pés-rachados marca história política em Guará - SP. Rivalidade entre partidos teve início em 1950 e foi motivo de atos violentos. Moradores lembram desentendimentos, que diminuíram com o tempo”.

“Quem visita Guará (SP) e se depara com a vida pacata no município de 20 mil habitantes, não imagina que uma disputa entre dois grupos políticos rivais já dividiu a população e motivou conflitos violentos na praça central. A rixa entre “macaúbas” e “pés-rachados” teve início na década de 1950 e se perpetua na memória dos moradores mais antigos. É o caso do comerciante Sahid Elias Antônio que chegou a escrever um livro sobre as memórias”.

“Seu Milim, como é mais conhecido, conta que tudo começou em um comício durante as eleições gerais de 1950. O irmão dele, que era advogado, subiu ao palanque e comparou os correligionários à macaúba, palmeira brasileira cuja madeira é usada em construções rurais. No mesmo discurso, segundo lembra Seu Milim, o grupo opositor foi chamado pejorativamente pelo irmão de “pés-rachados”, uma referência aos trabalhadores rurais menos favorecidos economicamente, que andavam descalços pela cidade”.

“Criou uma rivalidade tão grande que se você era pé-rachado e eu, macaúba, você não entrava na minha loja para comprar alguma coisa. Se cruzava na rua, não cumprimentava. Os macaúbas faziam barba no barbeiro que era macaúba, e os outros, no pé-rachado”, disse Milim”.

“Mas, como toda história tem muitas versões, há quem diga que a rivalidade teve início de outra forma. O aposentado Guilherme de Paula Santos reivindica para sua família a origem das denominações políticas que se eternizaram em Guará”.

“Pé-rachado era a turma que começou, descalça, e os macaúbas vieram da Bahia, depois. Tinha um bisavô meu, da cidade de Macaúba, e o sobrinho dele foi candidato. Foi um pega bom. Os macaúbas sempre vencendo algumas eleições, e os pés-rachados outras”, disse Guilherme.

“Ele lembra que as ruas na cidade eram de terra e os comerciantes se organizaram para contratar um caminhão-pipa, para amenizar a poeira. Entretanto, no meio do quarteirão, o serviço acabou sendo suspenso porque havia uma farmácia, cujo dono era do partido rival. “Tinha briga mesmo, briga séria. Depois de uma eleição que os macaúbas ganharam, Guará foi destruída. O exército veio para dentro da cidade. Os partidos não se misturavam, era como água e óleo”, conta o aposentado.

“Atualmente, não existe mais tanto conflito entre os grupos. Mesmo porque, os “macaúbas” e os “pés-rachados” já não têm mais tanta força política. A rivalidade se tornou história e é dessa forma que continua sendo passada de pai para filho.”

A rivalidade entre macaúbas e pés-rachados auxiliou no desenvolvimento da democracia guaranaense, uma vez que eles disputavam o poder através de eleições, tentavam cativar eleitores e agradar a população. Esses dois espectros estavam incutidos na lógica do populismo e, com isso, visavam angariar o máximo possível de apoio popular, unindo em seus quadros as camadas menos abastadas, as famílias tradicionais, os trabalhadores urbanos e rurais, ou seja, grande parte da população guaranaense estava presente, direta ou indiretamente, nas disputas envolvendo esses dois grupos.

Macaúba e pé-rachado toraram-se, com o passar dos anos, uma questão de identidade. As pessoas falavam orgulhosamente a qual desses agrupamentos pertencia. Era comum ouvir um cidadão guaranaense falar “eu sou macaúba” e outro dizer “eu sou pé-rachado”, essa identidade conferia ao cidadão um certo sentimento de pertencimento e proteção em meio a um cenário bastante polarizado.

Todavia, a rivalidade transcendeu a política. Vários guaranaenses não conseguiram separar as coisas, a ponto de alguns macaúbas e pés-rachados romperem os laços de amizade e fraternidade por conta desse assíduo antagonismo. A política foi incorporada na vida social, pessoal e moral de alguns indivíduos e famílias da época. O exacerbado senso de pertença acarretou em uma verdadeira repulsa pelo adversário, o qual era visto, por alguns, como um inimigo.

Aconteciam fatos bem radicais. Macaúbas e pés-rachados, segundo testemunhos de guaranaenses mais antigos. Evitavam-se nas ruas, nos bares e nos ciclos sociais. Em um determinado momento, a situação se agravou bastante. Se você era macaúba, compraria na loja de um correligionário seu; e se você fosse pé-rachado, frequentaria apenas os estabelecimentos comerciais de seus correligionários.

Assim funcionou a sociedade guaranaense durante décadas. Nossa comunidade foi marcada por uma incessante disputa pelo poder que transcendia a esfera política. Macaúbas e pés-rachados não antagonizavam apenas a cena política, mas também na esfera social como um todo. Era praticamente uma forma de cisão, o embate

deixava de ser político e passava a ser pessoal. Durante o período da República Populista, macaúbas e pés rachados alternavam no domínio do cenário político e social de Guará e, em âmbito estadual, ambos os lados possuíam laço com importantes políticos. Os macaúbas apoiavam Adhemar de Barros, enquanto os pés-rachados estavam com Jânio Quadros.

Já sabemos o porquê do surgimento desses dois grupos políticos antagônicos, fato que está completamente atrelado ao momento histórico do país. Mas o que significa macaúba e pé-rachado? Qual a origem desses nomes? Qual a relação dessas nomenclaturas com o imaginário coletivo da cidade?

Quando falamos sobre esses dois grupos, sempre há controvérsias. Sobre o significado e a origem dos nomes, não podia ser diferente. As denominações macaúba e pé-rachado, na história guaraense, precede a questão política da década de 1950, ou seja, já estavam “escondidas” no imaginário da população guaraense. Consta em relatos que já havia esses “apelidos” bem antes do acirramento político e, quando estabeleceu-se a disputa política, esses nomes foram imortalizados em seus respectivos espectros.

Segundo os macaúbas da época em que a rixa teve origem, o nome em questão se deveu ao fato de “macaúba” ser um tipo de palmeira bastante resistente e repleta de compactos cocos, além de ser útil para diversas ocasiões. A madeira é usada para a construção de casas e móveis, já o óleo do coco serve para produzir sabão, sabonete, margarina e cosméticos. Provavelmente, os macaúbas se intitularam assim por conta da multifuncionalidade e resistência oferecida por essa palmeira. Desse modo, visavam à transposição dessas características para a política.

Os macaúbas também denominaram seus opositores. Estes foram chamados, de forma pejorativa, de “pés-rachados”. O nome se deve ao fato deles se referirem depreciativamente aos trabalhadores rurais desprovidos de riquezas, os quais certamente possuíam os pés-rachados devido aos árduos serviços realizados no campo, ainda mais em uma época que ainda não havia tanta tecnologia, mecanização e equipamentos no campo.

Mas o interessante é que o grupo dos pés-rachados acabou aderindo a esse apelido, criando o costume de se denominarem dessa maneira. Na

visão dos pés-rachados, seus rivais macaúbas eram espinhentos como a folha do coqueiro e duros feito a casca da palmeira. Se você mexesse com eles, acabava se machucando, pois eram briguentos e enguiçados, além de desfazerem dos opositores em todos os sentidos.

Após o povo ter eleito José Landim (1948-1951) ao cargo de Prefeito, a rixa entre macaúbas e pés-rachados foi estabelecida de vez, seguindo durante as décadas posteriores. José Landim tomou posse no dia 1º de janeiro de 1948.



José Landim

Foi o primeiro prefeito a ser eleito, de fato, pelo voto popular. Era o começo de uma nova era da administração pública, a qual contava com a democracia no sentido prático. Com a vitória de José Landim (macaúba) sobre o Dr. Miranda (pé-rachado), começou essa famosa história envolvendo os dois populares espectros políticos.

A turma dos macaúbas teve como principais representantes José Landim, Alcides Furtado e José Lucas no decorrer da história. Já os pés-rachados, inicialmente, foram formados por Dr. Urbano, Américo Migliori, Zico Nogueira e Nelson Silveira. Com o passar do tempo, os cidadãos e as famílias foram estabelecendo preferências políticas e firmando compromisso com um dos lados.

Um fato curioso é que o comprometimento com os espectros políticos, seguindo a lógica do populismo, dava-se muito mais pelas pessoas, famílias, encargos, amizades e promessas do que por plataforma de governo. Era algo voltado à esfera pessoal, o tecnicismo não era um elemento que se levava em conta. O apoio dado a um candidato dependia imensamente da relação pessoal que ele estabelecia na cidade.

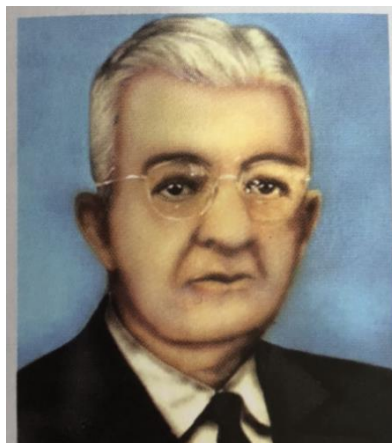
No desenrolar dessa história, nota-se a presença de famílias que se fidelizaram a um dos lados. A tradição e o vínculo político eram passados de geração em geração, em uma perspectiva quase que hereditária, dando continuidade à disputa. Se seus familiares fossem macaúbas,

você também seria; se fossem pés-rachados, você também seria. Ser macaúba ou pé-rachado era basicamente uma forma de identidade social e política com um determinado agrupamento da cidade, o que garantia sentido a muitos guaraenses. Os macaúbas, quando se encontravam na rua, cumprimentavam-se através de um sinal pelo qual levantavam o dedo indicador e o médio. Já os pés-rachados se identificavam por meio do sinal de positivo realizado com a mão.

Dando continuidade à história dos prefeitos de Guará na época da rixa entre macaúbas e pés-rachados, vale ressaltar que eles vivenciaram um período marcado pelo populismo, sendo as preocupações sociais algo de bastante relevância para os pleitos e governos. É impossível negar que foram anos difíceis, em que mudanças estavam em curso. Havia um forte sentimento partidário presente nas duas correntes políticas, as quais buscavam o bem da comunidade a partir da disseminação dos próprios valores pessoais e políticos.

“Em 1951, eleito pela oposição do prefeito em exercício (José Landim), tomou posse o empresário e exportador de café Felício Costa. Teve como Vice-Prefeito o Dr. José Theodoro de Figueiredo (Juca Procópio).” Eram novos tempos, não faltando vontade, determinação e dificuldade, os guaraenses conseguiram superar e vencer os desafios.

Durante a gestão de Felício Costa, ocorreu um fato bastante curioso em Guará. Na época, uma categoria de automobilismo equivalente à atual Fórmula 1, veio até Guará. O Presidente Getúlio Vargas (1951-1954) promoveu uma corrida organizada pelo Automóvel Clube Brasil. Deu-se a largada em São Paulo e o circuito abrangia cidades como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Uberaba. Guará, portanto, teve o privilégio de ter a rodovia cortando o perímetro urbano, e os guaraenses tiveram a oportunidade de ver um evento memorável sem mesmo saírem da cidade.



Felício Costa

Outro feito do governo Felício foi a criação da Escola Estadual Marechal Rondon. Criada pela Lei nº 2636, de 20 de janeiro de 1954, começou a funcionar em fevereiro de 1956, durante o governo de Dr. Urbano. Essa escola garante, até hoje, o direito à educação para muitos jovens de nossa cidade. Ela foi inaugurada na presença do então Governador paulista Jânio Quadros, que veio a Guará para esse importante evento.

Felício cumpriu todo seu mandato em um momento marcado por dificuldades, modificações e incertezas. Ele foi sucedido pelo Dr. Urbano de Andrade Junqueira, homem que merece bastante destaque na história guaraense. Natural de Cruzília-MG, nasceu no dia 22 de dezembro de 1921, na Fazenda Campo Largo. Dr. Urbano, como por todos era conhecido, é aquele dentre os cidadãos que, em outras ocasiões, já foi lembrado e homenageado, pois seus feitos representam um divisor de águas para nossa cidade.

Ao herdar a Fazenda Água Fria, veio residir na nossa querida Guará, onde teve imenso prestígio e destaque. No decorrer da década de 1950, o espírito cívico foi despertado em Dr. Urbano, que resolveu participar diretamente da administração pública guaraense. Eleito duas vezes vereador, uma vez Prefeito e ainda sendo nomeado Secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, ocupando este cargo na gestão do Governador paulista Carvalho Pinto, deixou sua prestigiosa marca na política. Sim, um guaraense já exerceu cargo no executivo estadual!

Dr. Urbano, realmente, era diferenciado. No seu governo enquanto Prefeito de Guará, que teve início no ano de 1956 e término em 1959, ele implementou uma nova filosofia administrativa, inserindo nossa cidade nos trilhos da modernidade. Em um momento marcado pela urbanização e industrialização do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo, Guará conseguia acompanhar essas modificações graças ao empenho de Dr. Urbano e dos cidadãos da época, sem contar os esforços dos membros da Câmara



Dr. Urbano de Andrade
Junqueira

Municipal, sendo esta composta por alguns ex-prefeitos, a exemplo de Manoel Henares, José Landim e Felício Costa, além de Olavo Borges de Assis, que veio a ser Prefeito no início da década seguinte.

Dr. Urbano teve uma administração exemplar. Construiu o sistema de água e esgoto na cidade e asfaltou as ruas. O início do processo de urbanização e modernização de Guará se deve aos feitos dele. E o que mais impressiona é que essa reestruturação do município foi feita em apenas um mandato, certamente foram quatro anos de trabalho árduo. Ele reconfigurou a fisionomia de Guará, conservando o que era valoroso e modificando aquilo que já estava obsoleto.

Em um breve período, em razão de uma licença do Prefeito por questões particulares, o vice, Antônio dos Santos Caldas, natural do antigo Bacury, atual Distrito de Pioneiros, teve a oportunidade de liderar o Poder Executivo durante sete meses. Posteriormente, Dr. Urbano retornou e cumpriu todo o mandato.

“Em quatro de outubro de 1959 tivemos eleições com apenas duas chapas concorrendo. Qualquer que fosse a vencedora, por certo daria um bom administrador para Guará. Venceu Olavo Borges de Assis e sua posse deu-se no dia 1º de janeiro de 1960, para um mandato previsto até 31 de dezembro de 1963. Estando presente o respeitado Juiz de Direito da Comarca de Ituverava, Dr. Amynthas Machado de Azevedo, tudo transcorreu do modo correto.” Olavo era considerado um grande articulador político, conseguia agregar e costurar acordos.



Olavo Borges de Assis



Américo Migliori

Olavo, juntamente com sua esposa, Enoy Santos Assis, considerada pelo cronista Romeu Franco Ribeiro como a “Dama de Ferro Guaraense”, articularam diversos acordos políticos durante anos e anos. Enoy era de origem humilde e a caçula de oito irmãos. Além de ser professora, sempre se dedicou às causas sociais de Guará, sendo diretora do Asilo por um tempo e provedora da Santa Casa do ano de 1972 até 2000. Também foi bastante ativa na Igreja Católica. “Era uma mulher com postura e pensamento diferenciados, uma verdadeira *lady*”, comenta Romeu.



Enoy Santos Assis

Contudo, em maio de 1962, Olavo Borges de Assis deixou o cargo de Prefeito. Ele havia sido convidado pelo Dr. Urbano de Andrade Junqueira para compor a Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. Com isso, o Vice-Prefeito da época, Américo Migliori, teve a oportunidade de se tornar Prefeito. Teté, apelido pelo qual era conhecido, concluiu os projetos iniciados pelo seu antecessor e deu continuidade ao processo democrático.

Em 1964, os macaúbas retornaram ao poder na figura de Alcides Furtado, cidadão que ocupou o cargo de Prefeito, ao longo da vida, em cinco ocasiões. Alcides foi quem mais governou Guará em termos de mandato e tempo. Alguns de seus descendentes e parentes também entraram na vida pública, ampliando o poder da família Furtado no município.

Alcides entrou na política em 1960 no cargo de vereador. Na eleição seguinte, foi eleito para Prefeito, administrando a cidade de 1964 até 1968. Durante sua longa trajetória política, manteve durante muito tempo estreita ligação com o deputado estadual ituveravense Helvio Nunes da Silva, mais conhecido como “Zito”. Alcides deixou como principal legado a construção do antigo prédio da Prefeitura, onde hoje funciona o Fórum e da Santa Casa, sendo esta fundada em 1965 e que até hoje funciona como importantíssima instituição pública

de saúde que oferece cuidados universais e gratuitos à população guaranaense.

Na política, ele desenvolveu uma maneira de governar inspirada nos valores que sustentavam a República Populista, incorporou os princípios populistas e, a sua maneira, passava a imagem de alguém que se preocupava com o povo e que estava ali para representar as camadas menos abastadas. Em seus discursos e entrevistas, afirmava que a melhor maneira de exercer a função de Prefeito é ouvindo a voz do povo.



Alcides Furtado

Durante o primeiro mandato de Alcides, a República Populista foi extirpada pelo Golpe Militar. Em 1964, o Exército depôs João Goulart do cargo de Presidente, instaurando uma ditadura. Todavia, as eleições em Guará, tanto para o Executivo quanto para o Legislativo, continuaram ocorrendo de modo livre, periódico e com voto popular. Durante a vigência do Regime Militar (1964-1985), não houve, em nossa cidade, interventores federais substituindo prefeitos eleitos pelo povo e a Câmara Municipal continuou funcionando.

Por se tratar de uma ditadura, claramente havia algumas restrições na política e na sociedade civil, mas nada comparado ao arbítrio e ao despotismo presente nos grandes centros. A vida em Guará continuava caminhando e as disputas políticas estavam cada vez mais acirradas. Por mais contraditório que possa parecer, o pináculo das disputas políticas na nossa cidade se deu em meio a esse dilema entre ditadura a nível nacional e democracia no âmbito municipal.

Durante o Regime Militar, cada partido podia ter até três sublegendas em âmbito municipal. Os pés-rachados faziam parte da Arena 1 e os macaúbas da Arena 2. Vale lembrar que nesse período só havia dois partidos, a Arena e o MDB.

Nessa época, ainda não havia reeleição. Alcides foi sucedido por seu correligionário Sebastião Goulart, que governou Guará entre os anos de 1969 e 1972. Embora os brasileiros vivessem em um dos momentos mais autoritários da história nacional, devido ao do Ato Institucional nº 5 decretado pelo Presidente militar Costa e Silva, que concedia maior poder ao Executivo, podendo o Presidente fechar temporariamente o Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas e as Câmaras Municipais, as instituições guaraenses de poder continuaram operando. Aqui, a liberdade e a democracia prevaleceram. Além disso, vale ressaltar que a eleição de 1972 foi a mais acirrada e marcante da história de Guará.



Sebastião Goulart

Em meio ao momento mais brutal do regime militar, Guará foi palco de uma eleição extremamente disputada. Isso pode parecer paradoxal ao leitor, mas a histórica eleição ocorreu nesse cenário sinalizado por um dilema político. Certamente, o leitor ficará surpreso com os acontecimentos decorrentes dessa marcante eleição.

Em novembro de 1972, os pés-rachados lançaram para prefeito a chapa Dr. Urbano de Andrade e Dr. Jahyr de Paula Ribeiro, enquanto os macaúbas apostaram em Alcides Furtado e Arlindo Marin. Nessa época, Dr. Urbano era o maior símbolo dos pés-rachados e Alcides, dos macaúbas. A eleição prometia ser extremamente disputada, mas ninguém imaginava o ponto que chegaria.

A cidade foi tomada pela política. Nunca houve tanta divisão e disputa pelo poder na história guaraense quanto naquela eleição. O apoio prestado a Dr. Urbano ou a Alcides era algo que transcendia a política, tomando parte do imaginário coletivo da cidade. Nessa eleição, a rixa entre macaúbas e pés-rachados atingiu o ápice!

Essa disputa assídua influenciou vários setores da sociedade. Comerciantes, empresários, educadores, operários, fazendeiros, lavradores, profissionais liberais e todos os demais setores

econômicos e sociais estavam envolvidos direta ou indiretamente no evento. Muitas famílias também se fidelizaram com um ou outro lado. Até os garotos menores de idade faziam propaganda política e pediam voto para o candidato apoiado por suas famílias. Foi um fato que mexeu com toda a população guaraense, a ponto de acirrar a rixa já existente entre esses dois espectros políticos.

Após o término da votação, as urnas foram levadas a Ituverava para serem apuradas, uma vez que Guará ainda não era uma comarca. O fórum de Ituverava, ao apurar o resultado da eleição, notou que Alcides Furtado e Arlindo Marin haviam vencido a eleição por 109 votos de diferença. Talvez tenha sido um dos resultados mais “apertados” de uma eleição disputada na nossa cidade, fruto de uma concreta divisão política.

O clima já estava extremamente tenso antes e durante a eleição. Após a apuração, Guará foi palco de uma guerra generalizada. A rua principal estava lotada, houve agressões físicas e depredação do patrimônio público, afetando locais como a Praça Nove de Julho e a avenida. A cidade ficou destruída. Algumas pessoas que testemunharam o fato dizem que “um lado não soube vencer e o outro não soube perder”.

Nesse cenário de guerra, a polícia guaraense chamou reforços de Ituverava e o batalhão de Franca para ajudar a conter os ânimos dos guaraenses que se digladiavam nas ruas da cidade. Na entrada de Guará, o delegado, com um revólver na cintura, montou um esquema para a segurança das autoridades. Contando com os reforços e com vários policiais à paisana, as forças de segurança conseguiram amenizar a caótica situação e levar o Prefeito eleito juntamente com sua família, vereadores e alguns correligionários para casa.

Essa eleição foi marcante para Guará. A rivalidade política foi elevada à enésima potência. Mesmo que o Brasil fosse governado pelos militares em um regime ditatorial, a democracia prevaleceu em Guará, sendo esta aprimorada a cada dia e bastante relevante para o nosso *oikos*. Pode-se dizer que, após a democracia ter passado pela ditadura militar e pelo auge da disputa entre macaúbas e pés-rachados, ela realmente sobreviveu aos testes do tempo, tornando-se uma instituição indispensável para o progresso guaraense ao longos das décadas seguintes.

Em 1973, Alcides Furtado, após essas turbulências, assumiu o cargo de Prefeito pela segunda vez. Nessa gestão, a empresa Busa veio para Guará, gerando empregos e renda à população. A urbanização de Guará também se intensificou, fato decorrente do êxodo rural, o que culminou na necessidade de construir conjuntos habitacionais e de desenvolver a avenida principal. Alcides, nessa ocasião, governou a cidade até o ano de 1976 e, neste ano, Marco Aurélio Migliori, filho de Américo Migliori, apareceu no cenário político, vencendo a eleição.

Entre os anos de 1977 e 1982, Marco Aurélio comandou a Prefeitura. No segundo ano de sua administração, inaugurou, na presença do então Governador Paulo Maluf, o Ginásio Municipal de Esportes Américo Migliori (Teté), proporcionando entretenimento e lazer aos munícipes.

O lago presente no ginásio se tornou uma grande atração para a cidade. No entorno do lago, a população faz caminhada, piquenique, alimenta os patos, gansos e peixes, buscando diversão. Além disso, o Estádio de Futebol Gil Junqueira, a pista de atletismo, a quadra coberta para vôlei, basquete, handebol e futsal, a piscina, a academia e a quadra de tênis complementam a oportunidade de esporte e lazer. Até hoje o Ginásio de Esportes é um local frequentado por grande parte dos cidadãos, os quais buscam nesse local a oportunidade de realizar exercícios físicos e de conviver com os familiares e amigos ao ar livre.

“As dependências do Ginásio Municipal de Esportes estão abertas aos projetos sociais com parcerias variadas, interagindo com sucesso para a integração de nossa comunidade”. Atualmente, ocorre no ginásio projetos sociais esportivos, como treino de futebol de campo para meninos e futsal para meninas. O ginásio é um lugar capaz de auxiliar no desenvolvimento da cidadania, lapidando os jovens através do esporte para que eles se tornem bons cidadãos, além de prover entretenimento aos



Marco Aurélio Migliori

adultos e idosos. Sem dúvidas, o Ginásio Municipal de Esportes foi a maior conquista da primeira gestão de Marco Aurélio.

Outro feito do governo Marco Aurélio foi a criação do Foro Distrital através da Lei nº 3.396, de 16 de junho de 1982, com funcionamento a partir de 15 de setembro de 1984. Essa lei concedeu maior autonomia a Guará e possibilitou a instalação da comarca no futuro.

Voltando à disputa política, percebe-se que a rotatividade entre macaúbas e pés-rachados era grande, isso auxiliou no desenvolvimento da democracia guaraense. Cada hora um dos grupos ocupava o poder e, quando estava na oposição, fazia bastante “barulho”, fiscalizando o Executivo através do Legislativo.

Em 1983, Alcides Furtado retornou ao poder, ficando até 1988. Um fato interessante ocorrido na terceira gestão de Alcides foi a redemocratização do Brasil. Em 1985, a Ditadura Militar caiu, abrindo espaço para a revitalização da democracia brasileira. Nosso país, desde essa época, está sob a égide do Estado Democrático de Direito, ou seja, há a garantia de eleições periódicas, pluripartidarismo, direitos humanos, civis, políticos e sociais, tripartição do poder, isonomia e soberania popular.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, conhecida como Constituição Cidadã, esses direitos, regras e instituições citados acima foram estabelecidos e a lógica político-partidária, a nível nacional, mudou bastante, o que acabou respingando em Guará. Após a queda da ditadura, o partido Arena deixou de existir. Alcides pegou para sua turma o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido que seus correligionários estão até hoje. Já os pés-rachados se filiaram ao Partido Democrático Social (PDS), encabeçado por Paulo Maluf.

Em 1989, já nesse novo cenário político, Francisco Vicente Iozzi, partidário de Alcides, foi eleito ao cargo de Prefeito, momento em que Orestes Quércia, um dos homens mais importantes do MDB nacionalmente, era Governador do Estado de São Paulo. Em 1993, Alcides retornou, governando a cidade até 1996. Ocorreu um fato semelhante ao do seu antecessor, pois o Governador de São Paulo era Luiz Antônio Fleury, também do MDB. Isso facilitou bastante as negociações entre município e estado, a exemplo da captação de verbas e recursos para a consolidação de projetos e obras públicas.

Nesse ínterim, a oposição a Alcides, os denominados pés-rachados, devido ao fato do PDS ter se perdido no tempo e originado várias siglas pequenas, aderiram ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Essa filiação ocorreu em um momento de ascensão dos tucanos Fernando Henrique Cardoso, Mário Covas e Geraldo Alckmin (atualmente no PSB).



Francisco Vicente Iozzi

Na década de 1990, o panorama político sofreu algumas alterações. A eleição de César Antônio Moreira, na época pertencente ao Partido dos Trabalhadores (PT), deu uma abalada na “polarização” entre macaúbas e pés-rachados, que dominavam a cena política desde a década de 1950. Essa tradicional disputa já não vivia mais no auge. No governo de Moreira (1997-2000), houve a concessão das Águas de Guará para a Uniáguas, uma empresa privada pioneira no abastecimento de água e tratamento de esgotos no Brasil.

Essa empresa continua sendo responsável pelo abastecimento de água na cidade, provendo este serviço essencial para a população. A ideia da concessão foi fruto da época em que vivíamos, período em que diversas concessões, terceirizações e privatizações eram realizadas, promovendo reformas estruturais no âmbito político e social. Essas ideias políticas e econômicas eram frutos dos governos FHC, na Presidência da República; e dos governos Covas, como Governador de São Paulo.

“A Águas de Guará opera o sistema de abastecimento de água e de tratamento de esgoto no município de Guará-SP desde 2000. Aproximadamente 21.000 pessoas são beneficiadas com os serviços prestados pela concessionária. Atualmente, o saneamento é universalizado, uma vez que o município possui 100% de atendimento de água e 100% de coleta e tratamento de esgoto.”



César Antônio Moreira

Moreira teve apenas um mandato de quatro anos. Em 2001, Alcides Furtado, tendo dessa vez como vice sua filha, Maria Amélia Furtado, assumiu pela quinta vez a Prefeitura. Todavia, a projeção de Alcides já não era mais a mesma, os tempos estavam mudando e a rixa entre macaúbas e pés-rachados estava perdendo aquela fibra outrora existente, uma vez que a mentalidade das novas gerações era, em parte, diferente.

A primeira década do novo milênio abrigou resquícios do século XX e pavimentou o caminho para a contemporaneidade. No crepúsculo da história envolvendo macaúbas e pés-rachados, Marco Aurélio Migliori, no final de 2004, foi eleito ao cargo de Prefeito.

O ponto de destaque da gestão de Marco Aurélio foi a instalação da comarca, dando continuidade aos seus projetos referentes à gestão de 1977 a 1982. “Os primeiros esforços resultaram na promulgação da Lei Estadual nº 3.396, de 1982, que criou o Foro Distrital de Guará; mas o sonho da comarca só se concretizou em 18 de março de 2005, com um dia repleto de eventos.” Nesse dia, Guará garantiu a completa independência de Ituverava.

“Com a instalação da comarca, Guará teve vários benefícios imediatos, como a implantação de cartórios, que contribuíram para facilitar a vida dos moradores que necessitam de seus serviços. A instalação da câmara propicia, portanto, o crescimento do Poder Judiciário e da cidade, que busca a melhora da qualidade de vida de seus habitantes.” Marco Aurélio contou com seu Secretário de Justiça,

Dr. Arthur Antônio Ribeiro, na importante missão de trazer a comarca para Guará.

O fato de Marco Aurélio ter instalado a comarca, tendo mudado o patamar jurídico de Guará devido à completa independência de Ituverava, auxiliou em sua reeleição. Desse modo, ele ocupou o cargo de Prefeito até o ano de 2012. Durante seus dois mandatos, realizou projetos econômicos, sociais, educacionais, culturais e de infraestrutura urbana. É importante mencionar aqui a publicação do livro “Guará: Terra do Sol”, que serviu como fonte para muitos acontecimentos registrados neste livro.

Em uma entrevista com Marco Aurélio, ao falarmos sobre negociação e acordos políticos, ele disse que, durante seus mandatos, o fato do governo municipal e estadual serem do mesmo partido (PSDB) facilitou bastante a vinda de verbas por conta do livre-trânsito e circulação entre as equipes do Prefeito e do Governador. “Quando o governo estadual é contra, eles dificultam, colocam um peso em cima e, muitas vezes, não olham para as demandas do município”, explica.

Ele também comentou que “é importante pensar em um projeto através de um partido político, justamente por conta da convergência entre os entes federados. A elaboração política facilita bastante. Apenas com instituições políticas sólidas conseguimos alcançar objetivos que sejam benéficos à população”.

Com o desenrolar do novo milênio, a nova geração de cidadãos guaraenses começou a deixar essa rixa entre macaúbas e pés-rachados em segundo plano, a ponto de não ser mais o alicerce da nossa vida política. Essa rivalidade, com o passar dos anos, enfraqueceu e se tornou história. Isso se deveu justamente à passagem do tempo, ou seja, vários daqueles que lutaram por um dos lados, no século anterior, aposentaram ou até mesmo faleceram, deixando suas histórias como legado. Outro fator é a mentalidade dos cidadãos mais jovens, que enxergam a política e a vida moral de uma maneira distinta dessa dicotomia.

O antagonismo envolvendo macaúbas e pés-rachados, por um lado, auxiliou na consolidação do espírito democrático dos guaraenses e das instituições de poder do município, mas por outro foi claramente uma forma brusca de cisão, a qual extrapolou a política e contaminou todos os setores da sociedade civil. Em certos momentos, essa rixa, que havia se tornado pessoal e não apenas política, prejudicou a imagem de Guará.

Portanto, a histórica rivalidade entre macaúbas e pés-rachados, que marcou nossa cidade por mais de meio século, teve pontos positivos e negativos. Hoje em dia, macaúba e pé-rachado é coisa do passado. Mas podemos tirar preciosas lições desse tempo, aprendendo tanto com os erros quanto com os acertos. Nossa principal lição é saber que a história caminha somente para frente, não há como repetir e reviver momentos em sua precisa exatidão. Tudo que contei nesse capítulo são fatos que compõem a rica história de Guará e, a partir do conhecimento herdado do passado, nós, cidadãos, podemos construir uma comunidade cada vez melhor, eliminando os vícios e conservando as virtudes daquilo que nos precedeu.

Capítulo 7

A alma guaraense

Neste capítulo comento a respeito dos valores, instituições, festividades e tradições de Guará. Levo em consideração tudo aquilo que existiu e tudo que sobreviveu aos testes do tempo, desde valores guaraenses até instituições da nossa cidade. O leitor terá a oportunidade de ver Guará a partir de um panorama geral, entendendo como funcionam alguns serviços e entidades importantíssimos do município, a exemplo de escolas, postos de saúde, projetos sociais, principais eventos de entretenimento, empresas da cidade, desenvolvimento urbano, associações da sociedade civil e várias outras instituições que edificam a alma de Guará.

No decorrer das páginas seguintes, você perceberá que o processo de formação dessas instituições indispensáveis para a comunidade guaraense está ligado diretamente aos costumes da nossa cidade, bem como aos hábitos da população. Todas elas foram constituídas de modo orgânico e espontâneo no decorrer do tempo, considerando as necessidades de cada época, as possibilidades dos tomadores de decisão e a memória da cidade.

Guará, em praticamente 120 anos de história, desenvolveu-se bastante. Por aqui, várias gerações foram abrigadas. O contínuo progresso da cidade pode ser considerado uma herança geracional. Cada um em seu tempo foi responsável por parte da construção — moral, material, simbólica e histórica — de Guará.

Nossa vida em Guará, assim como a alma da nossa cidade, está profundamente enraizada naqueles que viveram antes de nós. Aprendemos bastante sobre Guará com nossos pais, avós e parentes mais velhos, principalmente a respeito de casos e “causos”. Isso alimenta a alma guaraense, no sentido de que, embora a geração vá se renovando, pelo curso natural da vida, muitas riquezas imateriais vão sendo preservadas, como a história e as estórias ocorridas na nossa querida Guará.

Veremos que as instituições e os valores presentes na nossa sociedade, os quais formaram gradualmente a alma da cidade, fazem

parte da nossa vida, uma vez que parte deles já se faziam presentes antes mesmo do nosso nascimento. Jamais podemos achar que o contemporâneo, época em que estamos, nasceu contemporâneo, é apenas um período que carrega conhecimento, questões e indagações que ainda perduram e atravessam eras. É justamente através dessa interação entres os tempos históricos — passado, presente e futuro — que podemos começar a entender a maneira com que uma cidade foi formada e o porquê de cada valor, instituição, tradição e hábito ser daquele jeito.

Tomando emprestada e adaptando a acepção do grande escritor e estadista germânico, Johann Wolfgang von Goethe, um dos maiores autores que o mundo já testemunhou, “a modernidade não pode ser um vulcão que destrói nossas relações com o passado e com a tradição”.

Em praticamente 120 anos de história guaranaense, devemos ter a clara noção de que nossa cidade não começou e, muito menos, terminará com a nossa geração. Muita gente garantiu que tudo isso que temos hoje chegasse até nós. Diante desse ponto, é nosso dever cívico incorporar vários desses valores, lapidá-los e legar aos nossos sucessores um ambiente ainda melhor. Essa disposição é importante para o desenvolvimento em termos de valores e instituições.

Os Valores de Guará

Durante o livro, acredito que o leitor percebeu que a fundação e o desenvolvimento de Guará se deram por um conjunto de fatores históricos, econômicos, morais, costumeiros e políticos. Nossa história não está à parte da história brasileira, nem mesmo da história mundial. Vários acontecimentos referentes aos últimos séculos estão ligados, direta ou indiretamente, à composição de Guará.

Diante de eventos como a expansão cafeeira no Oeste Paulista, a construção de ferrovias, a Proclamação da República, o coronelismo, as ondas de migração, a Era Vargas, a Revolução Constitucionalista, a Segunda Guerra Mundial, o populismo, a Ditadura Militar e a redemocratização, nossa identidade foi formada a partir dessa sucessão de fatos históricos atrelados aos valores que cada um deles transmitiu ao nosso povo. Cada geração acabou herdando,

incorporando, repaginando, melhorando e legando o arquétipo valorativo aos conterrâneos.

Os eventos citados mexeram com o imaginário da população. O fato de lutar em uma guerra, de participar da transição entre o agrário e o urbano, de participar ativamente da política, de empreender, de ensinar, de observar, de agir e de viver gera certos valores que são compartilhados por todos os cidadãos, em maior ou menor escala.

As guerras despertaram a coragem; o espírito cívico, a democracia, a migração e o acolhimento; o campo, a ruralidade; e a cidade, a modernização, fazendo com que nossa comunidade despertasse em prol da valorização de virtudes fundamentais ao ser humano, mesclando ideias tradicionais e modernas. Esses valores, somados à generosidade e hospitalidade do povo guaraense, contribuíram para o nosso senso moral, ou seja, a capacidade de adquirir um bem-estar coletivo a partir de pontos convergentes existentes entre os membros da comunidade.

Esses valores, os quais estão ligados ao campo da moral e da ética, edificam, com o passar do tempo, tradições, instituições e até mesmo normas que orientam a vida em sociedade, nos colocando em uma fonte de obrigações não escolhidas. Tais valores servem para tornar possível a vida em comunidade, é através deles que os cidadãos criam um sentido para a vida social e um sentimento de pertença, conectando o “eu” ao “nós”.

A sustentação de hábitos e costumes advindos de uma vida honesta e em comunhão com o próximo, embora não seja a salvação, estabelece sentido para a vida de muitos indivíduos, de modo que esses princípios são válidos para todos. Essa concepção pode ser vista, por alguns, como um horizonte, mas está mais presente do que imaginamos.

Os valores morais e sociais orientam os indivíduos para que estes se adequem à vida social. Há certas normas de comportamento, obrigações, maneiras de agir, falar e pensar que, de acordo com costume e o senso moral, facilitam a vida coletiva em todos os seus aspectos. O que é transmitido aos cidadãos é um conjunto de valores que entendemos como sendo relevante para a alma da cidade.

Como já foi destacado no início do livro, reitero aqui que os guaraenses são conhecidos pelo altruísmo, hospitalidade, comunicação, fé e perseverança, sem dizer sobre o nosso amor pela

cidade. Percebo que a maioria dos guaraenses, principalmente os mais antigos, orgulham-se de ser guaraense. Quando gostamos de um lugar, especialmente quando é o nosso *oikos*, fazemos de tudo para que ele melhore cada vez mais e se torne uma referência. Esse amor pelo lar é algo perceptível aqui em Guará.

Estando integrado com o lugar que habitamos, conseguimos, com trabalho árduo e demorado, prover o aperfeiçoamento de valores morais outrora edificadas a partir da vivência coletiva. Esse processo é importante por proporcionar uma vida em sociedade mais harmoniosa e justa. Valores morais como lealdade, honestidade, generosidade, prudência, disciplina, perseverança, tolerância, solidariedade, cortesia, honradez, empatia, altruísmo, entre tantos outros, são essenciais para uma vida social sadia, visto que eles possuem lastro na nossa civilização e no imaginário coletivo.

Normalmente, esses valores são ensinados (ou pelo menos deveriam ser) nas famílias e elaborados nas escolas, para que cidadãos sejam formados na real concepção da palavra. Mas todos esses valores dependem, imensamente, dos fatores que compõem nossa civilização, a exemplo de cultura, costumes, tradições, religião, educação, regime político, modelo econômico e o cotidiano. Não há como “importar” conceitos, muito menos querer impor princípios abstratos em uma realidade concreta e real.

Uma cidade é composta por questões históricas e costumeiras. Os princípios morais não fogem desse escopo; eles estão alicerçados na realidade prática da civilização, e não em achismos e egoísmos. Cada valor, a depender do costume de cada cidade, adequa-se da sua maneira. Não somos reféns de um édito universal regulador, o que nos move são histórias, estórias e tradições próprias desvendadas a partir do olhar da segunda pessoa do plural (nós) dentro do *oikos* (lar). Tudo isso se desenvolve de uma maneira intimista, específica e idiossincrática.

Além dos valores morais, os valores sociais também exercem um papel de suma importância nas nossas vidas, possibilitando um convívio harmônico dentro da sociedade. Certos padrões, estando alicerçados em uma sabedoria coletiva, fruto de tentativas e erros, contribuem para a manutenção da ordem, ampliando o bem-estar de todos os habitantes.

Alguns valores sociais, como o trabalho, a cooperação, a livre iniciativa, o respeito às leis e a solidariedade permitem nosso entendimento a respeito das normas de conduta estabelecidas organicamente pelo corpo social. Isso nos conduz ao caminho de compreensão da realidade, permitindo nossa ação, adequação e reflexão no local onde habitamos. Esses valores atuam na esfera do que é permitido ou não fazer em sociedade e, desse modo, garantem coesão a Guará, podendo ser estabelecidos tanto pela ética quanto pela legislação.

E aqui eu ressalto que o ser humano é guiado, em suas escolhas, pelo princípio do livre-arbítrio. Mas é perceptível que o indivíduo que vive de acordo com valores e normas compartilhadas coletivamente, adequando-se aos padrões costumeiros e legais, auxiliam no bom funcionamento da sociedade, visto que esses valores sociais e leis são ferramentas que asseguram o convívio civilizado entre os habitantes.

Assim como no caso dos valores morais, os valores e as normas sociais estabelecidas durante a história de Guará podem variar por conta de evoluções em termos de pensamento e pela interação geracional. Porém, no curso natural das coisas, o arcabouço valorativo jamais sofre uma alteração drástica ou ruptura brusca, são apenas algumas mudanças para que ele seja readequado a fim de que continue funcionando como sustentáculo da vida coletiva, pois uma sociedade que não se reforma, não se conserva.

Os valores morais, sociais e as normas são constituídos através da ação dos seres humanos no tempo. Portanto, os valores que constituem Guará hoje são construções coletivas edificadas a partir dos resultados de episódios trágicos, épicos, líricos e cômicos ocorridos no decorrer da história guaranaense, formando o imaginário coletivo do cidadão. É justamente essa conexão com o passado que permite a expressão dos valores morais e sociais nos tempos presentes, sendo nós os guardiões do amanhã.

Para que todos esses valores e normas sejam materializados e se tornem “visíveis” ao cidadão, as instituições, as entidades e as associações da sociedade civil são fundamentais. Família, escola, religião, Estado, governo, comércio, direito, saúde, entre outros, exercem um papel imprescindível para o estabelecimento dos valores morais, sociais e das normas. É pela existência dessas instituições que

a sociedade flui, a partir de regras, obrigações, direitos e deveres previstos por lei.

Precisamos de instituições para que tudo isso se torne uma realidade. E é delas que falo agora, demonstrando ao querido leitor como elas estão distribuídas em Guará. Certamente você conhece vários desses lugares: escolas, postinhos, repartições públicas, quadras, bairros e ruas. Sem essas instituições, os valores seriam apenas meras abstrações. Veremos, agora, a interação entre ambos.

Instituições e Entidades de Guará

Nossas instituições, associações e entidades são a materialização dos nossos valores morais e sociais. Expressas na arquitetura e na vontade dos guaraenses, elas garantem o bom funcionamento da nossa sociedade, é a partir delas que nossos direitos à educação, saúde, segurança, lazer e cultura são garantidos.

Economia, Comércio e Indústria

No final da década de 1980 e início da de 1990, houve uma grande transformação na dinâmica mundial e brasileira por conta da globalização. Nesse período de transformação, Guará não ficou para trás. Essas alterações impactaram diretamente a dinâmica econômica, comercial e industrial da nossa cidade, promovendo mudanças positivas no âmbito socioeconômico. Por conta da mecanização da agricultura e, conseqüentemente, pelo êxodo rural, nota-se que, nesse período, segundo o professor José Geraldo Evangelista, a cidade de Guará apresentou uma elevada taxa de urbanização, o que possibilitou o desenvolvimento econômico guaraense conforme a dinâmica contemporânea.

Em meados da década 1990, com o processo de globalização em curso, as relações socioeconômicas mudaram bastante. Nossa região tornou-se um promissor polo agrícola. A cana-de-açúcar, ao originar álcool e açúcar, dinamizou nossa economia. A Usina Alta Mogiana, por exemplo, expandiu-se e ofereceu várias vagas de emprego aos cidadãos.

Era um momento em que a sociedade estava se desenvolvendo rumo ao novo milênio. O progresso econômico na nossa região, acompanhado pela mudança na composição social, ocorreu devido à

maior proximidade entre os mercados, ao elevado fluxo de capital circulante e às reformas estruturais promovidas pelo governo brasileiro e paulista durante esse período. O mercado interno estava aquecido e demais parcerias também foram buscadas no exterior através de acordos comerciais, uma vez que diversos países estavam se enriquecendo e estreitando seus laços.

O avanço em termos técnicos, tecnológicos e científicos, como no caso das telecomunicações, dos sistemas de informação, do transporte e, posteriormente, o fato da popularização da internet, também foram fatores que auxiliaram no desenvolvimento econômico, comercial e industrial dentro dessa nova dinâmica. No caso de Guará e da nossa região, pelo fato da economia estar associada ao agronegócio, houve, com o tempo, uma forte mecanização da agricultura, como a presença de modernos tratores e demais tecnologias agrícolas.

Todavia, durante a transição, os moradores do campo tiveram certas dificuldades para a adaptação, principalmente aqueles que já tinham vivido vários anos conforme seus próprios costumes. Analisando os estudos de José Geraldo Evangelista, é possível enxergar que, aos poucos, tudo mudou. Vários cidadãos tiveram a oportunidade de se encaixar nessa nova dinâmica mundial. Puderam fazer cursos de tratorista, promovidos pelas indústrias, e conseguiram ficar em situação mais vantajosa.

Outros indivíduos, durante essa transição entre o “antigo” e o “contemporâneo”, principalmente aqueles que não possuíam qualificação nem oportunidades melhores, continuavam trabalhando como “boias-frias” nas épocas de preparo de terras e de colheitas, sendo remunerados por produção. Eles migravam de lavoura para lavoura, acompanhando o ciclo produtivo das culturas agrícolas. Com isso, famílias às vezes eram separadas, crianças tinham que trabalhar desde muito cedo e em condições precárias e esse pessoal não conseguiu firmar identidade em um local. Foi um momento de muito sofrimento para essas pessoas.

Nos anos de 1990, vários nordestinos, especialmente dos estados do Rio Grande do Norte, Piauí e Ceará, vieram para Guará devido à cana-de-açúcar ter despontado como um produto agrícola promissor. Era uma oportunidade de emprego para eles, uma chance de melhorar de vida. Muitos que aqui chegaram, ficaram, enquanto outros

voltaram para sua terra natal. Aqueles que continuaram em Guará, contribuíram para o crescimento da cidade em termos econômicos, habitacionais e comerciais.

Com a chegada dos migrantes nordestinos, aumentou-se o povoamento de Guará. No apogeu da agricultura em nossa região, havia a necessidade de oferecer habitações a esses trabalhadores rurais que vieram para Guará. Implementou-se, então, o Conjunto Habitacional Nélio dos Santos, proporcionando a esses trabalhadores condições de moradia.

Com costumes e modo de vida marcados por tradições próprias, os nordestinos contribuíram bastante para o aspecto cultural da cidade, diversificando o mosaico sociocultural guaraense. Eles trouxeram a tapioca, um prato que se tornou popular em Guará. Com o tempo, foram se inserindo aqui e fazendo com que suas vozes ecoassem.

Durante a entrevista com o Sr. Antônio da Silva, migrante nordestino, da cidade de Marcelino Vieira-RN, que chegou em Guará um pouco antes do *boom* da migração, ele relatou suas perspectivas a respeito daquele momento. “Vim para cá no ano de 1978 em busca de melhores condições de vida. Quando vim, deixei minha família — esposa e três crianças — no Rio Grande do Norte, queria ver como era aqui antes de resolver trazer eles.”

“Eu já estava com 31 anos, era analfabeto e l não tinha muitas oportunidades, precisava melhorar de vida. Dois primos meus estavam morando em Guará, e muita gente da minha terra já havia chegado aqui e me recomendado. Então busquei minha família no Nordeste e todos vieram morar aqui. Minha filha caçula, a Graciele, nasceu em Guará. Assim sendo, vivemos e progredimos aqui”, comentou Sr. Antônio.

“Para sustentar minha família, trabalhei colhendo algodão e, principalmente, no corte de cana. Já estava acostumado com o serviço de lavoura, pois fazia isso no Nordeste. A Fazenda gua Fria deu oportunidade para vários nordestinos, trabalhei l muito tempo e também trabalhei na Elekeiroz. Além do trabalho na lavoura, posteriormente fui trabalhar coletando reciclados para vender, era o que dava para fazer nas minhas condições”, disse o entrevistado.

“Mas ter vindo para Guará foi essencial para minha vida e família. Meus filhos casaram-se e hoje tenho 11 netos e 7 bisnetos,  uma benção poder conviver com eles aqui na cidade. Em Guará, também fiz várias

amizades, o pessoal é bem acolhedor. Sou muito feliz aqui! Hoje em dia, aos meus 76 anos, aproveito minha família e amigos. Após o falecimento de minha esposa, casei com uma guaraense e hoje frequentamos o Clube da Terceira Idade e forrós. O forró é uma grande tradição nordestina que meu povo trouxe para Guará”, disse Sr. Antônio.

A maioria dos nordestinos que chegaram em Guará e na nossa região trabalhavam como “boias-frias” nas lavouras de cana-de-açúcar, as quais eram controladas pelas usinas que transformam a essa matéria-prima em álcool e açúcar. A produção agrícola guaraense, a partir desse período, foi dominada pela cana. Já os demais produtos eram cultivados em menor escala, nada comparado com a magnitude do setor canavieiro. Nessa conjuntura, os nordestinos foram designados ao plantio e corte de cana, serviço que perdurou durante anos e anos.

Pelo fato desse trabalho ser temporário, haja vista que a produção de cana-de-açúcar demanda análise e preparo do solo, adubação, insumos que serão utilizados de acordo com o índice de pragas, condições climáticas, escolha da época do plantio, a migração sazonal era uma saída para os nordestinos, ou seja, eles ficavam aqui durante a época em que sua mão de obra era utilizada. Após esse período, retornavam para seus locais de origem.

Eu me lembro que no início dos anos 2000 vários migrantes voltavam para o Nordeste com vários produtos que haviam comprado aqui. Colocavam dentro dos ônibus uma série de objetos, a exemplo de bicicleta, motocicleta, televisão, entre outros. A partir do trabalho, conseguiam melhorar suas vidas e das famílias que haviam ficado no Nordeste.

Mas, com a mecanização da agricultura, os “boias-frias” foram substituídos, gradativamente, por máquinas. Isso modificou alguns aspectos da migração nordestina. Nesse contexto, vários voltaram e permaneceram no Nordeste, ou até mesmo buscaram outros centros, enquanto muitos ficaram e se desenvolveram em Guará junto com suas famílias, tendo melhores oportunidades de trabalho e estudo. Isso propiciou com que eles se alocassem no mercado e na sociedade, compondo e enriquecendo nosso ambiente.

A vinda dos nordestinos mostra que aqui é uma terra de oportunidades, além de ser um local acolhedor. Guará, se levarmos em conta os últimos trinta anos de nossa história, é uma cidade que,

embora tenha mudado em termos socioeconômicos, manteve muitos de seus valores e instituições, os quais foram reformados e modernizados conforme as demandas do tempo histórico.

Após a vinda de migrantes, imigrantes e, claro, a permanência dos nativos, nossa economia conseguiu se desenvolver bastante em torno do agronegócio, das indústrias voltadas ao agro, do comércio e do setor serviços. Nosso desenvolvimento econômico é fruto da interação entre os tempos. O café e a ferrovia são nossos alicerces, mas jamais podemos esquecer do período de policultura (algodão, milho, soja) e da cana-de-açúcar. Esses “ciclos econômicos” pavimentam nosso tempo presente, nos dando condições para continuarmos nosso progresso nas áreas da economia, do comércio e da indústria.

Hoje em dia, nossa economia está atrelada à dinâmica da globalização. O forte da nossa produção é naquilo que já temos experiência, ou seja, no setor agrário, para que possamos competir nos mercados. Mas na parte do comércio e no setor de serviços, a exemplo de lojas e restaurantes, os empreendedores visam comercializar o que está na moda, acompanhando as tendências. Modernizamos, mas não abandonamos nossa essência.

Após essa breve apresentação acerca das mudanças ocorridas em Guará devido aos fenômenos nacionais e internacionais, vou apresentar ao leitor algumas das empresas e indústrias que movimentam nossa economia.

BUSA Industrial e Comercial Ltda.



A Busa é uma das empresas mais antigas de Guará. É uma grande geradora de empregos na cidade e, atualmente, conta com aproximadamente 400 colaboradores. A empresa também oferece capacitação

profissional ao incentivar a continuidade dos estudos e o crescimento profissional dos funcionários.

A Busa atua nos ramos rodoviários, ambiental e do algodão, gerando uma excelente receita. Localizada em Guará, é uma das empresas brasileiras mais representativas no mercado nacional e internacional, e continua em franca expansão. É referência na produção de equipamentos agrícolas, transportes e logística. Hoje a empresa é reconhecida mundialmente na fabricação de usinas de beneficiamento de algodão, isso mostra que o algodão continua forte na nossa cidade.

PCH Hidrelétrica

Localizada no Rio Sapucaí, próxima a Guará, ao Distrito de Pioneiros e a São Joaquim da Barra, a PCH Hidrelétrica é responsável pelo essencial serviço de geração de energia para a nossa cidade. Temos quatro “PCHs” na função de gerar energia limpa para os locais mencionados, são elas: PCH Usina, PCH Anhanguera, PCH Retiro e PCH Palmeiras.

Para a administração das “PCHs”, foram feitas parcerias público-privadas. A China Three Gorges Corporation (CTG) é responsável pela Central Hidrelétrica (PCH) Palmeiras, a usina mais nova operada pela CTG Brasil.

VLI Logística



VLI - Guará, 2015

Em Guará, a VLI está hospedada no Distrito Empresarial Irmãos Nakano, localizado às margens da Rodovia Anhangüera. Em 2015, a VLI inaugurou o Terminal Integrador Guará-SP, o famoso Terminal Porto Seco, ampliando a rota e interligando o interior de Goiás, o Triângulo Mineiro, a região de Ribeirão Preto e o Complexo Portuário de Santos a fim de transportar e exportar as cargas de açúcar. Guará, com a VLI, está inserido em uma logística ferroviária nacional e em uma dinâmica econômica mundial. A ferrovia, algo tão valioso para nossa história, continua desempenhando um papel fundamental na economia da nossa cidade.

Fundada em Belo Horizonte-MG, A VLI  uma empresa que oferece soluções logísticas a fim de integrar portos, ferrovias e terminais, com capacidade para atender com cada vez mais eficiência a demanda dos principais *players* que movimentam a economia do país.

A VLI transporta as riquezas do Brasil por todo o país, interligando as regiões por meio da logística. E a nossa cidade está inserida nesse processo logístico, pelo qual empregos são gerados, melhorando a qualidade de vida dos cidadãos guaraenses.

Constroeste

A função dessa empresa é retirar pedra britada sem afetar o equilíbrio ecológico, utilizando equipamentos modernos e mão de obra qualificada. Todo o material extraído é transportado para diversas regiões do Brasil através de caminhões. A Constroeste, assim como as demais empresas citadas anteriormente, coloca Guará na rota do desenvolvimento nacional, interligando nossa cidade com várias localidades do país. Ademais, a empresa emprega diversos guaraenses, gerando renda aos funcionários.

A Constroeste também atua no ramo da construção civil, possibilitando a criação de novas habitações, indústrias, empresas, pontos comerciais, entre outros. A construção, somada à mineração, auxiliam no desenvolvimento da sociedade guaraense, concedendo oportunidades de trabalho ao povo.

Body Builders Suplementação Esportiva Ltda.

Uma das mais novas e promissoras empresas de Guará, a Body Builders realiza venda e distribuição de suplementos, tendo como foco o comércio online, que é uma grande tendência nos dias de hoje. Além disso, a empresa gera diversos empregos para os guaraenses, tanto na parte do barracão quanto no escritório. É um empreendimento que gera renda para as famílias e receita para o município.



Rede Monte Carlo, Frango Assado e Pizza Hut
Posto Monte Carlo e Restaurante Frango Assado - Guará, 2021

Fruto de um acordo comercial firmado em âmbito nacional entre a Rede Monte Carlo, o Frango Assado e a Pizza Hut, pelo qual visam a abertura de dezenas de unidades no país, a cidade de Guará teve a oportunidade de receber esse empreendimento.

A Rede Monte Carlo investiu R\$ 30 milhões em Guará e gera cerca de 250 empregos (diretos e indiretos). O complexo da rede Monte Carlo inclui posto de combustível, serviços, lojas e restaurantes. O complexo está instalado em uma área de 21 mil metros quadrados no km 399 da Rodovia Anhanguera, ao lado do entreposto da VLI, ou seja, em uma posição estratégica. A rede se posiciona nas principais rotas de transportes do Estado. Guará é um polo logístico importante, com transporte de cargas significativo e muitas cidades ao redor.

A inauguração do complexo, no dia 4 de novembro de 2021, contou com presença do prefeito Vinicius Engenheiro, da vice-prefeita Maura Moreira, de secretários municipais e vereadores. Foi uma grande conquista para a cidade.

A Rede Monte Carlo, o Frango Assado e a Pizza Hut formam um complexo bastante importante para a geração de emprego e renda na cidade. Guará só tem a ganhar com a vinda dessas empresas. Mesmo que o empreendimento começou há pouco tempo, já é um grande sucesso!

Tribo do Salto

É uma indústria de calçados com especialidade na produção de sapatos e sandálias de couro. Fundada por guaraenses, a Tribo do Salto é uma empresa que desempenha uma importante função na nossa cidade no que diz respeito à geração de produto, emprego e renda. A Tribo do Salto se destaca por estar no ramo industrial, ou seja, gera empregos no ramo da produção e do desenvolvimento de calçados, transformando ideias em realidade.

Esta indústria, cujo capital é guaraense, leva o nome da marca e da nossa cidade para várias regiões do país. A Tribo do Salto é mais um grande ganho para Guará!

Passarelle Calçados

Esta empresa se destaca pela geração de empregos e pelo amplo comércio de calçados. Na Passarelle, o consumidor encontra tênis, sapatos, sapatênis, chinelos, sapatilhas e sandálias, além de artigos esportivos, como chuteiras, camisetas de futebol, calções e bolas. A Passarelle, estando ligada ao ramo comercial, vende os artigos aos guaraenses e também de forma online, sendo esta uma inovação bem importante para o escopo empresarial.

Elay

A especialidade desta empresa guaraense é a confecção de roupas de cama, uniformes, malharias e enxovais.

Leniors

É uma fábrica especializada na produção de cilindros hidráulicos. Inaugurada em 2021, ao lado da Busa, a Leniors chegou como uma

empresa promissora, capaz de gerar vários empregos para a população guaraense, auxiliando diretamente no progresso da cidade.

Desenvolvimento Urbano

Desde a chegada da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, nossa famosa ferrovia, local onde nossa cidade começou a emergir, Guará vem expandindo. Nos últimos anos, a cidade de Guará cresceu bastante. Novos bairros, loteamentos e conjuntos habitacionais estão surgindo na nossa cidade, percebe-se uma expansão urbana relevante, que está ocorrendo por conta do reaquecimento da economia da cidade nos últimos anos. O setor de serviços e as indústrias estão impulsionando essa dinâmica.

Em 2016, durante o mandato de José Abboud (2013-2016), com a instalação do Distrito Empresarial Irmãos Nakano, fruto de um antigo sonho dos munícipes e do empenho de vários cidadãos, Guará foi recolocado nos trilhos do desenvolvimento. A presença de empresas como a VLI, instalada no complexo industrial, promove oportunidades de progresso urbano, fabril, econômico e social para Guará. A localização privilegiada do Distrito Empresarial, ou seja, o fato de estar às margens da Rodovia Anhanguera, é um fator que atrai investidores e empresários.

A Prefeitura investiu na desapropriação da área, com recursos próprios do município da ordem de R\$ 1 milhão e também investiu em infraestrutura, contando com apoio de emendas de Deputados e recursos providos pelos Governos Estaduais e Federais. Na primeira etapa foram comercializados 36 lotes, sendo 80% empresas guaraenses e o restante de São Joaquim da Barra e Ituverava.

As facilidades logísticas favorecem o desenvolvimento urbano. Pelo fato de Guará estar em uma posição geoestratégica, próxima a grandes centros e encostada em uma das principais rodovias do país, a possibilidade de trazer empresas para nossa cidade é grande.

Além dos bairros antigos e tradicionais da cidade, como Centro, Vila Vitória, Vila Maria, Nossa Senhora das Graças, Vila Matarazzo, Vila Pires, Vila Nicolela, Nélio dos Santos, Vila Calazans, Orestes Quércia, Dr. Hassan Jorge Mourani, Dib Chaud, Itapema, Primeiro de Maio, Alvorada e Luiz Carlos da Silva, temos novos loteamentos e conjuntos

habitacionais, os quais propiciam mais moradias aos habitantes em bairros completamente novos.

Nos últimos anos, novos bairros compuseram o espaço físico da nossa cidade. O Jardim dos Ipês, por exemplo, é um bairro com uma dinâmica bastante diferente. Localizado após a Avenida Dr. Francisco de Paula Leão, sentido Pioneiros, esse local engloba diversas áreas de lazer, locais onde muitos guaraenses aproveitam os finais de semana com churrasco e piscina. O Jardim dos Ipês vem crescendo ano a ano: além das residências, há churrascaria, garagem de carros e até um campo de futebol society.

Além do Jardim dos Ipês, o bairro Nova Guará apresenta uma excelente dinâmica urbana. Há residências, restaurantes e um comércio capaz de suprir as demandas dos moradores. Fica praticamente “encostado” na Avenida Dr. Francisco de Paula Leão, nas proximidades no recinto da Festa do Peão, ou seja, é um local de fácil acesso e bastante integrado com os demais bairros guaraenses.

Outra localidade que merece destaque é o Jardim Botânico. Este bairro fica próximo à escola Marechal Rondon e, com a ampliação da avenida atrelado ao projeto de urbanização e arborização do lugar, tornou-se possível o loteamento de casas. Alguns guaraenses estão investindo nesse novo bairro, adquirindo terrenos e residências. Além disso, vários cidadãos fazem caminhada, corrida e andam de bicicleta nos arredores do Jardim Botânico, é um ponto da cidade regularmente frequentado pelos guaraenses que buscam um lugar com belas paisagens naturais. Quando adentramos ao bairro, principalmente em seus pontos mais altos, conseguimos enxergar Guará em uma visão panorâmica, avistando a cidade como um todo. Isso garante uma bela experiência estética ao cidadão!

Um outro local que também se apresenta como promissor é o loteamento Rio Verde. Situado na continuação da Avenida Antônio Ribeiro dos Santos, próximo à Vila Vitória, vem se desenvolvendo a cada dia que passa. É um local buscado por cidadãos que sonham com a casa própria. Diante disso, o ramo da construção civil está sempre aquecido no Rio Verde, uma vez que o sonho e o desenvolvimento andam juntos.

Em Guará, alguns outros loteamentos estão sendo feitos em parcerias com construtoras, proporcionando aos munícipes o

financiamento de uma casa própria, como Morada do Sol, Flamboyant, Primavera, entre outros.

Percebe-se que Guará, nos últimos anos, naquilo que diz respeito ao desenvolvimento urbano e ao surgimento de loteamentos e bairros, não está dependente apenas do Centro e dos bairros mais antigos. As novas localidades, além de oferecerem moradias, possuem um comércio nascente capaz de suprir as necessidades básicas do dia a dia, a exemplo de mercado, farmácia e lojas. Isso é fruto do progresso de nossa cidade, uma vez que essa realidade urbana é bastante comum em grandes centros.

Hoje em dia, mesmo que alguns serviços essenciais, a exemplo de Bancos, Fórum, Delegacia, Destacamento de Polícia, Correios e Lotérica, estejam localizados no Centro, os demais bairros, inclusive os novos, contam com serviços comerciais. Essa nova lógica, iniciada há poucos anos, coloca Guará em uma dinâmica diferente daquela que vigorava no passado, visto que os bairros, atualmente, possuem uma maior autonomia, o que acarreta em uma maior independência financeira e na conservação de certos costumes presentes nos habitantes que ali residem.

Educação

Com base nos documentos cedidos pelo ilustre cidadão Dr. Romeu Franco Ribeiro, é possível visualizar que, Guará, nos idos de 1914, contava com um elevado índice de analfabetismo, pois ainda não valorizava a escolarização. Naquela época, as filhas dos ricos fazendeiros iniciavam seus estudos na própria casa, contando com aulas particulares, nas quais também aprendiam a bordar, dançar e tocar alguns instrumentos musicais, além de aprenderem regras de etiqueta.

Posteriormente, a elite guaraense e algumas pessoas cultas da cidade sentiam a necessidade de abrir escolas em Guará, democratizando o ensino. Um dos pioneiros dessa ideia foi o Dr. José de Magalhães, delegado de origem fluminense. Ele veio para Guará e se casou com uma cidadã conhecida como Dona Romana, que era filha do fazendeiro e capitão Joaquim Procópio Figueiredo Primo. Foi a partir dessa família que a educação guaraense começou a ser desenvolvida para o povo.

Conforme consta no livro “Guará: Terra do Sol”, “o casal, juntamente com o irmão de Dona Romana, o então rábula Juca Procópio, aventuraram-se em fundar o Externato Guaraense. Em 1917, nascia a primeira escola aberta a todas as classes sociais de nossa pequena Guará, onde também contribuíram com seus conhecimentos, lecionando por muito tempo naquele local de ensino”.

Com o decorrer do tempo, outras escolas surgiram, a exemplo do Ateneu Guaraense e da Escola Santa Therezinha, sendo esta última uma iniciativa do Dr. Juca Procópio. Mas foi em 1936, no governo do prefeito José Junqueira Meirelles e do governador Armando Salles de Oliveira, que Guará teve a primeira escola pública, o Grupo Escolar de Guará — atualmente conhecido como Escola Helena Telles Furtado. Doravante, nosso ensino foi desenvolvendo cada vez mais.

Hoje em dia, Guará conta com diversos espaços educacionais, como: E.M.E.B. Profª Helena Telles Furtado, E.M. Dr. Naufal Antônio Mourani, E.M.E.F. Dr. Nehif Antônio, E.M.E.B. Eng. Agrônomo. Urbano de Andrade Junqueira, E.M.E.B.T.I. Profª Adelaide Garnica, E.M.E.B.T.I. Profª Coraci Mendes de Oliveira Campos, E.M.E.B. Diamantino Ribeiro Pereira, E.M.E.F. Profª Latifa Salomão Migliori, Escola Profissionalizante Maestro Arthur Affonso Bini, C.M.E.I. Maria Paula Akrouche Sandoval dos Santos, C.M.E.I. Profª. Enoi dos Santos Assis, C.M.E.I. Heneida Luiza Magno Filgueira e C.M.E.I. Profª Nadir de Almeida Junqueira.

Além dessas escolas mencionadas acima, as quais são de competência do município, Guará conta com a Escola Estadual Marechal Rondon, com a escola particular Cooperativa de Ensino da Região de Guará (Colégio Evolução) e com escolinhas infantis, a exemplo da Escola Arco-Íris e do Recanto Hora Alegre. Guará também conta com uma escola particular de inglês, chamada *E-max School*.

Em 2018, Guará foi palco de uma nova empreitada educacional. De forma voluntária, alguns educadores fundaram o Cursinho Popular Paulo Freire que, segundo Lucas da Silva Luiz, um dos idealizadores do projeto “o Cursinho Popular é uma iniciativa voluntária com o intuito de oferecer gratuitamente aos estudantes de baixa renda do município a oportunidade de se prepararem melhor para o ingresso no ensino superior de instituições públicas e particulares. Tendo em vista a desigualdade de oportunidade, o cursinho veio para suprir essa demanda, ofertando aulas e atividades capazes de prepararem os

beneficiários do projeto para o vestibular. Também contamos com professores altamente qualificados, com uma vasta experiência em educação, capazes de manter uma relação de afetividade e respeito, falando e entendendo a linguagem do jovem, mas sem perder o seu papel de educador. Desse modo, acreditamos na construção de um mundo melhor, que começa com uma educação mais justa e inclusiva”.

No decorrer do tempo, podemos ver a evolução educacional em Guará. Hoje em dia, Guará conta com escolas públicas, particulares, infantis, creches e projetos educacionais. Tudo isso garante ao jovem melhores oportunidades no futuro, uma vez que a educação é uma das principais bases para o desenvolvimento do cidadão.

Atualmente, devido à municipalização do ensino referente ao ano de 2001, a Prefeitura e a Secretaria de Educação possuem maior autonomia para gerir as escolas que competem a esses órgãos públicos, podendo agir frente aos problemas e propor soluções a fim de garantir melhores condições aos estudantes, professores e funcionários da educação. A educação guaraense, sendo administrada por pessoas que conhecem a realidade prática do município, tende a se desenvolver ainda mais.

Na visão do nosso Secretário de Educação, José Paulo Silvério, “a educação inserida no contexto escolar deve ser um meio de emancipação e um direito garantido pela Constituição Cidadã de 1988, um dever de vários entes públicos e sujeitos da sociedade civil, sendo assim, a escola se apresenta como um fator social que acaba por representar as nuances e as mazelas da contemporaneidade, um espaço de interação e promoção do indivíduo bem como um celeiro de possibilidades e infinitas permanências”.

“A contextualização do processo de ensino e aprendizagem deve ser constante, se até mesmo nossa língua sofre mudanças ao longo das gerações e ganha novos sentidos e significados, a escola e as abordagens didáticas e metodológicas devem seguir o mesmo rumo para não serem tornarem anacrônicas e desgarradas da realidade. Nosso modelo escolar muitas vezes ainda nos remete ao século XIX, cadeiras enfileiradas como se os alunos estivessem em uma linha de produção, ensino conteudista e massificado para produzir cidadãos uniformes, e ainda regidos pelo mesmo sinal que separa as aulas e que outrora avisava os operários acerca do início e fim de suas jornadas”.

“A escola 3.0, inserida em novas metodologias, como aulas interativas, apresentou-se muito mais como uma saída inevitável e precoce devido ao quadro de pandemia que acabou por virtualizar até mesmo a relação professor aluno do que necessariamente de um projeto bem articulado para romper barreiras e limites tradicionais da escola formal. Torna-se agora imprescindível criar um elo firme entre as novas abordagens e os reais objetivos da educação básica com vistas a tornar os alunos mais engajados, participativos e conscientes de seu papel na sociedade”.

“Os desafios do nosso tempo são inúmeros, desde a quebra de barreiras econômico-sociais, melhoria na estrutura das unidades escolares, maior investimento na formação de professores, bem como melhores salários no magistério para atrair os melhores profissionais do mercado. Além destes, podemos citar o trabalho de Hércules para de fato fazer com que os alunos transformem o bombardeio de informações recebidas pelas mídias sociais em conhecimento prático e eficaz. Em meio a esta miríade de incertezas, a única convicção que temos é que o professor ainda é o ente capaz de produzir as maiores mudanças na sociedade, um altar de conhecimento que se coloca a serviço do bem comum e da equidade em todo processo educacional.”

Cultura

A cultura é um direito fundamental. Todo ser humano, no que diz respeito à cultura, possui direito à memória, à identidade e à liberdade de criação e expressão. Com isso, o poder público, podendo estabelecer parcerias com o setor privado e com as associações da sociedade civil, deve prover as condições indispensáveis ao pleno exercício desse direito a fim de planejar e fomentar políticas públicas de cultura, assegurar a preservação e promover a valorização do patrimônio cultural material e imaterial no município. A cultura é um excelente vetor de desenvolvimento humano, social e econômico, sendo algo indispensável para o progresso da sociedade.

No que se refere à cultura, entende-se que, ao ser assegurada, promovida e universalizada, implica diretamente na edificação do espírito cívico, intensificando as trocas culturais a partir da ressonância das diversas vozes que ecoam na cidade. Além disso, as políticas voltadas à cultura contribuem ao: reconhecimento, proteção, valorização e

promoção da diversidade das expressões culturais presentes no município; combate ao preconceito e à discriminação de qualquer natureza; fortalecimento da economia e maior equidade social.

O âmbito cultural está conectado com os demais aspectos da vida social, estando presente na educação, no meio ambiente, no esporte, no lazer, no entretenimento e no turismo.

A cultura, atualmente, pode ser entendida em uma concepção tridimensional — simbólica, cidadã e econômica. “A dimensão simbólica da cultura compreende os bens de natureza material (objetos, construções e monumentos) e imaterial (ideias, valores e tradições) que constituem as manifestações artísticas e o patrimônio cultural do município, abrangendo as linguagens artísticas, individuais e coletivas, todos os modos de viver fazer e criar dos diferentes indivíduos e grupos formadores da sociedade local”, conforme o Art. 216 da Constituição Federal de 1988.

Desse modo, deve-se fomentar e difundir as variadas expressões artísticas e culturais presentes no município. No caso de Guará, é possível levar em conta atividades como música, futebol, escrita, pintura, decoração, artesanato, entre outras ocupações. Assim, o patrimônio cultural será conservado.

No caso da dimensão cidadã da cultura, vale ressaltar que os cidadãos têm direitos culturais, os quais devem ser assegurados. Conforme o entendimento dos Arts. 215 e 216 da Constituição Federal de 1988, o direito à participação na vida cultural deve ser assegurado pelo Poder Público Municipal com a garantia da liberdade para preservar e difundir a cultura, reconhecendo as múltiplas expressões culturais presentes nos variados grupos étnicos e sociais que compõem o município e zelando pelas diversas identidades culturais.

Sobre a terceira e última dimensão da cultura, a econômica, é importante relatar que é possível criar condições para o desenvolvimento da cultura por meio do incentivo à criatividade e à inovação, o que gera oportunidades de trabalho e renda aos indivíduos vinculados ao escopo cultural, sem que seus valores identitários se tornem meras mercadorias, uma vez que a dimensão econômica, indubitavelmente importante no que diz respeito ao quesito financeiro, está acompanhada pela dimensão simbólica e cidadã da cultura.

Além desse entendimento, a cultura, em uma percepção sociológica e antropológica, pode ser considerada como uma

interação de características peculiares de um grupo ou sociedade. O conceito envolve linguagem, religião, hábitos sociais, música e costumes, os quais formam nossas tradições e instituições. A cultura é um fenômeno amplo que explica várias concepções sobre uma cidade, influenciando no modo de vida a partir das identidades estabelecidas durante o tempo histórico. É uma herança social.

A cultura é também algo cumulativo, visto que o arquétipo herdado por uma geração é transmitido à geração seguinte. Contudo, durante esse processo, alguns tentam desfazer de ideias consideradas obsoletas, incorporando novos aspectos a fim de prover maior harmonia no convívio social das gerações vindouras.

A cultura é um elemento múltiplo e indispensável ao desenvolvimento da sociedade. A cultura guaraense, por exemplo, é uma mistura” de várias características de nível semelhante, envolvendo gostos, hábitos e ideias, bem como tipos de músicas, esportes, religiões e festividades. É sobre os aspectos culturais de Guará que veremos nesse momento.

Música

A história da música guaraense é riquíssima. Segundo o músico guaraense Mário Elias, “Guará tem uma energia musical maior que qualquer cidade da região. Muitas gerações aprenderam música com o maestro Arthur Bini, ele ensinava de graça e dava o instrumento para a pessoa tocar. Isso foi passando de geração em geração, toda família tem alguém que sabe tocar. O maestro trouxe a cultura musical da Itália, país de origem dos seus pais, para o Brasil. Se Guará tem essa alma musical, é por conta dele. E se hoje você toca algum instrumento, você deve indiretamente a ele.

“Na minha família, por exemplo, nós aprendemos música com o maestro. Eu aprendi trompete, meu pai saxofone e meu tio trombone. Mas antes de aprender a prática, ele nos ensinou a teoria musical, aprendemos a ler partitura. Quando nós aprendemos a ler música, aprendemos a tocar qualquer instrumento. No decorrer da minha vida, aprendi praticamente todos os instrumentos musicais, e hoje sou sanfoneiro”.

“Durante minha carreira musical, tive a oportunidade de tocar vários gêneros musicais. Fico feliz em ver meu filho seguindo meus

passos, a música sendo passada de geração em geração na minha família. Na minha opinião, a pessoa que gosta de música é diferente, parece que tudo flui melhor na vida”, disse Mário.

Guará possui essa aura musical, devemos isso à herança imaterial legada pelo maestro Arthur Bini. No decorrer da história guaraense, várias bandas e duplas surgiram na cidade, como os Mongóis, Terra Seca, Los Amigos, Fernando e Thiago, Luiz Fernando e Renato, entre outros. Guará também teve fanfarra e coral. Atualmente, a Banda Marcial é uma iniciativa que merece bastante destaque e prestígio na sociedade, pois preservou um estilo musical que ainda faz bastante sucesso em desfiles cívicos.

A música marca profundamente a alma da cidade. A partir dessa herança cultural, muitos se divertem, enquanto outros ganham a vida. Por meio da música ocorre a interação entre os cidadãos em um ambiente marcado pelo entretenimento, onde é proporcionado bastante diversão aos presentes.

Futebol

Guará possui uma grande tradição no futebol e personagens de destaque!

O cronista Dr. Romeu Franco Ribeiro nos conta que “a Associação Atlética Guaraense (AAG) foi fundada em 1930 com o intuito de acolher e fortalecer a sociedade guaraense em torno do futebol. Era onde ocorria os eventos musicais e sociais da cidade. Além do salão de festas em estilo colonial, a AAG possui um quadra poliesportiva, uma quadra de tênis, dois campos de futebol society, duas piscinas e sauna”.

“Os anos 1930 forma generosos para a nossa cidade, principalmente no que se dizia respeito ao surgimento de bons jogadores. Havia a empolgação da recém-fundada AAG e a prática do futebol era muito exercida pelos jovens da cidade. Em 1934, adquiriu-se o terreno para a construção do estádio de futebol, que foi denominado de Arthur Alves dos Santos. A partir de então, a AAG começou a disputar campeonatos regionais e estaduais”, disse Dr. Romeu.

No decorrer da história, vários guaraenses se destacaram no futebol a ponto de jogarem profissionalmente, sendo eles:

- . Tião Medonha: jogou em El Salvador.
- . Carmo Pereira: jogou na Guatemala.

. Paulo Alcantra: jogou no Vasco da Gama e na Seleção Brasileira Juvenil.

. Daniel Nogueira (Dié): Jogou no América de Rio Preto e no São Paulo.

. Carlos Roberto de Alcântra (Betão): jogou no Botafogo de Ribeirão Preto, no XV de Jaú, no América do México, no Japão, no Bragantino e na Seleção Brasileira Juvenil.

. Jader Luiz Lopes da Silva: jogou no Batatais, Rio Branco, Americana, XV de Jaú e na Seleção Paulista.

. Cauê Santos: jogou no Grêmio Novorizontino, no Corinthians e no Lommel SK (Bélgica).

Outros atletas também levaram o nome de Guará para o futebol brasileiro. Nossa cidade tem o futebol como uma grande tradição, algo que os guaraenses sempre gostara, e muito! É bastante comum encontrar pessoas conversando sobre futebol, assistindo jogos e praticando o esporte. Por se tratar de algo que está no coração da maioria dos guaraenses, somos incentivados, desde sempre, a gostar de futebol.

Em Guará, é promovido um evento futebolístico há bastante tempo, a conhecida Copinha, evento em que clubes são convidados para disputar um torneio de base em Guará. Realizada durante uma semana do mês de janeiro, a Copinha reúne vários times da região que possuem categorias de base. O campeonato é dividido por categorias conforme a idade dos jogadores, indo do sub-11 ao sub-17. É uma belíssima oportunidade para os garotos demonstrarem o talento em campo.

Um ponto interessante sobre a Copinha é que a cidade abraça o evento. A Prefeitura disponibiliza alojamento nas escolas para os times, os guaraenses comparecem nos jogos e o comércio é movimentado pelo pessoal que vem de fora. Para Guará, a Copinha é um evento culturalmente interessante, abordando os âmbitos simbólico, cidadão e econômico.

Guará também possui ótimos projetos de futebol. O Águas de Guará, projeto social comandado pelo ex-jogador Dié; o XV de Novembro, dirigido pelo “Bodinho”; o Univille, liderado por Marivaldo, que é um centro de formação de jogadores; e o FutFera, equipe feminina de futsal.

Falando em futsal, vale lembrar que Guará já participou em diversas ocasiões da Taça EPTV, ou seja, o esporte aqui é bastante

tradicional, é jogado no campo e na quadra por homens e mulheres. A comunidade guaraense ama futebol!

Festividades

Algumas festividades nos acompanham desde a fundação de Guará. São essas tradições que mantêm viva a alma da cidade, dando sentido à vida social. Nesses eventos, os cidadãos se encontram, conversam, convivem e trocam experiências, é uma maneira de fortalecer os laços entre os cidadãos e a relação com aquilo que a cidade nos oferece. São festas religiosas e cívicas que resgatam nossos valores e costumes.

Talvez uma das mais tradicionais festividades da nossa cidade, a Quermesse, promovida pela Igreja Católica, oferece excelentes comidas, lazer e distração para as famílias. Realizada na Praça Nove de Julho, a Quermesse é uma festa prestigiada por guaraenses de todas as idades, tem diversão para todo mundo. Essa festividade possui um cunho filantrópico e, a partir de leilões, bingos e venda de alimentos e bebidas, a Paróquia São Sebastião e Santo Antônio consegue angariar fundos e continuar suas atividades.

Em um sentido parecido com a Quermesse, A Feira da Bondade, por exemplo, ocorre em decorrência do Dia das Mães. Nessa ocasião, as entidades filantrópicas e todas aquelas que visam prestar um serviço social, participam do evento, desde a década de 1990, com forte entusiasmo. A Feira da Bondade ocorre sempre em espaço público, normalmente na Praça Nove de Julho, dando oportunidade às entidades para arrecadarem fundos e continuarem com as atividades essenciais à sociedade, despertando o civismo na população.

Outro evento bastante tradicional e valorizado pelo povo é a Festa do Peão de Boiadeiro. Guará já realizou uma das melhores festas da região! Segundo o cronista Romeu Franco Ribeiro, “a ideia inicial teve origem com os agropecuaristas da região, especialmente com Celides Gonçalves e Elídio Cherutti, que sonhavam com uma festa nos moldes da Festa do Peão de Barretos. Diante disso, houve a construção do recinto em um terreno público doado pelo então prefeito Francisco Vicente Iozzi. O que torna possível a realização dessa festa é o envolvimento de guaraenses imbuídos de ideias e

tradições, juntamente com a interação entre o Poder Público, o Sindicato Rural e a Associação Comercial.

Além dessas festividades, é importante mencionar um evento que teve início, em Guará, no ano de 2021: O Dia da Bíblia. Nessa ocasião, a comunidade evangélica se reúne a fim de celebrar sua fé em uma noite marcada por músicas, encontros e conversas. É um dia de louvor a Deus com bastante alegria.

Reflexões sobre a Cultura Guaraense

Em Guará, há espaço para a manifestação de todas as expressões culturais. Nossa comunidade, diversa e plural, preserva a cultura em suas múltiplas formas, contemplando o escopo simbólico, cidadão e econômico. A cultura, sem dúvidas, é um elemento de suma importância para a vida social, sua ausência implica na transformação da civilização em ruína.

“As tradições existem porque permitem que uma sociedade se reproduza. Destruí-las é remover as garantias oferecidas por uma geração à seguinte”, conforme explica o filósofo Edmund Burke.

Festividades, esportes e eventos sociais, quando possuem lastro na realidade factual e nos costumes locais, são questões fundamentais para a formação da alma da cidade, pois a tradição é uma forma de conhecimento. É dessa maneira que firmamos nossa relação com o local onde nós habitamos e com as demais pessoas, estabelecendo laços de fraternidade.

A cultura é uma forma de conhecimento social, formado com o passar dos anos através da interação entre gerações. O arquétipo cultural está diretamente ligado com as tradições locais. No nosso caso, o futebol, a música sertaneja e as comemorações religiosas são grandes exemplos, os quais permeiam a sociedade de forma geral. Além dessas, há culturas de grupos específicos e outras expressões presentes na sociedade. Aqui, vale ressaltar que todas essas manifestações culturais são legalmente garantidas no que diz respeito à preservação e à promoção.

A cultura é um direito de todos! A valorização dos costumes, das tradições e dos grupos sociais são importantes no sentido de que os cidadãos, de modo horizontal, se encontrem no seu semelhante,

prevalecendo a noção de pertencimento social e de união em detrimento da “poeira da individualidade”.

Segundo Luiz Carlos dos Santos Júnior, Assessor Pedagógico, “a cultura em nosso país é marcada pela diversidade. Somos um país plural e pluricultural. Recebemos influências culturais de diversas partes do mundo, desde a vinda dos escravizados da África, dos imigrantes italianos, japoneses e de diversas outras regiões de nosso planeta. Outro viés importante acerca de nossa formação cultural vem dos povos indígenas, com todos seus rituais, danças e músicas que antecedem a chegada dos portugueses. De forma resumida e simplificada, somos privilegiados pela riqueza cultural”.

“Aqui, não poderia ser diferente, pois somos fruto de uma combinação vinda da imigração portuguesa, italiana, espanhola, alemã, libanesa, japonesa e daqueles que aqui já habitavam. Essa mistura cultural da nossa cidade enriquece nossa alma e edifica nossos valores, que estão expressos em costumes, política, arte e crenças”.

“A cultura auxilia na construção de um cidadão e, sendo assim, cultura e educação são pilares que sustentam e balizam, lado a lado, a formação moral e intelectual do ser; é a parte que nos diferencia de animais irracionais e que nos regula perante a sociedade, com aquilo que nos foi deixado por diversas gerações e que vamos adquirindo com o passar dos tempos. A cultura é fluida e mutável, sempre se adaptando, sempre obtendo novos olhares, sempre abrangente e nunca exclusiva.”

Saúde

A saúde pública é um dos principais alicerces da vida social. Desde meados do século passado, a saúde em Guará já começava a ser desenvolvida. Médicos como o Dr. Jahyr de Paula Ribeiro e o Dr. Francisco de Paula Leão exerciam a medicina em Guará, auxiliando os cidadãos com problemas de saúde.

Com a presença de um sistema público de saúde, o acesso a esse serviço se torna universal e gratuito, o que beneficia imensamente os cidadãos, principalmente os de baixa renda. Ancorado nos princípios da Constituição Federal de 1988, o Sistema Único de Saúde (SUS), criado em 1990, ampliou o acesso à saúde, colocando os cidadãos necessitados aos cuidados de médicos, dentistas, enfermeiros,

psicólogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, farmacêuticos, entre outros profissionais da saúde.

Embora o SUS ainda apresente algumas lacunas, pode ser considerado um verdadeiro salto civilizatório e, com isso, merece ser constantemente melhorado a fim de ser preservado e transmitido às futuras gerações. No caso de Guará, vários municípios dependem única e exclusivamente dos serviços oferecidos pelo SUS e, sem este órgão, as necessidades ficariam à deriva. O sistema público de saúde é, portanto, algo essencial para os guaraenses.

As instituições públicas de saúde, a exemplo da Santa Casa, dos postos, das farmácias e do CAPS, garantem esse direito aos cidadãos, sendo possível consultar, fazer exames, cuidar da saúde corporal e mental.

Na Santa Casa, por exemplo, os cidadãos podem consultar com os médicos, marcar exames e até realizar testes de Covid, sem custos. Nos dias de hoje, a estrutura da Santa Casa está progredindo bastante, há novos equipamentos, serviços e uma equipe de qualidade que zela pela saúde dos guaraenses.

Os postos de saúde também são locais onde os cidadãos podem receber auxílio médico e odontológico. Além disso, há farmácias dentro dos postos, onde o munícipe pode pegar algum remédio após a consulta e receita do profissional da saúde. Essa estrutura garante a promoção da saúde e o bem-estar social.

Um órgão que também merece destaque é o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Implantado com a finalidade de prover ações voltadas à saúde mental da população, objetivando acolher os pacientes com transtornos mentais, o CAPS visa estimular a socialização desses cidadãos a partir de iniciativas que desenvolvam a autonomia deles. Isso é feito tanto por meio de atendimentos médicos quanto psicológicos.

Guará também atua no âmbito da Vigilância Sanitária, prezando por ações que visam à diminuição de riscos à saúde dos habitantes, como o monitoramento da qualidade da água e as condições dos estabelecimentos que oferecem medicamentos e alimentos, além de fiscalizar os consultórios e unidades de saúde da cidade.

A promoção de uma saúde pública de qualidade é algo essencial para o desenvolvimento da cidade. A contenção de doenças, a prevenção e a medicação são importantes para a vida de todos nós,

por isso entendemos que os profissionais da saúde são indispensáveis para uma comunidade civilizada e sadia.

Essa imprescindibilidade dos profissionais da saúde tornou-se ainda mais clara no momento pelo qual passamos. A pandemia de Covid-19 mostrou a todo Brasil a importância do sistema público de saúde, que evitou a ocorrência de desastres ainda maiores. Por meio do SUS e dos esforços das autoridades municipais, os profissionais da saúde de Guará e dos demais municípios conseguiram aplicar as doses de vacina de forma gratuita nos cidadãos, dando esperança a todos.

A saúde pública é, portanto, um alicerce da nossa civilização! Ela garante a vida de muitos. Em Guará, temos várias unidades de saúde que oferecem serviços à comunidade, são elas: Centro de Saúde Dr. Jahyr de Paula Ribeiro, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Especialidade Odontológicas (CEO), Estratégia Saúde da Família (ESF) Jardim Itapema, ESF Matarazzo, ESF Jardim Paulista, Unidade Básica de Saúde (UBS) do Distrito de Pioneiros, ESF Nossa Senhora das Graças, Santa Casa de Misericórdia de Guará, Farmácia do Centro de Saúde, Farmácia do Centro de Atenção Psicossocial, Controle de Vetores, Academia da Saúde, Vigilância Sanitária, Vigilância Epidemiológica.

Projetos Sociais

Através da Secretaria Municipal de Assistência Social, o poder público guaraense oferece diversos projetos sociais para a comunidade. Os projetos sociais enriquecem a sociedade no escopo cultural, educativo, esportivo e intelectual, além de serem instrumentos capazes de desenvolver a cidadania e de manter os direitos humanos. Também nos ajuda a ampliar nossa visão sobre a sociedade, ouvindo as múltiplas vozes que ecoam, o que nos permite perceber as diferentes perspectivas de vida.

Os projetos sociais conectam as pessoas entre si em torno de uma atividade, ampliando o senso de pertencimento dos cidadãos e a empatia em relação ao local que vivemos, possibilitando a criação de laços com seus semelhantes. Esse fenômeno se encontra presente em Guará desde muitos anos, uma vez que a nossa cidade sempre se destacou pela generosidade e hospitalidade do povo.

Diante dessa cultura guaraense de prover ajuda ao próximo, algo presente na alma da nossa cidade, fundou-se o Fundo Social de Solidariedade de Guar4 em 4 de agosto de 1983, instituído pela Lei Municipal nº 703. A ideia desse 6rg4o 6 “subsidiar as car4ncias socioecon4micas do munic4pio e, para isso, busca parcerias para a realiza74o de a74es que mobilizam toda a cidade”.

Nos dias de hoje, a Prefeitura Municipal de Guar4 oferece v4rios projetos sociais, sendo eles:

- . Projeto Crescer Feliz
- . Projeto M4os de Anjo
- . Projeto Melhor Idade
- . Projeto 4guas de Guar4
- . Projeto Banda Marcial
- . Projeto Usina da M4sica
- . Projeto Guri
- . Projeto Doce Espera
- . Projeto Pintura em Tecido
- . Projeto Oficina da M4sica
- . Projeto Artes Marciais – Kung-fu
- . Economia e Pr4ticas Dom4sticas
- . Processo de Soldagem
- . Fundamentos de Funilaria
- . Hidr4ulica e Pneum4tica para a Manuten74o Produtiva
- . Curso de Aperfei74amento para Gar7om
- . Projeto Educando para o Futuro
- . Projeto Era Uma Vez

O munic4pio tamb4m oferece, enquanto projeto social, cursos de:

- . Culin4ria regional
- . Bombons e ovos de p4scoa
- . Doces e compotas
- . Salgadinhos de festas e bolachinhas
- . Pesponto de Cal7ados
- . Manicure
- . Inform4tica
- . Bordado
- . Torneiro Mec4nico
- . Corte e Costura

- . Cabeleireiro
- . Teclado

O Fundo Social de Solidariedade promove:

- . Feira da Solidariedade
- . Campanha do Agasalho
- . Comemorações de Natal

Vimos que o município de Guará oferece dezenas de cursos e promove algumas campanhas a fim de ajudar a população. Em Guará, oportunidades são concedidas ao cidadão que busca por melhorias. Pelo fato de haver vários tipos de projetos sociais, os guaraenses estão diante uma grande oferta de projetos que podem capacitá-los em busca de uma vida digna e promissora.

Associações da Sociedade Civil

As associações da sociedade civil são instituições privadas sem fins lucrativos, que prestam serviços à comunidade. Essas entidades podem ser de ordem social ou religiosa, a exemplo de Organizações Não-Governamentais (ONGs) e igrejas, respectivamente. Elas prestam um serviço com finalidade social, auxiliando no progresso de uma determinada causa ou grupo.

Em Guará, as associações da sociedade civil estão presentes no nosso cotidiano. No escopo social, temos algumas instituições que prestam importantes serviços ao povo guaraense, melhorando a vida de vários cidadãos e edificando a alma da nossa cidade. Sobre essas entidades assistenciais, é importante mencionar:

O Dispensário de Assistência Vicentina de Guará - Lar de Idosos

Desde 1929, propicia atendimento aos idosos em situação de vulnerabilidade e de exclusão social, oferecendo-lhes uma vida mais digna.

Casa da Criança

Conveniada ao município, proporciona às crianças um espaço favorável ao desenvolvimento primário de suas habilidades e competências.

APAE - Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais

Atende pessoas portadoras de deficiências. A instituição preza pela habilitação e reabilitação das pessoas através de ações que estimulam a parte motora e intelectual delas.

Rotary Club

Fundado em 1969, promove ações sociais e culturais na cidade de Guará, buscando ampliar o bem-estar social e a qualidade de vida de todos.

Loja Maçônica Dr. Jahyr de Paula Ribeiro

A maçonaria, embora seja uma sociedade discreta e seleta, promove ações filantrópicas na cidade de Guará, ajudando os munícipes nas necessidades.

Turminha do Latido

ONG que trabalha em prol dos cachorros de rua. Liderada pela Martinha, esta organização resgata cachorros de rua, tenta arrumar um lar para eles e promove a conscientização da população a respeito da importância de cuidar dos animais, não deixando-os em condições de vulnerabilidade.

G.A.A.R - Grupo de Apoio aos Animais de Rua

A causa animal é algo nobre! Esta ONG, dirigida por Marcelo Barião, auxilia os animais de rua nos cuidados que eles precisam. Segundo Barião, o G.A.A.R começou em 2018 com a ideia de socorrer os cachorros de rua, salvando-os de doenças, dos maus-tratos e da morte. Quando resgatado, eles colocam os cachorros em um determinado e tentam arrumar um lar para o animal. É uma luta diária.

A ONG arrecada fundos a partir da mobilização social. Os participantes realizam promoções, como a venda de pizzas, rifas e *lives*. Toda forma de ajuda da população é bem-vinda para a ONG. Desse modo, os integrantes do G.A.A.R conseguem comprar ração,

remédio e vacinas para os animais. Mas tudo isso depende da ajuda da sociedade.

Segundo Marcelo Barião, “hoje a sociedade está mais disposta a ajudar os animais, mas é algo bastante recente. Aqui em Guará, por exemplo, a Luzia de Bessas e seu marido, Demóstenes, adotaram 24 cachorros. Além deles, outras pessoas iluminadas ajudam na causa animal”. O ponto positivo é que a comunidade guaraense, ao menos grande parte dela, está engajada. O pessoal está mais solidário.

“No G.A.A.R, conto com o apoio de Melina Lubito, Isabela Mota, Magali Nogueira, Lais Campos, Mariana Monteiro, Priscila Carreiro. Também agradeço imensamente o pessoal que compra nossas pizzas e que ajudam os animais. Sou grato ao apoio da população guaraense. Vamos juntos pelos animais, pois os cães são excelentes companheiros”, comentou Marcelo.

Instituições Religiosas

Além dessas instituições citadas, vale ressaltar que a vida religiosa é bastante ativa em Guará. É uma cidade onde vários municípios possuem religião e frequentam uma igreja. As comunidades católicas, protestantes e espíritas são muito ativas não apenas no âmbito religioso, mas também socialmente. As instituições religiosas fazem campanhas e festividades a fim de angariar fundos que são destinados à caridade. É um trabalho que faz a diferença em Guará.

A religião, como sabemos, exerce um papel de edificação espiritual e moral nos fiéis e, enquanto instituição, cumpre uma função social extremamente relevante, provendo ajuda aos mais necessitados através dos fundos arrecadados com eventos e ações que fortalecem ainda mais o vínculo entre os fiéis.

Na concepção do filósofo britânico Sir Roger Scruton “as sociedades sobrevivem quando estão assentadas, e o assentamento depende da devoção e do autossacrifício. A relação eu-você abriga gerações ausentes e outras que não estão claramente manifestas entre nós. E isso nos leva a fazer sacrifícios em nome de pessoas que não podem ter essa relação por meio de uma promessa recíproca. Através dos vínculos “transcendentais” de piedade, entramos no domínio das coisas sagradas, das obrigações que não podem ser

explicadas em termos de qualquer acordo que fizermos, e que falam de uma ordem eterna e sobrenatural”.

A Igreja Católica, as Igrejas Evangélicas e o Centro Espírita são associações religiosas que ajudam a cidade de Guará como um todo, promovem maior interação entre a comunidade, auxiliam as famílias menos abastadas, despertam o espírito da generosidade, incentivam a caridade e completam ainda mais a noção de alma da cidade, tanto na perspectiva espiritual quanto material.

Religião sempre é feita de conteúdo e elemento histórico. Ao pensarmos nos alicerces da nossa civilização, é visível que o cristianismo exerce um papel fundamental desde os primórdios, como a valorização da humildade e das coisas simples da vida. A tradição cristã, portanto, nos acompanha até hoje, fomentando grande parte dos nossos valores morais e sociais.

Guará nos Dias de Hoje

Após percorrer todo um caminho histórico, ao considerar fatores políticos, econômicos, culturais, religiosos e sociais, faz-se necessário demonstrar alguns aspectos que compõem nossa cidade nos dias atuais, bem como a maneira com que a vida funciona aqui.

Guará, em todos os espectros da vida humana, oferece excelentes condições para o desenvolvimento dos cidadãos. Percebo que a cidade, nesses últimos anos, está crescendo bastante em termos econômicos. Isso proporciona um desenvolvimento em escala para a cidade. Com a vinda de empresas como a VLI, o Posto Monte Carlo e o Frango Assado, além da expansão do Busa e da Body Builders, a renda de vários municípios foi elevada.

Com o crescimento industrial, novos produtos e empregos são gerados aos guaraenses. Isso proporciona maior poder de compra aos moradores de Guará, o que possibilita a realização de investimentos em habitação e ampliação dos gastos no setor de serviços — lojas, restaurantes e bares.

A economia aquecida, fruto do promissor setor industrial e empresarial somado à boa administração pública, proporciona melhores condições de vida aos cidadãos. Com isso, os guaraenses expandem a cidade a partir da abertura de novos loteamentos e

conjuntos habitacionais, impulsionando ainda mais o setor da construção civil, que é um grande gerador de empregos.

Com a presença desses potenciais consumidores, novos estabelecimentos são abertos, os quais vendem alimentos, vestimentas e outros utensílios, movimentando o comércio e gerando empregos nos bairros.

Percebe-se um grande desenvolvimento urbano nos dias atuais. Isso é visto pelo efeito em escala proporcionado pelas ações das empresas e pela gestão pública de qualidade. Em uma cidade onde há convergência e diálogo entre os múltiplos setores da sociedade, as chances de progresso são maiores. E esse é o caso de Guará!

Quando os empresários entendem a dinâmica econômica do local e os gestores públicos compreendem as demandas da comunidade, tudo tende a fluir melhor. Empregos são gerados e a qualidade de vida é transformada, ampliando o bem-estar social. Esse alinhamento em termos de ideias e proposições é fundamental para o desenvolvimento de uma cidade, e isso tem sido uma realidade em Guará nos últimos anos.



Praça Nove de Julho, 2021

O desenvolvimento econômico proporciona a manutenção de muitos guaruaenses em Guará, além de impulsionar a vinda de

migrantes. Com mais pessoas trabalhando, empreendendo e estudando, nossa cidade se torna mais sólida e promissora.

A partir das boas oportunidades de trabalho e estudo, os cidadãos fixam raízes na cidade. Quando as pessoas enxergam chances de progresso no local onde estão, elas costumam fazer o possível para desenvolvê-lo ainda mais, de modo que preservam o legado social e pensam em como promover melhorias para seus sucessores.

Nessa relação entre gerações, embora a economia exerça um papel importante no desenvolvimento municipal, não é o único fator que determina o gosto dos moradores pela cidade. O convívio familiar, a proximidade com os amigos de longas datas e o fato de conhecer e de nos reconhecer no próximo são questões importantes para nós.

Mesmo que o tempo tenha passado e hoje vivemos em um mundo tecnológico e dinâmico, muitos preferem a calma e a tranquilidade de Guará. Do que adianta poder se conectar com o mundo sendo que a nossa casa é aqui?

Muitos que por um motivo ou outro precisaram morar fora de Guará, seja por um tempo ou durante quase a vida toda, mantiveram um forte contato com suas raízes. Em feriados, finais de ano e férias é bem comum ver o município mais cheio, visto que vários guaraenses retornam à casa para visitar a família, reencontrar os amigos e desfrutar da cidade.

Em Guará, é comum ver as pessoas firmando laços umas com as outras. Muitas dessas amizades são mantidas pelo resto da vida em uma perspectiva de lealdade. Na prática, isso é visto pela interação dessas pessoas na sociedade, que compartilham gostos em comum, frequentam os mesmos lugares e possuem visões de vida convergentes.

Desse modo, o arquétipo cultural se faz imprescindível. Grupos são formados em torno de esportes, como turmas que jogam futebol, futsal, vôlei, entre outras modalidades. Outros agrupamentos são constituídos a partir de uma perspectiva religiosa, que une cidadãos em grupos que compartilham vivências semelhantes. Já no meio social, repleto de associações da sociedade civil e de ONGs, vários cidadãos se unem em prol de causas comunitárias e sociais, provendo valiosas ajudas dentro do escopo de atuação.

Nossas instituições, como a saúde, a educação, a democracia, o poder público, o mercado e as religiões sustentam a vida em

sociedade, de modo que nossos valores morais e sociais estão visíveis na maneira em que elas funcionam. O bom funcionamento das instituições garante o bem-estar social, que é o principal anseio dos entes privados e públicos. Guará é uma cidade onde há espaço para todos. Há escolas para as crianças, trabalho para os adultos e tranquilidade para os idosos. É uma verdadeira comunidade que reúne gerações do passado, do presente e do futuro.

Muito daquilo que foi feito no passado é importante para a nossa vida no presente. Como vimos no decorrer do capítulo, o desenvolvimento das escolas, das unidades de saúde e da cidade como um todo é algo que está acontecendo desde o início de Guará. As sementes plantadas no passado nos deram árvores. Ao mesmo tempo que essas árvores nos dão frutos, sombra e bem-estar, entendemos que ela precisa continuar sendo regada, podada e cultivada, uma vez que esta é a única maneira de preservá-la para que possa ser transmitida aos nossos sucessores na forma de conhecimento social adquirido.

Podemos, durante nossa vida, mudar certos detalhes dessa árvore, readequando-a conforme as necessidades da época presente, mas jamais devemos cortar a raiz. Caso isso seja feito, a sustentabilidade da sociedade acabaria em um piscar de olhos, pois nossos valores, tradições e instituições seriam descartados, ou seja, a civilização seria substituída pela ruína.

Todos os aspectos da vida humana estão interligados, estabelecendo uma relação de interdependência. Se temos o que temos hoje, é graças aos esforços daqueles que já partiram e dos que estão aqui lutando incansavelmente por melhorias. Guará, nos dias de hoje, quando comparado ao início da cidade, é como a relação entre a semente e a árvore. Levou tempo para florescer, o que é natural, e nós devemos ter a clara noção de que as coisas belas demandam esforço para serem constituídas, e esse processo é feito no decorrer do tempo, por gerações e gerações.

Todos esses aspectos, eventos, valores, instituições e grupos mencionados nesse capítulo, atuando de forma conjunta na esfera social, formam a alma guaraense.

Capítulo 8

Guará em suas múltiplas vozes

Chegamos no último capítulo do livro. Sabendo que meu conhecimento e noção sobre a cidade seriam insuficientes para a realização de uma obra acerca da história de Guará, resolvi abrir a palavra para os meus conterrâneos. Nesse capítulo, veremos entrevistas com vários guaraenses que, a partir do civismo, quiseram participar dessa obra contando suas histórias de vida e percepções sobre a cidade.

A pluralidade de ideias é sempre bem-vinda, a polifonia funciona de forma bem melhor que um discurso unívoco. Vocês terão o prazer de ver, por outras óticas, sobre o que é Guará, bem como nossas tradições e instituições. As múltiplas vozes aqui expressadas conseguem trazer uma imensa diversidade acerca da vida, das oportunidades e preferências de cada cidadão, enriquecendo a percepção do leitor acerca da vivíssima história de Guará.

A vida moral, social e pública inclui uma grande variedade de vozes. Todos nós julgamos, pensamos e chegamos às próprias conclusões, as quais dependem das nossas vivências. O filósofo britânico Michael Oakeshott enfatizou a importância da variedade de vozes na sociedade em geral, pois são as múltiplas vozes que permitem o florescimento de uma comunidade livre e próspera.

No decorrer do trabalho, já testemunhamos alguns relatos das mais variadas histórias de vida, principalmente sobre os descendentes dos fundadores, dos migrantes e dos imigrantes. Nesse momento, entenderemos como a sociedade guaraense funciona nos dias de hoje. A melhor maneira de compreender esse fenômeno é através do som das múltiplas vozes que ecoam nesse capítulo.

Tive a honra de entrevistar pessoas de várias áreas. Já aproveito para agradecer a colaboração de todos os comerciantes, professores, operários, técnicos de informática, profissionais da saúde, esportistas, policiais, líderes religiosos, funcionários de firmas, políticos, advogados, empregados de todos os setores, empresários e demais

guaraenses. Vocês abrilhantaram esse livro, demonstrando como realmente funciona nossa comunidade.

Vamos às entrevistas!

LUIZ CARLOS RODRIGUES, “BUSA”

Empresário no Ramo Industrial e Engenheiro Mecânico

Busa, conte um pouco sobre sua história. Quando começou a trabalhar, quais eram seus sonhos e objetivos.

Meu finado pai, Sr. Álvaro Rodrigues, em 1956, fundou uma empresa em Ituverava, minha cidade natal. No início do empreendimento, ele já produzia esquadria metálica e, com o tempo, especializou-se na fabricação de máquinas agrícolas, uma vez que a mecanização da agricultura era algo promissor na região. Sendo assim, meu pai desenvolveu novos tratores e colheitadeiras a fim de satisfazer a demanda da época. Desde muito jovem, comecei a acompanhá-lo na empresa. Sempre ficava ao lado dele, que me ensinou bastante sobre o ramo industrial. Meu pai foi uma grande inspiração para mim.

Em 1970, aos 52 anos, meu pai faleceu de câncer repentinamente. Eu tinha 18 anos e precisei administrar a empresa, que se chamava Oficina São Carlos. Era a forma de prover sustento à minha mãe e aos meus seis irmãos.

Como surgiu a Busa e quais as especialidades da empresa?

Em 1978, troquei o nome da empresa para Busa, que é meu apelido. Nessa época, devido à minha proximidade com os Maeda, pude vislumbrar e aprender bastante sobre as novas tecnologias agrícolas em viagens ao exterior. Tudo que aprendi nos EUA e na Europa, busquei implementar na Busa.

Meu anseio era expandir a empresa, pois o algodão era uma cultura bastante próspera na região e complementar em relação ao que já produzíamos. A cidade de Guará, na pessoa do então prefeito Alcides Furtado e de seu filho, Manoel Furtado, abriu-me as portas para que a Busa pudesse ser instalada em uma área localizada no município. Em 1983, adquiri a Fazenda Rio Verde e a Fazenda Alvorada, iniciando as produções em Guará.

A cidade me acolheu de uma excelente forma. Foi providenciado, de início, uma área de quatro alqueires, localizada entre a Fepasa (ferrovia) e a Anhanguera (rodovia). A Busa está em uma região geoestratégica, o que facilita todo o processo de distribuição e escoamento da produção.

Atualmente, a empresa está dividida em três setores: algodão, rodoviário e componentes hidráulicos (Leniors). São fábricas independentes e autônomas, porém interligadas. Uma unidade complementa a outra. Desse modo, conseguimos beneficiar o algodão e transportá-lo.

Para gerir esses setores mencionados, conto com o apoio dos meus familiares e com aproximadamente 400 funcionários. Além disso, a empresa Busa fornece subsídio para o estudo, diversos colaboradores graduaram-se em cursos superiores conciliando o trabalho na empresa e o estudo universitário.

Comente sobre a importância do algodão e do agronegócio em geral para Guará.

O algodão é uma cultura “nômade”, já estive no Paraná, passou por São Paulo e hoje está, em larga escala, na região centro-oeste. Escolhi ficar em Guará pelo fato da cidade estar em uma região relativamente próxima aos demais polos produtores de algodão, além da facilidade que temos para escoar a produção através da rodovia e da ferrovia que entornam a Busa.

Hoje, o Brasil é o maior exportador e o quarto maior produtor de algodão do mundo. Nosso algodão de qualidade tem como principal destino o excelente mercado interno. E, desde os primórdios da Busa, realizamos exportações. O processo de internacionalização é algo natural, que ocorre conforme o crescimento da empresa. Diante disso, exportamos tecnologias agrícolas para a América do Sul, África e EUA, mas o mercado mais proeminente é o brasileiro.

O agronegócio, somado ao desenvolvimento de tecnologia, gera riquezas e empregos para a população. Compartilho da tese de que nossa região vive o ciclo do “C”: o café, no início de Guará; o cotton (algodão), na década de 1960; e a cana-de-açúcar, nos anos de 1990 devido ao pró-álcool e às preocupações ambientais. A cada 30 anos, em média, ocorre uma grande transformação. E hoje acredito que

vivemos o ciclo do quarto “C”, referente ao conhecimento, que é um fenômeno líquido, ou seja, adapta-se facilmente às novas demandas. Acredito tanto no conhecimento que fui cursar Engenharia Mecânica na FAFRAM há pouco tempo e concluí a graduação aos meus 67 anos de idade. Vejo que o conhecimento, o agronegócio e a produção industrial andam juntos, possibilitando o desenvolvimento de Guará.

MANOEL ANTÔNIO THEODORO

Professor de Matemática

Manoel, fale aos guaraenses sobre a sua carreira de professor.

Estudei na FFCL de Ituverava-SP, sou da turma de 1993. Durante o período de estágio, fui convidado pelo diretor Chaudé Abrão para dar aulas na Escola Municipal de 1º e 2º grau de Guará, hoje Escola Municipal Dr. Naufal Antonio Mourani. Os cursos, sempre noturnos, eram: Supletivo de 1º e 2º grau, Magistério e Técnico em Contabilidade, hoje não existem mais. Nesta escola trabalhamos com a EJA – Educação de Jovens e Adultos, anos iniciais (1º ao 5º ano) e anos finais (6º ao 9º ano). Os cursos são semestrais e a idade mínima é 15 anos. Naquela época, os professores eram convidados. Hoje em dia, todos os professores da rede municipal de ensino são concursados. Entre 1994 e 2001, trabalhei como convidado, sendo concursado desde 2002 como professor efetivo da rede municipal. Em 2010, fui aprovado no concurso estadual, mas a sede seria Leme-SP, preferi ficar em Guará, pois neste mesmo ano passei em outro concurso para professor substituto da rede municipal.

No ano de 2007, recebi um convite da minha madrinha de profissão e colega de faculdade, a saudosa Dolly Tannous Elias, e comecei a trabalhar como professor de matemática do Colégio Evolução.

Na sala de aula eu me realizo. É minha vida participar da formação dos jovens guaraenses. Seja na EJA, onde o aluno consegue a CNH – carteira nacional de habilitação, é aprovado em algum concurso público, muda de cargo na empresa graças à escolaridade, consegue fazer uma faculdade e agradece a todos professores da escola ou no Colégio Evolução, onde todo ano nossos alunos são aprovados nas melhores faculdades do país, é muito gratificante ser professor e participar da formação dos cidadãos.

Como você enxerga a ação dos professores para a fomentação da cidadania?

Importantíssima. Eu vejo cada professor, dentro da sua disciplina, ensinando e motivando o aluno para aprender, entender e questionar. Esse incentivo desperta no aluno o senso de ser conhecedor de seus direitos e deveres, ou seja, um cidadão profissional capaz de transformar o país por meio de seu caráter e profissão.

Qual a sua visão sobre a importância da educação em Guará?

A cidade de Guará oferece às crianças e aos jovens um ensino de qualidade através de profissionais concursados e motivados. Oferece também uma boa estrutura para a aprendizagem desses alunos, como material escolar, uniformes, refeição, salas com ar condicionado, etc. Além dos conteúdos de cada disciplina, temos os projetos como balé, judô, guri, banda marcial, entre outros. Tudo isso é muito importante para que o jovem não fique na rua e sim na escola, onde ele tem o ambiente ideal, seguro e agradável para sua aprendizagem e formação. A importância da educação está em tudo que ela traz. A educação realiza sonhos, resgata a dignidade, promove a vida e transforma pessoas.

GUILHERME VITORELI MOUSSA

Analista de Sistemas

Qual a importância da tecnologia na sociedade guaraense?

Em algumas ocasiões, por questão de mercado de trabalho e oportunidades de carreira, os “filhos de Guará” se ausentam daqui, mas deixam pais, mães, irmãos, primos e amigos. E a distância sempre foi empecilho, até que a internet de qualidade e a tecnologia possibilitaram que esses filhos pudessem ter um contato mais próximo e mais afetivo por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação. Chamadas de vídeo em alta resolução, por meio de *smartphones* cada vez mais modernos, aproximaram netos de seus avós e filhos de seus pais, estreitando cada vez mais os laços familiares. Sem dizer na evolução nos ramos profissionais, hoje os advogados protocolam suas ações totalmente por meio digital, tornando o processo jurídico mais dinâmico. Facilidades e comodidade do *Internet*

Banking, consultar extratos, saldos, fazer transferências, pagar e receber através da novíssima modalidade do PIX. O próprio poder público também goza bastante dos benefícios da tecnologia, a exemplo da consulta *online* de débitos como IPTU e ITBI, emissão de notas fiscais de serviços (ISS), toda uma área de serviços ao cidadão guaraense, além da oportunidade de difusão de informações pelas redes sociais. E tudo isso já era feito antes da pandemia, este evento somente potencializou, por necessidade, a importância da tecnologia na vida dos cidadãos.

Conte um pouco sobre sua vida e carreira (formação, quantos anos está no mercado de trabalho, conquistas e desafios profissionais).

Nasci em Guará no dia 16 de junho de 1991. Me formei Técnico em Informática, pelo Centro Paula Souza - ETEC Alcídio de Souza Prado, na cidade de Orlandia, em dezembro de 2008. Logo em seguida, pegando carona na paixão pela informática, iniciei o curso de Sistemas de Informação, na Faculdade Dr. Francisco Maeda (FAFRAM), em Ituverava-SP, me formando Analista de Sistemas em dezembro de 2012, mesmo ano que comecei a prestar serviços na comunidade guaraense.

Iniciei a carreira em pleno estouro da internet banda larga com tecnologia ADSL, que proporcionava, na média, velocidade de 2 megas, chegando até 10 megas em algumas localidades privilegiadas da cidade. Logo em seguida, iniciou a Fibra Óptica, que revolucionou a velocidade de conexão, aumentando drasticamente a média de velocidade, possibilitando utilização de recursos mais avançados de fluxo de dados, como *streamings* de vídeos, a exemplo dos famosos Netflix e Youtube.

Hoje atendo tanto a usuários domésticos, quanto comércio em geral: lojas, farmácias, materiais de construção, supermercados, restaurantes, mercearias, barbearias, bancos, OAB, Fórum (Tribunal de Justiça), escritórios de advocacia, despachantes, auto escolas, Câmara Municipal de Guará. Amo a minha profissão, não existe um único dia que eu não precise estudar e aprender coisas novas, esse é o grande desafio que a minha profissão exige de mim.

Sou muito feliz e grato quando consigo aproximar pessoas, ser uma ponte para que um comércio cresça e gere renda e desenvolvimento para a cidade. A partir da tecnologia, também gosto de proporcionar

condições de estudos aos que buscam conhecimento e condições de trabalho aos que precisam trabalhar e exercer suas atividades com a maior eficiência possível na frente do computador. Essa é a grande verdade na Tecnologia da Informação, você pode não notar, você pode não perceber, mas praticamente tudo que você fizer, existe um profissional criando possibilidades e fazendo de tudo para que as coisas aconteçam da forma mais rápida e segura possível.

ALESSANDRA ALVES DO NASCIMENTO

Comerciante - Proprietária da Loja Turma da Lê.

Alessandra, fale um pouco sobre sua vida, quando começou a trabalhar e qual era seu grande sonho.

Aos meus 16 anos de idade, comecei a trabalhar na Locadora Moretti's Video, onde fiquei durante 4 anos. Depois, trabalhei por um breve período de tempo na Loja da Maria Angélica e acabei mudando de serviço, indo para a Loja Pan de Ló, da Adriana. Foi nesta loja que descobri o que queria para minha vida, descobri minha paixão pelo comércio de roupas. Um dia fui com a Adriana fazer compras em São Paulo e mentalizei “ainda vou fazer compras aqui para o meu próprio negócio, tenho esse sonho na vida”.

Mas antes de abrir a Turma da Lê, trabalhei 9 anos nas Lojas Carol. A Cooperativa também vendia roupas, e lá me desenvolvi bastante como vendedora, aperfeiçoei e ainda peguei mais gosto pela coisa. Já habituada no trabalho, surgiu um boato que a loja de roupas da Carol iria fechar as portas. Diante disso, tive que tomar uma providência rapidamente. Queria trabalhar em um lugar onde seria tão feliz quanto na Carol; minha única opção, nesse momento, era vencer o medo de empreender e abrir minha loja.

Comecei meu empreendimento e sou muito feliz nele, pois vejo sentido em minha profissão. Amo minha loja e já estou com ela há 15 anos. Sou filha de Guará, minha família é toda daqui e sempre moramos no município. Amo Guará, a cidade, as pessoas e acredito bastante no potencial do comércio guaraense. Mas vejo que ainda precisamos melhorar na questão comercial, ter um olhar mais moderno para o setor, bem como o desenvolvimento de ferramentas que nos auxiliariam no progresso. Talvez uma maior união entre os

comerciantes e um olhar mais cuidadoso da Associação Comercial seria um bom caminho para todos nós.

Como a pandemia influenciou na dinâmica do comércio de roupas?

Ao meu ver, tudo isso que foi desenvolvido por necessidade durante a pandemia, como vendas *online* através de mídias digitais, foco de propagandas em redes sociais e *lives* para vender as roupas vieram para somar, porém jamais vão substituir as formas tradicionais de negócio. Vejo como um complemento, porque as pessoas gostam de ir na loja, ver a vitrine, ficar cara a cara com as tendências, experimentar as roupas, ter a opinião da vendedora e ver como a roupa fica no corpo. Faz parte da nossa cultura e modo de vida.

Em relação ao comércio, as técnicas incorporadas durante a pandemia continuarão sendo úteis no mundo pós-pandêmico, mas será um cenário onde tradição e inovação estarão convivendo lado a lado. Uma coisa não substitui a outra. Os comerciantes estão acostumados com as mudanças, e eu busco sempre tirar aprendizado dos momentos, principalmente das dificuldades e nos períodos de transição. Acredito que essa é a alma do negócio!

CÍCERO RISSI “TOTI”

Borracheiro

Toti, fale um pouco sobre sua vida e profissão.

Vim morar em Guará com apenas oito meses de idade. Sou guaraense e foi aqui onde cresci, casei, criei meus filhos e atuo como borracheiro há 30 anos.

Antes de abrir minha borracharia na Avenida Antônio Ribeiro dos Santos, localizada na Vila Vitória, cortei cana, trabalhei na Busa quando era em Ituverava, na Elekeiroz e fui sócio do meu sogro na borracharia dele por dois anos. Mas sempre tive vontade de trabalhar por conta, ter meu próprio negócio e tocar do meu jeito. Graças a Deus, consegui abrir minha borracharia e estou com ela há quase 30 anos, oferecendo o melhor serviço possível para todos os clientes.

Tenho muito orgulho da minha profissão! Tenho vários clientes, sou recomendado na cidade e recebo um bom ordenado. Consegui, junto com minha esposa Mislene, que trabalha há muitos anos como

cozinheira, formar meus filhos na faculdade. É uma grande conquista para mim. O Rafael fez Administração, o Cícero Engenharia Mecânica, a Gisele Engenharia Civil e a Isabela Terapia Ocupacional. Meu filho mais velho, o Almir, seguiu meus passos e trabalha como borracheiro. Graças a Deus estamos todos bem.

O que você acha de Guará?

É uma cidade muito acolhedora. Tenho muito contato com o povo, fiz muitos amigos e, principalmente, valorizo minha família acima de tudo. É sempre bom estar com meus familiares e reunir com os amigos. Minha vida em Guará é excelente, tenho ótimas companhias e consegui me desenvolver como cidadão, pai e profissional.

Vejo que Guará está crescendo bastante de uns tempos para cá. Percebo isso pela quantidade de automóveis circulando nas ruas e avenidas da cidade. Antigamente, as crianças brincavam nas ruas, jogavam bola e se divertiam nesses espaços, mas atualmente é mais complicado por conta da quantidade de carros. A cidade está progredindo muito.

Lembro que quando comecei a trabalhar na borracharia, fazia mais serviços de caminhão e ônibus, era pneu que estragava e coisas para consertar. Mas nos dias de hoje, minha principal fonte de renda são os carros, pois com o desenvolvimento da cidade e as oportunidades de trabalho para a população, os guaraenses começaram a adquirir carros e se tornaram clientes da minha borracharia. Isso demonstra que a cidade está crescendo e as pessoas tendo mais possibilidades de crescimento profissional, é um ponto positivo. Guará tem condições para se desenvolver cada vez mais.

CLEDSON GONÇALVES LOPES

Policial - Atual 1º Sargento de Guará

Como surgiu o interesse pela carreira policial?

Antes de me tornar policial, trabalhei junto com meu pai e irmãos de servente de pedreiro. Em casa, sempre conversamos bastante sobre a carreira policial, e meu pai foi quem me influenciou, pois ele tinha um sonho de ser policial, e isso acabou me tocando bastante. Entrar na polícia, para mim, era uma excelente maneira de ajudar a sociedade,

provendo segurança aos cidadãos a partir do exercício de uma função essencial para todos. Além disso, a categoria era bastante valorizada e concorrida na época em que entrei para o batalhão.

Em 1997, tive a oportunidade de prestar o concurso da Polícia Militar. Passei na primeira tentativa e agradeço imensamente o apoio da minha família e da cidade de Guará. Lembro que a Prefeitura disponibilizou os ônibus para prestarmos as fases do concurso em Ribeirão Preto. Me levaram em todas as etapas do concurso — prova teórica, física, psicológica e exames de saúde. Esse zelo do poder público com os cidadãos possibilitou que os guaraenses prestassem o concurso, inclusive eu que não tinha condições de bancar as viagens naquele momento.

Em 1998, comecei minha carreira na PM. Tinha apenas 19 anos e fui convocado para os primeiros treinamentos em Jardinópolis. Após a conclusão do treinamento, trabalhei em Franca, Ribeirão Preto e Guará. Mas foi em 2003 que ocorreu uma drástica mudança na minha carreira, fui ser policial em São Paulo.

Na capital paulista, tive de cara um grande choque de realidade. Não estava acostumado com aquela dinâmica e com o jeito que as coisas funcionavam lá. Fui apresentado a uma espécie de polícia e batalhão que eu não estava familiarizado, era bem diferente do interior. Havia muita burocracia, um código militar de conduta e operações diferentes das que eu estava acostumado a fazer por aqui. Outro aspecto paulistano que merece destaque, quando comparamos a capital do estado com o interior, é o fato de não conhecermos as pessoas que convivemos e a alta rotatividade no batalhão. É difícil construir vínculos.

Depois de ficar 4 anos na capital, trabalhei mais um tempo em Guará. Todavia, voltei para São Paulo em 2013, ficando lá mais cinco anos. Essa época foi a mais difícil, já era casado, pai de família e tive que superar a distância e os perigos inerentes à profissão.

Como é ser 1º Sargento na sua cidade natal?

Há alguns anos, voltei para o interior, trabalhei em Miguelópolis e hoje estou em Guará, minha cidade natal. Sou o primeiro guaraense a atuar na patente de 1º Sargento na própria cidade, é um imenso prazer, privilégio e honra poder defender a cidade dos meus familiares e

amigos. Agradeço a Deus por estar na minha cidade, é ótimo poder ajudar o povo daqui, procurando ser justo e bom para as pessoas. Gosto de Guará pelo fato de conhecer a cidade, os bairros e as pessoas. É bom atuar aqui por conta dessa familiaridade com o local, mas isso exige ainda mais comprometimento. Às vezes fico sentido de não poder fazer mais pela população.

Comente sobre a segurança pública de forma geral.

A sociedade vem mudando muito. Os índices de criminalidade aumentaram demais, é muita gente afundada nas drogas e no alcoolismo. Isso acaba contribuindo para o crescimento da violência em todos os seus aspectos, como o caso de vários jovens envolvidos no tráfico de drogas e o problema da violência doméstica, que tem sido alarmante. Essa série de hostilidades perturba imensamente o cidadão que quer se desenvolver e trabalhar honestamente, que é a grande maioria.

Ao meu ver, o Brasil chegou nesse ponto por conta de uma série de alterações na sociedade. As leis estão cada vez mais frágeis, o que retira a autoridade da polícia e do Judiciário perante o combate à criminalidade. O policial fica restrito a algumas funções, sendo impedido pelo frágil código de leis de realizar certas operações. Com isso, meia dúzia de caras “tocam o terror” em um bairro repleto de cidadãos do bem que procuram crescer na vida de forma digna.

Outro ponto que vejo em relação à crise da segurança pública é o fato da perda de valores que outrora edificaram as famílias. Atualmente, várias pessoas, independente de renda, origem e posição social, afastaram-se da família e de Deus, deixando esses princípios à deriva, o que abriu espaço para a ascensão do submundo do crime organizado e das drogas.

Mas, como policial, tenho o dever de providenciar segurança aos cidadãos, tentando conter essas questões que nos perturbam. Quero mostrar que a Polícia Militar está de portas abertas para a população, de forma que nós, policiais, podemos ser uma efetiva referência cidadã e profissional aos jovens de Guará e ao povo como um todo.

DANIEL NOGUEIRA, “DIÉ

Ex-Jogador de Futebol e Treinador

Dié, comente com os guaraenses sobre sua carreira como jogador profissional.

Em Guará, todos me conhecem desde muito tempo como Dié, fui jogador e tive contrato com vários times. Jogava de lateral esquerdo. Os principais pontos de destaque da minha carreira foram meus longos anos no América de São José do Rio Preto e minha passagem pelo tradicional São Paulo FC, onde auxiliei na conquista do Campeonato Brasileiro de 1986.

Natural de Guará, nasci no dia 29 de setembro de 1958 e comecei no futebol jogando pela Associação Atlética de Orlandia, com apenas 20 anos de idade. Em seguida, por indicação do meio-campista Paulinho Jaú, tive a graça

de assinar um contrato com o América de São José do Rio Preto, minha primeira oportunidade em um time da primeira divisão. No América, fui titular na lateral esquerda por quase uma década, sendo um dos maiores destaques da história do clube. Joguei no melhor time que o América montou. Em 1986, fui contratado pelo São Paulo e conquistamos o título nacional naquele ano.

Também tive a oportunidade de jogar futebol no São Joaquim Futebol Clube e na Sociedade Esportiva Matonense. Joguei profissionalmente por mais de quinze anos, encerrei minha carreira já em uma idade bem avançada para um jogador profissional. Após a aposentadoria, continuei no ramo esportivo, onde estou até hoje tocando um projeto social de futebol na minha cidade natal.



Dié - São Paulo FC, 1986.

Como você enxerga a importância de um projeto social de futebol em Guará?

Aos 62 anos de idade, estou à frente do projeto Águas de Guará, do qual o autor deste livro já foi integrante durante anos, mantido pela empresa que opera o abastecimento de água e tratamento de esgoto da cidade. Aberta a todos os interessados, a “Escolinha do Dié” reúne aproximadamente 200 crianças e adolescentes – meninos e meninas – dos seis aos dezesseis anos, que treinam de terça a sexta-feira, em dois períodos, no Centro de Educação Integrada Américo Migliori, nome oficial do Ginásio de Esportes do município.

Iniciado em novembro de 2005 para incentivar a prática esportiva entre jovens, a proposta do projeto social de futebol é trabalhar com disciplina e responsabilidade todo o panorama físico, técnico, tático e psicológico do futebol. Procuramos fazer da escolinha, além de um local de lazer, um ambiente de ajuste social, onde as crianças e adolescentes sintam satisfação em frequentá-la.

Aqui são feitas preleções semanais enfatizando a importância dos estudos para uma boa formação moral e profissional. Utilizamos o desporto como meio de saúde, educação, disciplina, integração e confraternização. O projeto atendeu mais de três mil pessoas em 15 anos de funcionamento, tudo devidamente documentado em fotos, vídeos e relatórios e ainda confere suporte para vários garotos que tentam se profissionalizar no futebol.

Neste trabalho, uso como base o período em que atuei como lateral-esquerdo em clubes profissionais – desde Orlândia e São Joaquim da Barra até Matonense, América de Rio Preto e São Paulo, pelo qual atuei na segunda metade da década de 1980 em uma equipe que contava com Dario Pereyra, Bernardo, Careca, Silas, Muller, Pita entre outros grandes jogadores. A experiência que eu tive durante anos como atleta profissional me dá a possibilidade de passar os ensinamentos que aprendi com meus treinadores e preparadores físicos para os jovens guaraenses.

EDSON FRANCISCO DOS SANTOS

Padre

Padre Edson, explique sobre a vida e a formação de um pároco.

Quando senti o chamado de Deus, fui seguir o caminho que Ele me propôs. Ser padre é uma vocação, pois o dia a dia da profissão exige demasiada responsabilidade e sacrifício. O padre é praticamente um pai que orienta os fiéis, tendo como base os valores cristãos edificados pela Igreja Católica há milhares de anos. Desse modo, faz-se necessário, por meio da Igreja, anunciar Jesus Cristo, o filho de Deus que morreu na cruz para nos salvar.

O caminho para se tornar padre é longo. O primeiro passo é fazer uma pastoral vocacional e, posteriormente, o propedêutico. A partir dessas experiências, o postulante entra na faculdade de filosofia e, após a conclusão deste curso, gradua-se em teologia. A filosofia mostra as ideias, enquanto a teologia apresenta Deus. Durante esse tempo, o cidadão fica no seminário, onde é preparado para o ofício de padre. Após esse processo, ainda deve-se fazer um ano de licença para ser ordenado padre. Enquanto padre, devemos orientar os fiéis e fazer com que nossa Igreja cresça na caridade, auxiliando as famílias de todas as formas possíveis.

Qual a relação entre o Catolicismo e a nossa civilização?

Deus existe desde sempre! O catolicismo possui lastro histórico com a civilização ocidental. Nossos valores civilizacionais estão fortemente vinculados à religião cristã, o que nos concebe certas normas, ideias e condutas que possibilitam uma convivência social mais harmônica. Desde a Antiguidade, tanto no ramo da filosofia quanto no da teologia, o catolicismo vem sendo desenvolvido e ganhando forma no intuito de nortear os cidadãos com base nos sólidos ensinamentos de Cristo.

Toda cidade do Brasil nasceu de uma capela. Quando chegamos em uma cidade, olhamos para cima e deparamos com a Igreja e a Cruz, sentindo-se em casa. Mas, hoje em dia, o céu se fechou para várias pessoas que fixam o olhar para baixo, as quais encontram-se sem esperanças.

Sabemos que os valores cristãos estão no mundo desde antes do nosso nascimento. Jesus veio pelos pecadores, pelos doentes e por

todos aqueles que buscavam pela redenção, então jamais podemos desanimar e abandonar a fé. Todos que o seguiam eram pecadores, e ele mudou a vida de todos que quiseram. O Catolicismo deixa bastante clara a noção de livre-arbítrio. Todos são chamados por Deus para ter uma vida séria, mas nem todos querem seguir o caminho da salvação, porque essa escolha implica em responsabilidade e sacrifício.

Em Mateus 7:13-14, a partir da mensagem “entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição e numerosos são os que por aí entram. Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho da vida e raros são os que o encontram”, a ideia do livre-arbítrio já estava clara como princípio.

Temos medo do compromisso, então temos que fazer escolhas. Hoje não há nada proibido, as coisas do mundo são muito fáceis, quase nada implica em renúncia. Mesmo que sejamos livres, a liberdade está dentro de um arquétipo social repleto de tradições, ela não é um conceito abstrato, está inserida em uma realidade prática. Caso contrário, a liberdade perde seu sentido e nós perdemos nossa essência.

Para seguir a Deus, deve haver renúncia. Isso faz parte da tradição cristã em que o autossacrifício do Redentor transforma conflito em perdão e violência em paz. Os fiéis devem seguir o exemplo de Cristo, sacrificando seus desejos hedonistas em prol da remissão dos pecados, pois Jesus disse: se quer ser meu discípulo, renuncie a tudo. A inovadora noção de autossacrifício tornou-se um ponto central no cristianismo, contribuindo imensamente para todos os aspectos da vida dos fiéis.

Cristo morreu por nós e pelos nossos pecados, deixando acesa a chama da fé nesse mundo de pecadores onde habitamos. Aqui, na “Cidade dos Homens”, como dizia Santo Agostinho, estão reunidos os pecadores, enquanto na “Cidade de Deus”, está a santidade, livre do pecado e contemplada pela eternidade. Portanto, o recado do catolicismo é a busca pela remissão dos pecados através do autossacrifício — conceito entendido como a vida pautada na essência sacramental e nos ensinamentos de Cristo.

Comente sobre os desafios da Igreja Católica em um mundo cada vez mais individualista, secular e racionalista.

A modernidade é algo natural que chegaria um dia. Por ter estudado e servido como padre na Europa durante 20 anos, vejo que o secularismo é algo que veio de lá, principalmente da Escandinávia, colocando a ideia de que o homem é Deus de si mesmo. Infelizmente, nos dias de hoje, várias pessoas não acreditam mais na providência, os cidadãos procuram a Igreja apenas quando querem, enxergando a religião como um mercado, e não como parte da cultura e da vida moral.

A religião não deve ser encarada como algo opcional, pois é a partir do compromisso e do hábito que a vida muda. Não existe essa de ser católico e não frequentar a Igreja, o católico deve ter comprometimento e interesse pelo modo de vida cristão. Em tempos de transições, mais do que nunca, é dever dos fiéis se espelharem no exemplo de Cristo, vivendo uma vida pautada na essência.

Todavia, estamos carentes de modelos, de pessoas que sejam verdadeiros guias. Antigamente, os modelos eram os pais e avós, ou até mesmo os santos, que deixaram tudo por uma causa nobre. Nos dias atuais, por conta da infinidade de opções e das excessivas relativizações, diversas pessoas estão perdendo o senso moral e a noção sobre a verdade, fenômeno que vem destruindo famílias e causando transtornos emocionais em muita gente.

Os jovens estão perdendo a referência dos mais velhos, enquanto estes, muitas vezes, não estão conseguindo servir de exemplo, o que esfria as relações familiares. Sem uma sólida base familiar, tudo fica mais difícil. Enquanto a família ensina através do amor, o mundo ensina pela dor, e é isso que ocorre com aqueles que desvalorizam a família. Os valores cristãos são colocados em segundo plano, de modo que muitos querem apenas uma vida de aparências. Mas não há sentido nessa forma de vida, sendo desmoronada na primeira provação, uma vez que não possui valores que a sustenta.

Devemos encarar a realidade como ela é, sabendo que a salvação implica em sacrifício, renúncia, sacramento e tempo. Por incrível que pareça, as revoluções filosóficas que contestaram o cristianismo, expressas nos modelos de Marx e Nietzsche, foram historicamente importantes no sentido de que precisamos reafirmar valores. As revoluções nos ajudaram a fixar raízes na tradição. A iniciação cristã, em contrapartida a essas revoluções, é extremamente importante

para evitar a ruína. Devemos saber e viver o significado do batismo, do matrimônio, da confissão, da crisma e da eucaristia, sendo esta última a ação que promove nosso contato com o corpo e o sangue de Cristo, lembrando que ele morreu na cruz para nos salvar.

DANILO DA SILVA RODRIGUES NETO

Pastor

Danilo, antes de entrarmos na concepção religiosa, você pode nos contar um pouco sobre sua vida?

Sou cidadão guaraense e comecei a trabalhar aos meus 14 anos de idade. Já trabalhei em mercado, varejão, serralheria e indústria. Aprendi a profissão de serralheiro e, com 19 anos, fui trabalhar na Busa. Infelizmente sofri um acidente de trabalho, o que me impediu de continuar exercendo a profissão de serralheiro. Diante desse acontecimento, recebi um chamado de Deus e me firmei na igreja, fui estudar teologia, me dediquei às obras evangélicas, trabalhei nas igrejas e hoje sou pastor por vocação.

Pastor Danilo, como você enxerga a importância do protestantismo na sociedade guaraense?

Como Pastor do Ministério Evangélico Avivamento, vejo uma imensa importância do protestantismo em Guará. Através do evangelho, conseguimos levar a palavra de Deus para muitas pessoas, modificando a vida delas para melhor. Nossa missão é manter o contato dos fiéis com Deus, trazendo os ensinamentos cristãos para a vida deles.

A igreja ajuda a recuperar muitos jovens que tiveram momentos de fraqueza e se envolveram com más companhias, drogas e álcool. Conseguimos retirar muitos deles do caminho da criminalidade e inseri-los na sociedade através dos valores cristãos. O cidadão muda de vida, retorna para o bom caminho, estuda, trabalha. A igreja também auxilia pessoas com problemas de saúde, dificuldades no casamento e idosos na solidão, levando até eles palavras de conforto e ensinamentos bíblicos. É um trabalho ensinado por Jesus, e a Igreja tem suas obras. Trabalhamos no intuito de resgatar os ensinamentos do Senhor, como o amor ao próximo, o amor a Deus, o senso de justiça, a benevolência,

o perdão, a gratidão e a honestidade e, principalmente, a valorização da família. Entendo que a partir da família, muitos problemas são resolvidos, uma vez que há amor e união entre os membros. Os valores do Evangelho são essenciais para vivermos de forma sadia em um mundo decaído.

Quando alguém se entrega na fé, sempre tem uma resposta de Deus. Estando bem-intencionado, a resposta divina é maravilhosa. A fé em Deus traz uma mudança espiritual significativa, o que não pode ser confundido com prosperidade e riqueza material, pois o objetivo da Igreja é auxiliar as pessoas na perspectiva da fé, de modo que os valores cristãos resplandeçam em uma vida virtuosa.

Nossa igreja entende que a prosperidade está ligada ao trabalho, e este é uma bênção. Valorizamos bastante o trabalho e o esforço dos fiéis, que é uma fonte divina e algo que garante sentido e retidão à vida de muitos. Ao mesmo tempo que enxergamos com bons olhos o valor do trabalho, objetivamos uma vida marcada pela simplicidade, na qual os ensinamentos do Senhor sobreponham os vícios humanos.

Como se deu o desenvolvimento da comunidade evangélica em Guará?

Nas últimas décadas, as igrejas evangélicas vêm ganhando mais espaço na sociedade guaraense e no Brasil de modo geral. Hoje em dia, aqui em Guará, há muitas igrejas evangélicas, mas cada uma tem sua linha de pensamento e ação. O Ministério Evangélico Avivamento, do qual sou pastor, possui uma linha própria, não estando vinculada a nenhuma das igrejas mais tradicionais. No Ministério Evangélico Avivamento, conto com o grande apoio da minha esposa Josi Rodrigues Neto e de Luizmar Januário.

Atualmente, a comunidade evangélica tem crescido muito. Quando o Evangelho chega a alguém que está no submundo, ele muda a vida da pessoa, tornando-se um ser humano mais pacífico e bondoso. A comunidade do Ministério Evangélico Avivamento é bem ativa e unida, os fiéis se ajudam e oferecem apoio ao irmão necessitado, pautando sempre na palavra de Deus, na valorização da família e do trabalho. E o convívio entre os irmãos fortalece os laços entre os membros da comunidade e a relação com Deus.

Em 2021, o município de Guará realizou o Dia da Bíblia, mostrando o quão relevante e grande é a comunidade evangélica na cidade. No meu

modo de entender, o Dia da Bíblia é uma tradição evangélica que visa realizar, no mês de dezembro, um evento em prol do reino de Deus, em louvor ao Senhor. É um dia para reverenciar a palavra de Deus. Geralmente, há shows de banda gospel e uma confraternização entre os membros das igrejas evangélicas, intensificando os laços religiosos. Tornou-se uma oportunidade para a comunidade evangélica conviver e demonstrar através de comemorações públicas sua fé nas obras que Deus vem realizando na vida de cada um.

SÍLVIA GOUVEIA

Empresária e Presidente do Centro Espírita

Quando surgiu o Centro Espírita Emanuel Ferreira?

Fundado em 15/11/1933, com o nome de Centro Espírita Anjo da Guarda, fizeram parte da diretoria os senhores Francisco Iozzi, Quirino Silveira e José Soares da Silva Júnior. Na fundação do Centro, em 1933, os senhores Quirino Silveira, Ademar de Paula Carvalho, José Carvalho e mais amigos também participaram. Em 1934, foi comprado o terreno onde o Centro está localizado até hoje. No ano de 1948, após uma reunião extraordinária, resolveram mudar o nome para Centro Espírita Emanuel Ferreira.

Em 1979, um albergue foi instalado e, em 1988, fundou-se o Lar Espírita de Crianças Maria Barini — um orfanato que acolheu várias crianças durante bastante tempo. A doutrina espírita está diretamente ligada à noção e prática da caridade.

Qual a importância social e religiosa do Centro Espírita para Guará?

É impossível pensar em um agrupamento humano onde não haja o amor de Deus. O povo, com todo o entendimento, com todo o coração e toda a força, direciona-se ao amor divino. Quando todo o povo se esforça para essa direção, vemos um agrupamento humano que busca sempre ser melhor: no trabalho, na família e consigo mesmo, agindo de forma digna e respeitosa em relação ao próximo. Desse modo, a disposição empática e caridosa organiza a sociedade de modo que o mais forte ampare o mais fraco; que o letrado eduque o

analfabeto; e que ninguém se aproveite de ninguém, em nenhum sentido.

Contemplamos a providência de Jesus desde a fundação do Centro Espírita na cidade de Guará. Sempre abrimos as portas do Centro Espírita para todas as pessoas que querem seguir a escola do Evangelho e os ensinamentos de Jesus a partir da luz do pensamento kardecista. Estudamos Allan Kardec para compreendermos Jesus. É magnífico ver a parábolas e a profundidade filosófica contida no Evangelho Segundo o Espiritismo. Sendo assim, é impossível não ter uma consciência social, ecológica e humana diferente quando se estuda Jesus na visão espírita.

Explique a relação entre a doutrina espírita e a caridade.

Estamos nessa desconstrução do egoísmo, não é mesmo? Nessa nossa luta íntima de perceber o outro como nosso verdadeiro irmão, nessa tentativa de ser útil de alguma maneira na obra da criação Divina. Tudo da natureza nos serve: as árvores, o ar e a água nos trazem incontáveis benefícios, até mesmo as pedras nos ajudam. Por que nós nos privaríamos das alegrias de sermos úteis quando podemos ser?

RENATO DA SILVA LIMA

Motorista na Usina Alta Mogiana

Renatinho, fale aos guaraenses sobre você.

Eu tenho 30 anos, nasci em Guará e hoje trabalho de motorista na Usina Alta Mogiana. Minha família veio do Rio Grande do Norte buscando uma nova vida aqui em Guará. Somos em seis irmãos e, aos meus 9 anos de idade, perdemos nossa mãe, foi algo muito triste para todos nós. Na época, ainda não conhecíamos muita gente na cidade, foi um momento difícil para a família.

Diante disso, eu e meus irmãos fomos trabalhar com meu pai na roça para colocar comida dentro de casa, sendo este o motivo que me obrigou a abandonar os estudos bem cedo. Foi uma questão de necessidade. Mas estou terminando meu ensino médio através do EJA, na Escola Marechal Rondon.

Aos meus 19 anos de idade, fui contratado para realizar serviços gerais na usina Alta Mogiana, essa foi uma grande oportunidade para melhorar de

emprego. Eu sempre falo, a oportunidade aparece para todas as pessoas, mas tudo no tempo de Deus. E nós temos que correr atrás dos nossos objetivos, porque “nada cai do céu”, nada é de “mão beijada” para ninguém. Temos que fazer nossa parte e esforçar bastante.

Depois de alguns anos nos serviços gerais da usina, pelo fato de ampliar minha categoria da CNH, possibilitando dirigir trator e caminhão, fui promovido ao cargo de tratorista. Meu salário melhorou, assim como minhas condições de trabalho. No ano passado, fui promovido novamente, agora sou motorista de caminhão na Alta Mogiana. Nos turnos de serviço, auxílio na safra e dirijo caminhão pipa, é um serviço que gosto de fazer. O cargo em que estou exige qualificação e comprometimento, mas oferece retorno e valorização ao serviço do trabalhador.

Muitos guaraenses trabalham na Alta Mogiana. Sendo assim, você poderia comentar sobre a importância dessa usina para nossa cidade?

A Usina Alta Mogiana destaca-se no cenário sucroenergético (produção de energia limpa em larga escala), movimentando a economia regional e participa bravamente do desenvolvimento das comunidades em que está inserida. A empresa foi fundada em 1983 com o firme propósito de erguer uma empresa vital para o desenvolvimento de São Joaquim da Barra e região. Embora a Alta Mogiana tenha sede em São Joaquim da Barra, é uma firma que gera bastante emprego para os guaraenses.

Em 11 anos de firma, tenho muitos colegas de serviço que são guaraenses. A Alta Mogiana dá muita oportunidade para as pessoas, é uma empresa que visa o desenvolvimento do funcionário, promovendo de cargo e auxiliando através de bolsas de estudos. A usina ajuda e encoraja os funcionários a desenvolver estudos nas áreas do ensino médio, técnico, faculdade e pós-graduação. Ocorre uma constante evolução do profissional que quer melhorar. Sou muito grato por trabalhar na Alta Mogiana.

Sendo um jovem cidadão, qual sua visão e perspectiva acerca da nossa cidade?

Guará vem crescendo muito dos últimos anos, principalmente no setor habitacional. Vejo vários loteamentos sendo abertos e pessoas financiando casa, isso é muito bom para a economia da cidade. Mostra

que estamos progredindo. Mas acho que a cidade tem condição de oferecer ainda mais empregos, temos o Porto Seco e o Distrito Industrial, que já são bons e podem ficar melhor ainda.

A atenção para a geração de empregos, principalmente por parte dos governantes e empresários, é fundamental para o desenvolvimento da cidade. Não somente a economia cresce, mas as oportunidades de emprego para a população auxiliam na promoção da cidadania. Com emprego e incentivo, é uma maneira de dar um norte para a vida dos jovens, visto que muitos não estão tendo oportunidades. Diante disso, acabam mudando de cidade, e é Guará que perde.

Tem que investir nos jovens, porque eles são o futuro. Tem que haver emprego e projeto para eles, para que o mundo das drogas não tome conta. Vejo que Guará possui projetos interessantes ligados ao esporte, o que ajuda na formação do cidadão. Tudo isso pode ser ampliado, oferecendo ainda mais oportunidades. O desafio é colocar os jovens guraenses no bom caminho e manter os filhos de Guará em Guará.

Nos dias de hoje, vejo uma grande melhora na educação, governo dá vários materiais para o aluno, merenda, alimento e boas condições para estudar. Então eu também encorajo os jovens a estudar, participar de projetos, trabalhar, ajudar o próximo e correr atrás dos objetivos. O jovem também tem que se interessar pelas coisas, encarar a vida e aproveitar as oportunidades que aparecem. Todos nós podemos fazer a diferença e crescer na vida!

GUILHERME LOURENÇO

Empresário - Proprietário da Carne Nobre Churrascaria

Guilherme, como você se tornou um empreendedor?

Cursei Administração por dois anos e meio, e minha família é repleta de empreendedores. Escolhi empreender porque vi uma deficiência na cidade na área do churrasco, sempre que queria comer um churrasco de qualidade a gente tinha que buscar uma opção fora de Guará.

Comecei a trabalhar muito cedo. Primeiro, na loja de utilidades do meu tio, depois fui trabalhar em uma loja de tintas e, posteriormente, montei uma loja de tintas, porém por imaturidade na administração acabou não dando muito certo. Mas o sangue de empreendedor corria

na veia. Vendo a necessidade de conjugar atendimento e qualidade no churrasco, resolvemos montar a Carne Nobre Churrascaria, que já está há dois anos no mercado.

A Carne Nobre Churrascaria é uma referência no ramo alimentício guaraense. Conte um pouco mais sobre sua empresa.

A Carne Nobre Churrascaria chegou na cidade de Guará e, em pouco tempo, já caiu nas graças da população, trazendo qualidade em todos seus produtos. A cada dia que passa, vejo o crescimento da churrascaria. A população de Guará e as pessoas das cidades vizinhas prestigiam meu comércio diariamente. Prezamos pelo nome e com certeza que quem vem ou compra pelo *delivery* continua comprando por conta da qualidade, do atendimento e da agilidade da equipe!

Além de churrasco, oferecemos marmitas e outros pratos. A churrascaria é bem diversa e visa agradar todos os gostos, deixando o cliente satisfeito. Um outro aspecto que eu gostaria de ressaltar, sobre empresa em si, é que o empreendedorismo é uma excelente carreira e uma atividade que satisfaz certas demandas da sociedade, gera empregos na cidade e oferece boas opções ao consumidor.

MÁRCIO ELIAS DA SILVA

Músico e Professor de Música

Marcinho, você é um dos grandes representantes guaraenses da música. Como tudo isso começou?

É algo que vem de família, a música foi passada de geração em geração. Tive bastante influência do meu avô Joaquim Elias e, principalmente, do meu pai, Mário Elias. O sangue musical corre nas veias da família. Aos meus quatro anos de idade, comecei a tocar cavaquinho e, logo em seguida, violão. Minha primeira apresentação profissional, aos nove anos, foi em um Carnaval em Buritizal, onde meu pai estava tocando com sua banda. Tenho meu pai como meu espelho musical e profissional. Aprendi muito sobre música com ele, tanto a prática dos instrumentos quanto a teoria. É gratificante!

Junto com ele, também toquei bastante forró. Era um ritmo que estava em alta nos anos de 1990, gerando uma boa renda aos músicos e bastante diversão à população. Até os meus 21 anos, toquei com meu

pai em eventos, salões e festas, mas também manteve, paralelamente, algumas bandas de rock com meus amigos.

No decorrer da carreira, fui aprendendo a tocar vários gêneros musicais, a exemplo de sertanejo, rock, bossa nova, MPB, pop, entre outros. Cada ritmo demanda um instrumento específico. Como tocar sertanejo sem viola e sanfona? Como tocar rock sem guitarra? Diante disso, comecei a aprender uma série de instrumentos, a fim de aperfeiçoar as apresentações e crescer na carreira.



Márcio e Mário, 2022

Fale aos guaraenses sobre sua carreira de músico e professor de música.

Em 2001, quando já estava dominando diversos instrumentos, resolvi dar aula particular para o pessoal após receber incentivo da minha família. Comecei a ensinar os alunos a tocar violão, guitarra, teclado, bateria e outros instrumentos, indo nas casas e passando tarefas. Sigo até hoje nesse ramo, o que é muito bom para mim. É um grande prazer poder ensinar música ao pessoal, pois a música é um agente transformador. Inclusive o autor deste livro, o Alexandre, foi meu aluno de violão e guitarra durante uns três anos.

Em 2002, tive a grande oportunidade de entrar na Conexão Nacional, uma banda baile que toca em formaturas, casamentos e demais festividades. Fiquei por lá durante dezenove anos, mas também mantive projetos paralelos durante esse tempo. Tocava com meu pai em alguns eventos e, em 2009, fundei a banda Los Amigos, que já deu oportunidade para alguns guaraenses desenvolverem a carreira

musical. Hoje em dia, continuo firme e forte com a banda Los Amigos, tendo bastante autonomia para fazer minha agenda.

Em 2004, houve uma expressiva mudança na minha vida. Recebi um convite do Colégio Evolução para ser maestro da fanfarra e dar aula de teoria musical nas salas. Estou no Evolução até hoje, é uma honra ser professor de Música e educar os jovens através dessa arte. Ao ensinar, a gente também acaba aprendendo bastante, lembro que nos primeiros anos da fanfarra, eu sempre chamava alguém para tocar trompete para nós, mas essa situação me incomodava, pois eu não podia ficar dependendo dos outros para esse fim. Foi nesse momento que decidi comprar um trompete e aprender por conta, algo desafiador. A partir disso, assumi a função de trompetista da fanfarra, conciliando com a de maestro.

Nesses vários anos de fanfarra no Evolução, diversos jovens passaram pelos meus ensinamentos musicais, inclusive o autor do livro, que foi membro da fanfarra por quase uma década. Além disso, na sala de aula, eu tive a grande chance de conviver com os jovens e ensiná-los sobre teoria musical.

Entre os anos de 2008 e 2019, trabalhei em um projeto social de música, oferecido pela Prefeitura Municipal de Guará. Foram ótimos anos e uma excelente oportunidade de difundir os conhecimentos musicais na juventude guaraense. É muito bom poder contribuir para a sociedade através da música.

Em 2008, resolvi entrar para o conservatório em Uberaba, minha ideia era de ampliar meus conhecimentos sobre teoria musical, embora meu pai já tivesse me ensinado bastante sobre esse assunto. Em 2011, tive a oportunidade de cursar a graduação em Educação Musical, pela UFSCAR. Após a conclusão desse curso, obtive diploma que me deu todos os direitos de lecionar em sala de aula e de continuar estudando música.

Em escolas, também trabalhei no Anglo, no COC, ambas localizadas em Ituverava. Hoje continuo lecionando na nossa cidade vizinha e em Guará. Também trabalhei na Escola Infantil Recanto Hora Alegre, na nossa cidade. Além disso, continuo com meus alunos particulares, com os shows da banda Los Amigos e faço pós-graduação em Musicoterapia. Concilio o ofício de professor particular de instrumentos, professor de teoria musical e músico de shows. É bem corrido, conciliar shows com escola não é simples, pois são “mundos”

completamente diferentes, mas quando fazemos por amor, conseguimos vencer os obstáculos e ter sucesso.

Nos shows, trabalho com música para todos os gostos, toco todos os estilos possíveis. A ideia é agradar o público e criar um bom ambiente para o entretenimento. Nos últimos tempos, acabamos criando, espontaneamente, um bordão para a banda Los Amigos, o famoso “suuuucesso!!”. Vejo o bordão como algo importante e marcante, é uma espécie de referência que liga o público à banda.

A banda Los Amigos, que hoje é composta por mim e pelo Rafael Reis, faz vários shows na região. Em dezembro de 2021, tocamos em 35 eventos. Em algumas apresentações, chegamos a contratar bailarinas e músicos *freelancer*. Nos shows, tem que ter percepção e ver o que a galera está gostando, só o tempo faz a gente perceber isso. É saber agregar. Graças a Deus a banda Los Amigos está crescendo bastante, e vejo que o sucesso se torna real quando gostamos daquilo que fazemos.

Você enxerga a música como um fator indispensável para a formação do imaginário?

A música é uma voz que ecoa na sociedade, um belíssimo horizonte. É muito bom poder viver da música, fazer shows e dar aulas. O campo da música cresceu bastante, é uma grande oportunidade de carreira para aqueles que amam essa área. Música exige bastante esforço e dedicação, pois é um ofício que toca a alma dos indivíduos, ou seja, é algo que auxilia na formação da cidadania.

Meu avô passou os valores musicais para o meu pai, o qual me inseriu no mundo da música. Devemos todos ao maestro italiano Arthur Bini, quem ensinou música a vários guaraenses, inclusive ao meu pai e avô. Isso acabou formando, após os esforços de gerações e gerações, uma alma musical em Guará.

Hoje em dia, a dificuldade é manter essa alma musical. O maior desafio do professor de Música é conseguir educar musicalmente as crianças com outros estilos musicais. Um dos problemas disso é o precoce acesso à internet e o fato de que os jovens ficam presos nas simples músicas de Tik Tok, aquelas oferecidas pela indústria da música que fixam na mente. Aprendemos facilmente, fazemos passinho e coreografia. Por um lado, isso é importante para a diversão e tem sim seu devido valor dentro da música, mas precisamos ter músicas

diferentes e mais elaboradas, é um desafio oferecer essa visão contemplativa sobre a música.

Para que isso seja feito, não basta apenas o professor mostrar aos alunos estilos musicais diferentes, é preciso haver bom relacionamento entre professor e aluno e entendimento dos pais sobre a situação. Para entendermos um ritmo musical, temos que conviver com ele, escutar diariamente e entrar naquela vibração.

Atualmente, a mídia abre pouco espaço para outros gêneros musicais. Está focada apenas nos ritmos do momento, em *hits* que oferecem a mesma batida. Se não houver uma base familiar que ouve outros ritmos, a criança fica só nisso e cria certa aversão aos outros gêneros musicais, mesmo sem conhecê-los. Mas quando variamos nosso repertório, ampliamos nossos gostos, horizontes e entendimento sobre as coisas. É importante ouvir de tudo. Devemos dar mais voz aos demais ritmos e colocá-los em evidência, demonstrando que eles existem.

Desde que comecei a dar aulas particulares, faço uma apresentação dos alunos no espaço da AAG (Clube). A ideia é demonstrar meu trabalho e a evolução dos meus alunos em termos musicais, assim como incentivar outras pessoas a tocar instrumentos e entrar na vida musical. A entrada nesse evento é paga com 1kg de alimento não perecível. Tudo que arrecadamos é destinado à caridade. No evento, demonstro vários estilos musicais.

Mas ainda falta ter concertos abertos ao público e uma maior divulgação da riqueza musical. Um grande exemplo guaranaense é a banda marcial, que tem sucesso pelo fato de estar em evidência e ter apoio do município. Uma boa ideia seria ter um coral cantando frequentemente no coreto. A evidência e a frequência de determinado ritmo musical fazem com que as pessoas comecem a gostar. É isso que alimenta o imaginário e desperta o cidadão para a música em suas múltiplas expressões. A música faz parte da nossa vida!

NILTON DE CARVALHO E ANDERSON MIGANI DE CARVALHO

Cabeleireiros

Nilinho e Aderson, comentem a respeito da relação de vocês.

Nos conhecemos em Franca e, em pouco tempo de namoro, fomos morar juntos. O Anderson saiu de Franca e veio morar em Guará, onde

trabalhou por dois anos na fábrica de calçados, mesmo ofício que exercia em sua cidade e, posteriormente, começou a trabalhar de cabeleireiro no salão. Fizemos contrato de união estável há dez anos e, quando a lei permitiu o casamento homoafetivo, casamos no civil. Estamos casados há oito anos, sempre tivemos o apoio de nossas famílias e uma boa relação com a sociedade.

Hoje em dia, várias mães de garotos homossexuais, quando descobrem esta condição no filho, vêm conversar com a gente para saber um pouco mais sobre a situação. Elas também comentam que pedem para os filhos seguirem nosso exemplo de conduta, casar, ter profissão e uma vida certinha. Acabamos servindo de exemplo para muitos jovens que são homossexuais. Ao mesmo tempo que isso é legal e honroso para nós, também é uma responsabilidade imensa.

O “Espaço Cabelo & Arte”, salão de vocês, é um grande sucesso em Guará. Como tudo começou?

Bem antes de ser cabeleireiro, durante minha juventude em Guará, aconteceram alguns casos de preconceito por conta da minha condição, mas eram fatos isolados ocorridos em alguns eventos na cidade. Contudo, nunca tive problema para arrumar emprego e viver minha vida. Antes de ser cabeleireiro, trabalhei como vendedor em loja de material de construção durante um bom tempo. Após fazer cursos de cabeleireiro, comecei a conciliar os dois trabalhos durante um tempo, mas quando tive a oportunidade, investi no salão e na carreira de cabeleireiro.

O Espaço Cabelo & Arte já está com 27 anos. Desde sempre planejamos atender com horário marcado, a ideia é fazer um atendimento exclusivo para poder dar mais atenção ao cliente. Já tínhamos o costume de fazer isso mesmo antes da pandemia, sempre priorizamos um atendimento mais personalizado. Isso evita tumulto, é bom para o cliente e para o funcionamento do salão.

As redes sociais são excelentes ferramentas para a divulgação do nosso trabalho. As marcas que dominam o setor de beleza estão presentes em Instagram e Facebook, sempre atrelando os produtos às celebridades. Após muito trabalho, as gigantes do mercado de beleza nos procuraram para fazer parcerias, oferecendo exclusividade. Com isso, tentamos atrelar nosso salão a essas marcas, garantindo uma

verdadeira experiência estética para que laços de fidelidade sejam criados entre o cliente e o Espaço Cabelo & Arte.

De que modo vocês enxergam a cidade de Guará?

Guará é uma cidade acolhedora e promissora. Eu (Anderson) cheguei aqui e fui muito bem acolhido pelas pessoas e consegui me desenvolver profissionalmente. Por morar há quase quinze anos aqui, vejo que a economia é bem dinâmica e o comércio flui bem. Se um comerciante oferecer algo bacana, o estabelecimento passa a ser bem visto na cidade. Se oferecer coisas boas aqui em Guará — comidas, roupas e eventos — o pessoal não vai sair para procurar em outra cidade, vão priorizar a cidade.

Eu (Niltinho), por ter nascido e ficado toda minha vida em Guará, percebo que Guará está progredindo. Houve uma boa mudança da época da minha juventude para agora. A cidade evoluiu e está crescendo. Várias empresas começaram a chegar em Guará, e é isso que move a economia da cidade. Com o setor comercial e industrial mais desenvolvido, muitos bares, espetinhos, pizzarias e lanchonetes surgiram, ampliando as opções para o consumidor e as vagas de emprego. Gostamos muito daqui!

IARA VENÂNCIO CÂNDIDO

Cuidadora de Idosos

Iara, apresente-se ao leitor, fale um pouco sobre sua vida e visão a respeito de Guará.

Sou uma cidadã guaraense, de família guaraense e amo nossa cidade. Meu pai era lavrador e minha mãe trabalhava como lavadeira e passadeira, mas hoje eles estão aposentados. Minha família é muito simples, humilde e de bom coração. Com essa humildade, me ensinaram a ser correta, honesta e fazer o bem. Esses valores não possuem preço, e isso está em falta nos dias de hoje.

Aos meus 15 anos de idade, fiquei grávida da minha única filha. Naquela época, isso foi bem turbulento para mim, pois existiam certos tabus sociais. Mas, filho é sempre uma benção de Deus. Mesmo que eu não tenha casado com o pai da Jaqueline, ele auxiliou na criação dela. Também agradeço muito o apoio da minha família nesse momento.

Meu pai, por exemplo, trabalhando na roça, pagou a faculdade de psicologia da Jaqueline, e vê-la formar foi um sonho para mim. Sobre Guará, como já disse, acho a cidade muito interessante. Sempre gostei de Guará, não trocaria por nenhum lugar no mundo. E eu acho importante os guaraenses fazerem alguma coisa pela cidade, contribuir de alguma forma. Meu sonho é ver Guará se desenvolvendo ainda mais, acredito que uma mentalidade inovadora por parte dos empresários guaraenses poderia criar mais oportunidades de emprego, lazer e entretenimento aos cidadãos. Assim, conseguiríamos manter os guaraenses aqui e conseguir atrair os que são de fora. Guará, atualmente, está aumentando o número de casas, há novos loteamentos e empregos. É uma cidade bem localizada geograficamente, com muito potencial para crescer ainda mais.

Iara, percebo que sua profissão está crescendo bastante. Como você enxerga esse processo?

A sociedade está sempre se transformando, e precisamos nos atualizar conforme as mudanças. Com o aumento da expectativa de vida, muitos idosos necessitam de cuidadores. Há seis anos comecei a trabalhar como cuidadora de idosos, uma profissão que pretendo continuar exercendo por muito tempo.

Antes de ser cuidadora de idosos fui babá e doméstica. Mas com a doença da minha mãe, fui cuidar dela no hospital e depois em casa. Durante essa experiência movida pela necessidade, vi que tinha perfil para ser cuidadora de idosos e fui pegando gosto pela profissão.

Atualmente, há cursos para ser cuidador de idosos. Cursos mais breves e até mesmo de dois anos de duração. Mas é o conhecimento prático e o perfil da pessoa que realmente importam para exercer essa profissão, vejo que os cuidadores devem ser carinhosos, atentos, educados e pacientes com os idosos. No geral, é uma profissão muito boa a ser seguida.

ARTUR INÁCIO COELHO DE MELO

Estudante

Artur, fale um pouco sobre você.

Sou de família guaraense, tenho 20 anos de idade e estou cursando Publicidade e Propaganda. Assim como vários jovens de Guará, concilio os estudos com meus trabalhos. Atualmente, além de fazer faculdade, também sou atendente no Detran, garçom na Carne Nobre Churrascaria, catequista, professor de Filosofia no Cursinho Popular Paulo Freire e proprietário da página Cultura com Filosofia no Instagram. Vou explicar certinho como cheguei até aqui e o modo que concilio essas atividades.

No final do meu ensino médio, percebi que gostava bastante de gravar vídeos me divertindo com meus amigos, mexer com a parte de comunicação e de estudar as matérias de humanas. Diante disso, resolvi entrar no curso de Publicidade e Propaganda, na Faculdade Cruzeiro do Sul, em Franca.

Minha paixão por mídias digitais e redes sociais, somada aos conhecimentos adquiridos na faculdade, me motivou a investir em textos, vídeos e *lives* no Instagram. E foi naquele momento que eu descobri outra paixão, a filosofia. Eu já gostava desta matéria desde a época de colegial, então resolvi me aprofundar nos estudos. Comecei a ler livros, artigos e fazer cursos para adquirir maior conhecimento sobre os filósofos e, a partir disso, comecei a produzir conteúdo sobre filosofia e criei uma página no Instagram, denominada Cultura com Filosofia. Também posto sobre alguns temas correlatos na página, como psicologia, literatura e atualidades.

Ao aprender filosofia e amar todo esse processo, resolvi dar aulas dessa matéria. Em 2021, fui convidado para ser professor no Cursinho Popular Paulo Freire. Para minha pessoa, prestar um serviço à sociedade, ainda mais na área da educação, é muito gratificante.

Lecionando no cursinho, descobri minha vocação. Quando entrei pela primeira vez na sala de aula, já senti a atmosfera, consegui ajudar os alunos e tentei chegar neles através da relação entre pessoas, pois esse contato entre seres humanos é muito importante. Ainda quero fazer faculdade de Filosofia e me tornar professor. Pretendo dar aulas em escolas e faculdades, tendo a experiência completa do magistério.

Hoje em dia, meus empregos de atendente e de garçom são essenciais na minha vida, pois me eles me garantem uma ótima oportunidade de desenvolvimento profissional e pessoal em um momento de transição da juventude para a fase adulta. Sou muito grato às pessoas que confiaram em mim para desempenhar esses serviços.

Meu amigo, explique sua relação com a Igreja Católica?

Eu já ia à Igreja desde quando estava na barriga de minha mãe. Meu avô e minha avó também sempre foram e me incentivaram. Fiz catecismo, crisma e fui coroinha de 2011 até janeiro de 2017. No ano passado, tive o prazer de iniciar os trabalhos como catequista, podendo ensinar os valores cristãos a alguns jovens católicos de Guará. Tenho a noção de que entrar para uma religião, assim como de estudar filosofia, nos retira da zona de conforto, nos fazendo pensar, refletir e viver de forma diferente. A religião é uma das bases da nossa sociedade, ou seja, a ética cristã está presente no cotidiano de todos nós. Historicamente, nossos valores, concepções e instituições estão ancorados no cristianismo, até mesmo para quem não acredita em Deus e para quem segue uma religião de outra matriz. Isso faz parte da formação da nossa civilização.

Voltando à pergunta... minha relação com a Igreja Católica ocorre desde sempre e pretendo continuar. Se um dia eu tiver filhos, quero levá-los comigo.

Deixe um recado aos jovens guaraenses.

Acredito na importância dos jovens encararem a vida com seriedade e realismo, ainda mais em um momento em que uns idealizam o mundo e outros já estão largado às traças. Sendo assim, os jovens devem procurar ter mais noção da realidade, valorizando a vida, a família e as verdadeiras amizades.

Nós somos analfabetos emocionais. Muitas vezes não sabemos diferenciar o que é realidade e o que é fantasia, então muitos se perdem. As redes sociais, por exemplo, mostram uma vida feliz na aparência, mas isso nos mostra que o destino da felicidade sempre está longe, o que repercute de modo ruim na nossa vida. Podemos mentir para todos que estamos felizes através das redes sociais, mas não conseguimos mentir para nós mesmos.

Chega certo momento que a realidade se impõe, nossos gostos não determinam o que é verdade. Então devemos trabalhar com a realidade, e não com hipóteses. Quando encaramos a vida na realidade e na verdade, as chances de ser feliz são maiores.

A felicidade é aqui e agora, cada um busca ela conforme a própria essência. Para sermos felizes mais adiante, dependemos de agora. Como erguer um prédio se a base está fraca? Não adianta querer planejar e racionalizar demais a vida como se ela fosse algo totalmente programável, pois há coisas que extrapolam a capacidade do ser humano.

REGIANE DE PAULA

Veterinária

Quando surgiu sua paixão pelos animais?

Desde a minha infância, sempre quis ser veterinária, justamente pelo fato de amar os animais. Após terminar o ensino médio, fiz faculdade de Veterinária. O curso é de 5 anos de duração, e ainda fiz mais um de residência, especializando em animais de pequeno porte.

No meu primeiro ano de faculdade, já apaixonada pelo curso, resolvi pedir estágio na clínica do Dr. Marcelo Rosa, em São Joaquim da Barra. Mesmo que minhas aulas ainda eram apenas teóricas, eu já tinha muita vontade de ver como a veterinária funcionava na prática, adquirindo experiência por meio do contato com a profissão. Pelo fato do curso ser integral, eu fazia meu estágio aos sábados. Pegava o ônibus de manhã e ficava na clínica até às 14h. Fiz isso durante bastante tempo, e foi muito gratificante!

Com o passar dos anos, fui gostando cada vez mais do meu curso. Nos últimos seis meses de graduação, período em que o estágio era obrigatório, retornei à clínica do Dr. Marcelo Rosa. Nessa ocasião, tive a oportunidade de fazer estágio remunerado, e ainda cuidei de cães e gatos internados.

Após o término da minha residência, trabalhei nessa mesma clínica durante alguns anos. Aprendi muito e tive várias experiências. Cheguei a fazer plantões de 24h, estava com bastante vontade de trabalhar e me desenvolver profissionalmente.

O campo da veterinária cresce ano a ano. Como você enxerga esse fenômeno na nossa cidade?

Percebo que o campo da veterinária, tanto em Guará quanto nas outras cidades, está crescendo bastante. O mercado de pet shop e veterinária expandiu nos últimos anos. Hoje em dia, cachorro é como um filho, todos se apegam e querem providenciar o maior cuidado possível. Na pandemia do Covid-19, várias pessoas arrumaram cães e gatos, que são excelentes companhias.

Em 2015, resolvi abrir minha clínica em Guará, alugando um ponto comercial para dar início a esse empreendimento. Preferi ficar na minha cidade natal e ter meu próprio negócio para conciliar o trabalho com a criação dos meus filhos, pois gosto de ser presente na vida deles. Recentemente, construímos nosso próprio estabelecimento — a Clínica Quatro Patas. É muito gratificante poder trabalhar como veterinária em Guará, cidade onde os veterinários são bem unidos e parceiros. Não me vejo em outra profissão, faço com muito amor e dedicação.

É uma sensação inexplicável ver um animal se recuperando, poder ajudá-lo é maravilhoso. O dia a dia da veterinária é bem cansativo, temos que atender emergências, fazer cirurgias fora de hora e acudir os animais independente do dia e do horário. Já cheguei a levar alguns cachorros para internar na minha casa durante a noite, porque ficava mais fácil para remediar.

Sou extremamente realizada na minha carreira, ainda quero trabalhar muito e ampliar minha clínica. Enxergo a área da veterinária como uma vocação.

JOSÉ MÁRIO PINTO DA SILVA

Barbeiro e Cidadão de Pioneiros

Zé Mário, antes de falar sobre sua profissão, gostaria que explicasse ao pessoal a respeito de Pioneiros, uma vez que você morou lá durante vários anos.

Cheguei no Distrito de Pioneiros no ano de 1975, com apenas dois anos de idade. Por lá, morei durante muito tempo. Durante minha infância, Pioneiros era um povoado bem pequeno e carente, ainda desprovido de alguns cuidados. Mas tenho excelentes lembranças sobre o tempo

em que era garoto em Pioneiros, a gente brincava nos córregos e vínhamos para Guará através da estrada de terra para jogar bola. Nessa época, a ferrovia FEPASA ainda passava por Pioneiros, depois ela foi retirada para que a Anhanguera fosse duplicada, mudando um pouco a dinâmica do distrito.

Pioneiros conta com aproximadamente 700 habitantes e está muito bem localizado. Às margens da Anhanguera, próximo a Guará e São Joaquim da Barra e ainda conta com a presença das PCH Anhanguera e PCH Palmeiras ao seu redor. Pioneiros também está inserido no ciclo da cana, produto agrícola que, de um tempo para cá, dominou nossa agricultura.

No decorrer do tempo, Pioneiros teve melhorias. Prefeitos como Marco Aurélio, Alcides, Chiquinho e Vinicius contribuíram para Pioneiros na parte de urbanização e desenvolvimento de serviços. A população de Pioneiros conta com ruas pavimentadas, saúde, educação e um comércio capaz de suprir as necessidades básicas. Mas Pioneiros depende dos serviços municipais de Guará, como banco, lotérica, correio, delegacia, entre outros.

A população de Pioneiros é bem assistida no que diz respeito à saúde. Tem atendimento médico, odontológico e farmacêutico. Hoje há cerca de 35 consultas por semana, algo muito acima da média do Brasil. Sempre tem profissionais da saúde presentes em Pioneiros e remédios no posto de saúde.

No ramo da educação, a escola Diamantino Ribeiro Pereira, instalada em 1937, oferece educação de 1º ao 5º ano para as crianças. Para o cumprimento dos anos posteriores, a Prefeitura Municipal de Guará disponibiliza o transporte coletivo aos alunos, de modo que eles continuem os estudos em Guará.

Na parte de cultura e entretenimento, antes da pandemia de Covid-19, era comum o pessoal de Pioneiros, com apoio da Paróquia, reunir para fazer quermesse e festa junina, principalmente a fim de comemorar o dia de São Pedro, padroeiro de Pioneiros. Cada pessoa ajudava da forma que podia, doando dinheiro ou alimento para a realização dos eventos. Nessas festividades, todos se divertiam bastante, comiam, dançavam e conversavam. Eram momentos em que o povo se encontrava unido!

E a barbearia, como começou?

Ainda jovem, fiz um curso de barbeiro e trabalhei durante um breve período de tempo em São Joaquim da Barra. Em 1993, vim para Guará ser sócio na barbearia do finado Paulinho. Depois comprei a parte dele e estou lá até hoje, vou completar 30 anos de barbeiro aqui em Guará. É um grande prazer poder trabalhar aqui, ter meus clientes e amigos. Além da barbearia, entrei na vida política por algum tempo. Fiquei de suplente em uma eleição e, após ter aberto uma vaga na Câmara devido à ausência de um vereador, assumi o cargo de vereador durante um ano.

Hoje, estou morando em Guará. Mas tenho um enorme carinho por Pioneiros e bastante contato com a população de lá.

NILDO SOUZA JÚNIOR

Industrial no Ramo de Calçados

Juninho, como você começou a trabalhar no ramo de calçado?

Antes de entrar nessa área, trabalhei durante cinco anos em um banco na cidade de São Paulo. Cansado da vida em São Paulo, resolvi retornar para Guará. Morando aqui novamente, trabalhei por um tempo como vendedor de calçados. Pegava vários pares nas fábricas de Franca e revendia na região. Comecei a frequentar as fábricas diretamente e fui entendendo como funcionava o processo industrial.

Ao estar em contato com os industriais e com pessoas ligadas ao setor de fabricação de calçados, me interessei pela área e, em 1996, abri uma fábrica em Guará.

E a Tribo do Salto, sua atual empresa e marca de calçado, como teve início?

Em 2003, junto com o Luiz Veiga e o César (meu irmão), resolvemos fundar a Tribo do Salto. A economia do país estava indo bem, então aproveitamos para investir nesse ramo, visto que o mercado de calçados depende imensamente da dinâmica econômica.

No auge da Tribo do Salto chegamos a produzir 2500 pares por dia e exportar para os EUA, Chile e Uruguai. Era um momento em que a economia mundial estava a todo o vapor e nossos sapatos de madeira eram distribuídos em larga escala para todo o território nacional,

sendo adquiridos por redes bastante conhecidas no Brasil, como Mundial, Rosifini, Besni, entre outras. Naquela época, empregávamos 150 funcionários aqui em Guará, um pessoal que realmente contribuía para o sucesso da fábrica.

Fico feliz de poder ter ajudado várias famílias guaraenses, concedendo emprego e melhorias para eles. Também retiramos pessoas de situações difíceis e as colocamos na fábrica, dando um novo horizonte para a vida delas a partir do trabalho. Um ponto interessante é que a Regina Coelho e a Dona Carminha, por meio de uma parceria com o Sebrae, deram muitos incentivos aos nossos funcionários. Com essa parceria, eles puderam fazer algum curso e se qualificar, o que possibilitou o crescimento profissional de vários deles.

Todavia, a crise econômica iniciada em 2013 foi um duro golpe para a Tribo do Salto, pois o mercado de calçado é muito volátil e depende da economia do país. Sendo assim, em 2019, contando apenas com meu irmão, reestruturamos a empresa.

Hoje em dia, com um quadro de 15 funcionários, produzimos cerca de 150 pares por dia e continuamos nosso fornecimento de calçados para grupos como: Restoque, que controla a John John e a Rosa Chá; e InBrands, grupo que detêm as marcas Ellus e Richard. A melhor parte do setor industrial é poder gerar empregos, pois com dinheiro, os cidadãos movimentam a economia da cidade, gerando receita para todos os habitantes.

Vejo que Guará está melhorando bastante. O Prefeito Vinicius está realizando um bom trabalho e busca pelo progresso da cidade. Mas Guará ainda precisa de mais indústrias e tem capacidade para isso. O setor industrial é algo que fomenta o desenvolvimento municipal, garantindo produtos, emprego e renda à população.

MARIA ESTELA BARION LOPES

Advogada

Conte ao leitor sobre sua carreira jurídica.

Sempre pensei em prestar concurso público, pois queria ter um salário fixo e estabilidade na carreira. Ao traçar essa meta, consegui passar, ainda bem jovem, para o cargo de Secretária de Escola. Exerci essa função durante 9 meses na Escola Marechal Rondon.

Como eu prestava vários concursos, acabei ingressando no TJ-SP, no cargo de Escrevente. Quando comecei a trabalhar no Fórum, percebi que gostava bastante do serviço e da área jurídica, embora tivesse vários desgastes psicológicos por conta da natureza desse trabalho. Pelo fato de estar ambientada nesse setor, prestei vestibular de Direito, mas não fui aprovada na primeira tentativa. Após um ano conciliando meu emprego no TJ com os estudos, fui aprovada na Faculdade de Direito de Franca. Trabalhei e estudei durante todo o período de graduação.

Trabalhando em Guará, recebi um convite para exercer um cargo de chefia em São Joaquim da Barra. Sendo assim, fui trabalhar nessa comarca vizinha. A partir dessa oportunidade, transferei para o Cartório de São Joaquim da Barra, onde estou trabalhando até hoje.

No início da pandemia fui nomeada a um cargo de chefia e precisei liderar uma equipe de 18 pessoas. Aquele momento de adaptação ao mundo digital não foi nada fácil, pois ninguém estava tão acostumado com *home office*. Graças à excelente equipe que formamos, conseguimos superar os obstáculos. É muito bom contar com pessoas discretas, comprometidas e prestativas no serviço, isso ajuda no cumprimento das metas.

Vejo que a função de Escrevente no TJ-SP, assim como todos os trabalhos existentes, possui pontos positivos e negativos. Considero como bônus a estabilidade do servidor público, o fato de não precisar trabalhar aos finais de semana e um salário compatível com a função exercida. Em contrapartida, os ônus se dão pelo fato de lidar diariamente com processos ligados a ações criminosas que fazem uso de violência, o que gera uma certa exaustão emocional e uma carga psicológica bem desgastante.

Qual sua visão sobre a Justiça?

No que diz respeito às leis, vejo que muita coisa precisa ser mudada. Não concordo muito com a maneira em que as leis são feitas. As leis deveriam emergir a partir das demandas e das necessidades da população, levando em conta certos valores e hábitos. Acredito que, dessa maneira, o Direito e a sociedade convergiriam em vários aspectos, ampliando a segurança de todos.

Um outro fator que é sempre válido lembrar é até onde vai o poder da Justiça enquanto instituição. No caso brasileiro, o poder é dividido

em três, então há limites e funções específicas para cada um, estando o Judiciário inculcado nesse processo.

JOSÉ RICARDO CARDOSO DE ALCÂNTRA

Dentista

Zé Ricardo, o senhor é um cidadão bastante conhecido em Guará. Sendo assim, comente com o leitor sobre algumas passagens de sua vida.

Sou um guaraense que ama nossa cidade! Minha família é toda daqui. Meu pai era agricultor e minha mãe professora. Foi em Guará que fui criado, cresci e fiz diversas amizades. Tenho a cidade como uma verdadeira casa, um local onde cultivo laços de fraternidade.

Todavia, aos meus 15 anos, fui para Guarulhos morar na casa dos meus tios a fim de cursar um ensino médio técnico, pelo qual adquiri o segundo grau e a formação de ajustador mecânico. Meu tio, por ser oficial da aeronáutica, desde sempre, me dizia para entrar na Aeronáutica após acabar o ensino médio. Naquela época, até pensei bastante sobre essa possibilidade, mas meu objetivo era outro.

Havia um outro tio que era dentista, e eu já o ajudava em seu consultório. Gostei bastante da prática e resolvi fazer cursinho pré-vestibular em Ribeirão Preto para tentar ingressar em uma universidade que oferecia odontologia. Após bastante esforço e estudo, consegui uma vaga na faculdade de Campos dos Goytacazes-RJ.

Após a conclusão do meu curso de odontologia, por influência do meu tio que havia me hospedado em Guarulhos durante os anos de ensino médio, acabei ingressando na Aeronáutica. Fiquei quase cinco anos como dentista da Aeronáutica, tornando-me tenente. Foram ótimos anos, consegui me desenvolver no âmbito profissional e pessoal. A experiência na Aeronáutica foi fantástica! Também casei e dei início a uma família.

Com o precoce falecimento do meu sogro em Guará, eu e minha esposa retornamos para nossa terra natal. Aqui, de início, fui trabalhar na Prefeitura como dentista. Logo minha filha nasceu e eu tive a certeza de que queria ficar em Guará, criar ela aqui e ter uma vida mais tranquila na cidade. Em Guará, temos mais paz, liberdade e o dinheiro

rende mais do que em um grande centro, além de ter meus familiares, parentes e amigos para conviver, algo que valorizo muito.

Quais foram suas contribuições para Guará?

Fui servidor público, cheguei a ocupar os cargos de Coordenador Odontológico e Secretário de Saúde, mas meu maior prazer é ajudar os guaraenses. Há bastante tempo, abri meu próprio consultório odontológico, onde atendi vários guaraenses durante minha carreira. No consultório, durante um tempo, também cheguei a aplicar vacinas na população quase que a preço de custo. O dinheiro que sobrava, revertia em cestas básicas. Vejo que meu consultório está sendo transmitido, gradualmente, aos dentistas da minha família, a exemplo da minha filha, meu genro e quem sabe algum dos netos futuramente. Me alegro com isso!

Pelo fato de ser rotariano, fui Presidente da Casa Criança por dois anos e comecei a me interessar pela educação. Um dia, quando estava de passagem em São José do Rio Preto, vi uma escola privada que funcionava no modelo de cooperativa de ensino. Guará ainda não tinha uma escola particular, então pensei que uma cooperativa seria uma boa ideia para a cidade.

Acreditando nesse sonho, começamos a vender cotas de participação, era como vender um “terreno na lua”, pois ainda não tínhamos a estrutura pronta. Com muito empenho fundamos o Colégio Evolução. A Prefeitura cedeu provisoriamente a Escolinha de Comércio para o Evolução e, após alguns anos, por meio de bastante mobilização dos cooperados, construímos um prédio próprio para o funcionamento da escola, em um terreno doado justamente para esse fim pelo Sr. Adolfo Calazans. Não posso deixar de agradecer aos pais que lutaram por isso, vendendo rifas e arrecadando sacos de cimento para a construção da escola.

A escola foi construída por gerações e gerações. Foi muita vontade de vencer e de inovar. Alguns cidadãos ajudaram a fundar e beneficiou toda a sociedade, inclusive os próprios filhos que estudam e os netos que ainda vão estudar.

O senhor tem alguma mensagem para a população?

A vida é um ciclo. Os valores morais e a boa conduta social devem ser transmitidos aos mais jovens por meio de seus pais. Não é que os mais

velhos são totalmente sábios, mas eles têm mais experiência, pois já erraram e acertaram muitas vezes durante a vida. Com isso, possuem maior discernimento sobre as coisas no geral. Hoje, os pais devem ensinar os filhos distinguirem o certo do errado, porque a verdade não é relativa. A solidez familiar auxilia nesse processo que não é nada fácil. O que temos de estragado e ruim, não podemos passar aos nossos sucessores. Devemos eliminar esses defeitos e transmitir apenas as coisas boas. É preservar tudo aquilo que é bom e eliminar o que já não nos serve mais.

Infelizmente, há o grave problema das drogas, e isso é algo que destrói a alma humana. Mas acredito que uma pessoa com a cabeça boa pode mudar muito a história das coisas. O bem sempre venceu o mal, mesmo que isso pôde ter levado bastante tempo, suor, esforço e cansaço. Esse é meu recado.

Conversa com o Prefeito Vinicius Magno Filgueira



Vinicius, comente sobre sua carreira profissional e política.

Sou natural de Guará, filho de Heneida Luiza Magno Filgueira, professora, e de Vicente Hilário Filgueira, servidor público estadual e que também exerceu mandato de vereador na cidade. Tenho dois irmãos, Aloysio e Rodrigo, e uma filha, Maria Eduarda. Sou graduado em Engenharia Civil pela Universidade do Estado de Minas Gerais

(Unidade Passos).

Meu interesse por política surgiu na época de faculdade, quando o então candidato a governador, Eduardo Azeredo, pediu apoio aos estudantes para transformar a antiga Fundao de Ensino Superior de Passos (FESP) em Universidade Estadual. Como Presidente do Centro Acadêmico, ajudei na mobilizao das turmas em prol do anseio de Azeredo. Quando o governador assumiu, ele cumpriu com o prometido, o que trouxe vários benefícios para a instituio de ensino. Após ter concluído a graduao, voltei para Guará, minha cidade natal que tanto amo. No ano 2000, fui aprovado no concurso da Prefeitura Municipal de Guará para o cargo de Engenheiro Civil.

Na política guaraense, exerci o cargo de vereador pelo PSD durante o mandato de 2013-2016. Em 2017, já filiado no PSDB, fui vice-prefeito. Entretanto, com a saída do então Prefeito Marco Aurélio Migliori, assumi a prefeitura em outubro de 2017. Concluí o mandato e fui eleito ao cargo de prefeito para os anos de 2021-2024, acompanhado por Maura Moreira como vice-prefeita.

É um grande prazer contribuir para Guará!

Prefeito, qual sua visão sobre política e administração pública?

Vejo que a política é o meio mais fácil de ajudar a população e garantir a dignidade humana. Uma política ampla, que atenda a todos, independentemente da posição social, renda, etnia, religião e demais particularidades, é a melhor forma de política. É assim que conseguimos satisfazer as necessidades do município e dos munícipes. A política é feita para corajosos, é necessário tomar decisões a todo o instante, lidar com pressões e providenciar melhorias para toda a sociedade. Todavia, há burocracias e entraves que requerem extrema atenção. Sendo assim, enxergo a política como a arte do possível. Eu entendo perfeitamente a ansiedade da população, porém cada pasta tem seu recurso, cada secretaria sua função, cada orçamento é formulado com base na realidade, não podemos misturar uma questão com a outra. Há regras bem definidas, leis orçamentárias e teto de gastos. Portanto, a lei é o limite da nossa liberdade de ação.

Fale aos guaraenses sobre os projetos realizados para o desenvolvimento de Guará.

Chegamos na Prefeitura em uma situação difícil, mas hoje está melhor graças ao aumento da arrecadação, geração de emprego e ajudas do governo estadual. Todas as vezes que vamos fazer algum projeto precisamos ver se está de acordo com o orçamento das finanças públicas. É necessário planejamento e força de vontade, pois a Prefeitura não possui condições para custear tudo com recursos próprios, depende do repasse de verbas dos governos estadual e federal.

No cargo de prefeito, busco viabilizar o que é mais urgente. Um exemplo é o projeto de aduelas no córrego próximo à Santa Casa, para evitar inundações em épocas de chuvas fortes. Isso alivia os moradores da região, melhora as condições de saúde e mobilidade urbana.

Buscamos fazer projetos para beneficiar pessoas no geral. Fizemos o recape dos bairros Luiz Carlos da Silva, Anhanguera, Hassam Jorge Mourani e Matarazzo. Compramos ônibus para levar os estudantes para a faculdade e custeamos as viagens, facilitando o acesso à educação superior.

Na educação, retomamos a obra de uma escola, oferecemos transporte para quem mora longe e para os habitantes da zona rural e providenciamos alimentos de qualidade — controlados por

nutricionistas — para manter a saúde e o bem-estar dos nossos alunos da rede pública de ensino.

Todos os projetos requerem dinheiro. E o problema é que no atual pacto federativo, o município fica com apenas uma pequena quantia do dinheiro arrecadado. De tudo que arrecadamos em Guará, 60% vai para a União, 25% para o Estado e somente 15% ficam aqui. Por isso vamos a Brasília e São Paulo em busca de verbas para o desenvolvimento de Guará.

Como foi administrar Guará durante a pandemia do Covid-19?

A pandemia devastou a vida dos cidadãos em vários sentidos. Se o governo federal tivesse desde o início, apoiado a vacina e incentivado o uso de máscaras, menos pessoas teriam falecido. Infelizmente, vários moradores perderam a vida e muitos comércios quebraram. O que evitou o caos foi a confiança na vacina e a crença na ciência por parte da população e por parte do governador João Doria e do então vice-governador Rodrigo Garcia, que arriscaram e investiram pesadamente na Butanvac, além de incentivarem todas as medidas de prevenção.

A vacina e o SUS salvaram vidas! Quando o índice de vacinação atingiu um elevado patamar, a vida começou a voltar à normalidade de forma gradual e prudente. Agora devemos incentivar o comércio e a indústria para melhorar a economia e continuar o processo de desenvolvimento.

Para encerrar, envie uma mensagem à população de Guará.

Deixo uma mensagem de otimismo, de carinho, de compreensão e de paciência com a minha pessoa. Agradeço a Deus e aos guaraenses por acreditarem em mim. Estamos no caminho certo e devemos continuar esse trabalho para trazer melhor qualidade de vida e satisfação aos guaraenses.

Amo Guará, só saí da cidade para fazer faculdade e logo voltei para cá. É uma ótima cidade, a população é amigável e acolhedora. Peço que vocês amem e cuidem de Guará. E quem puder fazer algo por Guará, faça. Nós somos guaraenses e a cidade é nossa! Uma mãe cuida de um filho porque o ama, e nós precisamos cuidar de Guará, pois é a nossa cidade.

Vamos juntos por Guará!

Mensagem aos Guaraenses



Tive a imensa honra de immortalizar a história de Guará nesse livro. Nada disso teria sido possível sem as prestativas colaborações da população guaraense, que participou por meio de relatos, documentos, fotografias, entrevistas e sugestões. É exatamente a partir dessa proximidade entre os munícipes que a cidade se desenvolve. Essa interação é um ponto essencial para que possamos nos reconhecer enquanto cidadãos.

A sociedade depende justamente dessas relações de afeto e confiança que são constituídas a partir da interação face a face. É na família, na escola, nos grupos de amigos, nas associações da sociedade civil e nos eventos municipais que as pessoas começam a interagir livremente uma com as outras, construindo laços de lealdade em uma perspectiva de responsabilidade mútua. Com isso, tradições são formadas por meio do hábito, das preferências e dos valores dos cidadãos, permitindo a reprodução da sociedade.

Todos os valores que compõem a alma de Guará desaguam nas nossas instituições, fomentando o nosso *oikos* com base em disposições sólidas que sobreviveram aos testes do tempo e evoluíram

conforme as demandas de cada época. Se os valores e instituições que norteiam a alma guaranaense forem destruídos, estaremos removendo a garantia oferecida de uma geração para outra.

Devemos ter a clara noção de que tudo que possuímos nos dias de hoje, em termos de cidade e civilização, devemos aos nossos antepassados. Estes buscaram pela autonomia de Guará, lutaram em guerras, encararam ditaduras, superaram crises econômicas e desenvolveram nossa cidade a partir de tentativas, erros e acertos no decorrer da história. Nossa sociedade é fruto desses esforços coletivos advindos de décadas anteriores.

Hoje em dia, alguns pontos como iluminação pública, rua asfaltada, construções civis, setor industrial emergente, comércio dinâmico, agronegócio desenvolvido e fatores ligados à urbanização parecem simples aos olhos dos cidadãos, mas foram grandes conquistas dos nossos antecessores, e até hoje isso nos garante bem-estar social e possibilita um futuro melhor para todos.

Graças ao firme alicerce construído no passado, hoje conseguimos caminhar rumo ao progresso. Essa relação entre os tempos, atrelada à noção de que a alma da nossa comunidade é formada pela relação entre os que aqui habitam, os que já partiram e os que ainda não vieram, é essencial para compreendermos o modo em que a nossa querida cidade chegou até aqui.

Tudo ocorre de maneira interligada, nada está perdido no tempo nem no espaço. As coisas se dão de forma conjunta, com lastro na história e na dinâmica humana, a exemplo das mudanças sociais, migrações, imigrações, questões políticas e ciclos econômicos (café, algodão e cana-de-açúcar).

Enquanto cidadãos, podemos desempenhar atividades diárias e simples para a melhoria de Guará. Atitudes cidadãs podem ser praticadas por todos nós: ser ético, praticar a solidariedade, respeitar as diferenças, preservar o meio ambiente, conservar o patrimônio público, zelar pelos direitos e cumprir com os deveres. E essas atitudes auxiliam no contínuo processo de desenvolvimento da cidade.

Guará, desde sempre, contou com a disposição de cidadãos que sonhavam em ver a evolução da cidade. A contribuição de cada um, mesmo que de forma tímida, foi essencial para a construção da alma guaranaense, pois constituímos uma sabedoria coletiva capaz de edificar o município.

A história que começa com o café e a ferrovia, no decorrer do tempo, em meio a eventos épicos, trágicos, cômicos e líricos, estabelece um fio condutor capaz de associar o presente, o passado e o futuro, promovendo o encontro de gerações em uma verdadeira comunidade de almas que reúne todos nós. Desse modo, a história de Guará se mantém pulsante, ora com as contingências, ora com os atos heroicos dos cidadãos.

Nós somos a ponte que conecta o passado com o futuro!



O livro História de Guará, escrito por Alexandre Nogueira Souza, foi produzido durante a gestão administrativa do Prefeito Vinicius Magno Filgueira e da Vice-Prefeita Maura Luiza Barbosa Faria Moreira, correspondente aos anos de 2021-2024.

O projeto foi possível devido à promulgação da LEI FEDERAL Nº 14.017, DE 29 DE JUNHO DE 2020 (Lei Aldir Blanc).

Esta Lei dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.

Os gestores públicos do município, por meio da Lei Aldir Blanc, materializaram o sonho de apresentar aos cidadãos um livro sobre a história de Guará, demonstrando a importância da cultura para o desenvolvimento da cidade.

Referências

Livros, Artigos e Sites:

CÁNOVAS, Dalva Klaumann. **Imigrantes Espanhóis na Paulicéia**. São Paulo: USP, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**. Editora Schwartz Ltda. São Paulo, 2001.

Evangelista, José Geraldo. **Crônica de Ituverava: Espaço e Tempo 1750-1950**. Editora Stiliano. 1ed, Lorena-SP, 1999.

Evangelista, José Geraldo. **Franca do Imperador e suas Filhas: o Fato Urbano no nordeste Paulista no século XIX**. 1993.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FGV. **Revolução Constitucionalista de 1932**. Disponível em:

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Revolucao1932>.

Acesso em: 20 dez de 2021.

G1. **Rixa entre 'macaúbas' e 'pés-rachados' marca história política em Guará, SP**. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/eleicoes/2016/noticia/2016/09/rixa-entre-macaubas-e-pes-rachados-marca-historia-politica-em-guara-sp.html>. Acesso em: 05 jan de 2022.

OLIVEIRA, Leila Miria de. **Guará: Terra do Sol**. São Paulo: Noovha América, 2006.

PREFEITURA DE GUARÁ. **Prefeitura de Guará**. Disponível em:

<https://www.guara.sp.gov.br/site/>. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

RIBEIRO, Romeu Franco. **Logradouros e Ruas de Guará**. Prefeitura Municipal de Guará, Administração Marco Aurélio e Catimbau (2005 - 2012). 1ª Edição, impresso na Gráfica Galdiano, 2012.

SCRUTON, Roger. **A Alma do Mundo**. Editora Record. São Paulo, 2017.

TORRES, João Camilo de Oliveira. **Os Construtores do Império**. Câmara dos Deputados. Brasília, 2017.

UNIÁGUAS. **União: Concessões e Participações**. Disponível em:

<https://uniaguas.com.br/>. Acesso em: 10 de jan de 2022.

VISÃO REGIONAL. Distrito Industrial de Guará se Torna Realidade.

Disponível em: <https://visaoregional.com.br/2016/04/22/distrito-industrial-de-guara-se-torna-realidade/>. Acesso em: 25 de janeiro de 2022.

Arquivos cedidos pelo Dr. Romeu Franco Ribeiro:

- Jornal Cidade Guará, 15 de outubro de 2010.
- Jornal Cidade Guará, 01 de novembro de 2010.
- Jornal Cidade Guará, 10 de dezembro de 2010.
- Jornal Cidade Guará, 23 de novembro de 2010.
- Jornal Cidade Guará, 14 de janeiro de 2011.
- Jornal Cidade Guará, 11 de fevereiro de 2010.
- Jornal Cidade Guará, 10 de junho de 2010.
- Jornal Cidade Guará, 30 de junho de 2010.
- Jornal Cidade Guará, 12 de agosto de 2011.
- Jornal Cidade Guará, 26 de agosto de 2011.
- Jornal Cidade Guará, 19 de outubro de 2011.
- Jornal Cidade Guará, 25 de maio de 2012.
- Jornal Cidade Guará, 12 de junho de 2012.
- Jornal Cidade Guará, 09 de março de 2012.
- Jornal Cidade Guará, 25 de janeiro de 2013.
- Jornal Cidade Guará, 28 de março de 2013.
- Jornal Cidade Guará, 09 de agosto de 2013.
- Jornal Cidade Guará, 09 de agosto de 2013.
- Jornal Cidade Guará, 09 de agosto de 2013.
- Jornal Cidade Guará, 17 de janeiro de 2014.
- Jornal Cidade Guará, 15 de maio de 2014.
- Jornal Cidade Guará, 27 de fevereiro de 2015.
- Jornal Cidade Guará, 12 de junho de 2015.
- Jornal Cidade Guará, 31 de julho de 2015.
- Jornal Cidade Guará, 11 de setembro de 2015.
- Jornal Cidade Guará, 13 de janeiro de 2017.
- Jornal Cidade Guará, 14 de julho de 2017.
- Jornal Cidade Guará, 01 de agosto de 2017.
- Jornal Cidade Guará, 18 de agosto de 2017.

Sobre o autor



Alexandre Nogueira Souza, nascido em 1997, é natural de Guará-SP e reside aqui na nossa querida cidade. É filho de Sandro Luiz de Freitas Souza e Fabiana Aparecida Nogueira, ambos de família guaraense. O pai de Alexandre é professor de História e a mãe dele é dentista, os dois exercem seus ofícios aqui em Guará.

O autor estudou no Colégio Evolução e fez cursinho pré-vestibular no Colégio COC de Ituverava. É bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e pós-graduado em Ciências Humanas: Sociologia, História e Filosofia pela PUC-RS e Pesquisador no Núcleo de Filosofia Política do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia (LABÔ) da PUC-SP.

No âmbito acadêmico e social, Alexandre publicou artigos científicos e ministrou palestras no campo da política internacional, abordando temas como a Saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit), a Crise na Venezuela, o Autoritarismo no Mundo, entre outros.

Ele foi curador de conteúdo de duas obras literárias, coautor do livro “Branding e Comunicação Empresarial” e é autor do livro “O Espectro Totalitário: Fascismo, Comunismo e Outros Regimes Coletivistas”.